



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

RAQUEL GUIMARÃES MESQUITA

**DONZELA, MÃE, ANCIÃ: CÍRCULOS DE MULHERES E AS NOVAS
SUBJETIVIDADES FEMININAS**

**FORTALEZA
2025**

RAQUEL GUIMARÃES MESQUITA

DONZELA, MÃE, ANCIÃ: CÍRCULOS DE MULHERES E AS NOVAS
SUBJETIVIDADES FEMININAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia. Área de concentração: Gênero e Diversidade, Cultura e Pensamento Social.

Orientador: Antônio Cristian Saraiva Paiva.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M546d Mesquita, Raquel Guimarães.
Donzela, mãe, ansiã : Círculos de Mulheres e as novas subjetividades femininas / Raquel Guimarães Mesquita. – 2025.
230 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva.
1. Sociologia da Religião. 2. Mulheres. 3. Corpo. 4. Natureza e Cultura. I. Título.
CDD 301
-

RAQUEL GUIMARÃES MESQUITA

DONZELA, MÃE, ANCIÃ: CÍRCULOS E MULHERES E AS NOVAS SUBJETIVIDADES
FEMININAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia. Área de concentração: Gênero e Diversidade, Cultura e Pensamento Social.

Aprovada em 13 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Jânia Perla Diógenes de Aquino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Rosário Ramirez-Morales
Universidad de Guadalajara (UDG)

Profª. Dra. Tchella Fernandes Maso
Universidade de Brasília (UnB)

Profª. Dra. Vivian Matias dos Santos
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

À todas as mulheres buscadoras-sanadoras que
conheci durante os anos de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sem isso, essa pesquisa não teria sequer saído do papel.

Agradeço ao meu orientador, Antônio Cristian Saraiva Paiva, que sempre me incentivou à carreira acadêmica, à produção científica e que muito me apoiou desde a seleção de doutorado, quando eu sequer pensava em retomar a trajetória na universidade.

Agradeço às professoras participantes da banca, Jânia Perla, Rosário, Tchella e Vivian, por toda disponibilidade, leitura atenta, considerações e questionamentos que contribuirão com esse trabalho.

Agradeço a todas as mulheres dos círculos que frequentei ao longo dos últimos anos, pelas muitas trocas e aprendizagens, pela generosidade das entrevistas, pelas vidas compartilhadas, pelas curas presenciadas. Algumas tão semelhantes a mim, outras tão diferentes. Aprendi muito como pessoa e pesquisadora.

Agradeço, e muito, a três mulheres com quem topei no meio do caminho e que assim como eu também estavam pesquisando sobre círculos de mulheres. Elas fizeram essa jornada mais leve, coletiva e feliz. Com elas, troquei referências bibliográficas, inseguranças, organizei livros, publiquei artigos conjuntamente. Elas me mostraram que o fazer acadêmico pode ser mais colaborativo que competitivo, mais coletivo que solitário. Então, agradeço de coração à Tchella Maso, Tainá Ribeiro e Camila Conceição.

Agradeço muitíssimo e sempre, aos meus avós, Stela e João (in memoriam) por todo o amor, zelo e suporte, por um lar seguro e estável. A eles minha mais profunda gratidão. Mas não só a eles, porque sei que muito antes, outros tantos da família Guimarães Mesquita peregrinaram entre sertão, serra e litoral por melhores condições de vida, apostando no estudo como ponte para uma existência mais digna. Agradeço então ao vô André e vô Maria, ao vovô Pedro e vô Rosa, ao Vô Bento e vô Maria do Carmo, ao vô Zé da Penha e vô Petronília, ao vô Joaquim e vô Lourdes, ao vô João Bento e à vô Maria de Souza. São muitos os avôs nessa constelação e cada um tem seu lugar nessa longa história. Nesse sentido, essa tarefa é só minha, mas também deles e por eles.

Agradeço também a minha irmã, Vitória Régia Mesquita Café e a minha mãe, Rosânia Maria Mesquita Café, obrigada por toda a ajuda e, por fim, ao meu companheiro de tantos anos Evandro de Lima Magalhães, obrigada por escolher permanecer.

RESUMO

Desde a década de 1960, no Ocidente, mulheres têm buscado uma outra forma de reconexão consigo mesmas, a partir do resgate da noção de um feminino sagrado, intimamente ligado à natureza. As práticas em torno de uma Espiritualidade Feminina foram se configurando a partir de uma *bricolagem* de crenças. Atualmente, no Brasil, como expressão dessa espiritualidade, observamos os chamados Círculos de Mulheres. Estes círculos (ou rodas) reúnem mulheres que por meio de práticas de autoconhecimento e autocuidado buscam essa reconexão com o que há de sagrado nelas mesmas. Os círculos podem adotar diferentes configurações e dinâmicas, porém preservam a noção de uma busca pela cura do feminino. Durante 2019, acompanhou-se o circuito que se estabeleceu em Fortaleza-Ceará em torno dessa Espiritualidade Feminina, a partir de círculos de mulheres, além de outros eventos relacionados. Nos anos seguintes, 2020-2022, por meio de encontros on-line e mesmo presenciais, quando possível, manteve-se a observação sobre esse fenômeno. Adotou-se, nessa pesquisa, uma metodologia de viés qualitativo a partir da observação-participante e de entrevistas em profundidade. Nesse trabalho, toma-se os Círculos de Mulheres como uma forma fluida e desinstitucionalização de se relacionar com o sagrado, chamando atenção para a noção da espiritualidade, em oposição à religião. Nesses espaços, tem-se elaborado a noção de um feminino sagrado, natural, cílico e poderoso que encontra na natureza o *lócus* de potencialização e valorização de qualidades tidas como femininas: cuidado, passividade, nutrição, intuição e gestação. Ao recolocarem o feminino na natureza, essas mulheres se voltam para o próprio corpo, ressignificando a menstruação que passa a ser tomada como algo sagrado, expressão da natureza cíclica feminina e sendo por isso honrada e integrada à vida. É na ciclicidade que essas mulheres encontram um marcador identitário que as unifica, invisibilizando outros marcadores que as diferenciaria, como raça e classe. Esse trabalho investiga a produção de novas subjetividades femininas a partir desse emaranhado de sentidos produzidos nos e pelos círculos de mulheres e os espaços a ele associados.

Palavras-chave: sociologia da religião; mulheres; corpo; natureza e cultura.

ABSTRACT

Since the 1960s, in the West, women have sought a different way to reconnect with themselves by reclaiming the notion of a sacred feminine, closely linked to nature. Practices surrounding a Feminine Spirituality have been shaped through a bricolage of beliefs. Currently, in Brazil, one expression of this spirituality is observed in the so-called Women's Circles. These circles (or gatherings) bring together women who, through self-knowledge and self-care practices, seek this reconnection with what is sacred within themselves. The circles may adopt different configurations and dynamics, but they preserve the notion of seeking the healing of the feminine. Throughout 2019, a study followed the circuit established in Fortaleza, Ceará, around this Feminine Spirituality, particularly through women's circles and other related events. In the following years, from 2020 to 2022, observation of this phenomenon continued through online and, whenever possible, in-person meetings. This research adopted a qualitative methodological approach based on participant observation and in-depth interviews. In this work, Women's Circles are understood as a fluid and deinstitutionalized way of relating to the sacred, highlighting the notion of spirituality in contrast to religion. In these spaces, the concept of a sacred, natural, cyclical, and powerful feminine is developed, finding in nature the locus for the enhancement and appreciation of qualities traditionally considered feminine: care, passivity, nurturing, intuition, and gestation. By relocating the feminine within nature, these women turn to their own bodies, resignifying menstruation as something sacred—an expression of the cyclical nature of the feminine—thus honoring and integrating it into their lives. It is in cyclicity that these women find an identity marker that unifies them, rendering other differentiating markers such as race and class invisible. This study investigates the production of new feminine subjectivities through the web of meanings produced in and by women's circles and the spaces associated with them.

Keywords: sociology of religion; women; body; nature and culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de altar com ervas, carta dos florais da lua e imagens de figuras femininas sagradas.....	52
Figura 2 - Carta do Oráculo da Deusa.....	52
Figura 3 - Parte do chocalho com imagem de Kali.....	54
Figura 4 - Parte do chocalho com imagem de Iemanjá.....	54
Figura 5 - Parte da planilha desenvolvida para catalogar as atividades de campo.....	69
Figura 6 - Como se identifica no quesito raça/etnia.....	72
Figura 7 - Idade.....	73
Figura 8 - Qual a sua orientação sexual.....	74
Figura 9 - Você tem filhos.....	74
Figura 10 - Seu estado civil.....	75
Figura 11 - Qual o seu nível de escolaridade (marque o mais alto).....	75
Figura 12 - Qual seu vínculo profissional? (da principal atividade que você exerce).....	76
Figura 13 - Fotografia da carta do floral da lua de Artemísia.....	129
Figura 14 - Facilitadora utilizando mandala lunar em um círculo de mulheres..	140
Figura 15 - Mandala lunar baseada nos estudos de Miranda Gray.....	141
Figura 16 - Mandala lunar baseada nos princípios da Ginecologia Natural.....	142
Figura 17 - Mandala lunar a partir das orientações de Miranda Gray.....	157
Figura 18 - Modelo de mandala lunar disponibilizado no site Danza Medicina.	158
Figura 19 - Exemplo 1 de mandala lunar preenchida, disponível no Instagram @mandalalunar.....	158
Figura 20 - Exemplo 2 de mandala lunar preenchida, disponível no Instagram @mandalalunar.....	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Valores e quantidade de encontros (nomes fantasias dos grupos).....	77
Quadro 2 - Eventos, valores e distância de Fortaleza.....	78
Quadro 3 - Correspondências elaboradas a partir de anotações de campo.....	143

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	OS CÍRCULOS DE MULHERES E A ESPIRITUALIDADE FEMININA.....	22
2.1	Honrando quem veio antes: revisão dos estudos sobre círculos de mulheres.....	24
2.2	Círculos de mulheres na América Latina: cenários.....	24
2.3	O que são os círculos de mulheres?.....	36
2.4	Nas rodas a girar: algumas experiências em círculos de mulheres, em Fortaleza - Ceará.....	41
2.5	Círculos de mulheres: Alguns elementos a partir do campo de pesquisa.....	59
3	O CAMINHO ATÉ UM FEMININO SAGRADO: A PESQUISA COMO UMA JORNADA.....	64
3.1	Pesquisa de campo: múltiplas possibilidades.....	64
3.2	Observações preliminares: inserções antes de começar a pesquisar.....	65
3.3	Nas rodas a girar: estratégias de organização.....	67
3.4	Entrevistas.....	69
3.5	Perfil das entrevistadas.....	72
3.6	Nas rodas a girar: os círculos de mulheres em Fortaleza (campo presencial).....	76
3.7	Nas rodas a girar: As possibilidades do virtual.....	79
3.8	Uma pandemia no meio da pesquisa: reflexões sobre trabalho de campo, escrita de diário e a busca por uma antropologia educada.....	81
3.9	Afetada pelo campo? A busca por um sentido total.....	86
4	MODERNIDADE, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE.....	92
4.1	Modernidade, secularização e religião.....	92
4.2	Novos esoterismos em terras brasileiras.....	96
4.3	Trajetórias espirituais das mulheres dos círculos.....	102
4.4	Reflexões sobre o universo Nova Era e as dificuldades de classificar um fenômeno diverso.....	109
4.5	Não é religião, é espiritualidade.....	115

5	NOVAS PEDAGOGIAS DA MENSTRUAÇÃO: SACRALIDADE E CICLICIDADE.....	120
5.1	Corpo e menstruação nos círculos de mulheres.....	120
5.2	Algumas considerações sobre a menstruação.....	129
5.3	Menstruação como expressão da ciclicidade.....	138
5.4	Novos significados para a menstruação: A menstruação como oráculo e cura do feminino.....	150
6	CÍRCULO DE MULHERES: CONTEXTOS, DISCURSOS, PRÁTICAS E DISPUTAS.....	166
6.1	Os círculos de mulheres: o início da movimentação em Fortaleza-Ceará.....	166
6.2	Lendo sobre um feminino sagrado: os livros que circulam nas rodas...	170
6.2.1	<i>Sociologia dos campos.....</i>	174
6.2.2	<i>Editoras: Quem quer falar sobre Sagrado feminino e Espiritualidade Feminina?.....</i>	177
6.3	Discursos e práticas.....	180
6.3.1	<i>“Fiz as pazes com meu ciclo, fiz as pazes com a menstruação”.....</i>	180
6.3.2	<i>“Eu tinha essa observação só do ciclo em si [...], mas não tinha nenhuma conexão com a lua”</i>	182
6.3.3	<i>“As mudanças que eu fiz depois que eu descobri esse universo”.....</i>	184
6.3.4	<i>“Eu estava precisando renascer e eu renasci depois desse parto”.....</i>	186
6.3.5	<i>“Eu preciso trabalhar o feminino, a minha relação com o feminino”.....</i>	188
6.3.6	<i>“Então, foi nesse calo de dor, de dormência, de adoecimento que essa entidade disse pra mim, você precisa estar entre mulheres!”.....</i>	191
6.3.7	<i>“Essa minha sensibilidade aos seres elementares sempre existiu com relação às plantas e aos cristais”.....</i>	193
6.4	Mulheres sagradas: entre raça, classe e gênero.....	195
6.4.1	<i>Discussindo as intersecções.....</i>	205
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
	REFERÊNCIAS.....	222

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM PARTICIPANTES E FACILITADORAS DE CÍRCULOS DE MULHERES.....	229
---	-----

1 INTRODUÇÃO

Essa tese foi uma longa travessia, muito maior do que eu planejava em meados de 2018, quando resolvi sair de um emprego para voltar à universidade. Muita coisa se passou e entre tantas (des)aventuras, uma pandemia que me partiu em várias. Meu bairro sempre barulhento se tornou silencioso, perdemos alguns vizinhos e tivemos muito medo, muito. Tantos planos foram desfeitos, frustrações diversas com a pesquisa e carreira, adoecimentos vários. As possibilidades pareciam, subitamente, negadas, adiadas, subtraídas, sem sequer saber se um dia voltaríamos a respirar aliviados. Foram dias de difícil esperança, como eu escrevi em uma legenda no Instagram. Mas enfim, tudo passou e para a minha surpresa eu já não era a mesma de antes, logo eu, sempre tão cheia de certezas, raízes, afirmações e pontos finais.

Quem redige a versão final desse texto não é a mesma que começou. Agora, já é comum o uso de inteligências artificiais, chat bots, reuniões on-line, home office e a cada minuto o mundo muda mais um pouco. Impossível voltar ao que era antes, não há como retroceder. Sinto que estamos vivendo no olho do furacão, mais precisamente, no olho de uma revolução, novas profissões surgindo, novas demandas, termos, técnicas, relações. Na última vez que isso aconteceu, a Sociologia nasceu, o que nascerá dessa vez?

Esse texto de conclusão de doutorado é, por sua vez, uma pequena contribuição sobre as mudanças vivenciadas nessa época, um recorte de uma das possibilidades de narrar o feminino a partir de grupos de mulheres muito bem situados em um estrato de classe, raça, escolaridade e território que acreditam que um feminino curado contribuirá para a cura do planeta. Aqui, os sentidos de espiritualidade, natureza e ciclicidade se encontram. Boa leitura!

Em Fortaleza-Ceará, desde a década de 2010, vem se desenvolvendo uma movimentação de mulheres em torno do resgate de um feminino selvagem e sagrado, que se concretiza em atividades como cursos sobre ginecologia natural, vivências terapêuticas de biodança, consultas oraculares, e sobretudo, em grupos de mulheres que se reúnem em *Círculos* no intuito de redescobrirem sua “força feminina” a partir de uma reconexão com uma natureza sagrada e de uma compreensão mais profunda sobre seus ciclos (como a menstruação, maternidade, menopausa).

Magalhães (2017), em seu trabalho de monografia, intitulado O Retorno da Deusa na Contemporaneidade: Os Círculos de Sagrado Feminino a partir da Psicologia Analítica, destaca a atuação, em Fortaleza, do Círculo *Mulheres da Lua*, que ajudou a disseminar a noção de um feminino sagrado a partir de atividades desenvolvidas pelas participantes do grupo, como: formação e facilitação de novos Círculos de Mulheres, criação de desenhos ligados à

temática (sobretudo para tatuagens), exposição de fotografias, oficinas de produção de mandalas, dentre outros.

Em novembro de 2017, ocorreu, na cidade de Eusébio-Ceará, o I Festival Madre Terra, que reuniu mulheres de vários lugares do Brasil envolvidas nesse processo de autoconhecimento e fortalecimento de vínculos com outras mulheres. No festival, aconteceram atividades como: Bênção do Útero (prática idealizada por Miranda Gray), sessões de biodança, rodas de conversa (sobre parto, maternidade, prazer, sexualidade, literatura de autoria feminina e feminismos), leitura de chacras, aplicação de reiki, práticas de ventosaterapia, yoga, massagem xamânica, além de oficinas de Mandala Lunar (ferramenta para o acompanhamento do ciclo menstrual e das mudanças emocionais e físicas que se manifestam durante o período menstrual), filtro dos sonhos, dentre outras. Já em maio de 2018, em Pacoti, município localizado a 97 quilômetros de Fortaleza, foi realizada uma imersão chamada A Mulher Cíclica: reconciliando-se com o Ser Feminino, que a partir do livro *Mulheres que correm com os lobos*, propôs atividades relacionadas a um resgate do feminino sagrado.

Podemos situar essa movimentação em torno do feminino como herdeira de uma tradição pagã que segue o rastro da chamada Espiritualidade Feminina ou Espiritualidade da Deusa, que se constitui não como uma religião institucionalizada, mas antes, como um caminho para a expansão da consciência, alimentando a vida subjetiva das mulheres com imagens de um feminino sagrado que possibilita uma retomada da força pessoal, através da cura pessoal e coletiva, contribuindo assim para a cura planetária (Faur, 2011), ou seja, “a espiritualidade feminina é um retorno do ser humano para a Deusa, o princípio criador feminino; é o crescente reconhecimento da Terra e da mulher como partes Dela, imbuídas da Sua sacralidade” (Faur, 2011, p. 24).

Para Guerriero (2006), é notório que as religiões estão em um processo de transformação e um novo campo religioso vem se configurando de modo muito distinto da visão tradicional da religião, ligada à noção de Igreja. Esse novo campo religioso é mais amplo, agrupando expressões e práticas que buscam uma expansão da consciência e uma elevação espiritual, podendo ser identificado como “religiosidade”, “espiritualidade”, “nova era”, “religiões alternativas” ou mesmo “Novos Movimentos Religiosos”, como o autor defende.

As modificações por que a religião passa não se configura como um movimento organizado e único, mas antes se remete a ideia de mudança como fluidez e contínuo movimento. Na medida que o número de religiões cresce, o sujeito “livre” tem a possibilidade de escolher qual experiência religiosa vivenciar, quais valores aderir, podendo -ele mesmo- fazer múltiplas colagens de crenças e práticas, de modo que dê conta de suas inquietações e

curiosidades. É nesse amplo espectro religioso que situamos as atividades em torno de uma Espiritualidade Feminina que reivindica uma retomada do poder pessoal através do autoconhecimento e do acolhimento da sua natureza sagrada.

A essa movimentação em torno do resgate de um feminino sagrado tem-se dado o nome de Sagrado Feminino¹, espécie de termo guarda-chuva para as diversas práticas que promovem autoconhecimento e resgate de um feminino associado à natureza. As atividades do Sagrado Feminino podem assumir uma diversidade de formas como já citado anteriormente, sendo compostas e recompostas numa miríade de crenças só possível no horizonte da modernidade.

Nota-se que a temática provoca, de pronto, um estranhamento quanto à organização de marcadores como natureza, cultura e gênero, visto que a ideia de um feminino poderoso e emancipado se apoia justamente no que até então aprisionava os corpos das mulheres: a biologia. É nessa encruzilhada de (novos) sentidos que o objeto se situa. Meu trabalho acompanhou os rastros dessas mulheres na construção de uma outra narrativa sobre o feminino.

A primeira vez que fui a um círculo de mulheres foi em 2017. Tomei conhecimento do mesmo através de um post no *Instagram* compartilhado por uma tatuadora da cidade. A chamada anunciava um grupo teórico vivencial que se reuniria no final de semana para ler o livro Mulheres que correm com os lobos, referência nesse circuito como fiquei sabendo posteriormente. O grupo era pago, sendo o valor (50,00) possível para o meu orçamento. Resolvi entrar em contato e ir, mesmo sem conhecer ninguém e não sabendo muito bem do que se tratava. Meu interesse, na época, era, sobretudo, voltar às leituras sobre o feminino, tão comuns na minha trajetória durante a graduação (2006-2010) e mestrado (2012-2014).

Até aquele momento, nunca havia ouvido falar em Círculos de Mulheres ou Espiritualidade Feminina. Tendo como religião herdada da família o catolicismo, passei minha infância e parte da adolescência dentro da Igreja Católica, participando ativamente das celebrações eucarísticas, festas de padroeiros, procissões e também do Movimento da Renovação Carismática Católica. Rompi com a igreja com uns quinze anos, quando me neguei a me crismar, já que não sentia que eu estava crescendo na fé, mas para além disso, nunca me

¹ Apesar de amplamente difundido no contexto da pesquisa, esse termo causa algum incômodo em certas facilitadoras e participantes. O termo é considerado, para algumas, como algo comercial. O trabalho de campo mostrou que há uma espécie de hierarquização de valores em que os círculos e demais atividades associadas a esse termo são considerados mais comerciais, enquanto os que se afastam dessa terminologia são tidos como mais espiritualizados.

engajei numa crítica ferrenha à religião e, posteriormente, não me aproximei de nenhuma outra forma de conexão com o sagrado.

Esse círculo se organizava a partir da leitura do livro *Mulheres que correm com os lobos* e funcionava como um grupo terapêutico, em que compartilhávamos nossas interpretações dos capítulos e nossas experiências de vida. A facilitadora mediava nossas falas e propunha algumas vivências baseadas nos contos e análises discutidos no livro da analista arquetípica Clarissa Pinkola Estés (2014).

Apesar de não estar explícito no folder de divulgação, a dimensão espiritual era notória pelos símbolos presentes nos encontros e o que estava sendo construído ali era algo muito mais complexo do que uma simples leitura de livro. Na primeira reunião que fui por exemplo, havia um altar circular sobre o chão, com cristais, difusor, uma imagem de Iemanjá, uma vulva de argila, incensos, velas e um oráculo fitoenergético (que trabalhava a energia das plantas). Ao final do encontro foi feita uma meditação guiada que nos remetia ao nosso útero e a raízes se aprofundando pela terra. A mistura de elementos já dava conta dos matizes que iriam se apresentar em campo nos anos posteriores.

Ali eu já sabia que havia algo de sociológico a ser investigado. O que era aquilo tudo, quem eram aquelas mulheres, que feminino estava sendo tecido conjuntamente por aquelas estranhas que me recebiam com bolos, sucos e chás e paravam uma tarde toda para ouvirem umas às outras?

Ainda em 2017, pensei em transformar tudo aquilo em projeto, ensaiei algumas páginas, mas era preciso de mais tempo para maturar as ideias. Somente em meados de 2018, resolvi, de fato, pensar aquela movimentação em torno do feminino como um projeto de pesquisa, com tudo aquilo que exige tal empreitada: definição do objeto, objetivos, justificativa e referencial teórico.

As primeiras experiências junto às Rodas² de Mulheres e festivais temáticos, somadas a leituras (de livros e textos online que transitavam nesses espaços) me trouxeram os primeiros elementos para estruturar melhor aquilo que me parecia, inicialmente, apenas “intuitivamente sociológico”. Essa movimentação em torno do feminino estava se constituindo a partir da noção de uma busca por cura, sendo mediada por um conjunto diverso de atividades que mesclavam práticas terapêuticas tradicionais (uso de ervas, banhos de assento e escaldas pés) e esotéricas (cristaloterapia, massagem xamâmica e leitura de aura etc.), além das já

² Nos espaços que frequentei é comum se referir aos Círculos como Rodas. Aqui, trago esses dois termos como sinônimos, podendo ser intercambiáveis.

reconhecidas Práticas Integrativas Complementares (PICs), também voltadas à saúde e bem-estar (aromaterapia, ventosaterapia e biodança).

Além disso, um outro campo específico voltado para questões ginecológicas também se delineava. Inspirados pelos livros de Miranda Gray, sobretudo o *Lua Vermelha*: as energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional, bem como pelos princípios da Ginecologia Natural, a exemplo dos Florais da Lua³⁴ (elemento central em alguns círculos que acompanhei), o ciclo menstrual passava a ser narrado de um modo místico, sendo considerado um elemento chave- sagrado e poderoso -, capaz de possibilitar um conhecimento profundo de si mesmo (em termos, físicos, emocionais e espirituais). A atenção para com um aspecto biológico - a menstruação- seguido do argumento de que “nós mulheres somos natureza”, recolocava a mulher no espaço do selvagem, intuitivo, natural, fazendo da natureza fonte de empoderamento.

Nessa cena místico-esotérica, ficava claro a demanda das participantes pela cura (física, emocional ou espiritual) e a retomada de uma noção há muito deixada de lado, a ligação do feminino à natureza. A partir daí busquei refletir sobre a produção de uma nova narrativa sobre o feminino, agora, um feminino recolocado na natureza, dotado de sacralidade e localizado na encruzilhada entre natureza, saberes tradicionais e esotéricos, e discursos sobre o corpo.

Essa tese é, portanto, uma investigação sobre uma narrativa muito específica sobre o feminino contemporâneo, que produz novos sentidos de “ser mulher” a partir de um resgate de um feminino divino e poderoso, de modo a encarar determinados atributos do feminino (como nutrição, gestação, acolhimento etc.) como valores importantes para a construção de uma sociedade e cultura mais justa para as mulheres. Esse feminino sagrado e ligado à natureza é marcado pela noção de ciclicidade, sendo as mulheres cíclicas, assim como a natureza (fases da lua, estações do ano). A experiência das mulheres seria unificada pelo movimento cílico, ou seja, natural. Aqui, há um apagamento de outros marcadores identitários (raça, território, classe), buscando-se um elemento marcante que funcionasse como uma “liga” para a experiência das mulheres.

³ Os Florais da Lua são uma medicina homeopática- semelhante a outros sistemas florais- canalizados pela terapeuta de ginecologia natural Anna Sazanoff e tem por objetivo atuar nos órgãos genitais- útero, ovários etc., além de promoverem um bem-estar emocional.

⁴ Ana Sazanoff é responsável por trazer o termo Ginecologia Natural para o Brasil, ministrando formações sobre o tema desde 2017. No seu site- www.saberesdamaeterra.com.br, consta que a mesma estudou Biologia, Naturoterapia, Tecnologias do Meio Ambiente e Ayurveda. Ana também esteve à frente do projeto Plante sua Lua e do Festival Sul-Americano dos Sagrados Saberes Femininos-Medicinas da Mãe Terra.

Penso então esse fenômeno em torno do feminino como uma ação coletiva (Becker, 1977), ou seja, como uma dinâmica de pessoas (no caso, de mulheres) que em grupo criam e recriam discursos e práticas, compartilhando sentidos, ampliando e redefinindo limites e possibilidades de experenciar a menstruação, o natural e a cura. Essa movimentação só foi possível, por sua vez, devido a uma variedade de interdependências e relações que possibilitaram tanto mais autonomia às mulheres como uma nova forma de experenciar o sagrado, agora muito mais fluido e desprendido de instituições.

A pesquisa de campo foi realizada entre os anos de 2019 e 2022, concentrando-se no ano de 2019 e nas atividades presenciais, ainda que já naquele ano eu acompanhasse algumas atividades no virtual, o que se intensificou com a pandemia do SARS-CoV-2.

Ao longo dos anos, contabilizei 82 atividades de campo, entre o online e o off-line. Esse acompanhamento, em termos práticos, se traduz na observação-participante em círculos e demais eventos, além de assistir à *lives*, aulas e cursos *onlines*. Essas 82 atividades foram registradas seja em anotações a mão ou em formato de diário de campo.

Devido à pandemia, o doutorado se tornou ainda mais desafiante e a pesquisa foi tomando os contornos possíveis dentro de um contexto macro tão excepcional. Diversas vezes tive de parar as atividades por conta de demandas mais urgentes de saúde, minha e de meus familiares. O bairro em que morava foi contaminado com o vírus logo na primeira onda, entre os meses de maio e junho de 2020. Passei dois anos evitando ao máximo o contato social. Foram anos difíceis, vi amigas perderem os pais, vizinhos de décadas faleceram sem que pudéssemos nos despedir, o vazio tomou meu bairro que até então era tão cheio de vida, com tantos encantamentos. O bairro só renasceu na festa de São João, em 2022. Mas essa é outra história.

Esse contorno tornou a pesquisa não-linear, sendo realizada ou interrompida na medida em que a pandemia se abrandava ou se intensificava. Assim, entendo que esse trabalho foi sendo realizado em camadas superpostas. Enquanto realizava campo *online*, também escrevia algumas elaborações teóricas para serem apresentadas em algum evento virtual. Ao mesmo tempo que acompanhava alguma atividade presencial, registrando em diário de campo, continuava a seguir postagens no Instagram. Durante esses anos, continuei tendo contato – virtualmente – com algumas mulheres que conheci em 2019, nos círculos, interagindo com as mesmas pelas redes sociais. Esse acompanhamento, sobretudo, pelo *Instagram*, me permitiu que no início de 2021 eu começasse a realizar entrevistas *online* gravadas, contabilizando 20 entrevistas em profundidade (ao longo de 2021 e 2022).

Por essa dinâmica não-planificada, tento agora descrever de modo mais preciso tais atividades, como forma de clarificar um pouco mais como a pesquisa foi realizada.

Em 2019, foram realizadas e registradas em anotações e diários de campo 35 atividades, das quais 30 foram atividades presenciais e 5 *online*. Em 2020, foram 7 atividades presenciais e 18 *online*, contabilizando 25 atividades. Já em 2021, realizei apenas 2 atividades presenciais e 5 *online* (totalizando 7 atividades). Por fim, em 2022, buscando acompanhar o movimento da retomada das atividades presenciais dos círculos, fui para 2 atividades presenciais e acompanhei ainda 13 atividades *online*, totalizando 15 atividades. Todas as atividades presenciais aconteceram na cidade de Fortaleza-Ceará e região metropolitana, já as atividades *online* se diversificam em termos de território, já que acompanhei *lives*, círculos, imersões e aulas de facilitadoras tanto de Fortaleza, como de outros estados do país (entre eles, destaco Pernambuco e Paraíba. Esse último parece ter uma forte presença de círculos de mulheres).

As atividades *online* foram também registradas tanto em anotações livres como em diários de campo. Um outro recurso dessa pesquisa *online* foi o *arquivamento*, recurso da rede social *Instagram* que permite que você *salve e arquive* postagens realizadas na rede. Dessa forma, por meio do acompanhamento de *hashtags*, ou seja, de palavras chaves da rede que podem ser mapeadas, bem como por meio do próprio algoritmo que me recomendava diversos perfis relacionados ao Sagrado Feminino, montei um arquivo de 450 postagens, que reúnem informações em texto e imagem. Tais postagens ainda que não estejam categorizadas, trouxeram a dimensão da diversidade de temas tratados nesses espaços, seja de recursos terapêuticos, como de celebrações e resgate de figuras míticas femininas, além de possibilitarem o contato com diversos tipos de produtos culturais, como *planners* e oráculos.

Mesmo com muito material online, sobretudo *prints* de postagens arquivadas do Instagram, anotações sobre as experiências online de *lives*, aulas, *workshops*, decidi priorizar as atividades que se vinculavam à dinâmica que se desenvolvia em Fortaleza, como forma de dar um recorte mais preciso à pesquisa. Dessa forma, decidi por trazer poucas imagens do universo online, me dedicando ao campo ligado aos círculos e eventos que acontecerem em Fortaleza e região metropolitana.

Ao longo desses anos, publiquei alguns artigos em anais de eventos e revistas, já ensaiando algumas discussões. O processo de construção e publicação de artigos foi uma estratégia de escrita que me permitiu desenvolver processualmente as análises e reflexões sobre o tema, amadurecendo as principais ideias, garantindo a circulação das mesmas e fortalecendo esse campo de pesquisa. Esses artigos foram também incorporados a esse trabalho, sendo revisados e tendo outros dados acrescentados, de modo a garantir o ineditismo da tese.

Os círculos de mulheres foram o eixo central que conduziu esta pesquisa, sendo a partir deles que elaborei a compreensão de um feminino cíclico e a ser curado. A partir de contatos pessoais, estabelecidos previamente, comecei a me inserir e a participar de algumas rodas que se reuniam na cidade e durante todo o ano de 2019, acompanhei não apenas os círculos (cerca de 6 círculos, sendo alguns conduzidos pelas mesmas facilitadoras), como também outras atividades como: eventos, cursos e imersões de finais de semana.

Os círculos que acompanhei, no geral, se reuniam em bairros de classe média da cidade (Benfica, Jardim Oliveira, Bairro de Fátima, Joaquim Távora/Farias Brito, Aldeota) e ocorriam periodicamente a cada lua cheia ou lua nova. Nesses encontros eram realizadas danças, cantos, meditações e práticas terapêuticas de autocuidado e cura (como a vaporização do útero e escaldar-pés), além da administração dos Florais das luas, em alguns deles. O intuito das reuniões era movido pela busca de uma reconexão a um feminino sagrado, natural, sábio e poderoso, perdido ou esquecido desde muito tempo, além da cura física, emocional e espiritual de um feminino ferido pela cultura patriarcal, como as próprias participantes relatavam.

A recorrência de várias participantes nessas reuniões mensais, bem como o encontro com mulheres “conhecidas de roda” em outros espaços da cidade voltados ao universo místico-esotérico facilitou o estabelecimento de conexões, mantidas durante todo o período da pesquisa, possibilitadas também pelos usos das redes sociais (sobretudo, WhatsApp e Instagram). Essa recorrência de pessoas aponta para um circuito do Sagrado Feminino⁵, que vai da participação em um Círculo de Mulheres, passando pelo engajamento em cursos voltados a terapias como reiki, ginecologia natural, aromoterapia, ervas, adesão de práticas de cuidado como Yoga e alimentação vegetariana (ou diminuição de consumo de carne), além do consumo de bens como cristais, organites, tarôs, agendas temáticas etc.

A menstruação se apresentou como um dos temas recorrentes nos Círculos, sendo ressignificada e constituída como expressão da noção de *ciclicidade*.

Essas mulheres têm recuperado a ideia de um feminino ligado à natureza-cíclica, vivenciando em seu próprio corpo o movimento da natureza, como as fases da lua (e das estações do ano), ou seja, um movimento circular de *vida-morte-vida*. É a partir dessa noção que se reelabora o significado da menstruação, não mais entendida como algo doloroso, espécie de fardo imposto pela natureza, mas como algo a ser acolhido e respeitado, justamente, por

⁵ Trabalho aqui o conceito de circuito, de Magnani (1999), no sentido de que já naquele ano (2019) as atividades em torno dos Círculos de Mulheres/Sagrado Feminino apontavam para uma atuação profissional, sendo realizadas de modo constante e contribuindo para a formação de uma rede de espaços, encontros, treinamentos etc.

significar a porção da natureza nessas mulheres, ou seja, por corporificar o movimento natural da ciclicidade nesses corpos que se identificam como o feminino e que também sangram.

É dessa forma que o ciclo menstrual, composto por quatro fases, passa a ser re-associado às fases lunares, se configurando da seguinte forma: menstruação (lua nova), pré-ovulação (lua crescente), ovulação (lua cheia), pós-ovulação (lua minguante).

Essa movimentação em torno do feminino, convergindo para a cura pessoal, o autoconhecimento e a reconexão com a natureza se desenvolve para outros campos, como a Ginecologia Natural (ou ainda Ginecologia Autônoma) e Parto Humanizado, que também retomam as noções do “natural” como formas que preconizam uma ética de cuidado, disputando com os saberes médicos e farmacológicos, os discursos, técnicas, observação e controle dos corpos. Concomitantemente, mas tomando um caminho des-espiritualizado, notamos um levante de mulheres que tem também tratado da menstruação a partir de movimentos contra a Pobreza Menstrual, pela Dignidade e Educação Menstrual já bem articulados em países como Argentina e Guatemala. O sangue parece fluir por várias vias.

Com o contexto pandêmico, as sociabilidades migraram e se concentraram no espaço online. Aquelas facilitadoras que trabalhavam unicamente com práticas esotéricas precisaram adequar seu trabalho a esse novo formato. Outras, diminuíram suas atividades, se dedicando a trabalhos que não estavam relacionados com o mundo da espiritualidade. Além dessa demanda por uma adequação às atividades, a hiper ocupação do espaço *online* facilitou o contato com pessoas de diferentes lugares e a descoberta de temas correlatos ao que eu estava interessada, como a discussão sobre a menstruação como política, literatura menstrual e arte com sangue menstrual.

A migração das atividades para o *online* tornou mais clara a dimensão econômica das atividades do Sagrado Feminino. Algumas das facilitadoras trabalham exclusivamente com práticas terapêuticas, como reike, *theta healing*, florais da lua, massagens, leitura de chakras e os próprios círculos de mulheres, sendo essas atividades geradoras de renda. Essas trabalhadoras da espiritualidade tiveram que adequar suas práticas ao contexto pandêmico, adequando as atividades já desempenhadas para o ciberespaço, investindo- algumas mais outras menos - em plataformas e em técnicas de marketing digital.

Diante dessa longa introdução, necessária devido ao volume e profundidade do trabalho de campo, bem como da complexidade de se realizar uma pesquisa atravessada por uma pandemia, apresentamos as linhas gerais do trabalho que se segue, além de pontuarmos elementos que apesar de não entrarem na composição do trabalho se mostraram importantes,

como os fluxos do sangue menstrual a partir de um viés político e a dimensão de uma profissionalização das facilitadoras dos círculos.

O trabalho intitulado *Donzela, mãe, anciã: círculos de mulheres e as novas subjetividades femininas* está organizado em cinco capítulos, abrangendo a discussão sobre os círculos de mulheres (capítulo 1), aspectos metodológicos (capítulo 2), religião, modernidade e espiritualidade (capítulo 3), menstruação, sacralidade e ciclicidade (capítulo 4), e discursos e práticas (capítulo 5).

No primeiro capítulo é discutido alguns elementos dos círculos de mulheres, elaborando-se uma definição sobre esse fenômeno e suas principais características. Também é feita uma revisão dos estudos sobre o tema, tanto no contexto brasileiro como na América Latina. Além disso, já são apresentadas três cenas que descrevem três diferentes rodas de mulheres, de modo que o leitor tenha uma perspectiva geral dos círculos.

No segundo capítulo, a intenção foi apresentar o percurso metodológico e os caminhos até os Círculos de Mulheres, além da construção do objeto, a pesquisa empírica, o campo junto aos círculos e outros eventos, além das perambulações no espaço virtual.

No terceiro capítulo, a partir da perspectiva da Sociologia da Religião, discutimos algumas nuances do fenômeno religioso e suas modificações. Discutimos também sobre os círculos de mulheres e sua interface com o chamado movimento Nova Era, além de apresentarmos, a partir das entrevistas realizadas, as trajetórias espirituais de algumas interlocutoras. Por fim, também apresentamos a noção de espiritualidade em contraste com a noção de religião.

No quarto capítulo, apresentamos nossos achados de campo no que toca a ressignificação da menstruação que se torna, nos círculos, uma experiência sagrada e ligada, intimamente, à ideia de um tempo/modo de vida cíclico. Aqui, também são apresentados trechos de diário de campo, relatando momentos observados em que a menstruação foi tema central dos encontros.

No quinto capítulo foi discutido a genealogia dos círculos de mulheres em Fortaleza-Ceará, a produção cultural que circula por esses espaços a partir de três livros e os discursos e práticas relatados pelas participantes por meio de entrevistas. Aqui, também foi discutido elementos identitários (raça, classe, gênero) importantes para entendermos sobre quem tem aderência e participa, no geral, desses espaços.

2 OS CÍRCULOS DE MULHERES E A ESPIRITUALIDADE FEMININA

Círculos de Mulheres, Espiritualidade Feminina e Sagrado Feminino são termos comuns nos espaços que frequentamos. Por vezes, os termos são tão próximos que parecem ser usados de modos intercambiáveis. Para esse trabalho, entendemos a necessidade de traçarmos algumas definições conceituais e tornar mais claro o que cada um significa.

Os círculos de mulheres podem ser compreendidos como expressões de uma Espiritualidade Feminina que tem como central a retomada e valorização do feminino (seja a partir de deusas, orixás, caboclas, ou ainda, figuras femininas míticas e históricas como Eva Lilith, Maria e Maria Madalena) de modo a garantir um protagonismo feminino nas narrativas e no agir no mundo. A partir de reuniões, no geral frequentada apenas⁶ por mulheres, se promove práticas de autocuidado, autoconhecimento e expansão da consciência, buscando uma reconexão consigo mesma e estabelecendo uma “cura do feminino”.

É preciso, também, definir o que entendemos por Espiritualidade Feminina. Partimos de uma das autoras comumente lidas nos círculos de mulheres (Mirella Faur), que argumenta que:

A espiritualidade feminina é um retorno do ser humano para a Deusa, o princípio criador feminino; é o crescente reconhecimento da Terra e da mulher como partes Dela, imbuídas da Sua sacralidade. A Deusa é representada em todo ato de criação, da Natureza ou da vida feminina, na eterna roda de nascimento, crescimento, florescimento, amadurecimento, declínio, morte e renascimento, na dança mutável das estações, nas fases da Lua, na trajetória anual do Sol. Seus ciclos são vividos pela mulher ao longo da sua vida [...] (Faur, 2011, p. 24).

Faur (2011) situa a espiritualidade feminina como uma espiritualidade baseada no reconhecimento do feminino como potência criativa, associando a Terra/ Natureza à figura da Deusa (Deusa-mãe), energia da criação. Nessa confluência de sentidos já aparecem noções centrais para esse trabalho, como a associação das mulheres- feminino à natureza, indicando que a potência de gerar vida (material ou simbólica) pertence às mulheres.

No século XX, a partir da década de 1960, cresceu em número e em importância o resgate da “Tradição da Deusa”, que redescobriu antigas tradições matrifocais, em que o feminino e as mulheres eram honrados. Essa tradição representaria não apenas o reconhecimento da energia feminina como divina, mas também serviria como “[...] sustentação

⁶ É possível a presença de homens em círculos de mulheres, como uma vez presenciei. Quando isso acontece a justificativa que também existe nos homens uma parte feminina (energia feminina), logo, é possível que eles estejam em um círculo de mulheres de modo a “trabalharem” essa energia feminina neles próprios.

das mulheres, as quais podem utilizá-la para proteger, mudar e melhorar suas vidas, sem precisar do amparo de figuras salvadoras masculinas” (Faur, 2011, p. 25).

Contemporaneamente, o termo Sagrado Feminino ganhou força como uma expressão guarda-chuva que contempla não apenas as reuniões de círculos de mulheres como também outras manifestações de resgate e celebração do feminino, como eventos, workshops, feiras, festivais, dentre outros.

Para Vasconcellos (2024), o Sagrado Feminino é um conceito polissêmico, com força condensadora que permite e revela um imaginário social de pessoas que compartilham de mesmos significados e práticas. Envolve, portanto, práticas naturais de cuidado ou como coloca Vasconcellos (2024), envolve um complexo de vagina-corpo-mente.

Vasconcellos (2014) elenca 8 especialidades que se reúnem a partir do termo Sagrado Feminino: 1. ginecologia natural, 2. tantra, 3. pompoarismo, 4. ginecologia autônoma, 5. ciclicidade, 6. ecofeminismo, 7. bruxaria e 8. terapia menstrual. A pesquisadora entende que “[...] essas especialidades e o sagrado feminino têm um ideário compartilhado que tem o autocuidado, a cura, o feminino, a natureza e o corpo como elementos centrais” (Vasconcellos, 2024, p. 52).

No trabalho de campo realizado em Fortaleza, observamos alguns usos desses termos. Algumas vezes os termos Sagrado Feminino e círculos de mulheres (ou roda de mulheres) eram usados como sinônimos, outras vezes, havia um esforço por distanciar o trabalho de um círculo de mulheres com o Sagrado Feminino, uma vez que esse último vem sendo continuamente criticado a partir de um viés de raça e classe. Em outros momentos, as interlocutoras criavam novas expressões como “roda do Sagrado”, fazendo uma nova composição de termos.

De nossa parte, entendemos que tanto os círculos de mulheres, como Sagrado Feminino e, ainda, Espiritualidade Feminina, estão no mesmo campo semântico, mas guardam determinados contornos.

Todos os termos trazem a noção de uma experiência de espiritualidade fluida e desinstitucionalizada, possibilitando um resgate de valores tidos como próprios do feminino de modo a valorizar uma narrativa que tem como protagonistas figuras femininas. Nesse contexto feminino e mulher(es) assumem o mesmo significado e aqui, os tomamos como equivalentes. A Espiritualidade Feminina funciona como uma teia mais ampla de significados que coloca em prática a possibilidade de uma experiência com o sagrado a partir de referências femininas. O Sagrado Feminino se configurou como um termo amplo que abrange uma variada gama de formato e temas relacionados e cristalizados na retomada de um feminino sagrado. Importante

notar que esse termo também se consolidou como referência a um mercado de produtos e serviços já elencados por Vasconcellos (2024).

Por fim, os círculos de mulheres seriam uma expressão, uma das formas possíveis, dessa espiritualidade, funcionando como reuniões entre mulheres que buscam um lugar seguro de fala e escuta, sendo marcado por elementos específicos (que serão tratados em seguida).

2.1 Honrando quem veio antes: revisão dos estudos sobre círculos de mulheres

Ao investigarmos sobre a produção já existente sobre círculos de mulheres, nos deparamos com trabalhos já bem consolidados no México, a partir de Morales (2014, 2016, 2018) e Valdes (2015, 2017). Ademais, encontramos trabalhos sobre círculos em Colômbia (Sarmiento, 2020) e Argentina (Felitti, 2016, 2021), além de produções brasileiras (Ribeiro, 2020; Silva, 2020; Sousa, 2022; Bastos, 2023; Silva *et al.*, 2023; Maso, 2024; Vasconcellos, 2023, 2024). É notório que a produção brasileira sobre o tema venha crescendo bastante desde 2020.

Traremos nessa sessão um breve resumo de alguns desses trabalhos que muito dialoga com a nossa pesquisa, demonstrando que o fenômeno dos círculos de mulheres, apesar de diversos guardam também semelhanças e continuidades, ainda que situados em diferentes contextos sociais.

Algumas dessas pesquisadoras se tornaram colegas e parceiras de pesquisa, com trabalhos publicados em conjunto, além de muitas ideias para parcerias futuras, estabelecendo-se uma metodologia de autoria conjunta a partir dos próprios princípios do Sagrado Feminino, ou seja, uma forma coletiva, partilhada, a partir de um ambiente seguro em que conversávamos e confessávamos dúvidas epistemológicas, metodológicas, questionamentos e incômodos sobre o fazer acadêmico.

2.2 Círculos de mulheres na América Latina: cenários

Dentro da matriz de sentido Nova Era há a crença de uma transição planetária (da era de Peixes para a era de Aquário) em que haveria uma grande transformação nas relações sociais. No contexto mexicano, nos situa Morales (2018), a partir do movimento da neomexicanidade, que possibilita o resgate de saberes indígenas ancestrais e a mistura com expressões espiritualistas Nova Era, surge a narrativa do “retorno da Deusa” ou “Sagrado Feminino” que coloca as mulheres como figuras centrais nesse processo de transição e

construção de um novo mundo. As mulheres seriam então as geradoras desse processo, que a partir de uma reconexão consigo mesmas e com a natureza abririam caminhos para essa transição planetária. O discurso do “retorno da Deusa” não é algo homogêneo entre os grupos Nova Era, visto seu caráter heterogêneo, mas aqueles que professam essa narrativa entendem que o desenvolvimento da subjetividade e espiritualidade feminina são capazes de impactar não apenas as mulheres como todo o mundo, de modo ressonante (Morales, 2018).

Morales (2018) situa os círculos de mulheres como espaços móveis e efêmeros que são elaborados a partir de redes de amizades e que se articulam por redes de contatos presenciais ou virtuais. As participantes desses espaços, no contexto mexicano, se caracterizam por fazerem parte das classes médias urbanas e terem ensino superior completo. Ainda sobre os círculos, Morales (2018, p. 250) salienta que: “[...]éstos se conciben como un modelo de organización femenina, muchas veces de carácter efímero, que parte de la intención de generar espacios democráticos e igualitarios desde los cuales se promueve la autogestión y el autoconocimiento desde una clave espiritual.

Os círculos teriam origem nas chamadas “tendas vermelhas”, espaços compartilhados por mulheres no período menstrual em que as mesmas partilham saberes entre as diferentes gerações que sangram no mesmo período. Essa narrativa de origem apontada por Morales (2018) também está presente nos círculos no contexto brasileiro. Nos círculos que frequentamos era comum se fazer referência a esses espaços “ancestrais” compartilhado por mulheres, ainda que não se precisasse em qual cultura ou qual período histórico isso acontecesse. Em um dos círculos que acompanhamos, essa “tenda vermelha” apareceu a partir do livro *Tenda Vermelha*, da autora Anita Diamant. Nele é recontada a história de Abrahão a partir da ótica feminina.

Os círculos, continua Morales (2018), elegem variados temas a serem trabalhados durante os encontros, como: relação com os parceiros, relação com o corpo e seu ciclo menstrual, empoderamento, autoconhecimento, cura. Para a pesquisadora, os círculos de mulheres se articulam com o feminismo e com um particular de corporalidade e com novas narrativas sobre o lugar das mulheres no campo das espiritualidades. Apesar de efêmeros, os círculos se conectam entre si, formando redes de terapeutas onde circulam técnicas sobre o corpo e a saúde das mulheres.

Os círculos seriam um esforço conjunto de construir espaços de protagonismo feminino a partir de relações horizontais que possibilitem a construção de laços sociais e relações de confiança. Além disso, segue Morales (2018), os círculos também estariam envoltos em torno da centralidade das emoções e partilha de experiências, permitindo uma identificação

dessas mulheres umas com as outras. Essa dinâmica colocaria em jogo uma transformação não só pessoal (por parte das mulheres participantes) como também coletiva, capaz de impactar o mundo.

Outro processo importante nesses espaços é o reconhecimento de que o corpo é algo sagrado e potencial para o autoconhecimento. O corpo, seus ciclos, seu modo de funcionamento, sua capacidade de gerar prazer são elementos que atravessam os discursos e práticas dessas mulheres (Morales, 2018). É nesse conjunto de sentidos que emergem a noção de uma menstruação sagrada que deve ser gerenciada a partir de técnicas ecológicas integradas à natureza, como os absorventes ecológicos e os coletores menstruais.

Esse protagonismo feminino no que tange a construção de uma Nova Era valoriza o papel social das mulheres, invertendo a lógica vigente. Nesse sentido, conclui Morales (2018), tem-se gerado um “feminismo místico” que por vezes se inscreve no circuito espiritualista.

Ainda no contexto mexicano, temos os estudos de Valdes (2015, 2017) que trata das experiências dos círculos de mulheres a partir da cidade de Guadalajara (México). A investigação foi realizada entre 2013 e 2014 e foi conduzida a partir de três eixos: mulheres em círculos como categoria identitária, mulheres experienciando (encarnado) o bem-estar e a sanação (cura) e círculos de mulheres como experiência transformadora e sanadora (curativa).

Para Valdes (2017), os círculos são uma manifestação de espiritualidade feminina holística, que por meio de rituais busca a cura das mulheres- de modo individual e coletivo. Os círculos se constituem, então, como espaços de criação de vínculos entre as participantes, que por meio da ritualização do canto, da palavra, do corpo e do sangue menstrual criam um modo de cura pessoal e coletiva que perpassa também as dimensões do bem-estar e do autoconhecimento.

Os círculos permitiriam a criação de espaços femininos alternativos que fogem à lógica linear das cidades, priorizando vinculações afetivas, reflexivas de cura e transformação. Esse processo envolve uma ressignificação do útero, da menstruação, da menopausa, bem como a não concepção e da maternidade consciente.

É nesse contexto de cura e bem-estar que o corpo feminino encontra contornos ligados à ciclicidade e à dimensão do sagrado. Para Valdes (2017), esses encontros são uma possibilidade de uma nova cultura simbólica e espiritual onde se constroem práticas de resistências e de criação de uma consciência ecológica, social e cósmica.

Valdes (2017) aborda um amplo conjunto de práticas a partir dos círculos, como a noção de uma espiritualidade “sanadora” mediadora de uma busca por cura holística, ou seja, a saúde/cura é compreendida de modo integral, levando-se em consideração o bem estar físico,

psíquico, espiritual, integrando também o social, cultural e familiar, e colocando em prática saberes ancestrais e contemporâneos, baseados sobretudo na natureza, o corpo como elemento central nos círculos, entendendo esse corpo como algo interconectado com o social, cultural e cósmico, em sincronia com os ritmos da natureza, além da discussão sobre a menstruação e sua relação com os ciclos lunares e arquétipos femininos.

Sarmiento (2020) investiga os Círculos de mulheres no contexto da Colômbia, a partir da perspectiva da cura (“sanación”). Para a pesquisadora, a ideia de cura, nesses espaços, é entendida como um aspecto pessoal, impulsionando a revisão da autobiografia dessas mulheres. O ato de “sanar” perpassa questões como a própria linhagem feminina (mães, avós), a cura do útero e da menstruação, a criança interior, a relação com a energia masculina (pais, companheiros). Para “sanar” são colocados em prática uma série de técnicas, como diários lunares, ginecologia natural, cantos medicina, altares, uso de plantas e decretos, além da gestão do sangue menstrual de modo mais ecológico.

Sarmiento entende que os círculos são expressão da modernidade tardia uma vez que impulsionam a compreensão individualizada do “eu”, já que as mulheres participantes se pensam como seres autônomos que prescindem de influências sociais.

Assim como nos círculos brasileiros, em Colômbia há a centralidade da dimensão da cura do feminino. Já entre as práticas listadas pela autora como formas ou ferramentas para curar (“sanar”) a relação com a menstruação, também encontramos semelhanças com o contexto pesquisado no Brasil.

Como forma de “se conhecer melhor” algumas das participantes faziam uso do diário lunar (ou calendário menstrual), onde diariamente registravam suas emoções e aspectos físicos em associação ao ciclo menstrual (Sarmiento, 2020). No contexto brasileiro, esses diários são conhecidos como mandalas lunares, prática também comum nos círculos que foram acompanhados.

Outro elemento semelhante foi o uso das “copas menstruais” e “toallas”, em português brasileiro conhecidas como “coletores menstruais” e “absorventes ecológicos”. No contexto colombiano foi observado que esses dispositivos possibilitariam a cura da relação com a menstruação uma vez que possibilitariam um contato mais próximo (sentir o cheiro, tocar e ver o sangue), desmitificando a noção de que o sangue menstrual é algo sujo e vergonhoso. Além disso, Sarmiento chama atenção para o fato de que o uso desses dispositivos representa também um cuidado com o meio ambiente, uma vez que são acionados discursos de valorização da natureza e redução da produção de lixo.

Por fim, destaca-se que esses dispositivos proporcionam uma outra relação com a menstruação, agora compreendida como “‘limpia’, ‘natural’ y ‘sagrada’” (Sarmiento, 2020, p. 132). Observamos, no contexto brasileiro, esse mesmo uso como forma de entrar em contato com o sangue menstrual, sendo possível por meio desse contato perceber o sangue sem a interferência de produtos químicos presentes em absorventes comuns, e assim, o ressignificando.

As investigações de Felitti (2016, 2021) são realizadas a partir da Argentina, discutindo as dimensões da espiritualidade, menstruação e feminismos.

A autora destaca que no contexto das sociedades pós-industriais e urbanas, há uma camada de mulheres (no geral brancas, com certo nível de educação e poder aquisitivo) que compartilham de uma visão ecológica, espiritual e/ou feminista acerca da menstruação (Felitti, 2016). O trabalho da pesquisadora foi conduzido de 2012 a 2015, a partir de um *corpus* de escritos como livros e materiais de publicidade, além de empreendimentos de absorventes ecológicos e entrevistas, priorizando a experiência biográfica com o ciclo menstrual, formação intelectual, crenças religiosas, participação política e visões sobre o feminismo.

Felitti (2016) defende que a partir de 2015, na Argentina, os espaços místicos/espiritualistas e feministas parecem ter confluindo para um mesmo lugar, com uma circulação de livros e materiais sobre parto tradicional, ginecologia natural e representações sobre a figura de uma bruxa feminista, formando assim um circuito de espiritualidades femininas e feminismos.

A leitura é um ponto importante para entender a formação dessas mulheres auto identificadas como bruxas feministas. A circulação dos livros se dava por empréstimo, por recomendação, através da compra individual ou de arquivos compartilhados pela internet que formavam um plano formativo de leitura. A autora cita livros como o Manual Bruxa Moderna, de Dália Walker. Esse circuito é marcado por um aspecto comum às feministas da segunda onda, como a horizontalidade das conversas, a confidencialidade dos testemunhos, e a implementação de técnicas de autoconhecimento:

[...] Esta espiritualidad ofrece un camino de autoconocimiento que favorece la individualización, en sintonía con esta etapa del capitalismo tardío que propone y exige sujetos independientes, autónomos, que pueden reconocerse y sacar lo mejor de sí. En el caso de los círculos de mujeres, el conocimiento del cuerpo y sus procesos es fundamental como camino de encuentro con el poder personal, que tiene su base en la auto aceptación, el amor propio y la autoestima, como también ha analizado Ramírez Morales (2019) para el caso de México (Felitti, 2021, p. 561).

Essa perspectiva mais intelectualizada, em que há uma centralidade de determinadas leituras e uma intensa circulação de livros impressos ou no formato de e-book, seja em drives compartilhados ou ainda a partir de arquivos compartilhados por WhatsApp, também se mostrou comum no contexto pesquisado em Fortaleza. Era comum nos espaços frequentados a existência de uma pequena biblioteca pessoal por parte das facilitadoras, ou ainda, a existência de livros físicos compondo o altar (no geral, esse altar era disposto no chão, sendo composto por uma manta circular e elementos como cristais, incensos, palo santo, dentre outros). Também era rotineiro a circulação de livros no formato de pdf nos grupos de WhatsApp, além de drives compartilhados.

Durante a pesquisa, participei de um círculo on-line que girava em torno da leitura de livros sobre a temática do feminino, alguns dos livros lidos nesse grupo foram: *Lua Vermelha: as energias criativas do círculo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional* (Miranda Gray), *A Deusa Interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas* (Jennifer B. Woolger e Roger J. Woolger), *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino* (Nancy Qualls-Corbett) e *A tenda vermelha* (Anita Diamant). Nesse círculo, cada mulher comprava seu próprio livro, no geral, livro físico, fazia a leitura e, então, era realizada uma reunião on-line para discutir as impressões sobre o livro. O que marca essa reunião como um círculo de mulheres é não somente a escolha dos livros, como o tom espiritual que os encontros assumiam. A facilitadora, comumente, realizava uma meditação guiada ao final do encontro, além da mediação da leitura ser permeada por assuntos e temáticas ligadas ao campo de uma conexão com a espiritualidade, espiritualidade feminina e do protagonismo das mulheres no processo de transição planetária.

No contexto brasileiro, temos os trabalhos pioneiros de Ribeiro (2020) e Silva (2020), ambos publicados na coletânea *Teorias da natureza: etnografias da Bahia*.

Ribeiro (2020) investiga, a partir de uma metodologia qualitativa, como participantes de círculos de mulheres, em Salvador, buscam compreender e cuidar do próprio corpo a partir de práticas da ginecologia natural e autônoma. A partir de conhecimentos tradicionais sobre ervas e saúde ginecológica (ciclo menstrual, gravidez, puerpério, menopausa, etc) essas mulheres constroem a relação com o corpo e a saúde a partir de marcadores que não os da medicina convencional, fundada em um saber e perspectiva masculinos sobre o corpo da mulher.

As interlocutoras de Ribeiro (2020) entendem que os círculos de mulheres contemporâneos são consequência da movimentação de contra-cultura iniciada na década de 1960, nos Estados Unidos, em diálogo com a segunda onda do movimento feminista e o

movimento pagão. Destacou-se, também, o lançamento do livro *Our bodies, Ourselves*⁷, como marca dessa discussão sobre o corpo das mulheres e a contestação de saberes médicos institucionalizados e o posterior desenvolvimento de práticas mais naturais, resgatando saberes ancestrais.

Elementos como a sacralização da menstruação, rompendo com o senso comum que considera o sangue menstrual (e a mulher menstruada) como algo impuro e perigoso, aparece na fala das entrevistadas, já indicando práticas que apareceriam também no circuito de Fortaleza, como o plantar a lua e o acompanhamento do ciclo menstrual a partir da mandala lunar.

As mulheres entrevistadas por Ribeiro (2020) apontaram que os saberes e práticas utilizados nesses espaços de ginecologia natural e autônoma partem de diversas culturas, mesclando saberes milenares da medicina tradicional chinesa, a medicina Ayurveda e a medicina dos povos originários brasileiros e africanos. O principal objetivo dessas mulheres seria se afastar das práticas alopáticas e utilizar meios mais “conectados” à natureza, priorizando os processos de autoconhecimento.

Já Silva (2020) discute a relação entre plantas e mulheres, bem como sua relação de agenciamento mútuo em um círculo de mulheres em Salvador. O debate proposto pela pesquisadora mobiliza a relação natureza e cultura, a partir de diversos autores.

A pesquisadora indica que às mulheres coube um lugar inferior e subalternizado em relação aos homens, sendo construído um argumento de que as mulheres seriam mais animalescas, devido suas vivências corporais, como a menstruação, o parto e a amamentação, logo, estariam mais próxima à natureza. Essa condição fisiológica colocaria as mulheres em espaços privados e domesticados para que as mesmas se dedicassem a esse chamado natural (maternidade). Assim como as plantas, as mulheres também teriam sido domesticadas de modo a promover uma maior controle e melhor proveito da sua capacidade fértil.

A partir de uma abordagem qualitativa, Silva (2020) investiga um círculo de mulheres, em 2018, que tinha como centralidade um banho de folhas. Além do banho, as mulheres participantes tomaram chá de água de alevante (*Mentha spicata*), erva com a característica de “trabalhar o feminino”, promover “abertura”, de modo a tornar o encontro mais leve e as mulheres mais disponíveis para compartilharem suas questões.

⁷ Outros trabalhos, como o de Vasconcelos (2024), também apontam o lançamento desse livro como marco importante em torno da movimentação de um feminino sagrado e empoderado, popularmente, conhecido hoje como Sagrado Feminino.

Nesse círculo, as plantas assumiram a centralidade, uma vez que foram o foco da conversa, trazendo indicativos que o uso das plantas fazia parte do cuidado diário das participantes, seja como alternativa aos remédios alopático para o tratamento de doenças, servindo de consumo em chás e em tinturas, nos banhos e vaporizações ou ainda como cosméticos. Além das plantas e seus usos, também foram partilhadas críticas à indústria farmaceutica, que visam o lucro a partir dos “corpos das mulheres” e à sociedade patriarcal e capitalista que reproduz um imaginário de desvalorização tanto das mulheres como da natureza.

Ao som de tambores e maracás, sendo entoados cânticos de matriz africana, foi dado o banho de ervas. Uma mulher banhando a outra.

Para Silva (2020), esse círculo demonstra uma reafirmação da proximidade das mulheres à natureza, contudo, não há uma reprodução da inferiorização do binômio mulher-natureza, mas sim uma ressignificação desses elementos, reelaborando também a relação interespécies, ou como se expressa em:

A fala de uma das facilitadoras do encontro, ao tratar do potencial humano em relação à natureza, afirma: “Eu acho que reconhecer a planta enquanto um ser já é uma coisa que ativa o processo intuitivo. Já sai muito da lógica mental e já leva a outra forma de comportamento e atitude” (Silva, 2020, p. 43).

Silva (2020, p. 47) conclui que:

Foi possível perceber que é a partir das relações interespecíficas com as plantas e dos saberes compartilhados nessa vivência e experimentados no âmbito doméstico que as mulheres produzem experiências alternativas ao ideal capitalista e ao modelo patriarcal vigente. É nesse sentido que o círculo de mulheres revela uma politização e ressignificação da relação entre plantas e mulheres, não como forma de inferiorização destas, mas como uma relação capaz de superar as limitações impostas pelo atual modelo social.

Assim como a investigação de Silva (2020), percebemos no nosso campo de investigação a centralidade de elementos naturais, como ervas e cristais. Destacamos que a medicina dos Florais da lua assumiu o foco de vários círculos que se reuniam em Fortaleza-Ceará. Era atribuído a cada floral uma série de benefícios capazes de promover cura física, emocional e bem-estar.

Ainda que não tenha sido o foco principal de nosso trabalho, é importante deixar claro que percebemos continuidade entre os achados de Silva (2020), a partir de Salvador, e o que encontramos na nossa própria experiência investigativa.

A investigação de doutorado de Maso (2024) percorre a região centro-sul do país, entre os anos de 2018 a 2022, mesclando métodos tanto quantitativos como qualitativos de pesquisa. A pesquisadora entende os círculos como um movimento tanto secular como religioso, girando em torno de um ideal de construção de uma sociedade mais igualitária.

A autora chama atenção para a micropolítica posta em prática nos círculos a partir das dimensões do cuidado, do conhecimento e de técnicas de si que são elaboradas pelas participantes a partir da noção de uma sacralização do corpo. Nos círculos, aponta a autora, fala-se sobre o feminino como uma energia que está presente tanto em homens e mulheres. Parte-se então de um binarismo de gênero que reconhece uma complementaridade entre os mesmos.

Maso (2024) defende que se transformar em mulher, nos círculos, é transformar-se em sagrada. Esse movimento da mulher à deusa pode ser compreendido a partir da noção de “corporear”, como propõe Maso (2024), entendida como uma maneira crítica de perceber o corpo, não com os limites que o pensamento ocidental impõe. O corpo seria, portanto, uma invenção, podendo ser continuamente recriado, sendo também recurso estético, artístico e criativo. Maso (2024, p. 257) sintetiza essa discussão a partir do trecho:

Desde mi interpretación, sugiero que cuando las participantes utilizan la expresión recurrente «naturaleza femenina» se refieren a esa perspectiva de que, en sentido material, espiritual y afectivo, existen características masculinas y femeninas dadas, que construyen cuerpos. Para ellas, el camino es «equilibrar» características y no superarlas.

Vasconcellos (2023, 2024) parte de uma perspectiva racializada para entender o fenômeno do Sagrado Feminino, bem como experiências de mulheres negras que se distanciam dessa denominação.

A tese de doutorado de Vasconcellos (2024) investiga de modo interdisciplinar os incômodos de mulheres negras diante do Sagrado Feminino. A partir de uma etnografia multissituada realizada, sobretudo, no Rio de Janeiro, e nas redes sociais (netnografia), a autora dedica-se a descrever a dinâmica e as categorias presentes nessa movimentação, além de investigar um circuito de mulheres negras que se distanciaram do Sagrado Feminino promovendo críticas ao embranquecimento e práticas de cuidado ancestrais comercializadas nesses espaços.

A tese de Vasconcellos (2024, p. 142-143) sintetiza as críticas que vêm sendo feitas ao Sagrado Feminino e suas participantes:

[...] movimento do sagrado feminino atua, em consonância com a branquitude brasileira, se apropriando de símbolos e práticas de culturas marginalizadas e demonstrando dificuldade ou se recusando a pensar o seu lugar no mundo em relação às dinâmicas raciais dispostas.

Para a pesquisadora, vem sendo executado um processo de gentrificação do cuidado que transforma aspectos simples e acessíveis de determinadas práticas em artifícios complexos e caros, a exemplo dos artefatos usados para a vaporização do útero. Se inicialmente, a vaporização era feita com cumbucas e bacias simples, hoje, há bancos com designs elaborados que chegam a custar 400,00 reais.

Outra dimensão importante, destacada pela autora, é o embranquecimento de certas práticas, a exemplo da defumação que tradicionalmente está ligada a religiões de matrizes africanas e indígenas e que passa a se transformar em um produto/serviço a ser vendido por pessoas brancas, descaracterizando sua origem étnica-racial. Ademais, a venda de um processo de defumação também dessacralizaria tal ato, que em sua origem está situado no campo do sagrado, indicando uma profanação, uma simplificação do processo de defumar.

Esse processo de comercialização de práticas sagradas geraria não apenas lucro material, como também social. Vasconcellos (2024) explica que “ao se aproximar, fazer uso, se apropriar de símbolos e práticas afrobrasileiras e indígenas, pessoas brancas estão buscando se afastar da pertença à branquitude” (Vasconcellos, 2024, p. 147). Esse distanciamento da identidade racial branca provoca uma neutralização da questão racial, o que dificulta a percepção dos próprios privilégios bem como a responsabilidade que acompanha esse reconhecimento.

Temos ainda o trabalho de Sousa (2022) que investiga, a nível de mestrado, o fenômeno dos círculos de mulheres a partir do círculo Flor de Lótus (Piauí- Brasil). Esse círculo se estruturou como um grupo terapêutico, criado em 2021, voltado ao autoconhecimento e que mobilizava práticas como as constelações familiares, considerada um Prática Integrativa Complementar, além de meditações guiadas e leitura de livros da Clarisse Pinkolas Éstes (*Mulheres que Correm com os Lobos* e *A Dança das Mulheres Sábias: a descoberta e a aceitação do sagrado feminino e do seu poder*). Esse círculo era organizado por uma facilitadora que cobrou, por dez encontros, o valor de 800,00 reais. As reuniões aconteceram on-line o que possibilitou a participação tanto de pessoas da região de Teresina-Piauí, origem da facilitadora, como de outros estados (Maranhão e Mato Grosso do Sul).

O debate realizado pela pesquisadora apresenta o perfil das participantes, 13 mulheres, de idades de 35 a 70 anos, com ensino superior (algumas com pós-graduação) e com

acesso à trabalho e renda, com diferentes pertenças religiosas, além de uma abertura para participarem de outras formas de ligação com o sagrado.

Nas entrevistas realizadas há indicações de que as participantes percebem o Sagrado Feminino como uma movimentação de mulheres que faz parte da Nova Era, ou seja, que auxilia no processo de transição da era de Peixes para era de Aquário, momento em que se espera uma grande transformação social de modo que a sociedade se organize a partir de princípios mais humanitários, já que se atribui a esse signo um caráter mais pacificador e igualitário, de partilha e empatia.

O intuito da investigação se deu em torno da seguinte questão: o que é o sagrado feminino nos círculos de mulheres. A partir desse mote, a pesquisadora traz achados como a noção de que é sagrado aquilo que transcende o indivíduo e a valorização da linhagem feminina materna (inspirada nas constelações familiares), entendendo que a relação com a avó materna seria “a chave” para resgatar o equilíbrio com seu próprio feminino. Além disso, algumas ideias foram associadas a esse sagrado feminino, como intuição, cuidado, sensibilidade, força coletiva das mulheres, maternidade, herança ancestral (de dores e conquistas familiares), autoconhecimento e autovalorização da mulher.

Apesar de algumas respostas das entrevistadas serem conflitantes, como a questão da maternidade, que seria ao mesmo tempo uma marca do sagrado feminino como também representaria uma escolha individual, ou seja, não necessariamente estaria presente em todas as mulheres, as mulheres parecem ter uma compreensão desse feminino sagrado que gira em torno de questões essencialistas sobre o gênero feminino. A experiência feminina giraria em torno de marcadores como o cuidado, a intuição e a sensibilidade, sendo o sagrado feminino o processo de resgate e valorização dessas características, ou como coloca a própria autora:

Sugere-se pelas respostas obtidas no CMFL [Círculo Mulheres Flor de Lótus], que o Sagrado Feminino são aspectos da própria natureza da mulher como o parir, a menstruação, e do processo de construção social como o cuidar, o nutrit. O Sagrado, ao que indica, numa visão holística, não está separado do profano, mas é através deste que o outro se revela, por isso aspectos considerados mundanos, como o corpo, são tão importantes quantos os aspectos considerados espirituais (Sousa, 2022, p. 112).

Bastos (2023), por sua vez, trata dos círculos de mulheres em Recife (Pernambuco) indicando que essa movimentação em torno do feminino reconfigura o feminismo, apontando transformações na participação das mulheres nas esferas política, econômica e social, além de investigar como as dimensões da interseccionalidade e a inclusão da população LGBTQIA+ nesses espaços.

Para a historiadora, tanto os círculos de mulheres contemporâneos como o(s) feminismos tem como objetivo o empoderamento das mulheres. Ainda que historicamente se pense essas duas movimentações em torno do feminino de modo polarizado, contemporaneamente essas vertentes se encontram:

[...] as mulheres ligadas à espiritualidade começaram a abraçar as pautas sociais feministas e as mulheres ativas politicamente iniciaram a busca pela espiritualidade feminina. Enquanto o feminismo representa a luta, a externalização das necessidades das mulheres na sociedade, as práticas espirituais femininas representam a cura, a internalização, a aceitação e a compreensão do Ser Mulher, o que permite a modificação do interno para o externo (Bastos, 2023, p. 31).

Outro ganho positivo dos círculos, para a pesquisadora, seria a mudança de paradigma no que toca os “corpos e corporas”, incentivando uma nova perspectiva sobre o processo de cuidado e controle consigo mesma.

Uma das formas de construir e conquistar essa autonomia sobre os corpos se dá pela via da chamada ginecologia natural e autônoma. Há uma crítica, nos círculos de ginecologia natural e autônoma, que apontam como o saber médico foi produzido por meio da apropriação de saberes das próprias mulheres e de investigações científica baseados em processos racistas e misóginos.

É a partir de um curso de formação em ginecologia natural e autônoma, realizado no formato remoto, em março de 2020, que a pesquisadora conduz suas observações. No curso em questão foram trabalhados temas como a ginecologia natural e saberes indígenas, corpo, meio ambiente, alimentação, além das temáticas da promoção à saúde e cultura.

A pesquisadora destaca que havia algumas formadoras de povos indígenas, no que toca os temas da utilização de ervas e plantas medicinais, além de mulheres negras, transexuais, com diferentes identificações quanto à orientação sexual. Essa diversidade de elementos identitários colocou em cena vários discursos e interseções sobre as questões de gênero, raça e etnia.

Nessa experiência, percebemos que há uma interlocução entre saberes, povos e práticas, mostrando certa abertura para corpos e identidades diferentes do que é encontrado na maioria dos espaços que giram em torno do Sagrado Feminino. Pontuamos que a partir da pesquisa realizada em Fortaleza, bem como de outras investigações (Felitti, 2016; Maso, 2024; Vasconcellos, 2024), é notório que os círculos de mulheres se configuram a partir de marcadores de classe, raça e território, sendo as participantes, no geral, mulheres das classes médias, brancas e urbanas.

A autora conclui que os círculos de mulheres e o feminismo se complementam de modo a despertar a consciência de homens e mulheres para a construção de uma “nova ordem mundial”.

Já Silva *et al.* (2023) discutem a experiência de um círculo de mulheres on-line, realizado de abril a outubro de 2021, ainda no contexto de isolamento social, que foi proposto como projeto de extensão, intitulado “Na Comunidade e na Universidade - Círculos de mulheres: (re)descobrindo o poder interior na comunhão com outras mulheres”. O projeto foi coordenado por uma professora vinculada à Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O projeto colocava em diálogo os saberes do Sagrado Feminino e os cuidados de saúde integral.

A perspectiva da saúde integral, que entende a saúde numa perspectiva ampliada, não apenas como a ausência de doença, mas que contempla a dimensão física, emocional, mental e espiritual do indivíduo, abre espaços para composições e interseções como a que o ocorreu na experiência do projeto de extensão.

Os encontros, on-line, giravam em torno de práticas como meditação, tiragem oracular (Oráculo da Deusa, Oráculo do Pão) e apresentação de temas estudados pelas alunas integrantes do projeto, tais como: ciclicidade, arquétipos lunares (donzela, mãe, feiticeira, anciã), útero como cálice sagrado, sexualidade, ancestralidade e ginecologia autônoma e natural.

Os círculos de mulheres e a abordagem do chamado Sagrado Feminino parecem escapar dos espaços espiritualistas New Age e avançam para outros espaços, como a universidade, criando novos híbridos (Latour, 2019). Para as autoras, o Sagrado Feminino contribuiria para um resgate da consciência individual (e coletiva) no sentido de promover um maior autoconhecimento, além de estimular uma maior autoestima e aceitação do corpo, de modo a incentivar um comportamento de libertação de padrões estéticos.

2.3 O que são os círculos de mulheres?

Os círculos de mulheres podem ser compreendidos, em um primeiro nível, como reuniões entre mulheres para escutarem umas às outras e compartilharem experiências e ensinamentos. Contudo, não se trata apenas de rodas de conversas. Há nesses espaços um objetivo mais profundo, procura-se neles uma “cura para o feminino”, cura esta que pode se expressar de modo físico, emocional ou espiritual. Essa noção de cura pessoal é um dispositivo

que desencadeada uma reação mais ampla, em que a cura de uma mulher contribui para a cura de todas as mulheres e para a cura planetária.

Os círculos ou rodas- como também são chamados- podem ter como figura de destaque a “Facilitadora”, aquela que é responsável por convocar e conduzir a reunião. Nos círculos que participamos havia sempre uma ou duas facilitadoras mediando o encontro, mas sabemos que há também outros formatos de organização como círculos em que essa facilitação é rotativa, de modo que cada integrante do grupo assuma o protagonismo por essa condução.

Esses espaços podem assumir vários aspectos, alguns círculos são mais ritualísticos, com danças, cânticos, gritos, velas; outros se assemelham a um grupo de estudos, alternando leitura, partilha oral e práticas vivenciais, com exercícios de corpo e desenho, outros ainda podem adotar um viés mais terapêutico com banhos de ervas, Florais da Lua e escalda-pés ou ainda se apresentarem como uma mistura de tudo o que foi descrito até aqui, dentre outras tantas formas de se agrupar.

Em trabalhos anteriores, definimos os círculos da seguinte forma:

Os círculos de mulheres podem ser compreendidos como reuniões de mulheres para a partilha de experiências pessoais, onde há um espaço seguro de fala e escuta. Além disso, caracteriza esses espaços a busca por uma “cura do feminino”, uma vez que se comunga da noção de que o feminino nas sociedades contemporâneas está ferido. Essa ferida/cura se relaciona tanto à dimensão física, como emocional e espiritual, sendo mediada por técnicas de autocuidado e autoconhecimento ligadas tanto a práticas e saberes tradicionais como as do universo esotérico (Mesquita; Paiva, 2022, p. 2).

Como elemento comum nesses espaços aparece, além da necessidade de cura do feminino, a centralidade da noção de um feminino sagrado, cílico e ligado à natureza (Mesquita; Paiva, 2022).

Os Círculos de Mulheres podem ser entendidos, então, como expressão da Espiritualidade Feminina, uma vez que trabalham questões relacionadas ao processo de autoconhecimento e expansão da consciência, centrados na experiência feminina.

Nesse sentido, é preciso esclarecer que nesses espaços há uma compreensão particular sobre gênero. Os gêneros (masculino e feminino) são elaborados como energias (polos) que existem em ambos os seres (mulheres e homens). O feminino ou a energia feminina carrega intrinsecamente valores próprios ligados a uma ética do cuidado, de criação e nutrição, por isso, entende-se que há um essencialização do feminino (bem como do masculino).

“Os círculos de mulheres são recordações” foi a expressão usada por uma das entrevistadas:

[e] u acho que são recordações. Não tem outro nome. A primeira vez que eu fui [a um círculo] eu senti que eu já tinha estado ali em algum momento, que eu participei de alguma coisa assim parecida. Aí me veio essa palavra agora: recordações. A gente já praticava isso, a gente praticava isso em casa, quando, por exemplo, um familiar morria e então as mulheres se uniam para fazer aquele terço, eu lembro demais disso. (Oxum, 27 anos, entrevista realizada em 17 de julho de 2021).

A interlocutora aproxima o Círculo de Mulheres à prática de mulheres católicas de rezar o terço para encomendar a alma do morto a Deus. Ao aproximar as mulheres que rezam o terço às mulheres dos círculos, a entrevistada faz referência ao espaço compartilhado apenas por mulheres e à comunhão das mesmas com o sagrado, que pode se manifestar de diversas formas, seja nos círculos contemporâneos de mulheres ou nas tradicionais e longas noites de reza do terço ao velar um morto.

Outra interlocutora respondendo à pergunta sobre o que são os círculos de mulheres, levantou na resposta alguns elementos para se entender esse fenômeno. Ela aponta como próprios dos círculos de mulheres a noção de autoconhecimento, a valorização de um corpo capaz de gerar vida e o processo de cura (do feminino e do mundo) posto em prática pelas próprias mulheres (ou seja, a cura como potência interna):

[Q]uando eu comecei eu ainda chamei algumas amigas e expliquei que era uma experiência de autoconhecimento para a gente entender a força feminina que a gente tinha, para a gente entender a origem do machismo, para gente entender a questão de que o nosso corpo também que é muito forte. A gente não sabe a potência que o corpo da gente tem. O nosso corpo gera uma vida, alimenta uma vida e a gente não tem consciência disso. Nos círculos a gente começa a ter [noção] de que a mulher é capaz de ela mesma se curar, curar os filhos, curar o mundo para as pessoas (Sedna, entrevista realizada em 07 de março de 2022).

Outra entrevistada recupera o sentido de um resgate de um espaço coletivo compartilhando em que é possível se reconhecer na outra, reestabelecendo uma relação de confiança e irmandade entre as mulheres participantes, não mais inimigas, mas irmãs. Os círculos parecem apontar, nesse sentido, para novas relações coletivas e criação de vínculos, ainda que efêmeros, em um espaço urbano que privilegia o individual:

Quando eu comecei a frequentar [os círculos] o meu marido queria que a minha cunhada fosse comigo. [...] o que eu diria para ela e que eu não tive oportunidade [de dizer] seria, vamos lá porque são várias mulheres tão diferentes e tão interessantes! A gente vai lá para conversar, a gente vai lá para se conectar com nós mesmas e com as outras e descobrir que o que a gente passa é só nosso, mas que ao mesmo tempo é também coletivo. E que ao invés da gente tentar passar por isso sozinha, a gente pode passar acompanhada. Não acho que cura, cura é meio pesado, mas eu acho que as rodas de mulheres trazem um conforto muito grande, porque muitas vezes a gente-mulher- sozinha, isolada nessa sociedade que tenta, que tenta tão desesperadamente fazer com que a gente se pareça tanto com os homens, a gente fica sentindo esse vazio que não sabe de onde vem. Eu acho que só de ir para lá e sentir que a gente não é

mulher sozinha, que aquela outra mulher não é concorrente, nem sua inimiga [...]. Ela é sua irmã! Seria isso, eu diria para ela para ir lá para gente se divertir, para dançar e conversar com as irmãs (Amaterazu, entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2021).

Antes de se propormos uma definição, apresentaremos uma discussão prévia sobre o tema, a partir tanto de pesquisas acadêmicas (Valdes, 2015; Morales, 2016) como através de autoras intrínsecas aos círculos que aqui estão reunidas como um *corpus* de pesquisa (Bolen, 2011; Faur, 2011).

Para Morales (2016), os círculos de mulheres partem da ideia de que as culturas ancestrais tinham uma conexão com a natureza, sendo “a mulher” uma encarnação dessa Mãe Terra, força nutridora e criadora de vida. Além disso, a pesquisadora identifica os círculos como vinculados tanto à espiritualidade Nova Era como à “mexicanidade”, expressão específica de uma religiosidade esotérica mexicana. Os círculos também teriam um potencial questionador em relação às figuras femininas arquetípicas em que as mulheres não tinham um lugar central nas narrativas.

Valdes (2015), por sua vez, defende que os círculos de mulheres são espaços urbanos em que mulheres se reúnem para compartilhar conhecimentos e criar experiências psico-emocionais e espirituais, se constituindo como lugares seguros de fala, sendo atravessados pelas noções de cura, transformação e reflexão. Os círculos, acrescenta Valdes (2015), são momentos ritualizados, em que se estabelecem conexões e vínculos, sendo entendidos como uma resposta à ausência de espaços íntimos femininos da dinâmica moderna (capitalista e biomédica).

Valdes (2015) acrescenta que os círculos permitem a criação de relações de sororidade entre as mulheres, sendo permeados por experiências sensoriais, sensuais e estéticas, sendo espaços de cura e transformação, possibilitando rupturas e mudanças cognitivas nas subjetividades.

Para Faur (2011), os círculos, se bem estruturados, podem oferecer o apoio e sustentação necessários para o estabelecimento da cura emocional e do fortalecimento da espiritualidade das mulheres que dele participam. Os Círculos de Mulheres seriam lugares de divulgação dos valores e qualidades femininas, como a conexão, colaboração e compaixão, fortalecendo essa noção do feminino associado à consciência lunar (cíclica).

A autora também atribui aos círculos um potencial de transformação social, uma vez que em círculos as mulheres se fortalecem, sendo capazes de promoverem mudanças nas próprias vidas como no seu entorno, “[...] Individualmente, nenhuma mulher pode desencadear

mudanças no mundo, mas quando um círculo feminino de união e apoio é criado, há uma modificação vibratória na egrégora individual e coletiva” (Faur, 2011, p. 60).

Bolen (2011) também fornece algumas indicações sobre esse fenômeno. Um círculo é compreendido como um lugar igualitário de aprendizagem, podendo funcionar como um grupo de apoio, sendo também um agente transformador na vida das mulheres.

Estar em círculo se caracterizaria por uma experiência de aprendizado e crescimento, uma vez que possibilita a junção e o compartilhamento de diversas experiências de vida de várias mulheres que se reúnem para ouvir e acolher umas às outras, “[...] [e]le (o círculo) nos faz conscientes dos contrastes, através dos quais ficamos alertas sobre o que fazemos para perpetuar o *status quo* e como podemos alterá-lo” (Bolen, 2011, p. 33).

Tanto Faur como Bolen, ao longo dos livros aqui citados, fazem referências a como organizar e conduzir um círculo de mulheres. Faur elabora suas ideias de modo mais estruturado, citando várias outras autoras e livros, de modo a formar um amplo panorama dos estudos da Tradição da Deusa. Já Bolen o faz de modo mais rápido e curto.

A partir dessas indicações, pode-se começar a delinear alguns contornos desse fenômeno chamado Círculos de Mulheres.

Os círculos são reuniões de mulheres, onde se conversa sobre as próprias experiências de vida, compartilhando com as demais histórias, eventos e emoções. Partilha-se, nesses espaços, da compreensão de um feminino ligado à natureza, resgatando valores tidos como essencialmente femininos, como: o acolhimento, a colaboração, o cuidado, a nutrição, a criação de nova vida (ou de um novo projeto, já que se expande essa noção de criação de vida) e a ciclicidade. Os círculos serviriam como espaços íntimos de valorização do feminino, sobretudo, a partir de um resgate da Tradição da Deusa, alimentando a cultura atual com elementos de um passado mítico em que as mulheres eram reverenciadas e reconhecidas. Os círculos também seriam um estágio e uma ferramenta do processo da transição planetária, entendida como uma mudança de paradigma da sociedade, em que caberia às mulheres o protagonismo dessa transformação, não por via revolucionária, mas de modo gradual através de pequenas transformações que conduziriam a uma transformação total. A noção de cura do feminino também se apresenta como elemento chave. Entende-se que o feminino está ferido quando uma mulher não consegue lidar com as questões próprias desse feminino (a exemplo de emoções tidas como femininas, bem como os processos corporais femininos, como a menstruação/ciclicidade). Outro ponto de identificação de um feminino ferido é quando há problemas com outras figuras femininas (mais comumente questões com mães e avós, mas também relações mais distantes, como com colegas de trabalho). Essa cura é mediada por

técnicas terapêuticas que misturam saberes tradicionais com práticas neo-esotéricas, holísticas, integrativas e complementares, sendo importante a dimensão do natural (sobretudo ervas e cristais). Chama-se atenção, também, para o tom espiritual que os círculos assumem, pautado nos processos de autoconhecimento, melhoramento pessoal e expansão da consciência.

2.4 Nas rodas a girar: algumas experiências em círculos de mulheres, em Fortaleza - Ceará

Apresento agora três momentos de campo, em três círculos diferentes, sob diferentes facilitações, todos realizados em Fortaleza-Ceará, no contexto presencial. O primeiro foi realizado em 2019, o segundo em 2020 um pouco antes do início da pandemia do COVID-19 e o último, realizado em 2021, um pouco depois do início da vacinação. Escrevendo hoje, todas essas reuniões parecem ter acontecido há muito tempo.

Participei de outras reuniões desses círculos ao longo dos anos de 2019 a 2022, mantendo contato com algumas participantes e também facilitadoras, chegando a entrevistar algumas dessas mulheres a partir de plataformas on-line.

Esses três momentos foram escolhidos por apresentarem temas e dinâmicas representativas do campo como um todo. Esses círculos colocam em cena os cuidados com o corpo e a menstruação, a relação com a natureza, a partir dos florais e do banho de ervas, a relação com o sagrado a partir de processos fluidos, desinstitucionalizados e criativos, ressignificando elementos do catolicismo e fazendo uma colagem com elementos de outras matrizes religiosas.

Cena

Em uma sexta-feira 13 (13 de setembro de 2019), noite de lua cheia, depois da aula de metodologia, fui para mais um círculo. Eu já venho participando desse círculo há alguns meses, então, já conheço um pouco a facilitadora e as participantes. O círculo se reunia no bairro Dionísio Torres, em uma sala de um espaço holístico e tinha como custo o valor de 50 reais. Fui de uber e apesar do horário, por volta das 18 horas, cheguei em pouco tempo. Falei com um rapaz que estava na recepção e ele logo disse que eu já poderia subir. Subi e fiquei aguardando a facilitadora concluir a organização do espaço, fui então para uma outra sala, do lado de onde iria acontecer o encontro. Lá também aguardava uma mulher que até então eu não conhecia.

Aproveitei esse tempo de espera para já comentar sobre a pesquisa. Perguntei de onde ela conhecia a facilitadora e ela disse que “de lá mesmo”, que já tinha ido para uma outra roda. Pouco tempo depois as outras mulheres foram chegando. Continuei tentando “engatar” uma conversa, perguntei sobre algumas questões ligadas ao Sagrado Feminino, como o uso dos florais da lua. Uma das que tinham chegado disse que já havia tomado e gostado. Uma delas comentou sobre uma “roda de gestante” que iria acontecer por esses dias. Há uma intersecção entre os círculos de mulheres que tenho acompanhado e os círculos ou rodas de gestantes, indicando elementos comuns como o discurso de práticas naturais no que toca o parto, reivindicando uma “força feminina” para parir de modo “normal”, retirando o parto do espaço hospitalar e realocando novamente no espaço doméstico.

Pouco depois, chegou mais uma mulher, que até então eu nunca tinha visto no espaço. Era a primeira vez dela ali e ela me pareceu meio assustada. Ela chegou um tanto sem graça e perguntou se era para tirar a chinela ou não antes de entrar na sala que estávamos. Pouco depois ela se ausentou para atender uma ligação e quando voltou já era o momento de iniciarmos o círculo.

No meio da sala onde aconteceria o círculo havia uma toalha, no chão, no formato circular de mandala. Em cima dela, ao centro, uma bacia com pétalas de rosa e uma maçã. Também havia uma taça (de suco de uva), além de algumas velas acessas e cristais. Também havia algumas pequenas bacias, ao redor desse altar montado no chão, que usaríamos para a vaporização do útero, além de alguns maços de ervas a serem usadas para esse processo (artemísia e alfavaca). Outros elementos compunham o espaço, duas cadeiras e duas bacias para escaldar os pés. Nas bacias, havia pedras ametistas e camomila. A luz estava baixa o que criava um clima intimista.

O encontro começou com as participantes e a facilitadora em pé, num círculo. Estávamos em cinco mulheres e a facilitadora iniciou explicando que iríamos tratar sobre a menstruação, além de experimentar algumas “práticas de autocuidado”.

Começamos com um benzimento. Ela nos benzeu, uma por uma, e depois nós começamos a benzer uma a outra. O benzimento foi feito pela facilitadora com um incenso de ervas artesanal, e nós benzemos com o incenso comum. O benzimento, a facilitadora ensinou, é feito com uma erva ou incenso, girando o incenso do lado direito para o esquerdo, de modo a jogar a fumaça para o lado esquerdo, mentalizando limpeza, purificação e bênçãos.

Depois, a facilitadora explicou o que nós iríamos fazer em seguida: um escaldar os pés e a vaporização. No escaldar os pés uma sentou na cadeira e a outra lavou os pés da que estava sentada, depois, trocamos de lugar e de função de modo que todas tiveram os pés lavados e de

modo que cada uma vivenciasse o escaldapés por alguns minutos. Já na vaporização, cada uma tinha a sua própria bacia. Acocoramos, sem calcinha, e passamos 10 minutos acocoradas de modo a sentir o vapor d'água quente misturada às ervas. Uma estratégia utilizada para promover uma melhor absorção desse vapor pelo canal vaginal é cobrir as pernas e a região do quadril com a saia de um vestido longo, ou ainda, utilizar lençóis ou algum outro material para “abafar”, não perdendo o calor produzido pelo vapor.

A facilitadora havia pedido no grupo de WhatsApp para levarmos uma saia vermelha para o encontro. Eu havia levado um vestidinho curto vermelho, o único que eu tinha, contudo não havia ficado claro para mim que o vestido era para usar durante a vaporização de modo a garantir um aproveitamento do vapor. Por ser muito curto e leve, o meu vestido não cumpria com o objetivo de promover o “abafamento” necessário para a prática da vaporização. Nesse sentido, não fiz uma boa vaporização por conta dessa questão técnica. Na tentativa de promover uma melhor experiência a facilitadora disponibilizou algumas toalhas para “segurar o vapor”.

Encerramos o momento de autocuidado e na sequência, a facilitadora nos perguntou sobre como tinha sido nossa menarca. Segue alguns dos contornos dos relatos.

Eu iniciei dizendo que minha menarca aconteceu quando eu tinha 12 anos. Eu ansiava por esse momento, queria me sentir adulta e a menstruação representava isso para mim. Fiquei feliz por “ter vindo”, ainda que com um pouco de vergonha de contar para minha família. Uma outra mulher falou que “quando aconteceu” ela estava entre viagens, na casa da avó. A menstruação veio e ninguém deu muita importância, não tendo também muito apoio ou orientação das mulheres da família. Uma outra disse que menstruou muito cedo, entre os 10 ou 11 anos, e que sequer sabia direito o que estava acontecendo, não sendo uma boa experiência. A facilitadora também deu seu relato, dizendo que a menstruação veio quando ela estava brincando e pensou que tivesse se cortado. Ela disse que ficou com muita vergonha quando a mãe contou para outras pessoas da família.

Depois de termos contado de modo breve sobre nossa primeira menstruação, nos deitamos no chão e a facilitadora guiou uma meditação ativa, quando somos instigadas a imaginar algumas imagens conforme a guiança vai sendo feita. Imaginamos uma luz vermelha adentrando nosso corpo, depois, visualizássemos essa luz em todo o nosso corpo. Continuamos a visualização, imaginando que de nossas vaginas saíam raízes que se enraizavam na terra (Gaia), e depois, novamente a luz vermelha.

É difícil falar dessa meditação, porque a vivência dessa imaginação ativa foi muito longa e particular e só consegui realizar a escrita do diário de campo dois dias depois do

episódio. Eu me vi no útero de minha mãe, com uma vagina recém-formada de onde saíam as raízes que formavam um círculo, uma crosta no útero de minha mãe. E depois a luz vermelha se transformou em um vermelho do nascimento, “uma abrir-se em feridas” como no livro Vermelho Amargo (Bartolomeu Campos de Queirós). O nascimento é mesmo traumático, acho que eu não queria nascer, estava tão confortável lá onde eu estava, foi difícil sair, eu não queria. Me imaginei nesse processo de nascimento.

As meninas tiveram uma vivência bem diferente da minha. Uma delas viu o útero dela de todas as cores. A outra disse que ficou muito “mexida”, não só em relação à mãe como também em relação à filha pequena que ela tem. Outra também fez menção à filha, disse que a viu tendo a primeira menstruação mesmo ela tendo apenas 5 anos (atualmente). As três falaram ter dificuldade em mentalizar o vermelho.

Depois da meditação, provamos do suco de uva. E claro, ao longo do encontro entoamos alguns cânticos, como é comum nos círculos. Uma delas tinha como letra: “lua, canto para ti, lua meu amor, lua eu canto para ti, eleva minha alma”, que foi cantada na hora do escaldar pés. A facilitadora pediu para trocarmos a palavra “lua” pela palavra “ventre”.

Logo depois da meditação, sentadas, e com o toque do tambor da facilitadora, aprendemos uma nova canção. A letra trazia o seguinte verso: “eu vim do corpo da minha mãe, ela me deu semente boa. Nutre meu corpo, espalha em bênçãos, sou plantadeira de semente boa”⁸.

No momento final, ainda sentadas em círculo, compartilhamos nossa experiência, como tínhamos no sentido durante todo o encontro. Todas disseram que gostaram bastante.

Finalizo com algumas percepções finais. Achei esse encontro mais rápido do que os outros desse mesmo círculo. Começamos bem depois das 19:00 horas e terminamos umas 21:30. Sobre a vaporização do útero, a facilitadora disse que nós tínhamos passado 10 minutos acocoradas sobre o vapor, mas as mulheres disseram que não tinham percebido esse tempo todo passar. Todas disseram que pensaram que tivesse passado menos tempo porque ficaram muito confortáveis com a posição de cócoras. A facilitadora ainda comentou sobre a técnica do banho de assento que é muito bom não apenas para questões ginecológicas, mas para também para outros males, como dor de cabeça. Uma das mulheres complementou essa informação explicando que esses cuidados com a região pélvica trabalham o chacra base e que “tudo que esquenta vem para cima e que por isso faz bem para dor de cabeça”. Eu comentei que nunca

⁸ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xvent4auUU>.

havia usado cristais no lava-pés. Acho que todas realmente gostaram desse momento focado em cuidados.

Fim da cena

Cena

O círculo foi remarcado para o dia 28 de fevereiro de 2020, devido ao adoecimento da facilitadora. Por WhatsApp ela se desculpou pela mudança de data e deu algumas orientações para o encontro. Se possível, deveríamos levar vela branca, flores, barbante ou fio de algodão, dois papeis onde deveríamos escrever o que desejávamos manifestar e o que desejávamos banir de nossas vidas, além de portarmos roupa branca. A intenção do encontro seria o de celebrar nosso feminino e a conexão com a bruxa que há em nós. Iríamos manifestar nossa força em um ritual de proteção e liberação através do fogo, da voz e do movimento. Por WhatsApp, cerca de 55 mulheres confirmaram presença.

Cheguei no lugar do encontro, uma casa onde funcionava uma escola de práticas do universo holístico (onde eram ministrados cursos de reike, thetahealing, leitura de chakras, dentre outros) meia hora antes do encontro começar. Conversei com três mulheres que nunca haviam estado lá antes, aproveitei para comentar um pouco da pesquisa, marcando então meu lugar de pesquisadora. Também reencontrei algumas mulheres já conhecidas “de roda”, seja porque já haviam participado de outras reuniões daquele círculo ou de outras rodas que eu havia acompanhado na cidade, ou ainda, do Festival Madre Terra, festival sobre Sagrado Feminino que acontece anualmente na cidade do Eusébio-Ceará, do qual eu já havia ido a 2 edições.

As mulheres foram chegando, muitas de branco. Uma delas usava uma meia arrastão branca, podendo ser uma fada moderna, uma mistura de delicadeza e rebeldia. Outra estava usando um vestido branco de costas nuas, o que deixava suas tatuagens à mostra e algumas penas adornando o cabelo, compondo um estilo selvagem e sensual.

Nesse dia, no círculo, reconheci ainda algumas outras pessoas, uma mulher que trabalhava na recepção de um curso de inglês localizado no bairro Benfica, uma colega de curso (das Ciências Sociais) que agora estava atuando como terapeuta holística, além de outras conhecidas, como uma antiga amiga de ensino médio que agora estava mergulhada nas questões do autoconhecimento.

Esse encontro foi um dos mais rápidos, começando às 19:30 e terminando às 21:30. Esse círculo se reúne a partir da tiragem dos florais da lua, sendo esse processo o momento mais demorado da reunião. Dessa vez, o pagamento do floral (35,00 reais pago à vista ou no cartão) foi feito logo na chegada, antes do círculo se reunir, na recepção da casa. Nas reuniões

anteriores, o pagamento era realizado após a tiragem, o que acabava prolongando nossa estadia no espaço.

Fomos para o espaço destinado, uma espécie de quintal cimentado, nos fundos da casa, onde sentamos em colchonetes e ficamos sob o céu. A facilitadora deu as boas-vindas ao grupo. Fazendo uma contagem rápida, contabilizou 39 pessoas. Posteriormente, chegaram ainda outras mulheres, ainda que não ultrapassando o número de 50 participantes. Nessa noite, havia a “participação especial” de duas moças que iriam cantar e tocar violão, o que era um diferencial, pois no geral, as músicas eram cantadas apenas pela facilitadora e pelas mulheres que participam do encontro.

De início, a facilitadora pediu para que algumas mulheres falassem sobre como tinha sido a experiência de tomar o floral desde o último encontro do círculo, no mês anterior.

Uma das mulheres falou que tinha utilizado o floral dente de leão e que havia sentido uma maior fluidez e facilidade nas questões relacionadas ao sexo e ao prazer.

Outra mulher compartilhou sua experiência com o floral de malva, dizendo que durante todo o mês havia se sentido introspectiva, o que a surpreendeu pois no geral ela era bem expansiva e comunicativa. Essa súbita mudança de comportamento causou um estranhamento nela mesma, chegando a comentar com uma amiga sobre essa mudança brusca, foi quando então a amiga a recordou do floral, “-Isso é o floral!”. A partir desse apontamento da colega ela foi refletindo ao longo do mês sobre esse movimento interno de reflexão e amadurecimento, concluindo que esse processo é difícil e que frequentar as rodas a coloca em contato com questões profundas de si mesma. Além disso, a mulher também falou sobre a filha (de 9 anos) que todos os meses perguntava se ela iria para a roda, dizendo que também queria ir. Com uma filha nessa idade o assunto da menstruação já se colocava em pauta e um dos seus antigos medos era como abordar esse assunto. Ao final, ela ressaltou que atualmente, com calma e maturidade, ela estava abordando o tema da menstruação não como algo “sujo e nojento”, mas como algo sagrado.

Ainda registrei de memória o relato de outras duas mulheres. Uma delas disse ter tomado o floral maria sem vergonha e compartilhou com o círculo uma história de infância sobre a flor dessa planta. Quando menina ela ia sempre brincar em um cemitério e sempre havia muitas árvores com flores de maria sem vergonha. O floral da planta havia possibilitado essa lembrança e a reconexão com ela mesma quando menina.

Por último, houve o relato de uma mulher que tomou o floral de tanchagem e disse que passou por um processo de limpeza, por meio de vômito, dor de barriga e gripe. A mulher também relatou que não apenas ela teve esses sintomas, mas também a mãe e o marido (ambos

moram na mesma casa). Nesse momento, a facilitadora interveio, explicando que isso é comum de acontecer, uma vez que o floral age sobre todos aqueles que estão no ambiente e mesmo quando você não o toma, ele age, só pela presença dele. A mulher também falou que o marido e a mãe não acreditaram na explicação dela sobre o poder do floral e que insistiram em dizer que todos haviam pegado uma virose, ainda que não estivesse acontecendo casos de virose naquele período. Essa mulher também disse que fez durante 7 dias a vaporização do útero e que ao fazer a vaporização, colocava músicas e ficava cantando. Posteriormente, notou que os filhos e a mãe também haviam aprendido as canções e que ficaram cantarolando as músicas.

Depois dessas partilhas iniciais, a facilitadora tomou novamente a palavra, expressando sua felicidade por todas que estavam ali. Para ela, a roda era bastante esperada e desejada, pois ela considerava aquele momento de grande conexão e que mesmo não conhecendo a todas ali presentes de modo íntimo ela amava cada uma e que ela sabia que cada uma que estava ali escolheu participar da roda com o intuito de curar a si mesma e que ao curar a si cada uma estava ajudando a outra a se curar também.

Em seguida, foi perguntado quantas pessoas estavam ali pela primeira vez, várias mãos foram levantadas. A facilitadora explicou então a dinâmica do encontro, concentrando-se em explicar como escolher a carta do floral. Nas palavras da facilitadora, cada uma ao passar a mão sobre as cartas dos florais iria sentir um puxão na mão, essa sensação era da carta chamando. A esse momento de consulta oracular chama-se comumente de “tiragem do floral”, no sentido de que as participantes “tiram” (escolhem) uma carta dentre as 13 cartas disponíveis do oráculo, cada carta representando um floral da lua. Depois disso, a facilitadora expôs como seria o ritual.

A proposta de ritual era que construíssemos coroas de flores, com os materiais que havíamos levado, enquanto nos conectávamos com a música que nossas convidadas cantavam. Enquanto algumas iam construir suas coroas, outras iriam se encaminhar para tirar as cartas dos florais. E assim seguiria até que todas tivessem tirado suas cartas.

Posteriormente, iríamos fazer intencionar um banimento daquilo que já não fazia sentido permanecer nas nossas vidas e intencionar desejos de novas energias e perspectivas, por meio da escrita.

Logo na chegada a facilitadora havia recolhido as flores que ela havia pedido que levássemos e as colocou no centro da roda. Iniciamos o encontro ficando de pé e realizando o trabalho de feitio das coroas de flores, cada uma buscando um pequeno ramalhete para produzir seu adorno. Éramos envolvidas pela voz melodiosa das cantoras, pelo som do violão e pela facilitadora que guiava o momento.

Uma das músicas⁹ cantadas fazia menção a um totem formado por uma águia, um urso e uma tartaruga e pedia pela força de cada um desses animais. Logo depois, a canção se transformou em um Pai Nosso, da tradição Católica. Aqui, registro um trecho da canção:

A facilitadora iniciou o momento dizendo para que fechássemos os olhos e que a resposta que tanto buscávamos estava dentro de nós, que era preciso se voltar para dentro. Aos poucos ela foi aumentando o tom da voz, chegando mesmo a gritar, sempre repetindo que a resposta estava “dentro de ti”. A condução da facilitadora foi, contudo, restrita, pois o que se sobressaia eram as canções entoadas pelas convidadas. Enquanto isso, as mulheres do círculo foram uma a uma escolhendo sua carta do oráculo dos florais da lua. Elas iam até onde estava disposto o oráculo, escolhiam uma carta e verificavam de qual floral tratava a carta. Depois, colocavam a carta no mesmo lugar de onde haviam tirado e voltavam ao círculo.

Em dado momento, todas as mulheres já haviam retirado sua carta e estavam já com seu cordão de flores (às vezes apenas uma ou duas flores amarradas desajeitadamente). Seguiu-se então o momento de acendermos as velas com a ajuda da facilitadora, que com um isqueiro foi em cada uma das mulheres. Deixamos as velas em pé, no chão. Ela serviria para que queimássemos os papéis onde escreveríamos o que queríamos banir de nossas vidas. Em seguida, a facilitadora pediu que nos aproximássemos de outra mulher e dançássemos com ela. Guiadas pela voz da facilitadora, olhamos nos olhos do nosso par. A facilitadora nos guiava, dizia para acolhermos aquela mulher que está a nossa frente. Esse momento de conexão com a outra se findou num longo abraço. Depois disso, a orientação foi para que disséssemos, uma para outra, o que queríamos libertar, era parte do momento de banimento. A mulher que fazia dupla comigo me disse num som quase inaudível: - culpa. E eu disse: - raiva. A facilitadora continuou a nos conduzir, nos incentivando a verbalizar o que mais queríamos nos livrar, o que

⁹ Posteriormente, descobri tratar-se da canção intitulada “Uma Prece”, de Willi de Barros e interpretada por Cláudia Lopes (Cacau). A música está disponível na plataforma Youtube (https://www.youtube.com/watch?v=LdD_b8rpmXw).

mais queríamos banir de nossas vidas. O quê, de fato, queríamos deixar para trás não era aquilo que havíamos dito uma para outra, havia algo mais profundo e escondido, sugeriu a facilitadora. Ela nos pedia para que disséssemos mais alto o que queríamos liberar. Que disséssemos mais alto e mais alto, que gritássemos o que queríamos deixar para trás. As mulheres, seguindo a orientação, começaram a aumentar suas vozes cada vez mais. Num momento de cartáse as mulheres gritavam seus sentimentos e emoções, revelando o que elas tanto desejam abandonar: vaidade, inveja, ciúme, culpa, não se sentir bonita, não se sentir merecedora, dentre outras confissões gritadas.

A parte do ritual em que queimariam os intenções de banimento foi deixada de lado e na sequência, a facilitadora acalmou os ânimos, pedindo que nos sentássemos e que cada uma pegasse seu papelzinho para escrever nele o que queríamos atrair para nossa vida. Logo em seguida, houve um momento conjunto de partilha, que que cada mulher “manifestava”, em voz alta e dando um passo à frente, sua intenção. Alguns dos pedidos foram: presença, confiança, coragem, amor próprio, fertilidade, independência financeira, orgasmo, perdão, alegria, respeito, pertencimento, relacionamentos saudáveis, dentre outros.

Encaminhando a sessão para a finalização, a facilitadora pediu para que dêssemos as mãos e formássemos dois círculos, um menor ao centro e outro maior envolvendo o primeiro. A facilitadora ficou no círculo menor e começou a caminhar de modo que o círculo girasse. O círculo maior também começou a se movimentar, com dificuldade já que algumas velas permaneciam acessas, no chão. A facilitadora começou a saudar várias figuras femininas, primeiro com um “viva” e depois com um “salve”, ao que as mulheres respondiam em coro: “- salve”. Depois, as próprias participantes começaram a saudar outros nomes. Dessa forma, foram lembradas e saudadas, Yemanjá, Nanã, Oxum, Afrodite, Atena, Isis e Saravastir. Uma das participantes, uma jovem de seus vinte e poucos anos também saudou a princesa Esmelralda, personagem do desenho Hora da Aventura, ao que todas riram.

Antes de encerrar o círculo, a facilitadora disse que iria proferir algumas palavras e que se tratava de uma canalização da Bruxa entre mundos, explicando que nós somos acompanhadas de outros seres e que às vezes esses seres se manifestam, como naquela ocasião. Nunca antes havia tido uma canalização nas reuniões do círculo e a facilitadora chamou atenção para o fato de que se estávamos lá naquele dia era porque a mensagem da Bruxa entre mundos precisava chegar até nós. A mensagem canalizada era destinada a dois tipos de pessoas, aquelas descrentes que não acreditavam ou desconfiavam de sua própria intuição e poderes e para aquelas que já trilhavam esse caminho. Para as célicas a bruxa chamava a acreditar no caminho

da magia, e para as que já caminhavam nesse caminho, a bruxa disse para que elas não julgassem as companheiras e deixasse que cada uma percorresse seu próprio caminho.

Assim o círculo foi finalizado. Na sequência houve a entrega do floral e a partilha do lanche coletivo que aconteceu na cozinha do espaço.

Fim da cena

Cena

Conheci a facilitadora desse círculo há alguns anos, logo no início da pesquisa, em 2019. Na ocasião ela estava como participante e vendia alguns produtos de fabricação própria a base de óleos essenciais. No dia, me chamou atenção a propriedade com que a mesma falava sobre a aromoterapia, as propriedades dos óleos e o necessário cuidado nas dosagens e usos dessa medicina. Posteriormente, estive com ela em outros eventos, como em workshops sobre banhos de ervas, formação sobre ginecologia natural, Evento do dia Internacional da Mulher e, por fim, um círculo conduzido por ela.

Depois de um tempo “fora do campo”, devido às condições sanitárias impostas pela pandemia do Covid 19, resolvi retomar algumas atividades presenciais- na medida do possível- como forma de fortalecer os antigos vínculos criados ainda no contexto pré-pandêmico.

Como eu havia passado a acompanhar com bastante afinco as redes sócias das minhas interlocutoras, logo que essa facilitadora anunciou que iria fazer um círculo de mulheres presencialmente fiquei sabendo da atividade e confirmei minha presença.

No anúncio divulgado no Instagram constava o chamado para uma roda de Sagrado Feminino e o nome do círculo, com a indicação da data (23/07/2021), horário (19:00 horas) e endereço, um espaço holístico no bairro Meireles, considerado um bairro nobre da cidade.

O círculo custaria o valor de 72,00 reais. Além do valor pago pela participação no círculo eu também pedi para a facilitadora um *spray home care*, totalizando então o valor de 92,00, que ela deixou por 90,00. A facilitadora, assim como outras nesse circuito, costuma utilizar o termo “valor de trocar” em vez de pagamento, uma vez que se há a compreensão de que o dinheiro é uma energia que ao circular (ao ser trocado) traz benefícios para aqueles entrarem em contato com ele.

O dia da roda chegou e pelo WhatsApp recebi algumas /instruções (essa facilitadora não costumava criar grupos de WhatsApp e preferia enviar as mensagens de modo individual). Nós, as participantes, deveríamos ir de branco, azul ou lilás, levar um xale ou véu para pôr na cabeça, uma caneta ou lápis, uma garrafinha para pôr o banho de ervas que iríamos fazer. No

informativo, a facilitadora indicava que iríamos ganhar um kit com escalda-pés, *spray* para uso pessoal e um terço. Ainda pela manhã, deveríamos procurar tomar um pouco de sol, tentando nos conectar com essa energia solar, como ela tinha intuído.

Saí de casa de Uber, era um pouco mais de 18:00 horas e cheguei no espaço indicado um pouco antes das 19:00. Estávamos apenas eu e a facilitadora e começamos a conversar sobre uma experiência pessoal não muito boa que tive com uma constelação familiar. A facilitadora apontou que a depender do constelador as orientações podem assumir diferentes “tons”. Essas nuances de abordagens dizem respeito a diferentes gerações de consteladores, os mais antigos sendo mais tradicionais e firmes e os mais jovens mais flexíveis e com uma perspectiva mais crítica.

A conversa avançou com a facilitadora comentando que não concorda com determinadas abordagens e orientações da constelação, indicando que certas posturas podem retraumatizar a pessoa que está constelando, a exemplo dos casos de violência sexual.

Quando se diz para uma pessoa que sofreu uma violência que ela tem de perdoar o agressor, como por vezes acontece em processos de constelação, a pessoa vai sentir ainda mais raiva, sendo incapaz de reelaborar esse trauma, seguiu a facilitadora. A mesma disse que “acredita muito na verdade” e que numa constelação é preciso haver um movimento verdadeiro de quem está constelando em direção a emoções como o perdão e a aceitação. Nesse sentido, a facilitadora falou que “você não tem que algo, você tem que fazer o que você quer verdadeiramente”.

Na ocasião, pedi para fotografar o altar. No chão estava estendido uma manta retangular com um círculo ao centro, sobre a manta havia ervas para a produção do banho (hortelã, alecrim e manjericão), uma imagem de um deus hindu, dois porta-retratos, um com uma imagem de Kuan Yan e outro com o desenho de uma mulher com raízes, reproduzindo a proximidade da mulher à natureza. Além disso, havia também o Oráculo das Deusas (Amy Sophia Marashinsky e Hrana Janto), alguns maracás, os *sprays* a serem entregues, uma bola de isopor e um palito de churrasco (que utilizamos para uma atividade).

Figura 1 - Imagem de altar com ervas, carta dos florais da lua e imagens de figuras femininas sagradas



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Figura 2 - Carta do Oráculo da Deusa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Aos poucos as outras mulheres foram chegando, bem silenciosas, foi-se criando um clima intimista. Sentamos em alguns colchonetes no chão, dispostos em círculo, tomando certa distância umas das outras devido ao medo de contaminação, ainda que já tivéssemos tomado a vacina. Próximo ao colchonete havia uma sacolinha com os produtos do nosso kit, que a facilitadora disse que receberíamos, além de uma folha com algumas canções.

A facilitadora iniciou a reunião, comentando sobre o momento que estávamos vivendo, de muita dor, com uma retomada de miséria e fome. Ela chegou a se emocionar e chorar quando falou sobre a fila de pessoas disputando ossos que foi amplamente vinculada na mídia. A partir daí a facilitadora iniciou a explicação da proposta do círculo que seria trabalhar a noção de desapego, daquilo que precisamos “deixar ir”. Fariámos isso a partir das plantas. Ela havia separado dois ramos de plantas, um seco e outro fresco, além daqueles destinados para a preparação do banho.

Começamos, então, segurando um ramo de folhas secas- arruda e manjericão- que a facilitadora tinha secado em casa. As ervas exalavam um perfume muito agradável. Colocamos o xale sobre a cabeça e começamos a “ativação” das plantas com o objetivo de fazer uma limpeza em nós mesmas. A ativação consistia em esfregar os dois raminhos das ervas com as mãos de modo a mentalizar uma purificação em si mesma.

Assim como uma “vassourinha”, fomos varrendo nosso corpo, passando os dois raminhos de ervas por várias partes (cabeça, costas, braços, pernas, ventre) e pedindo para que fosse retirado “tudo que não tinha mais serventia”. A facilitadora fazia alguns chiados durante o processo, o que me lembrou os cultos da igreja pentecostal.

Começamos a pedir e intencionar sobre tudo aquilo que era preciso “deixar ir embora” e “se findar”. A intenção era imaginar que assim como a erva que já “estava se findando” que também morresse aquilo que nós julgávamos que não era mais necessário em nossas vidas. A ideia ali era que ao contato da planta com o corpo as energias “negativas” passassem para o ramo de manjericão e arruda. Ao final, foi indicado que as plantinhas secas fossem descartadas no jardim do espaço ou em algum jarro em casa.

Seguimos, então, com a facilitadora colocando uma música do Roberto Carlos, “Nossa Senhora”, que foi colocada na caixa de som de bambu. A condutora pegou um tambor para acompanhar o ritmo da canção e outras duas mulheres acompanharam com seus próprios tambores. A facilitadora me entregou um chocalho, adornado com duas imagens, uma de Kali – deusa indiana- e Yemanjá- orixá. Continuamos cantando e tocando os instrumentos, agora com o xale na cabeça, em respeito ao momento, como solicitou a facilitadora.

Figura 3 - Parte do chocalho com imagem de Kali



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Figura 4 - Parte do chocalho com imagem de Iemanjá



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

A facilitadora pediu para que depois procurássemos uma música chamada “Seres Humanos”, também do Roberto Carlos. Tal música foi escrita quando o cantor rompeu com a igreja católica e se aproximou de Chico Xavier, na época em que o filho do mesmo estava doente. Trago um trecho da música em questão:

Mas que negócio é esse de que somos culpados
De tudo que há de errado
Sobre a face da terra
Buscamos apoio nas religiões
E procuramos verdades em suposições
Católicos, judeus, espíritas e ateus
Somos maravilhosos
Afinal somos filhos de Deus
Somos seres humanos
Só queremos a vida mais linda
Não somos perfeitos ainda
Só quero a verdade nada mais que a verdade
Não adianta me dizer
Coisas que não fazem sentido
Que tal olhar as coisas que
A gente tem conseguido
E o mundo hoje é bem melhor
Do que há muito tempo atrás
E as mudanças desse mundo
O ser humano é que faz

Em seguida, a facilitadora seguiu conduzindo o círculo com palavras de “guiança” (direcionamento), refletindo que no nosso cotidiano acabamos por esquecer “do outro” que podem estar precisando da nossa ajuda, mas que por conta desse ritmo da vida, não percebemos. Então, ela pediu que fechássemos os olhos e intuísssemos “quem estava precisando do nosso amor”, “quem estava precisando receber aquela intenção”, sem julgamos e que nós confiássemos em nossa intuição. Ela pediu que anotássemos os nomes das pessoas que viesse a mente. Eu lembrei muito dos porteiros e seguranças do meu antigo trabalho.

Depois, já sentadas em círculo, a facilitadora começou a falar sobre o terço e a figura de Maria, mãe de Jesus. A mesma explicou que como ela vinha da doutrina espírita, em que a figura de Maria não é muito valorizada, a princípio ela própria não dava tanta importância ao terço ou a própria figura de Nossa Senhora. Com o passar do tempo e na medida em que ela se abriu para outras expressões de espiritualidade tinha se tornado mais claro a importância de Maria.

Se para o Kadencismo Maria não compreendia muito bem a missão de seu filho, disse a facilitadora, para ela Maria não só compreendia muito bem a missão de Jesus, como

abriu mão da própria importância, ocultando seu protagonismo, para realizar o propósito maior de seu rebento.

A figura de Maria, para a facilitadora, é marcada por atributos como a sabedoria e a coragem, sendo capaz de aceitar uma missão grandiosa, cedendo seu próprio ventre para ser morada do Cristo materializado, afinal, “alguém que carrega o Cristo não pode ser uma pessoa sem importância.

A facilitadora comentou que para muitas pessoas Maria representa o último recurso, a última esperança, tanto é que são muitas as expressões como “Valei-me, minha mãe”, “Valei-me Nossa Senhora” e citou também o filme *O auto da Compadecida*, quando João Grilo, como último recurso frente às portas do inferno, recorre à Maria, “advogada nossa”, como bem é lembrada na oração católica da Salve Rainha. A facilitadora falou então dessa capacidade de Maria de interceder pelas pessoas, sendo comum a prece através do terço, como pedido de interseção por alguma causa.

Na sequência, a facilitadora comentou sobre a prática do terço. O terço, como a mesma colocou, é um instrumento de intercessão, de pedido e prece por alguém ou algo. Essa expressão de fé comum no cotidiano popular é associada, muitas vezes, à Maria, a grande intercessora. A facilitadora falou que o feminino “tem disso”, “de ajudar”, “de oferecer a mão”, “de cuidar”. Maria seria uma forma de expressão do feminino, “Maria impediu que o feminino fosse completamente banido, ela é uma das faces da deusa e do feminino sagrado”.

Para ela, o terço também representa a noção de uma “punição mais leve”, uma forma de dizer que o pecado não precisa ser “pago com castigos corporais, dor e sofrimento”, mas que é possível “pagar” de forma mais leve. A facilitadora disse que não acredita nessa “história” de um Deus punitivo e castigador e acredita que é possível se relacionar com o sagrado de um modo mais leve e menos ligado à ideia de pecado e culpa.

A facilitadora também comentou e ressignificou o gesto católico do “sinal da cruz”. Se no catolicismo o gesto é acompanhado da fala “em nome do pai do filho e do espírito santo”, para ela há um significado mais profundo. A mesma explicou que, na verdade, os elementos da “santíssima trindade” são quatro: o pai, a mãe, o filho e o espírito santo.

As energias do feminino e do masculino são as duas energias criadoras, os opostos que são capazes de criar algo, daí a impossibilidade de existir um mundo apenas pautado na energia masculina- do pai, do filho e do espírito santo. O mundo é feminino e masculino, cada qual com determinadas características que se opõem, mas que juntas criam vida. A energia feminina é aquela que materializa, a que nutre, gerando dentro de si o material concreto, enquanto o princípio masculino é o princípio da ativação e ação. Essa forma de explicar o

mundo e a criação é a do Pathwork¹⁰, do qual eu já havia conversado em outro momento com a facilitadora.

A próxima atividade do círculo foi a construção de um rosário. A facilitadora disse que “trabalharíamos” algo que precisássemos transmutar, usando a metáfora da pérola. A pérola se forma a partir de um agente agressor, algo que causa algum desconforto à concha e que ela vai “amorosamente” trabalhando, com cuidado eutiliza, transformando aquilo dentro de si em algo bonito. Ela pediu que lembressemos de algo que precisasse ser transformado, algo que a gente já “pelejou para se livrar” e que chegou à conclusão que tem que aceitar e agir de outro modo. Lembrei muito da carta do tarô- A força- uma mulher que sutilmente segura o leão pela boca, quais feras dentro de nós precisamos domesticar?

Cada uma falou sobre suas pérolas e sobre o desejo de transmutar algo assim e fomos passando uma fita pelas bolinhas de isopor, formando como se fosse as contas de um terço. A facilitadora disse que a intenção é que em cada encontro daqueles houvesse esse momento de ir compondo um terço para que daqui a alguns encontros um terço realmente fosse formado.

Na sequência, a facilitadora falou sobre o modo transformado de rezar o terço. Em vez de se rezar “pecadores”, utilizar a palavra “rezadores”, não mais “na hora da nossa morte”, mas “na hora de nossa passagem”, e assim rezamos cinco ave marias, com as ressignificações.

Ave Maria cheia de graça o Senhor é convosco
Bendita sois vós entre as mulheres
Bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus
Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós rezadores
Na hora de nossa passagem
Amém

Na sequência, a facilitadora disse que iríamos fazer uma benção do útero com as ervas frescas. Faríamos em dupla, uma recebendo a benção e outra benzendo e depois trocaríamos, de modo que todas tanto recebesse como desse a benção do útero. A intenção era que uma ficasse em pé e outra sentada de modo a não haver muito contato, preocupações de um tempo pandêmico. E assim foi. Com um ramo de ervas benzemos uma a outra, de modo muito pessoal, sem uma fórmula ou receita, cada uma sentindo como abençoar, em preces baixas,

¹⁰ Segundo o site Pathwork Brasil, o pathwork é uma metodologia de autoconhecimento baseada em conceitos e orientações sobre como remover obstáculos que nos separam dos outros, da criatividade e da energia vital de modo a desbloquear nosso desenvolvimento e realização.

intencionando o que a outra necessitava. A moça que me benzeu começou tocando em minhas costas, justo onde há meses eu sinto uma dorzinha, do lado esquerdo. Depois ela foi passando as ervas pelo meu corpo, também murmurando desejos que se retirasse impurezas. Depois ela se abaixou e tocou na minha barriga, repetindo as preces.

Enquanto realizávamos a bênção do útero a facilitadora foi preparar os banhos. Em um balde de água fria ela misturou o ramo de ervas frescas- alecrim, hortelã e manjericão- e foi macerando as plantas. Enquanto esfregava as ervas com as mãos, misturando à água, ela pronunciava em murmúrio, preces e intenções de limpeza e cura. A ideia desse processo é que as intenções se misturem aos elementos naturais- água e plantas- de modo que a partir do banho a ser tomado com essa “água de plantas”, já coado, traga as intenções ditas, além de se acreditar que cada uma das plantas também contenha propriedades curativas, tanto fitoterápicas como fitoenergéticas capazes de promover cura, bem-estar físico, emocional e espiritual. O processo de produção do banho durou o tempo de duas músicas. Depois de concluído o benzimento, e o banho já preparado, pegamos nossa garrafinha (que ela tinha pedido para levarmos) e fomos enchendo com o banho de ervas preparado.

Antes de irmos embora, ainda no espaço onde se reuniu o círculo, mas já concluído o momento ritual, as mulheres começaram a comentar sobre como, no geral, as rodas de Sagrado Feminino são vistas como caras. Não apenas os círculos como qualquer atendimento com Práticas Integrativas Complementares são percebidas como pouco acessíveis.

Uma das mulheres, que também atende como terapeuta, para rebater esse tipo de pensamento, disse que há várias iniciativas de atendimento gratuito, mas que as pessoas não costumam aproveitar essas ofertas sem custo. A mesma salientou que algumas pessoas “colocam empecilhos” como a dificuldade de acessar o local onde está sendo oferecido a prática. A facilitadora comentou, por sua vez, que ela própria organizava duas rodas de mulheres gratuitas por mês na cidade de Maracanaú (região metropolitana de Fortaleza, onde ela mora) mas que não havia muita procura.

Ao final, acabamos –eu e a facilitadora- pegando carona com uma das mulheres participantes até o Shopping Benfica, o que facilitou nosso retorno para casa. Do shopping, a facilitadora pegou o metrô (ela morava em uma cidade vizinha, Maracanaú) e eu um uber para casa.

Fim da cena

2.5 Círculos de mulheres: alguns elementos a partir do campo de pesquisa

A partir da experiência de campo na cidade de Fortaleza-Ceará, apresentam-se mais alguns elementos que fazem parte da composição dos Círculos de Mulheres, de modo a tentar uma caracterização dos mesmos, ainda que não definitiva, dada a diversidade e fluidez do fenômeno.

A partir da observação-participante, do registro em diário de campo e de vinte entrevistas em profundidade realizadas com participantes desses espaços, elenca-se aqui algumas características dos círculos observados:

1. O feminino está ferido e precisa ser curado - há uma crença comum que permeia esses espaços, a de que o feminino na cultura ocidental está ferido, necessitando de cura. Esse feminino ferido seria resultado de uma estrutura patriarcal e machista que desconecta as mulheres de sua essência feminina e dos atributos ligados ela (cuidado, acolhimento, nutrição, criação). Esse desequilíbrio se dá a nível energético, físico e emocional. Essa cura, por sua vez, pode ser tanto física (no geral, relacionada a cura em relação a questões menstruais), como uma cura emocional (no que toca as relações com outras mulheres –mães, avós- ou ainda no que toca as relações amorosas);
2. Ressignificação da menstruação - era notório a importância da discussão sobre corpo, em especial, sobre a menstruação e sua ressignificação nos círculos e demais espaços em que se realizou a pesquisa de campo. Nesse contexto, o sangramento mensal é narrado e vivido de modo positivo e valoroso, sendo considerado expressão da capacidade divina de gerar vida, além de representar o poder criativo de morrer e renascer simbolicamente, significando um elemento empoderador para as mulheres participantes;
3. “Nós mulheres somos natureza” - a recolocação do feminino na natureza foi outro ponto marcante que também se repetiu nesses espaços, indicando uma torção de sentido, já que a natureza não representava mais uma sentença opressora, mas a fonte de poder e valorização pessoal. Nesse sentido, essas mulheres reelaboraram o próprio sentido da natureza, agora entendida como sagrada e lócus de poder;
4. Ciclicidade feminina - atributo feminino ligado ao movimento cíclico da natureza. A ciclicidade representaria um modo de ser feminino e é usada para explicar o ciclo menstrual (com suas fases de ovulação e menstruação). O ciclo menstrual é associado ao movimento lunar, sendo comum a indicação de

acompanha-lo a partir das fases lunares. Aqui se recoloca as mulheres/feminino na natureza, valorizando um modo de ser cíclico (feminino) em contraste com a lógica linear, atribuída ao masculino e às sociedades industriais e capitalistas;

5. Plantas e minerais como agentes capazes de produzir agenciamentos, tendo propriedades curativas, nutritivas, capazes de sanar mente, corpo e espírito. É comum se referir a cristais como pessoas, conversando com eles. Há a crença na existência de seres elementais presentes no reino vegetal e mineral. Os próprios florais da lua assumem um lugar de agenciação, interagindo e impactando aqueles que tomam bem como os outros que estão próximos a eles;

6. Diversidade de dinâmicas - um círculo pode se reunir a partir da proposta da leitura de um livro, a partir da tiragem de florais (no trabalho de campo, vários círculos se reuniam em torno dos Florais da Lua), dentre outras propostas. A reunião pode ser conduzida de modo mais ritualístico, com cânticos e danças, ou de modo mais dialogado, sendo difícil precisar um formato específico;

7. Auto-cuidado a partir de práticas tradicionais e neo-esotéricas. É comum o uso de práticas de saúde, cuidado, bem-estar que podem tanto estar alinhadas ao universo místico-esotérico, como às práticas integrativas complementares, bem como a práticas tradicionais, sendo tênue o limite entre elas. Dentre as práticas, podemos citar: florais da Lua, escaldas-pés com cristais, yonnes eggs, biodanza, banho de argila, aromoterapia, chás, ungüentos;

8. Autoconhecimento - nesses espaços, há um engajamento sobre si mesmo, no intuito de um aprimoramento pessoal que se dá através do autoconhecimento. Esse pode ser mediado por meio de uma observação de si mesmo, podendo serem utilizados recursos como meditações, visualizações guiadas e mandala lunar¹¹;

9. Os círculos são um fenômeno urbano. No geral, os círculos se reuniam na cidade de Fortaleza-Ceará, em bairros de classe média. Mesmo os eventos relacionados à temática que aconteceram em regiões mais periféricas, em cidades próximas ou mesmo em zona rural eram frequentados por pessoas da capital;

10. As mulheres participantes, no geral, são brancas, cisgêneros, escolarizadas (graduação/pós-graduação) e exercem atividade profissional remunerada;

11. Espiritualidade nômade - é comum que a trajetória religiosa das participantes tenha sido marcada por sucessivos pertencimentos religiosos, associados a uma

¹¹ Ferramenta bastante difundida nesses espaços que visa o acompanhamento do ciclo menstrual, com anotações diárias sobre sintomas físicos e emocionais ao longo do ciclo.

busca por repostas que acaba frustrada pelos dogmas institucionais, o que transforma a própria noção pessoal de religião. Nesse sentido, há uma sensibilidade religiosa aderente a uma espiritualidade fluida e individual, sem pertencimento religioso;

12. Embasamento teórico/bibliográfico - tanto as facilitadoras como as participantes têm um engajamento em termos de leitura e estudo no que toca os assuntos referentes aos círculos. O embasamento teórico é composto por livros de psicologia analítica, estudos de arquétipos femininos e de arqueologia (sobre sociedades matrifocais), referências relacionadas ao corpo, saúde e bem-estar, sobretudo, o que toca questões ligadas à menstruação, ginecologia natural, parto, além de livros relacionados à bruxaria, deusas, figuras femininas de destaque, ainda que excluídas do cânone religioso, como Maria Madalena, e de uma literatura própria sobre círculos de mulheres, como os livros de Faur e Bolen aqui citados.

A partir dessa caracterização dos círculos é possível observar sua relação com a Espiritualidade Feminina, inserindo-os na dinâmica de um novo campo religioso. A dimensão central de uma espiritualidade feminina se encontra na noção 11 (espiritualidade nômade).

A partir dessa ideia se articulam uma série de crenças, práticas, rituais e símbolos que desembocam num processo de cura desse feminino ferido (noção 1). Muitas dessas práticas giram em torno de práticas de autocuidado e autoconhecimento baseados em práticas tradicionais e neo-esotéricas (noção 7).

Algumas dessas práticas terapêuticas se baseiam em uma compreensão de uma natureza (ervas, cristais) capaz de produzir agenciamento (Noção 5- Plantas e minerais como agentes capazes de produzir agenciamentos). Esse processo terapêutico pode se processar a nível físico, emocional e espiritual, sendo essa busca por cura, sobretudo por uma cura do feminino (noção 1) o que move parte das participantes, o que faz com que elas próprias, por vezes, se identifiquem como “buscadoras”, não praticantes de uma religião mas aberta a vivenciarem experiências a partir de uma espiritualidade ampla, difusa e desinstitucionalizada (noção 11).

A noção 3 (Nós mulheres somos naturezas) abre espaço para uma identificação das mulheres participantes com a sacralidade de uma natureza entendida como uma entidade poderosa, criativa e criadora. Nos círculos que acompanhamos, apesar de não ser uma prática comum o culto a alguma deusa, a noção de um feminino sagrado se expressava no entendimento de que a natureza era sagrada e por serem as mulheres a encarnação da própria natureza, então,

elas próprias eram também sagradas. A noção de empoderamento, nesses espaços, se dá justamente por essa associação natureza-sagrado-feminino.

A essa natureza está articulada a capacidade biológica de gerar vida que perpassa o processo de ovulação e menstruação. Nesse aspecto, há uma ressignificação do ciclo menstrual (noção 2), sendo recontada a experiência menstrual de um modo positivo e atribuindo um valor de honra e gratidão ao processo de menstruar. O sangue é considerado um elemento sagrado e nutridor. Intimamente associado a essa narrativa, como à narrativa de que “nós mulheres somos natureza” (noção 3), temos a noção da ciclicidade associada ao feminino (noção 4). Aqui, há uma série de imbricações de sentido, como a construção da associação mulher- feminino- natureza-ciclicidade. A ciclicidade seria um atributo feminino, expresso tanto na natureza (ciclo lunar, estações do ano) como no corpo das mulheres pela menstruação-ovulação. Há uma compreensão de gênero pautado em um binarismo masculino – feminino, como opostos complementares, cada qual trazendo em si determinadas características e atributos.

A menstruação (noção 2), a ciclicidade (noção 4), a associação das mulheres/feminino à natureza (noção 3) são aspectos que são observados e vividos a partir de um processo de autoconhecimento (noção 8), sobretudo, a partir do acompanhamento do ciclo menstrual por meio de mandala lunar, bem como a partir das experimentações em torno da gestão do sangue menstrual, como no caso dos usos de coletores menstruais e absorventes ecológicos que aproximam essas mulheres do seu fluxo mensal reconhecendo características como cheiro, volume do fluxo, textura. O autoconhecimento, nos círculos perpassa não apenas uma dimensão corporal como também aspectos emocionais e espirituais (conexão e abertura à espiritualidade).

Já a noção 11 (Espiritalidade nômade) marca os círculos de mulheres como situados nesse contexto de uma modernidade religiosa, em que o indivíduo tem autonomia de escolha sobre sua própria crença. Essa não é herdada da família, mas construída no processo pessoal de “despertar da consciência” e busca individual. A partir das 20 entrevistas já realizadas com participantes de círculos de mulheres em Fortaleza, bem como a partir de um levantamento quantitativo realizado no contexto brasileiro, observou-se que a jornada religiosa das entrevistadas era marcada por uma sucessão de vínculos religiosos, expressando esse processo de “busca pessoal”. Dentro dos próprios círculos, observa-se essa fluidez, uma vez que é possível participar de vários círculos concomitantemente, não havendo exigências ou contrapartidas quanto ao pertencimento ao grupo.

Por fim, a partir do trabalho de campo e da revisão de literatura realizada, apontamos como características dos círculos o caráter urbano (noção 9). Ainda que existam

registros de círculos que se reúnem em comunidades no território rural, as mulheres que deles participam tem uma vivência marcada pela cidade. A caracterização das participantes gira a partir dos seguintes marcadores: mulheres brancas, cisgêneros, escolarizadas (graduação/pós-graduação) e que exercem atividade profissional remunerada. Pela sua alta escolarização e acesso a bens culturais, outro ponto que saltou dos círculos foi o fato de haver um corpus bem definido e crescente de autoras e livros sobre o tema que são consumidos por facilitadoras e participante (noção 12).

3 O CAMINHO ATÉ UM FEMININO SAGRADO: A PESQUISA COMO UMA JORNADA

Para iniciar, me coloco nessa pesquisa como uma antropóloga em casa (Strathern, 2017), investigando minha própria língua e cultura. O campo me pôs em diálogo com uma Outra que em certo sentido era muito próxima a mim, mulheres cisgêneros, brancas, de classe média, escolarizadas- muitas com pós-graduação- e com acesso ao mercado formal de trabalho.

Talvez, a maior diferença que eu guardo com as mulheres participantes dos círculos seja quanto ao vínculo religioso. Se várias delas me falaram-nas entrevistas- sobre uma repulsa às instituições religiosas e de rupturas graves com a igreja, eu –ainda que não me declare mais católica- lido bem com as instituições religiosas e não passei por nenhum grande choque com as figuras sacerdotais. Um outro ponto importante de diferença é a trajetória espiritual marcada pela ideia de “busca”. Tanto nas entrevistas quanto na coleta de dados quantitativos, ficou notório um movimento-fluxo- religioso dessas mulheres, contudo, eu não tracei esse mesmo movimento. Me declarei católica até os 14 anos e, posteriormente, por achar que não estava crescendo na fé, deixei de frequentar os encontros da Renovação Carismática e à missa dominical. Ainda assim, continuo guardando certos ritos cristãos, a benção aos mais velhos, o respeito aos dias santos, além de nutrir um forte apreço pelos santos e santas católicos.

Uma antropologia feita em casa traz consigo uma maior reflexividade, ou seja, uma maior consciência de si, ora como sujeito transformado em objeto de pesquisa ora como sujeito que realiza uma investigação. Essa posição em campo também nos torna mais sensíveis aos métodos e ferramentas de análise (Strathern, 2017). Isso posto, dou início a minha caminhada até um feminino sagrado.

3.1 Pesquisa de campo: múltiplas possibilidades

A condução dessa pesquisa foi feita a partir de uma perspectiva qualitativa, com base, sobretudo, no trabalho de campo presencial por meio de observação-participante e no registro escrito em diário de campo das atividades acompanhadas.

A partir das relações construídas em campo (nos círculos, eventos e cursos que participei ao longo de 2019), foram mediadas e realizadas vinte entrevistas em profundidade com mulheres facilitadoras e participantes desse circuito, ao longo dos anos de 2021 e 2022. Todas as entrevistas foram realizadas on-line, pela plataforma Zoom, sendo gravadas, com a autorização das mulheres.

Minha inserção nos círculos se deu a partir de indicação. Minha estratégia se pautou em mobilizar uma rede de contatos prévios para poder conhecer e acessar novos contatos. Em 2019, a existência dos círculos de mulheres não era tão difundida quanto se tornou nos anos seguintes e para saber da existência dos mesmos era necessária alguma proximidade com mulheres já participantes desse circuito. Com o passar dos anos, a divulgação via internet, e a própria transformação dos círculos, que passaram a ser on-line facilitou o conhecimento e acesso de novas participantes.

Além de acompanhar seis círculos presenciais de forma sistemática, também participei de *lives*¹², muito comuns durante o período de isolamento social, atividades de círculos que funcionaram no formato on-line, grupos de WhatsApp, cursos, workshops, eventos, festivais, webnários. Ao longo dessa jornada, registrei 85 atividades de campo, seja no contexto online ou presencial.

A internet também se fez presente por apresentar um campo possível a partir, sobretudo, da plataforma Instagram, acompanhando páginas relacionadas aos temas e salvando postagens a partir da ferramenta da própria rede social que permite organizar as postagens que você tenha interesse em “pastas” arquivadas no seu próprio perfil, na opção “salvamento”. Ademais, ao acompanhar as páginas de algumas interlocutoras por meio das *lives* e dos *stories* também foi possível tomar notas e “printar” imagens e textos que eram divulgados pelas próprias mulheres, criando bancos de imagens relacionadas ao tema.

Ao acompanhar os contatos previamente estabelecidos, seja com as facilitadoras seja com as participantes, por meio das ferramentas on-line, sobretudo através do Instagram e WhatsApp (a partir de grupos), foi possível o fortalecimento do vínculo com essas mulheres de modo a possibilitar a negociação e realização de 20 entrevistas, nos anos de 2021 e 2022.

Portanto, a pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva multissituada (Marcus, 2001), mesclando estratégias que dessem conta das transformações do próprio campo que se constituiu entre os universos on-line e off –line.

3.2 Observações preliminares: inserções antes de começar a pesquisar

Relato agora minha trajetória até os Círculos de Mulheres e ao universo do chamado Sagrado Feminino, expressão de uma espiritualidade feminina que frequento desde 2017, na cidade de Fortaleza-Ceará.

¹² Encontros on-lines, síncronos, realizados, no geral, pela plataforma Instagram, com a possibilidade de interação com as pessoas que estão conduzindo a live. Esse formato foi bastante comum nos anos de 2020-2022, ainda considerando as limitações de encontro presencial devido a COVID 19.

Em 2017, comecei a participar de um Círculo de Mulheres que se reunia em torno da leitura do livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés (2014). Meu interesse, na época, era muito mais voltado ao livro em si e à prática da leitura, que eu havia deixado de lado devido a uma carga horária de trabalho excessiva. Tomei ciência desse dito grupo a partir de um perfil de uma tatuadora de Fortaleza que compartilhou a divulgação nos seus *stories*, do Instagram. Até então eu nunca havia ouvido falar de roda/círculos de mulheres e do tal Sagrado Feminino.

O primeiro encontro do grupo me chamou muita atenção, porque, diferente do que eu pensava, o grupo “teórico-vivencial” era muito mais do que um grupo de leitura e trazia elementos de uma espiritualidade que contemplava diversos símbolos religiosos ligados a um feminino sagrado até então ocultado por uma cultura centrada no homem. Ao me deparar com aquela dinâmica, tive a impressão (ou intuição) de que aquela movimentação poderia indicar uma outra forma de compreender a própria noção do feminino, tocando em questões como corpo, natureza, cultura e religião.

Ainda em 2017, participei do I Festival Madre Terra, um evento voltado para o público feminino em busca de autoconhecimento e reconexão com a natureza. O festival, realizado no Eusébio (cidade da região metropolitana de Fortaleza), me deu uma visão mais ampliada sobre o tal “Sagrado Feminino”, algo muito maior do que eu pensava até então.

Depois de três dias de festival, em que ocorreram diversas atividades como práticas de meditação, yoga, técnicas de relaxamento, purificação e/ou expansão da consciência como Barra de Acess, Reike, Massagem Xamânica, Benção do Útero, dentre outros, o senso sócio-antropológico começava a indicar que, de fato, havia “algo” acontecendo ali. Não se tratava mais de apenas um punhado de mulheres que se reuniam mensalmente para ler um livro e ter algumas vivências terapêuticas para ressignificar questões pessoais quanto à experiência feminina, havia outras mulheres que também tinham seus grupos e que se interessavam por aquelas questões, engajadas em reencontrar a “mulher selvagem”, em se “reconectar com a natureza”, voltadas para o resgate de técnicas de cuidado integrativas, que levassem em consideração o equilíbrio de corpo-mente-espírito.

Mais do que um interesse pessoal, comecei a me perguntar como poderíamos entender aquela movimentação em torno de um feminino divino, natural e poderoso. Se a associação das mulheres à natureza foi o argumento para o controle e submissão do feminino ao masculino durante séculos, como agora aquelas mulheres encontravam na proximidade com a natureza sua força pessoal? Que movimento - de sentido- estavam aquelas mulheres fazendo? Que mulheres eram aquelas (em termos de idade, raça, etc)? Que natureza era essa agora

cósmica, poderosa e mística? Se com a Antropologia e os Estudos Gênero eu havia aprendido que a noção de Patriarcado já não nos servia mais, devendo ser superada por um sistema sexogênero (Rubin, 2017) ali, naqueles espaços eu ouvia reiteradamente que era o “patriarcado” o culpado pela opressão das mulheres. Essas foram as minhas primeiras questões de pesquisa, antes mesmo de começar a pesquisar, de fato.

Durante o ano de 2018, continuei a participar do círculo e a seguir diversos perfis nas redes sociais que falavam sobre o Sagrado Feminino. No final desse mesmo ano, já havia me apropriado de algumas leituras sobre Sociologia da Religião (Hervieu-Légér, 2015), Modernidade (Giddens, 1997, 2002) e de alguns livros que eu encontrava como indicações em diversos perfis nas redes sociais ou mesmo a partir do círculo que eu participava (Faur, 2011).

No final de 2018, submeti ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, o projeto intitulado: Da mulher a deusa: o sagrado feminino como produtor de novas subjetividades femininas.

Por tudo isso, minha entrada em campo foi facilitada uma vez que eu já fazia parte daqueles espaços, possuindo já relações prévias que me indicavam outras mulheres que facilitavam novos círculos. Essa participação prévia também marca meu lugar de proximidade e afinidade com aquelas mulheres e com as questões ali levantadas. Além de trazer dilemas, como ser percebida como “aquela que vai dar voz” ao Sagrado Feminino.

3.3 Nas rodas a girar: estratégias de organização

Em meados de março de 2019, ainda no primeiro ano de doutorado, comecei a realizar o trabalho de campo. Na época, a ansiedade de iniciar logo “o campo” foi motivada por dois fatores. O primeiro, por uma fala da facilitadora do círculo que eu participava que havia me alertado para uma possível dificuldade de acessar outras rodas de mulheres, já que algumas delas eram fechadas, não aceitando pessoas de fora depois de formado a egrégora, e segundo, eu tinha planos pessoais de me mudar em breve para o interior do estado (planos esses interrompidos pela pandemia e só efetivados em janeiro de 2023).

Acreditei então que o fato de eu já estar previamente inserida nesse circuito poderia representar uma forma de conseguir descobrir e me inserir em novos círculos, daí então minha pressa. Eu não poderia arriscar em perder meus contatos iniciais e só ir a campo um ano depois. De fato, acredito que foi mais fácil encontrar outros círculos de mulheres na cidade pelo fato de eu já conhecer pessoas que faziam parte dessa movimentação, e foi assim que o campo foi

se formando de modo orgânico, a partir de indicações de conhecidas que me colocavam em contato com novas rodas.

No geral, contatava a facilitadora previamente, seja por Instagram ou WhatsApp, e já anuncjava meu interesse em participar da roda devido a pesquisa que eu estava realizando. Já nessa época, os círculos eram divulgados por meio da Internet, o que facilitava meu acesso, possibilitando uma maior agilidade nessas trocas anteriores ao encontro.

Uma vez no círculo, também me apresentava publicamente, diante de todas as mulheres, como estudante de doutorado da Universidade Federal do Ceará, que estava realizando uma pesquisa sobre círculos de mulheres. Também ressaltava minha inserção prévia em outro círculo como forma de criar mais conexão com as mulheres participantes. Se por um lado ali, eu era “a pesquisadora”, também nunca deixei de ser previamente “uma interessada”. Foi assim que, ao longo de um ano (março/2019 a março/2020), acompanhei de modo mais sistemático cerca de seis círculos, indo a aproximadamente trinta reuniões presenciais, além de ter participado de eventos como workshops, cursos, imersões e festivais.

Estando inserida nos círculos também comecei a acessar outras atividades relacionadas: cursos, workshops, imersões de final de semanas, etc. Nas rodas, conheci mulheres que também tinham seus círculos ou que começaram a conduzir suas próprias rodas posteriormente. Foram nesses espaços que fui construindo relações que foram mantidas durante os anos subsequentes e que possibilitaram a realização de entrevistas em profundidade.

A partir dos encontros nesses espaços, e inspirada na organização feita por uma colega pesquisadora, produzi os registros de diário de campo, além de notas, por vezes à mão, mas na sua maioria digitada em documento de *word*. Com os registros feitos, sistematizei as temáticas abordadas em uma planilha do *google* planilhas, o que tornou mais fácil a visualização dos temas trabalhados durante os encontros.

No *google* planilhas, criei uma classificação para organizar as informações. Listei como em um cabeçalho os seguintes tópicos: a atividade acompanhada (se círculo, imersão, curso, workshop), data do encontro, modalidade (se presencial ou on-line), cidade e bairro onde o círculo se reunia (nos casos dos círculos e atividades presenciais), nome da(s) facilitadora(s), “achados importantes” (os temas mais importantes que foram tratados durante o encontro), atividades (descrição breve das ações que se desenvolveram durante o encontro), meio de registro (se diário de campo, notas, registro digitado ou à mão) e valor do encontro. Ao todo, registrei nessa planilha 85 atividades de campo, dentre atividades presenciais e *online*.

Figura 5 - Parte da planilha desenvolvida para catalogar as atividades de campo¹³

Nº	ATIVIDADE	DATA	ANO	MODALIDADE	CIDADE	BAIRRO	Nº de participantes	FACILITADORA	ASSUNTOS	ATIVIDADES	ACHADOS IMPORTANTES
1	Pré-camp. Roda Xamânica da prosperidade	09/02/19	2019	Presencial	Fortaleza	Altos			Propriedade	Calice de Prata, Visualização do E Dourado, Cânticos de Jujuaria, Urucum	Experiência de quase morte da facilitadora
2	Pré-camp. Inversão em Ginecologia Natural	15/02/19 a 17/02/19	2019	Presencial	Muungu	Zona Rural	6-7		Saúde da Mulher, Anticoncepcional	Abra Anhinga, Vaporização, instrumento para ver o colo da útero, magia com vela, libação de leite e mel	Mística Andina, Vaporização do cloro, magia com vela, abra, 4 elementos
3	Rodinha	04/04/19	2019	Online			1		Sagrado Feminino e Femininismo		Documentário da Dra Isadora, Firmamento A ten verheira, A call to the power! The grandmothers speak, Círculos de Mulheres, as novas matriarcas Ajuricaba do herói, Criança de lua
4		06/04/19	2019	Presencial	Fortaleza	Cidade dos Funcionários			Alquimistas Femininos		
5	Conversa com Barbara	15/04/19	2019	Online	São Paulo		X		Sagrado Feminino e Questão trans.		Yin Yang, Jung, Animus e Anima
6		24/04/19	2019	Presencial	Fortaleza	Cidade dos Funcionários	3			Executando as apresentações- questões sobre aborto e interrupção	Caldeirão, taça, círculo de fogo, água viva que da água
7		05/05/19	2019	Presencial	Fortaleza	Cidade dos Funcionários			Arqueiro da Árvore Iguia mingauante	Partição Genital, cantar seu próprio nome, ouvir o coração unir as duas, abraçar unir as duas	

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

3.4 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas via internet, sendo gravadas (imagem e áudio). As negociações das entrevistas foram feitas via internet, seja através de mensagem pessoal no Instagram ou pelo WhatsApp. Antes de realizar a entrevista, enviava um Termo de Consentimento para o e-mail da entrevistada ou WhatsApp, de modo a formalizar o objetivo da entrevista e as condições em que a mesma se realizaria. Além disso, também adotei a leitura do termo no início da gravação da entrevista, de modo a registrar as condições previamente acordadas.

A escolha das interlocutoras a serem entrevistadas se deu pautada nos seguintes critérios:

- presença nas rodas- ao longo do ano de 2019 e início de 2020, realizei o trabalho de campo (em contexto presencial). Nesse período de um ano, vivi intensamente o circuito do Sagrado Feminino na cidade. Nesse período, já identificava que certas mulheres eram mais presentes que outras nesses espaços. Nesse sentido, um dos

¹³ Informações confidenciais borradas.

primeiros critérios que eu considerei foi a presença nos círculos. Procurei então entrevistar mulheres que tinham uma alta frequência de participação nas reuniões; b) facilidade de acesso- ao longo dos anos de 2020-2021, mantive contato com algumas mulheres via redes sociais e perdi o contato com várias outras. Foi mais fácil me vincular aquelas mulheres que tinham uma maior frequência e engajamento nas redes (Instagram e WhatsApp) e foram essas mulheres quem busquei primeiro para negociar as entrevistas;

c) variedade etária, de raça e de atuação profissional- procurei entrevistar uma variedade de mulheres, no sentido de buscar dentro das relações que construí, mulheres de diversas faixa-etária, raças/etnia e atuação profissional, com vistas a entender a partir de um espectro mais amplo as perspectivas dessas mulheres sobre os próprios círculos, suas motivações de aderirem a esses espaços e as críticas quanto a um fenômeno marcadamente branco e da classe média urbana;

d) diversidade de espaços- ao longo do trabalho de campo, estive em vários espaços, nas reuniões das rodas de mulheres, mas também em festivais, cursos, workshops e imersões. Tentei contemplar, nas entrevistas, a diversidade encontrada em campo, procurando mulheres que eram vinculadas a diferentes pontos desse circuito.

Entendemos com Michelat (1975 *apud* Kaufmann, 2013) que uma amostra não é considerada representativa numa perspectiva qualitativa, mas ponderamos os critérios acima descritos como forma de evitar erros de generalização a partir de uma amostra pouco diversificada. Adotamos, então, tais critérios como pontos guia para a escolha de nossos informantes, entendendo que “amostra, trata-se de escolher bem os seus informantes” (Kaufmann, 2013, p. 923).

A partir desses critérios, listei 25 nomes de mulheres a serem entrevistadas, dentre facilitadoras e participantes e a partir da lista, comecei a abordagem para a realização das entrevistas. Como esperava, algumas declinaram o pedido, outras até indicaram concordância, mas não engajaram firmemente e acabei desistindo de uma abordagem mais incisiva para me dedicar a outros nomes que se mostravam mais abertos.

Ao final de 2 anos, tinha as 20 entrevistas realizadas, um número que me garantia certa diversidade de mulheres, bem como de perspectivas, contemplando tanto mulheres que facilitavam os círculos, como participantes. Atribui a cada uma dessas mulheres um nome de uma deusa, a partir das divindades retratadas pelo Oráculo das Deusas. A maioria dos nomes

foram escolhidos por meio de tiragem oracular e outros por atribuição pessoal, de modo associativo, como no caso das mulheres negras a quem atribui nomes de Orixás.

Adotamos a proposta de Kaufmann (2013), de uma entrevista compreensiva, ou seja, levamos a sério a curiosidade de compreender a Outra e seu mundo, com suas contradições, dúvidas e descobertas, “[...] é preciso simplesmente procurar compreender, com amor e consideração, também com uma intensa sede de saber” (Kaufmann, 2013, p. 1062). No momento da entrevista, adotamos uma conduta empática e não julgadora, de modo a deixar a entrevistada confortável e criando um momento agradável e de troca. Ao início da entrevista, lia o termo de consentimento e explicava em linhas gerais os objetivos da pesquisa e da entrevista, relembrando alguns momentos em que estive junto com a entrevistada nas rodas e demais eventos relacionados à temática.

Também assumimos, com Beaud e Weber (2014), a perspectiva da entrevista etnográfica, ou seja, uma entrevista que não está desassociada da pesquisa de campo, mas que dialoga com a observação participante realizada. Como já foi dito, as 20 entrevistadas foram mulheres que conheci no contexto da pesquisa com os círculos de mulheres em Fortaleza, logo, elas estavam presentes no campo, experenciando a ritualização de um feminino sagrado.

As entrevistas foram realizadas on-line, o que facilitou a logística do encontro como também colocou novas questões, como algumas interrupções, da minha parte ou da parte das interlocutoras, o que não prejudicou o andamento das conversas. No geral, as entrevistas duraram em torno de 1 hora.

Foi elaborado um roteiro base (APÊNDICE A) para as entrevistas, utilizado tanto para as participantes como para as facilitadoras, com as devidas adaptações. Na construção desses roteiros, nos inspiramos em Kaufmann (2013), quando o mesmo orienta uma elaboração de perguntas a partir de macro temas e de modo que as mesmas sigam uma lógica. Ainda com ele, entendemos que o roteiro de perguntas não deve ser seguido de modo mecânico e engessado, mas servindo como um guia condutor da conversa, permitindo fugas, recuos e improvisos, a depender das reações e disponibilidade de cada uma das mulheres.

As perguntas foram elaboradas a partir de temas e questões já observadas anteriormente em campo, iniciando com questões mais gerais e leves, de modo a dar um tom leve, descontraído e de confiança à entrevista, e só na sequência tocando em pontos mais sensíveis, a exemplo da dimensão da participação de mulheres transgêneros nos círculos de mulheres.

Nas três primeiras entrevistas realizadas, tentamos coletar dados objetivos (pertencimento étnico-racial, idade, escolaridade, dentre outros) gravando as respostas durante

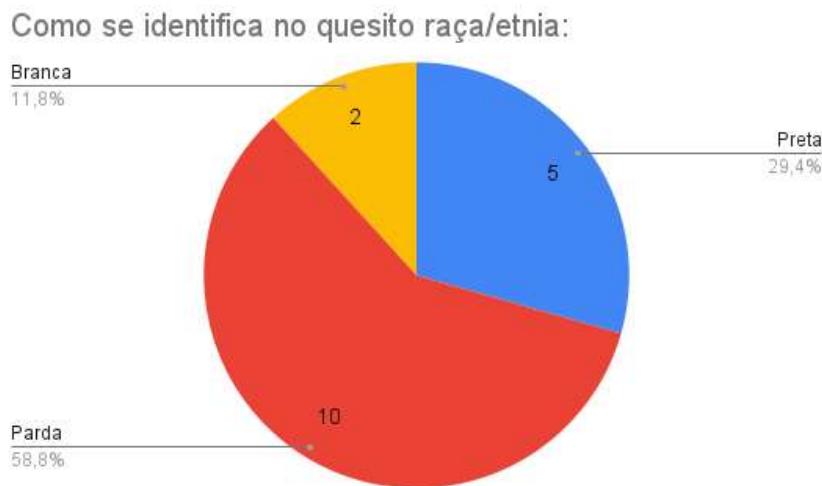
a realização da entrevista, contudo, percebemos que essa dinâmica de coleta tornava a entrevista enfadonha, por isso, nas outras dezessete entrevistas utilizamos um formulário do Google para coletar tais dados, dando mais agilidade ao processo de coleta e tornando o momento mais agradável para a interlocutora. Ao final da entrevista on-line, enviávamos, no geral, via WhatsApp o formulário a ser preenchido pela entrevistada. Não houve objeções em relação a esse preenchimento por parte das interlocutoras.

3.5 Perfil das entrevistadas

Ainda que numa abordagem qualitativa o que esteja em foco seja a história contada e não os critérios operantes (Kaufmann, 2013), trazemos aqui alguns marcadores identitários importantes para entendermos quem fala e de onde se fala.

No que toca ao pertencimento étnico e racial, dentre as opções amarela, branca, preta, parda, indígena, as 17 respondentes se identificaram com as categorias branca (11,8%), parda (58,8%) e preta (29,4%).

Figura 6 – Como se identifica no quesito raça/etnia



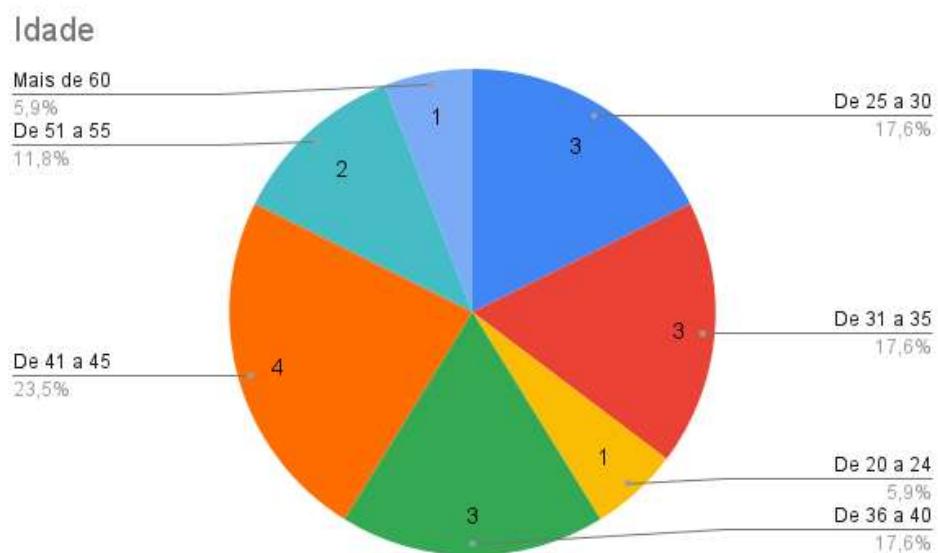
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Aqui ressalto que a auto declaração “parda” nem sempre coincide com a heteroidentificação racial, uma vez que em torno do pardo giram inúmeras questões. No senso comum, o pardo é compreendido como o miscigenado, contudo, a bibliografia sobre a questão racial brasileira assume o pardo como pertencente à categoria de negros (pardos e pretos). Levanto esse debate aqui no sentido de chamar atenção de que esse dado objetivo guarda diversas questões uma vez que a própria categoria “pardo” é problemática, uma vez que há uma

confusão e um baixo letramento racial por parte de quem se auto identifica como pertencente a um grupo racial, ainda que não tenha o fenótipo a ele relacionado.

Já sobre o critério etário, as interlocutoras variavam de mulheres de 21 a 63 anos de idade. Estabelecendo camadas de idades, o gráfico registrou a predominância de mulheres entre os 25 e 45 anos, compreendendo, então, mulheres adultas, na idade fértil, como consta a seguir:

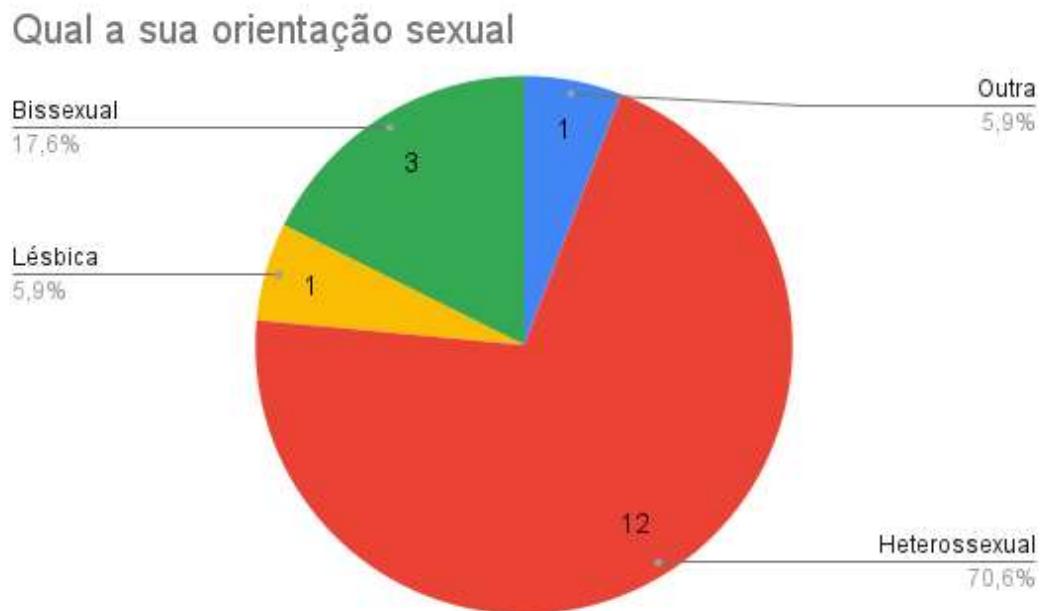
Figura 7 – Idade



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

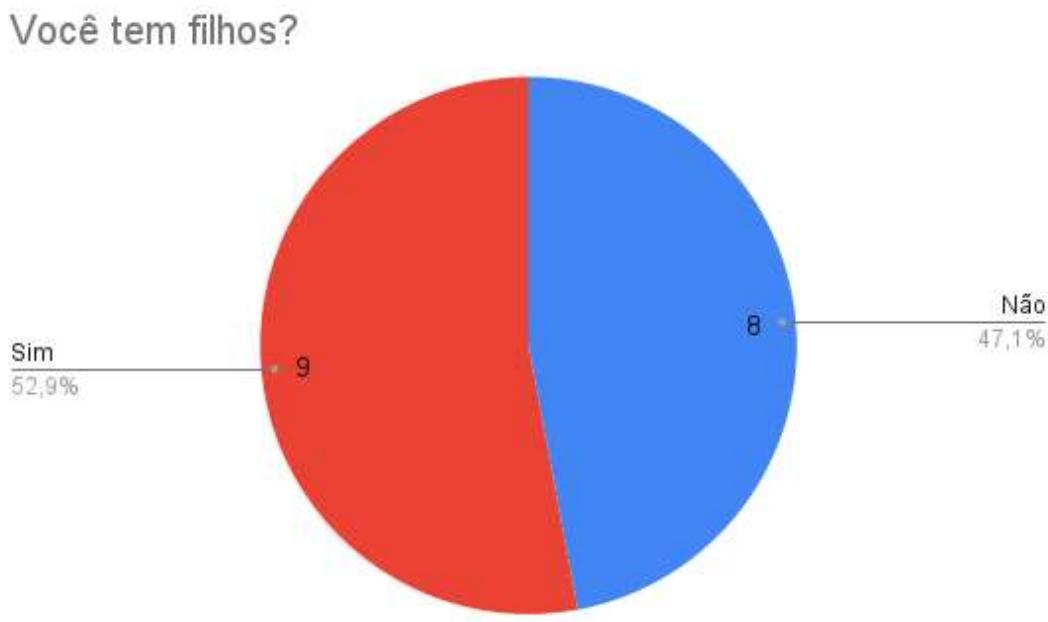
Quanto à orientação sexual e estado civil, cerca de 70% se declaram heterossexuais e 64% casadas, como segue:

Figura 8 – Qual a sua orientação sexual



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

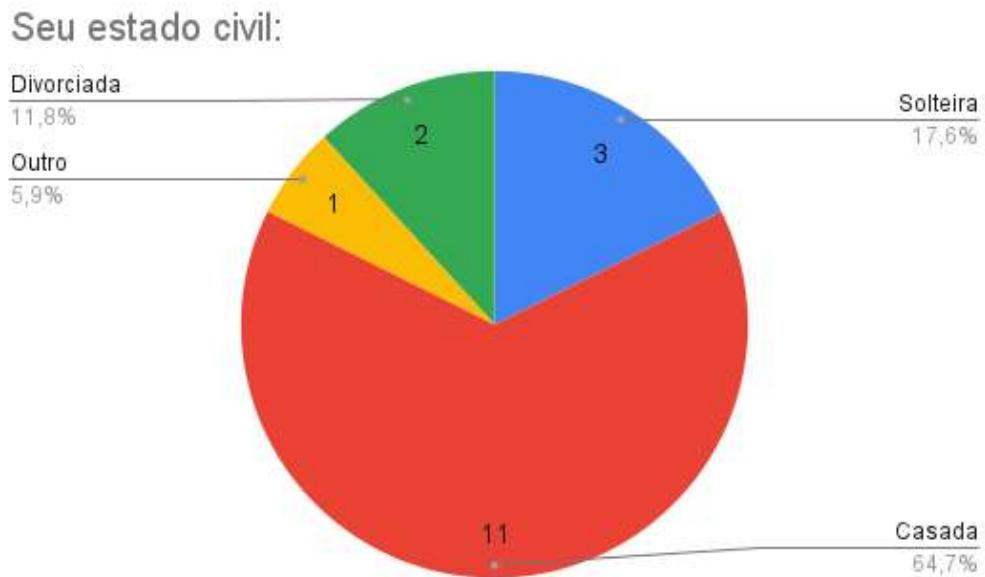
Figura 9 – Você tem filhos



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em relação à pergunta “você tem filhos?”, 8 mulheres disseram que não e 9 disseram que sim:

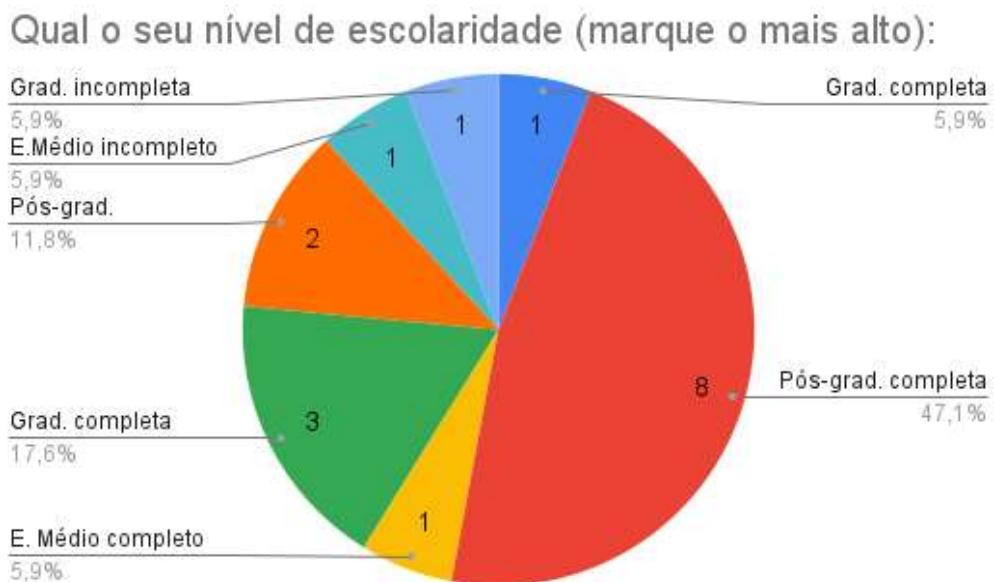
Figura 10 – Seu estado civil



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

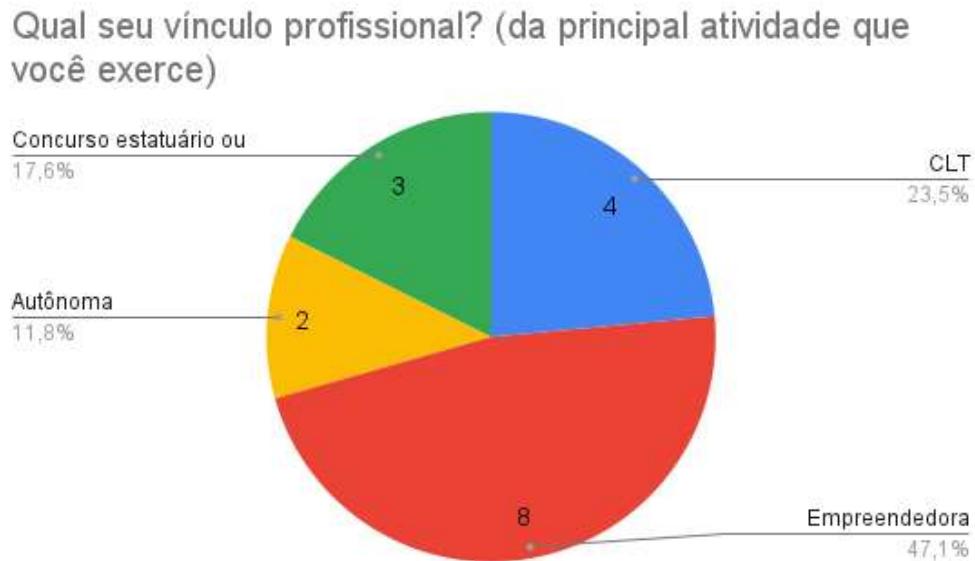
Cerca de 47% das mulheres declararam ter pós-graduação completa e 47% indicaram que sua principal fonte de renda vinha de atividade empreendedora, no sentido de serem autônomas, como segue:

Figura 11 – Qual o seu nível de escolaridade (marque o mais alto)



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 12 – Qual seu vínculo profissional? (da principal atividade que você exerce)



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Esse curto retrato das entrevistadas nos permite imaginar com quais mulheres estamos falando, no geral mulheres auto identificadas como pardas, no sentido de serem miscigenadas, em idade fértil, heterossexuais, casadas, com uma alta escolaridade e que exercem uma atividade empreendedora. Aqui, já fica claro que estamos tratando de um estrato muito específico de mulheres que tem na alta escolaridade um ponto chave de uma vivência espiritual crítica aos dogmas religiosos e que buscam uma espiritualidade fluida e individualizada.

3.6 Nas rodas a girar: os círculos de mulheres em Fortaleza (campo presencial)

Durante o ano de 2019, acompanhei de modo sistemático 6 círculos de mulheres que se reuniam em Fortaleza, Ceará. Esses círculos eram facilitados, no geral, por uma ou duas mulheres. Algumas facilitadoras estavam a frente de dois círculos propondo atividades em espaços e dias e horários diferentes. Essas rodas também se diferenciavam em relação aos preços, variando de encontros gratuitos a encontros que custavam 140 reais. Trago aqui nomes fictícios para os círculos, de modo a não os identificar.

Quadro 1 - Valores e quantidade de encontros (nomes fantasias dos grupos)

Nome fantasia dos círculos	Valor por encontro	Qtd de Encontros acompanhados
Caminhantes	50,00	5
Flores que curam	Gratuito/ 35,00 para quem comprava os florais	8
Flora da Terra	gratuito	2
Da Primavera	120,00	5
Das Curandeiras	140,00	5
Pachamama	gratuito	6
		31 atividades

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A observação-participante desses círculos foi a principal atividade dessa pesquisa e foi a partir dos contatos estabelecidos nesses espaços que posteriormente proporcionou a realização das entrevistas.

Desses seis círculos, descartei o círculo Pachamama, uma vez que se vinculava ao Movimento Mística Andina e envolvia temas próprios desse grupo. Ainda que haja semelhanças com os outros círculos de mulheres, tais como a abordagem da menstruação e da “energia feminina”, o círculo de mulheres Pachamama era focado em resgatar saberes mágicos ligados à natureza em consonância com os valores da Mística Andina. Dessa forma, o círculo de mulheres, nesse contexto, servia muito mais como uma metodologia de trabalho, trazendo outros elementos vinculados a uma Vicência espiritualista específica.

Além desses círculos, também vale registrar o acompanhamento de um outro círculo presencial, organizado pela facilitadora Bast.

O círculo facilitado por Bast funcionava de modo esporádico, assumindo diversos nomes, não havendo uma noção de continuidade entre os encontros. A cada encontro se trabalhava um determinado tema. Essa facilitadora fugia um pouco do roteiro seguido pelas demais, por vezes descentralizando o local do encontro, já que ela também organizava círculos nas cidades de Maracanaú e Caucaia. A mesma também foge ao roteiro da maioria das mulheres por, por exemplo, não ter ensino superior completo. Cada círculo de Bast que eu participei custou 72 reais.

Apesar de ter participado de apenas dois círculos facilitados por Bast, pude estar com ela em diversos outros momentos ao longo dos anos, seja em cursos (presencial e online), workshops sobre banhos de ervas, oficinas de ginecologia natural, quando aprendi a fazer uma garrafada, eventos do dia das mulheres, sendo ela uma das principais e mais disponíveis interlocutoras.

Ademais desses círculos, elenco também a participação de 3 outros eventos relacionados à temática. Esses outros três eventos aconteceram nas cidades de Eusébio, Mulungu e Guaramiranga, todas relativamente próximas à Fortaleza. Nesses momentos, notamos um movimento das mulheres de Fortaleza- muitas já participantes desses espaços- para as referidas cidades, sendo possível articular caronas para chegar aos locais.

Esses eventos eram imersões de final de semana, um com a participação de cerca de 300 mulheres, no formato de festival, com diversas atividades propostas por inúmeras facilitadoras e os outros dois, em um formato mais intimista, com acomodação em pousadas, em quartos individuais ou compartilhados e refeições vegetarianas, além de vivências pensadas para um pequeno grupo de mulheres. A participação nesses eventos envolvia uma disponibilidade muito maior de dinheiro, uma vez que envolvia gastos com acomodação, alimentação, além das vivências promovidas pelas facilitadoras, além de outros gastos como locomoção, como consta a seguir:

Quadro 2 - Eventos, valores e distância de Fortaleza

Evento	Ano	Cidade	Distância de Fortaleza	Quant de facilitadoras	Quant de participantes	Valor do evento em reais
Evento 1	2019	Eusébio	24 km	Diversas	300	320 (incluso alimentação e espaço para barraca)
Evento 2	2019	Mulungu	120 km	3	6	250 (incluso acomodação e alimentação)
Evento 3	2022	Guaramiranga	106 km	2	9	700

						(incluso acomodação e alimentação)
--	--	--	--	--	--	------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

3.7 Nas rodas a girar: as possibilidades do virtual

Quando a pandemia chegou ao Brasil, eu já pensava em “sair do campo”, pois notava que os temas começavam a se repetir, indicando certa saturação. Com a pandemia, meus esforços se concentraram muito mais em continuar em contato com as mulheres que eu havia conhecido (seja participando de atividades que elas promoviam no contexto on-line ou acompanhando suas mídias digitais), negociar entrevistas, acompanhar ainda alguns encontros de círculos- quando foi possível estar junto de modo presencial- e sobretudo, me dedicar às leituras e análise dos achados do campo.

Com a migração para o *online*, novas dinâmicas foram colocadas em prática. Um dos círculos ainda ocorreu no formato virtual, ainda que não tenha tido muitos encontros. As facilitadoras que já atuavam integralmente com terapias holísticas tiveram que adequar seus serviços para o contexto da pandemia. Algumas delas se dedicaram a terapias que não necessariamente se destinavam ao público feminino, outras começaram a adotar uma comunicação mais empreendedora, com técnicas de marketing digital e vendas, outras ainda se dedicaram a atividades voltadas para mulheres, porém, de modo menos sistemático. Tudo isso me apontou para um outro viés, a discussão sobre empreendedorismo e espiritualidade.

Com a dissolução das fronteiras do espaço-tempo, devido à migração para o on-line, outras possibilidades surgiram como a de participar do 1º Encontro da Rede Círculos de Mulheres de Pernambuco, ou ainda de um grupo de estudos sobre o livro Círculos sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina, iniciativa de uma facilitadora de círculos e terapeuta holística de João Pessoa (Paraíba). A nova rotina de *lives* me trouxe a possibilidade de acompanhar outras mulheres que estavam promovendo seus trabalhos relacionados a um feminino sagrado, não apenas no que toca a facilitação de círculos, mas também de outras formas, promovendo debates relacionados, sobretudo, à ciclicidade e à menstruação.

Ressalto aqui a série de *lives* promovidas pela Educadora Menstrual Isa Graciano, do Instagram @sabedoriamenstrual, que promoveu durante o mês de julho de 2020 a Semana da Literatura Menstrual, com a seguinte programação:

02/07/20- *Live* com Danielle Fellippe e Tatiane Guedes, editoras do livro Dançando com a Lua e Caminhando Juntas, de autoria de DeAnna L'am;

04/07/21- *Live* com Josiane Tiburski, tradutora do livro Meu Sangue é Ouro, de autoria de Lara Owen;

06/07/21- *Live* com Vivian Victor, autora do livro Margarida e o Jardim Florido.

No Instagram, entre maio de 2020 e setembro de 2021, salvei o total de 358 publicações, através da ferramenta “arquivamento”. Esses posts tratam de assuntos como: menstruação, ciclicidade menstrual, licença menstrual, livros relacionados ao Sagrado Feminino, divulgação de jornadas e imersões, ginecologia natural, parto natural, educação menstrual, dentre outros assuntos relacionados. Ainda que não sistematizados, esses *posts* possibilitam visualizar os caminhos pelos quais a noção de feminino sagrado e cílico estava caminhado, por vezes se despiritualizando, tornando-se mais político ou indicando a profissionalização de quem trabalha com o tema.

Também acompanhei grupos de Facebook e entrei em grupos de WhatsApp, ainda que estes não sejam tão movimentados quanto o Instagram, me trazendo poucos dados sobre o tema. O Facebook, contudo, permitiu que eu encontrasse uma outra pesquisadora de Círculos de Mulheres, Tchela Masso (brasileira, vinculada à Universidad Autónoma del País Basco). A partir dela, foi possível localizar outras duas pesquisadoras, Thainá Ribeiro (da Universidade Federal da Bahia) e Camila Gabriela Conceição (Universidad de La Republica - Udelar) e de outubro de 2020 até meados de 2023, nos encontramos regularmente para trocarmos referências e debater temas comuns às nossas pesquisas, além de termos apresentado trabalhos em conjunto, e organizado e lançado um dossiê sobre o tema.

Ainda no contexto on-line, ao perambular (Leitão; Gomes, 2017) pela internet, tomei conhecimento de um círculo de mulheres de Fortaleza que estavam se reunindo on-line para discutir a dimensão do feminino no mundo corporativo. Como a facilitadora estava inserida no circuito que eu já participava, conhecendo algumas outras mulheres que eu também conhecia do contexto presencial, busquei a mesma pelo Instagram e comecei a acompanhar as reuniões do grupo, me identificando como pesquisadora e chegando a apresentar para alguns participantes alguns resultados preliminares da pesquisa.

Participei de cerca de 9 encontros desse grupo online, entre os meses de fevereiro a junho de 2022. Esse círculo trouxe uma experiência diferente dos outros que acompanhei, pois se reunia em torno da leitura de livros sobre a temática do feminino. Dessa forma, a proposta combinava a perspectiva espiritualista do Sagrado Feminino sendo levada para o contexto do mundo corporativo a partir da leitura e partilha de impressões sobre um determinado corpus de

textos. Estive com esse grupo na leitura de dois livros: A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos do feminino que moldam nossas vidas e Maria Madalena Revelada: a primeira apóstola e seu evangelho feminista. Mesmo depois de deixar de participar do grupo, continuei a observar as duas leituras que se seguiram, que foram: A prostituta sagrada: a face eterna do feminino e a Tenda Vermelha. A cada encontro era cobrado o valor de 39 reais, pagos à facilitadora. Era comum ao final do debate sobre o livro que a facilitadora fizesse uma mediação guiada, dando o tom espiritual do encontro.

Resgatando os diários de campo, é notório que a internet e suas possibilidades já se apresentavam desde o início da pesquisa. Em 04 de abril de 2019, tomei nota de um webnário de Soraya Mariani, facilitadora de círculos, que tratava do tema “Círculos de mulheres e o feminino”. Nesse encontro on-line, destinado a oferecer um curso de formação em facilitação de círculos de mulheres, já seguindo a fórmula de lançamento que se popularizou nos anos posteriores, a facilitadora discutiu uma série de questões que já atravessavam os círculos de mulheres, a exemplo da relação sagrado feminino e feminismo.

Em 22 de maio do mesmo ano, tomei nota de uma *live* do Instagram @mulheres_delua discutindo “o que é o Sagrado Feminino”. Naquele momento, o recurso das *lives* ainda não era tão popular, nem o Sagrado Feminino algo tão difundido quanto se tornou nos anos seguintes.

3.8 Uma pandemia no meio da pesquisa: reflexões sobre trabalho de campo, escrita de diário e a busca por uma antropologia educada

Oliveira (1996) aponta que o ofício do antropólogo é composto por três momentos, dois dele no campo- olhando e escutando- e um terceiro fora do campo ao escrever as experiências vivenciadas. Em campo, não era possível tomar notas, uma vez que era inevitável estar com um caderninho e uma caneta no meio de uma reunião de mulheres, quando estas estavam partilhando sobre suas vidas ou envoltas em rituais de dança, canto e meditações.

No momento da roda, tentava ficar ao máximo atenta ao que estava acontecendo, seja as falas da facilitadora, das mulheres participantes ou ainda os momentos ritualísticos, em meio a cânticos, uivos, danças ou numa silenciosa meditação. Apesar de meu foco não ser a descrição dos rituais e sim o conteúdo do que se conversava ali, era curioso perceber como havia uma mistura de diversos credos, como músicas que misturavam elementos totêmicos e o pai nosso, além, claro, da energia vibrante que tomava conta daquelas mulheres sempre em busca de uma conexão maior com o todo, com algo que as transcendia.

Compartilho do que Oliveira (1996) fala sobre a memória como o mais rico elemento na produção de um texto. Sempre escrevia o diário de campo no dia seguinte à roda, e era à memória que eu me agarrava para preencher as páginas. Os círculos sempre aconteciam à noite, acabando, no geral, às 22 horas. Alguns aconteciam em bairros bem distantes da minha residência, logo, meu retorno e chegada em casa eram bem demorados. No geral, quando chegava ou mesmo no caminho para casa, anotava no celular alguns pontos que eu considerava mais importantes ou que pudessem marcar os momentos vivenciados (início, meio fim) para ancorarem minha memória e no outro dia, com mais calma e detendo de tempo para relembrar e escrever, partia dessas pequenas notas para compor o diário de campo propriamente.

Visitei o diário de campo diversas vezes, para escrever artigos, antes das orientações e durante as aulas de metodologia. Esse exercício de retornar ao campo por meio do diário foi sempre produtivo. Foi nesse movimento de escrever o diário de campo, relê-lo em vários momentos, produzir trabalhos a partir dele que as categorias analíticas foram surgindo. Nesse sentido, também retomamos o pensamento de Roberto Cardoso de Oliveira, quando este diz que a produção do conhecimento não se dá de modo anterior à escrita, não sendo a escrita uma espécie de vetor-resultado, onde se expressa o conhecimento já elaborado. Pelo contrário, o conhecimento se produz durante a escrita.

O campo, como coloca Peirano (2014), não tem um momento certo de acabar. Nesse sentido, apenas posso apontar alguns momentos chaves dessa pesquisa em camadas, como já venho apresentando ao longo dessas páginas e aqui organizo de modo mais sistemático:

PRÉ-PANDEMIA: Março de 2019 a março de 2020- campo presencial, com algumas incursões no virtual. Acompanhamento de 6 círculos presenciais, eventos, imersões e festivais;

PANDEMIA: A partir de março de 2020- migração para o virtual devido à pandemia. Acompanhamento dos contatos estabelecidos no *off-line* agora no ambiente *on-line*. *Arquivamento* de postagens por meio do Instagram. Contato com outras pesquisadoras e estabelecimento de uma rede de pesquisa sobre círculos de mulheres contemporâneas. De fevereiro a outubro de 2021- primeiras 6 entrevistas realizadas por meio da plataforma Zoom;

ABRANDAMENTO DA PANDEMIA: Em setembro de 2020, janeiro de 2021 e julho de 2021- campo presencial;

RETOMADA: Junho e setembro de 2022- campo presencial.

De março a dezembro de 2022- realização de 14 entrevistas, também realizadas por meio da plataforma Zoom.

Durante minha estadia em campo (presencial), por diversas vezes, me senti desconfortável devido a esse lugar da pesquisadora. Sempre me perguntava como aquelas mulheres me percebiam, desconfiavam de mim ou me aceitavam gratuitamente? Acredito que pelo meu empenho em acompanhar as rodas e minha presença constante em eventos relacionados (como os de ginecologia natural e fitoterapia) tornaram minha pessoa um pouco mais palatável ou pelo menos mais respeitável, no sentido, de que era visível que o que eu fazia era algo a ser levado a sério.

Em junho de 2022, fui a uma imersão com duas facilitadoras que eu só conhecia via Instagram, mas que não tinha tido a oportunidade de participar de nenhuma atividade junto a elas, e novamente me estranhei em relação a estar pesquisando e ao mesmo tempo experenciando as vivências propostas. Nessa imersão de um final de semana na serra de Guaramiranga, município distante 106 km de Fortaleza, um grupo de 11 mulheres (várias delas com mestrado ou doutorado) se reuniu em torno do tema “Corpo-oráculo: um resgate da selvageria”. Lá, de novo, me senti uma estranha. Elas me questionavam sobre a pesquisa, queriam saber mais, com quem eu já tinha conversado, me indicaram contatos, me repassaram livros em pdf, demonstrando uma empatia e solidariedade que antes eu não notava. Elas também já tinham estado no lugar de pesquisadora e por isso se disponibilizavam a ajudar. Contudo, ao mesmo tempo, também eu me sentia observada, estudada.

Em diversos momentos, refleti sobre o campo. Em fevereiro de 2021, já sentia saudades não só do campo de pesquisa, como de todo o contexto do presencial sem máscara ou medo de ser contaminada. No momento, escrevi uma breve nota: “Sinto saudades dos dias de fazer campo, da ansiedade do que iria encontrar, se conseguiria me inserir nos círculos, se seria minimamente aceita. O que iria encontrar em campo, quais questões iriam surgir?”. Na sequência, continuei com algumas questões sobre “minha estadia em campo”:

Talvez eu tenha sido tímida demais em campo. Em campo, sempre me apresentava logo no início do encontro, mas depois me diluía na proposta, participava das atividades: meditações, danças, cantos, etc. Não adotei uma postura questionadora. Ouvi, ouvi e quando chegava em casa, tomava nota (nota pessoal, em 21 de fevereiro de 2021).

Algumas nas minhas questões giravam em torno da presença do pesquisador em campo e das interações que eu estabelecia com as pessoas. Como estabelecer um limite entre o “eu” participante e o “eu” pesquisador? Será que as participantes tinham entendido que eu

estava realizando uma pesquisa? Será que eu havia comunicado bem minha intenção. Será que eu estava aderindo demais ao campo?

Minha presença nas rodas envolvia uma participação nas atividades que poderiam ser desde participar de uma ciranda, cantar o próprio nome, dançar livremente, acender uma vela ou ainda tomar um banho de ervas ou de argila, dentre outras tantas coisas. Em campo, era uma participante, sem, contudo, me desligar da noção de observadora. Mesmo quando estava participando não deixava de estar pesquisando e vice-versa, um pesquisador em campo sempre se assemelha a uma fita de moebius, sendo observador e participante.

Laplantine (2012) já considerava a implicação do pesquisador como um instrumento para a construção da pesquisa, uma vez que esta presença possibilita variar as perspectivas e estudar novos objetos. Ingold (2016, 2012) radicaliza a presença do pesquisador em campo e defende que o modo de trabalho da antropologia, o trabalho de campo, seja uma prática de educação em que aprendemos com as pessoas, numa relação de correspondência, ou seja, numa relação em que estamos ouvindo, tocando, sentindo, respondendo, e também esperando por respostas, num emaranhado de relações que são tecidas e recompostas sucessivamente.

Passei a adotar a noção de observador (eu), como queria Laplantine (2012), como parte integrante do objeto de estudo, daí o relato de minha interação com os círculos de mulheres antes mesmo de iniciar a pesquisa, no esforço de observar a mim mesma e moderar minhas motivações extracientíficas quanto ao objetivo de estudo:

Aquilo que o pesquisador vive, em sua relação com seus interlocutores (o que reprime ou sublima, o que detesta ou gosta), é parte integrante da sua pesquisa. Assim uma verdadeira antropologia científica deve sempre colocar o problema das motivações extracientíficas do observador e da natureza da interação do jogo. Pois a antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios, e visando a que uma situação de interação (sempre particular) se torne o mais consciente possível. Isso é realmente o mínimo que se pode exigir de um antropólogo (Laplantine, 2012, p. 170).

Tomamos então a ideia do trabalho de campo como um contexto em que encontramos sujeitos observando sujeitos, não sendo possível apagar as marcas do pesquisador do campo de estudo (seja ele presencial ou *on-line*). Como afinal apagar meu modo de ser, a forma que me expresso, o tom que adoto, as gafes que cometo? A pesquisa parte da noção de que para entender o social a partir de uma perspectiva antropológica é necessário assumir a interação entre as pessoas.

Esse mesmo pensamento pode ser transposto para as redes sociais. Durante o período de pandemia, continuei acompanhando as redes sociais de facilitadoras e participantes, interagia com as postagens das mesmas assim como elas também interagiam às minhas movimentações no espaço online. Por esse engajamento no virtual, descobri outros interesses em comum com algumas das mulheres, como a literatura, a dança, os estudos sobre Jung ou mesmo um gosto musical semelhante. Como negar esse envolvimento subjetivo, como apagar esse rastro pessoal no digital? Novamente, recorro a Laplantine (2012, p. 173): “Incluir-se não apenas socialmente, mas subjetivamente faz parte do objeto científico que procuramos construir”.

Ingold (2016, p. 409) acredita que a observação participante não poder ser alocada como um “método de pesquisa”, mas como um “modo de trabalho”, sendo a experiência do campo um experimento que não pode ser reproduzido e que “envolve modos de levar a vida e de ser levada por ela”. Assim me senti em campo, compondo relações e aprendendo novas possibilidades de existir, às vezes incomodada com algumas coisas que escutava, mas me deixando ser levada por aquelas mulheres que me falavam de suas emoções, da necessidade de curar o feminino, de resgatar antigos saberes e de acolher a menstruação.

Essa aprendizagem apontava para uma forma cíclica de experienciar a vida, entendendo seus momentos de vida-morte-vida, ou seja, suas oscilações de energias e emoções. Essa ciclicidade estava materializada no meu próprio corpo de mulher-cis e menstruante, mas também presente em outros movimentos que aprendi a observar bem, como as fases lunares.

Eu me coloquei em campo como uma aprendiz, mais calada que falante, mais tímida do que extrovertida. Observei, escutei, aprendi técnicas para aliviar as cólicas, as formas de relacionar o ciclo menstrual com o ciclo lunar, a importância de observar seu próprio ciclo, a como preparar chás (infusões ou cocções), quais ervas utilizar, quais ervas não utilizar, fiz e tomei garrafadas (de vinho com cravo, noz moscada, canela, pata de vaca), tintura de tanchagem, florais da lua, dentre tantas outras técnicas e saberes a serviço de promover uma saúde uterina e uma reconexão com os elementos da natureza.

Nesse sentido, esse trabalho não poderia ser creditado como uma etnografia, uma rememoração documental (Ingold, 2016) de eventos passados, pois esses aprendizados me abriram novas formas de entender o mundo, me apresentando novas perspectivas. Novamente, encontrei em Ingold uma compreensão de um fazer antropológico que se situa no tempo com vistas para o futuro e não para o passado, já que para ele é para construções de novos futuros possíveis que a antropologia aponta, não se limitando a tentar registrar culturas e expressões à beira da extinção.

Essa pesquisa se alinha então, de certo modo, a uma noção de Antropologia como uma prática que surge do encontro e da interseção entre pontos de vista. Não se trata apenas do ponto de vista do observador ou do observado, mas um posto de vista amplo, que nasce da intersecção de olhares, disposto e atento a evitar as armadilhas culturais que turvam a visão para a diferenciação cultural, naturalizando-a.

O trabalho então foi feito a partir do encontro (não etnográfico), mas de um encontro entre pessoas, na interseção de pontos de vista (Laplantine, 2012), considerando que o trabalho antropológico existe para além da etnografia e que se efetiva na observação do outro e da participação com o outro, possibilitando a aprendizagem (Ingold, 2016) de novas formas de existir e compreender o mundo.

3.9 Afetada pelo campo? A busca por um sentido total

No começo de 2020, um pouco antes do começo do isolamento social, fui convidada a participar de um programa de rádio para falar sobre Círculos de Mulheres, juntamente com duas de minhas interlocutoras. Depois da entrevista fomos almoçar e comentei com uma delas sobre meu incômodo de falar em lugares como aquele, tanto por uma dificuldade pessoal em me expor, como por um receio de soar como alguém que vai falar “em nome” dos Círculos de mulheres/ Sagrado Feminino.

Esse comentário rendeu uma reflexão interessante por parte da minha interlocutora. Para ela, a minha dificuldade em estar numa rádio, em um programa ao vivo, falando sobre o tema que eu estava pesquisando, tinha um significado maior ligado à espiritualidade. Algo no mundo espiritual estava agindo de modo a me impedir de realizar bem minha função nesse plano material. Desse modo, minha interlocutora me informava que minha escolha por pesquisar a temática sobre o feminino sagrado se relacionava à minha missão de vida, estando associada não apenas à dimensão acadêmica, mas a um sentido mais completo da minha própria existência.

A conversa seguiu comigo dizendo que às vezes não aceito os convites para essas falas públicas (como a que acabávamos de fazer numa rádio local) pois pensava não ser esse o meu lugar (social). Como eu poderia falar “em nome” dos círculos? Mas também relatei meu desconforto por essa negativa, porque observava que em alguns momentos outras pessoas assumiam esse “lugar de fala” de modo muito irresponsável, ao que ela me interpelou contando uma história.

Nesse momento, minha interlocutora me contou uma espécie de anedota espírita que tinha como finalidade ilustrar para mim que as ações e sentimentos que eu narrava tinham um sentido maior.

A moral da história, ela me explicou, é que às vezes precisamos infringir “um mal” para evitar “um mal maior”. A conexão com minha situação era a seguinte, quando eu me nego a ocupar os espaços públicos de fala sobre o tema, tentado evitar a impressão de que quero ocupar o lugar das mulheres que participam dos Círculos de Mulheres, ou seja, tentando evitar um mal, estou, na verdade dando espaço para que outras pessoas o ocupam, podendo acontecer um “mal maior”.

Elá explicou que essa minha dificuldade de assumir essa posição também se relacionava com a ressonância enérgica – minha insegurança de me expor publicamente ressoa nos espíritos e energias ao meu redor, atraindo ainda mais insegurança.

Por fim, ela disse que cada vez mais tem consciência de que é apenas um peão para a espiritualidade e sempre que ela se sente assim – insegura- como eu, ela entrega a situação para a espiritualidade.

Mas não foi só nesse momento da pesquisa que o campo me invadiu e que me perguntei sobre os limites entre vida e pesquisa.

Quase um ano depois, em janeiro de 2021, encontrei novamente essa interlocutora para uma formação presencial em Ginecologia Natural que havia sido adiada durante vários meses devido a pandemia. Novamente, contei um episódio pessoal: minha dificuldade, ao longo de 2019, quando acompanhei os círculos de mulheres, em manter o compromisso de tomar os florais da lua regularmente. Naquele momento, entendia que se eu tomasse os florais de modo regular poderia estar levando uma questão subjetiva minha para a pesquisa. Falei ainda que foi somente durante a pandemia, quando passei 7 meses sem acesso aos florais (de março a setembro de 2020) que senti no corpo a ausência dos florais, pois observei que durante esse período, tive menstruais de muitas dores e mal-estar o que associei a ausência dos florais, além, claro, de todo o contexto pandêmico. Quando voltei a tomar os florais- de setembro a dezembro de 2020¹⁴- novamente, tive uma melhora dos sintomas associados à menstruação.

Novamente, minha interlocutora me interpelou, perguntando se essa dificuldade em relação aos florais não seria uma resistência minha à atuação dos mesmos, uma vez que os florais mexem muito com nossas emoções. Estaria o meu inconsciente atuando de modo a usar

¹⁴ Em outubro de 2021, descobri os primeiros focos de endometriose e tive a confirmação da doença crônica em janeiro de 2022. Não sei até que ponto devo explorar esse adoecimento uma vez que a endometriose se relaciona ao útero e ainda é bem pouco explicada pela medicina.

a pesquisa como desculpa para eu não me render ao poder do floral, de modo que eu me auto sabotava ao deixar de tomar? Minha busca por um rigor metodológico poderia estar sendo uma sabotagem inconsciente? Novamente me perguntei como então estabelecer os limites dos quais eu julgo ter controle.

Nesses dois episódios, compartilhei uma questão metodológica/epistemológica com essa interlocutora, buscando estabelecer um limite entre a minha experiência pessoal e a minha experiência de pesquisa e fui surpreendida por uma inversão de sentido.

Se eu pensava que com aquela partilha sobre as questões de pesquisa encontraria uma marca entre subjetividade-objetividade, encontrei, na verdade, uma nova volta na fita de moebius, que me informava que mesmo eu usando a razão para justificar minha dificuldade de ocupar um lugar (que eu acreditava não ser meu) ou de não utilizar de modo regular uma medicina específica (floral) para garantir a objetividade da pesquisa, na verdade, essa “razão” informava sobre um bloqueio pessoal meu, uma resistência inconsciente aos processos que estavam sendo colocados em movimento. Minha escolha por estudar as rodas, minhas negações a convites para falar sobre a pesquisa e mesmo meu pouco engajamento quanto aos florais, indicavam - para Bast - não a minha busca por objetividade, mas sim uma resistência inconsciente à minha própria cura.

A interlocutora me dava mais uma indicação de campo, a busca por um sentido total. Para Bast, minha escolha por pesquisar os Círculos de Mulheres não está separada da minha necessidade de cura pessoal. Não é possível então entender minha negativa ao uso dos florais como simplesmente uma estratégia para garantir a objetividade científica. Minha negativa é interpretada por uma lente mais ampla e reflete, antes, minha negativa pessoal de permitir ser curada pelos florais. Pesquisa e vida fazem parte de um amplo espectro de sentido, tudo está conectado e se relaciona, não há como caminhar na superfície da fita de moebius pensando estar em polos separados, vida e pesquisa são uma coisa só.

Lembro, a partir desses episódios, o trabalho de Jeanne Favret-Saad (2005) sobre a feitiçaria na zona rural francesa, quando ao se deparar com uma barreira de silêncio sobre as práticas de feitiçaria entre os camponeses do Bocage, a pesquisadora só conseguiu acessar “o campo” de pesquisa quando ela mesma passou a ser considerada enfeitiçada. A partir dessa situação inesperada, a autora diz que fez dessa participação (na feitiçaria) um instrumento de conhecimento.

Para Favret-Saad (2005), ocupar esse lugar (a enfeitiçada) no campo de pesquisa não possibilitou que ela entendesse melhor os afetos daqueles que participavam das práticas, mas antes tornou possível que o próprio estoque de imagens que ela tinha anteriormente sobre

tais práticas fosse modificado e nutrido com novas referências, abrindo uma comunicação específica com os nativos- involuntária e desprovida de intencionalidade.

Ser afetado, participar do jogo social que se realiza no campo não é se identificar com os nativos, mas a partir do seu próprio lugar (pesquisador) experenciar o fenômeno até então observado, criando então um outro lugar, não do nativo enfeitiçado, mas da pesquisadora enfeitiçada como foi o caso da própria Favret-Saad (2005). Esse aceite de entrar no jogo reverbera também no próprio projeto de pesquisa, como coloca a autora:

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (Favret-Saad, 2005, p. 160).

Naqueles momentos de campo, quando via meus próprios argumentos torcidos, sendo obrigada a voltar para mim mesma, também me sentia afetada, capturada pelo campo, como presa em uma armadilha, sendo levada para dentro da espiral, uma espiral em que tudo se conectava em nome de um sentido maior e que orienta mesmo as decisões mais racionais. Eu não conseguia fugir da lógica da minha interlocutora que me apontava minhas próprias resistências a curar minhas feridas, enquanto eu apenas pensava que isso era apenas uma decisão metodológica. Mas essas reflexões não vieram logo, somente depois de muitos meses e de conversas com colegas, repassando os fatos e as curiosidades que consegui descobrir qual o significado daquele argumento: a busca pelo sentido¹⁵.

Durante o campo realizado em 2019, também tive medo de não estar fazendo o trabalho corretamente. Conseguiria lembrar de tudo quando chegasse em casa? E se eu deixasse passar alguma coisa? Como saber quais informações eram importantes, aquelas que não poderiam ser deixadas de fora? No geral, eu só conseguia tomar notas sobre os círculos no percurso de volta para casa, quando registrava pelo celular alguns pontos que mais tinham ficados retidos na minha mente. Quando chegava muito tarde em casa, no geral, só fazia o registro de diário de campo no dia seguinte, um tanto culpada por não ter conseguido escrever o diário de pronto. Havia relatos de campo de que eu passava dias escrevendo, lembrando de detalhes, acrescentando. A maioria deles foi assim.

¹⁵ Essa busca por um sentido total talvez tenha se intensificado depois desses anos de pandemia. Com um mundo BANI (Brittle-Frágil, Anxious-Ansioso, Nonlinear-Não-linear e Incomprehensible (Incompreensível), a ausência de sentido parece demandar por um sentido que dê conta da totalidade.

Em campo, sempre estive muito preocupada em respeitar aquelas mulheres, por mais que às vezes aquela forma de experenciar o sagrado chocasse com o que eu havia aprendido com minha família, já que fui criada em um ambiente bem tradicional, com meus avós- agricultores e católicos. Voltava então para o lugar da pesquisadora, como entender uma espiritualidade que não era a que eu estava acostumada a viver? Se por um lado, os círculos me causavam curiosidade e atraiam minha atenção ao mesmo tempo me causava certo incômodo.

Por vezes me sentia tímida demais, eu não deveria estar interagindo mais com as pessoas? Perguntando mais, tagarelando mais, questionando, comentando? Mas não fiz isso. Escutei, escutei, observei, aprendi, sorri, derramei algumas lágrimas, e quando fiquei sem campo-devido à pandemia-, me senti saudosa, com saudades da rotina de “caçar” círculos e me programar pelo calendário lunar, já que as reuniões dos círculos giravam torno das fases lunares. Também senti falta de silenciar e me colocar com os ouvidos e olhos abertos. Senti falta de vivenciar aquela espiritualidade leve e contemplativa, que sentia no corpo e na mente. Os círculos me acalmavam, era nítido a qualidade do meu sono nos dias de reuniões. Havia sido capturada pelo campo? A falta era potencializada pelo isolamento social e o intenso uso das redes sociais virtuais.

Com a pandemia e o isolamento social, fiquei desde março de 2020 até meados de 2022, sem os círculos presenciais, ainda que em alguns momentos de abrandamento do isolamento (2021) permitisse círculos com poucas mulheres, ainda com máscaras e um certo receio de estar perto demais. A maioria das facilitadoras que trabalhavam com espiritualidade e terapias integrativas migraram para o *on-line*, adaptando suas atividades e serviços, seja em círculos online, formações, cursos, mentorias, vendas de cursos, atendimentos com florais e reike.

Durante o primeiro ano de isolamento, 2020, trabalhei o material do ano anterior e comecei a elaborar melhor algumas questões. A questão da menstruação já havia aparecido em campo, então, também me detive nas leituras sobre o tema, fazendo um levantamento dos principais trabalhos publicados nos últimos anos. Outros temas também estudados foram religião, secularização, antropologia da religião e novos movimentos religiosos. Em 2021, com a falta de perspectiva em relação ao término da pandemia e a possibilidade de retorna “normalmente” às atividades, resolvi então começar a negociar e a realizar as entrevistas online, por meio de softwares, gravando-as. Em 2022, além de concluir as entrevistas e acompanhar um círculo online, estive em 4 momentos presenciais, retomando o campo presencial para observar mudanças e novas configurações, me dando por satisfeita no que toca

a observação dos círculos presenciais, mas ainda mantendo contato online com as interlocutoras.

4 MODERNIDADE, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE¹⁶

Nesse capítulo, apresentamos alguns elementos que compõe o quadro social em que é possível se desconstruir e reconstruir a experiência com o sagrado a partir de elementos ligados à fluidez, à desinstitucionalização e a um modo individual de criar sua própria crença. Apresentamos também a trajetória espiritual de algumas interlocutoras de modo a pontuar a dimensão do rompimento com crenças institucionalizadas e dogmáticas e o movimento para uma espiritualidade flutuante e aberta, sempre em composição. Ademais, discutimos também a interface dos círculos de mulheres, no formato que acompanhamos, e a dimensão da Nova Era. E, por fim, apresentamos como nesses espaços a noção de espiritualidade é privilegiada em contraste com a de religião.

4.1 Modernidade, secularização e religião

A secularização tem se mostrado um processo multidimensional, podendo ser abordada por diferentes perspectivas. De la Torre (2012), em seu levantamento sobre o tema, nos apresenta a secularização a partir de três pilares. Primeiro, marcada pelo processo de laicização, e por vezes se confundindo com esse, que confere autonomia e especialização a várias esferas sociais, separando igreja e Estado. Depois, perpassada pelo declínio da religião nas sociedades modernas que vem focando sua fé na própria ciência. E, por último, marcada pelas transformações religiosas e seus efeitos sobre a racionalização instrumental e o individualismo, que colaboram para uma recomposição das relações entre fiéis, igreja e sociedade. Outras abordagens apresentam novas interfaces e explicações, mas todas elas comungam de uma mesma noção, a secularização traz à tona a possibilidade do religioso se desvincular da religião, percorrendo novas trilhas junto às ciências, política, artes, dentre outras esferas.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a Sociologia da Religião começou a reavaliar sua tradição, a partir do desenvolvimento de pesquisas sobre modernidade religiosa, englobando a discussão sobre experiências religiosas individuais e instituições sociais. O processo de secularização, pensado até então de modo linear, como um avanço - sem recuos - da racionalidade passou a ser revisitado, sendo compreendido como um processo desregulado das religiões institucionalizadas, promovendo uma expansão de uma religiosidade flutuante (Hervieu-Léger, 2015).

¹⁶ Parte dessas reflexões já haviam sido desenvolvidas em Mesquita e Paiva, (2022) e em Mesquita e Paiva (2023).

Se para Weber a modernidade representaria um mundo desencantado, extremamente racionalizado, organizado e burocrático, a religião só poderia significar uma sobrevivência do passado, em vias de desaparecer a curto ou médio prazo, como aponta Willaime (2012). Contudo, não foi isso que se observou com o avanço da modernidade.

Willaime (2012) defende que a teoria da secularização é problemática em vários sentidos. Primeiro, ela é centrada no Ocidente Cristão, esquecendo de outras expressões religiosas no mundo. Ela também se pauta nas religiões institucionalizadas, não levando em consideração as manifestações espontâneas que surgem às margens ou mesmo dentro das instituições. Além disso, tal teoria não discutiria a diferenciação entre modernização e ocidentalização. O autor reflete que em países como o Brasil (além de países asiáticos e africanos) o processo de urbanização e industrialização não provocaram a dissolução da solidariedade comunitária (religiosa, étnica, familiares), não sendo a modernidade o resultado de um processo político democrático e ainda prevalecendo grandes contradições e desigualdades econômicas e sociais.

Willaime (2012) a partir das leituras de Berger, Wilson e Dobbelaere, entende secularização como “uma mutação sociocultural global que se traduz por uma redução do papel institucional e cultural da religião” (Willaime, 2012, p. 159). Se na idade média a religião, na Europa, estava misturada a todas as esferas do social, com o advento da modernidade a religião se torna apenas um setor, dentre tantos outros do mundo social. Essa redução a um único espaço não representaria o desaparecimento da expressão do sagrado na vida social, mas sim um novo contorno dos seus significados.

Seguindo com Willaime (2012), a religião passa a ser marcada profundamente pela modernidade, perdendo sua amplitude de importância, mas também, em alguns contextos, se configurando como foco do reinvestimento social, de modo a reconstruir uma identidade perdida justamente pela imposição política, econômica e cultural, vinda de fora. Nesses casos, a religião pode se configurar como uma expressão política de combate à dominação imperialista.

Dessa forma, se por um lado as grandes religiões se dissolvem, perdendo espaço e deixando de ser uma instituição estruturante, por outro, produzem também efeitos de recomposição, como por exemplo, pela *diferenciação funcional*. No contexto da modernidade, atividades sociais como a educação e a saúde são transferidas da esfera religiosa para a esfera laica. Essa tendência remete o “religioso” ao próprio “religioso”, ou seja, o espiritualiza, “[...] [e]m uma sociedade muito secularizada, a procura social do religioso insiste sobre a espiritualidade e adota um aspecto místico” (Willaime, 2012, p. 164). Já o *pluralismo*, outro

aspecto da modernidade, torna possível uma multiplicidade de formas de se relacionar com o sagrado, podendo, inclusive, representar um reforço do “religioso”.

Com base nessas reflexões, o autor conclui:

[e]ssas recargas sociais do religioso, características da ultramodernidade, tomam a forma, principalmente, de uma reabilitação cultural e pessoal do religioso-reabilitação, inclusive, relativa-, que se articula à uma secularização profunda da sociedade e dos indivíduos (Willaim, 2012, p. 179).

Já Guerreiro (2006), por sua vez, defende que não houve um desencantamento do mundo, como Weber apontava, uma vez que não se chegou a termo o processo de racionalização da religião. Apesar de toda a institucionalização da igreja Católica, aponta o autor, a vivência eucarística continua a celebrar um rito mágico, além de proliferarem expressões como a Renovação Carismática Católica (movimento interno à Igreja Católica que propõe uma revisão do catolicismo). Também nas correntes protestantes, haveria um viés mágico, como os pentecostais, grupo que mais cresce em termos populacionais no Brasil.

O autor acredita que os Novos Movimentos Religiosos representam uma forma racionalizada de adaptação à secularização (Guerreiro, 2006). É justamente o mundo secularizado que permite a explosão de inúmeras expressões religiosas que se combinam e se recombinam a depender das necessidades particulares dos sujeitos, “[...] secularização e encantamento do mundo não são processos excludentes, mas características próprias do atual estágio de desenvolvimento da sociedade brasileira” (Guerreiro, p. 48, 2006).

De la Torre (2012) aponta para a necessidade de refletirmos sobre qual modernidade estamos falando, já que na América Latina e em todo o sul global, percebemos dinâmicas e classificações bem diferentes da experiência modernizante europeia. Se entendemos a secularização como uma marca da modernidade, ou seja, se tomamos como universal a vitória da racionalidade instrumental sobre outras rationalidades, contribuindo para um apagamento do religioso, estaremos desconsiderando outras formas de vivenciar o sagrado no mundo moderno.

Nesse sentido, a autora observa que se deve levar em consideração que a modernidade, na experiência mexicana, por exemplo, está cheia de contrastes e contradições. No campo de pesquisa da mesma, observa-se que a religiosidade católica mexicana é atravessada por ritos, práticas e símbolos do catolicismo popular, da magia indígena popular, bem como por dinâmicas dos novos movimentos religiosos (new age, neo-esotéricos).

Com Hervieu-Leger (2015), podemos dizer que a secularização não assume o significado de um apagamento da esfera religiosa, mas um novo arranjo do religioso que se desregula enquanto instituição, mas que se manifesta de modo mais “capilar”, passando a estar em toda parte, daí os termos -citados pela autora- para se referir à religião, como “religiões à la carte”, “crenças relativas”, “religiosidade vagante”.

Para a teórica francesa, a modernidade europeia se construiu “sobre os escombros da religião”, ou seja, a modernidade se constituiu a partir da noção de que os homens (e a razão) são as ferramentas para construir o mundo, rompendo com o poder divino que até então conduzia as ações humanas. As sociedades ocidentais estariam marcadas pela perda da influência das grandes religiões, passando então a reivindicarem para si mesmas a capacidade de orientar seu próprio destino de forma autônoma.

Nesse contexto de cisão com formas tradicionais de organização, em que a religião perde a força de ordenar as várias esferas do social, deixando de fornecer as normas, valores e símbolos que dão sentido à vida social, a relação com o sagrado também se transforma (não desaparece), tornando-se não mais uma obrigação familiar a ser honrada, mas se configurando de modo fluido, estando ligada a escolhas, trajetórias e possibilidades que vão se estruturando ao longo da vida do sujeito , “[...] a crença e a participação religiosa são ‘assuntos de opção pessoal’” (Hervieu-Léger, 2015, p. 34).

As identidades religiosas, na modernidade, deixam de ser identidades herdadas e passam a ser construídas pelos próprios indivíduos que vão costurando identificações ao longo de suas experiências. A identidade sociorreligiosa é continuamente revista, articulada e desarticulada, a partir dos vários recursos simbólicos disponíveis, ou como coloca a autora: “[a] identidade é analisada como o resultado, sempre precário e suscetível de ser questionado, de uma *trajetória de identificação* que se realiza ao longo do tempo. (Hervieu-Léger, 2015, p. 64).

Outro aspecto a ser levado em conta é que apesar da desvalorização das explicações religiosas, místicas, não-racionais do mundo, a modernidade continuou pensando o mundo de uma “forma religiosa”, ou seja, sob o “modelo da vinda do Reino”, sendo esse reino agora alcançado não mais através de uma divindade, mas sim através da técnica e da ciência, como expresso no trecho: “[...] A visão religiosa do Reino de Deus por vir (a escatologia) e a moderna, da história, têm relações que marcam tanto a continuidade quanto a ruptura da Modernidade com o universo judaico e cristão do qual ela provém” (Hervieu-Léger, 2015, p. 38).

Mesmo perdendo ao longo do século XX a visão grandiosa do progresso, os valores fundantes da modernidade- razão, conhecimento e progresso- permaneceram, criando um

mundo em que a realização plena será conquistada sempre no futuro, quando a técnica for capaz de alcançá-la, o que acaba por substituir a utopia religiosa por uma utopia moderna de um mundo pleno e próspero a ser alcançado logo mais na frente.

Diz-se, portanto, que a modernidade vive um paradoxo uma vez que estimula a crença em uma utopia em que o desenvolvimento da técnica e da ciência possibilitará, em um futuro sempre mais adiante, um mundo pleno de sentido. Essa contradição entre as expectativas que o presente elabora e o futuro que sempre é estendido promove um espaço onde se desenvolvem novas formas de religiosidade, são “novas representações do ‘sagrado’ ou novas apropriações das tradições das religiões históricas” (Hervieu-Léger, 2015, p. 40).

De um lado, a modernidade desqualifica as explicações religiosas que pautavam o mundo tradicional (ou pré-moderno), por outro, a modernidade oferece as condições para a expansão da crença. Com a grande incerteza dos tempos modernos (o que está por vir depois do uma pandemia?) a necessidade por respostas pessoais que possam ordenar ou dar sentido à vida aumenta, abrindo espaço para novas formas de expressão religiosa:

O principal problema, para uma sociologia da modernidade religiosa, é, portanto, tentar compreender conjuntamente o movimento pelo qual a Modernidade continua a minar a credibilidade de todos os sistemas religiosos e o movimento pelo qual, ao mesmo tempo, ela faz surgirem novas formas de crença (Hervieu-Léger, 2015, p. 41).

O “retorno do religioso” expresso nos novos movimentos espirituais, no aumento das correntes carismáticas e na retomada das peregrinações falam muito mais de um fenômeno próprio da modernidade (um paradoxo da modernidade) do que num retorno ao mundo da tradição.

Ainda nesse sentido, Hervieu-Léger (2015) ressalta que não há para o indivíduo um leque infinito de possibilidades de composição de uma identidade religiosa, mas que essas escolhas pessoais são mediadas por determinadas lógicas e acessos, a depender de outros marcadores sociais.

[...] Compreende-se, assim, que a trajetória individual não se diversifica ao infinito, mas pertence a lógicas que correspondem a diferentes combinações possíveis das dimensões da identidade religiosa, combinações que traçam, no próprio seio de cada tradição, uma constelação de identidades religiosas possíveis (Hervieu-Léger, 2015, p. 74).

4.2 Novos esoterismos em terras brasileiras

Para Negrão (2008), o processo de formação do campo religioso nacional foi se conformando de modo a dar brechas para práticas religiosas diversas. Seja por um catolicismo que deixou boa parte do país esvaziado de sacerdotes, abrindo espaço para saberes populares, seja pela presença africana e indígena e suas estratégias de resistência ao misturarem suas crenças à religião nacional, ocorreu uma configuração religiosa pré-disposta a adotar uma variedade de crenças pessoais. Negrão aponta ainda que a religiosidade brasileira é marcada por um crescente pluralismo e pela progressiva adesão a duplicitades ou multiplicidades religiosas, deixando claro a importância dada ao sujeito, que pode compor e recompor sua experiência religiosa por diversos pertencimentos sejam eles concomitantes ou sucessivos. Cada vez mais, pode-se experenciar o sagrado de modo particular, aderindo a múltiplas crenças, fazendo um trabalho artesanal de escolha e composição de crenças e experiências sagradas.

Para a Maluf (2003) o fenômeno religioso contemporâneo assume, no país, algumas especificidades devido a nossa formação sócio-histórica. A paisagem neo-espiritual no Brasil estaria mediada então por um substrato cultural em que se destacam três elementos: a) o ecletismo e a circularidade religiosa, b) uma confluência entre o terapêutico e o religioso e c) a informalidade das práticas terapêuticas.

A partir da pesquisa sobre o circuito neo-esotérico na cidade de Porto Alegre, Maluf (2003) defende a emergência de um campo de intersecção entre diferentes espiritualidades e práticas terapêuticas alternativas, nos segmentos das classes médias urbanas no sul do país. O ecletismo religioso se relaciona à tradição de uma vivência religiosa plural em que há uma intensa circularidade religiosa, sendo possível ter vivências religiosas nos mais diversos espaços e instituições.

O trabalho de Pereira (2011) discute, por exemplo, o imaginário social urbano da devoção popular, marcado pela liberdade que os fiéis têm de transitar livremente por espaços-profanos e sagrados- elaborando novas formas de se relacionar com a dimensão da sacralidade, ainda que em espaços que *a priori* não estejam associados à uma religião. O autor defende que nesses casos de catolicismo popular, onde há expressões de devoção em cemitérios, ruas ou túmulos em beira de estrada há uma desterritorialização do sagrado, uma vez que lugares como esses (profanos) se transformam em lugares sagrados, de peregrinação, oração e devoção por parte dos fiéis.

É comum nessa prática do catolicismo popular a devoção a vários santos, não necessitando de uma fidelidade ou pertença a um só, e ainda o culto a santos que em vida tiveram uma vida profana, alcançando a santidade por meio de um sacrifício- a morte. É o caso das santas populares Maria Conceição de Barros- a santa da gravidez impossível- que se diz

que em vida foi uma prostituta da cidade de São Paulo, assassinada em 1928, pelo namorado quando estava grávida e Santa cigana Sebinca Christo, da cidade de Lages, vítima de assalto, violência sexual e assassinato, no ano de 1965, que depois de morta começou a operar milagres (Pereira, 2011).

Na discussão feita por Pereira, já encontramos elementos de um religioso que se espalha pela cidade, saindo dos espaços tradicionais de culto da Igreja Católica- igreja, capela, etc. O sagrado invade outros lugares a partir do trânsito de fiéis que expressam sua devoção de modo capilar, fugindo ao controle do Vaticano, uma vez que elevam à santidade figuras que a igreja não reconheceu, tal como Padre Cícero, santo popular de grande relevância para a região sul do Ceará, em especial Juazeiro do Norte, também citado por Pereira.

O religioso está em movimento, seja em termos territoriais, ocupando outros espaços e dotando-os de sacralidade, seja no que toca às múltiplas devoções populares, uma vez que é comum a crença em vários santos, recorrendo a eles a depender da necessidade vivida no momento. Percebe-se essa noção de utilidade a partir dos epítetos associados a cada um, como as santas populares Isabel Maria, protetora das esposas espancadas e Ana Lídia Braga, padroeira das crianças.

Por esses elementos já percebemos a fluidez do sagrado, tanto pelo processo de desterritorialização como pelos múltiplos pertencimentos devocionais a santos populares. Nesse contexto, o fiel ainda que com o pertencimento católico, tem certo grau de liberdade para se movimentar pelos espaços, reelaborando-os e fazendo-os sagrados, além de se relacionarem com os santos de modo muito particular, estabelecendo com eles contratos pessoais, por meio da promessa e do cumprimento desta (pagando o santo o que se prometeu). Essa forma de se relacionar com o sagrado assume contornos só possíveis em um mundo em que o indivíduo tem capacidade de agência e onde a religião institucional abre espaço para uma experiência de crença de modo pessoal.

A partir da pesquisa de campo com os círculos de mulheres, em Fortaleza, percebemos que, nesse contexto, a dimensão do sagrado também se desterritorializou, tornando sagrado espaços comuns, como casas, salas de apartamentos, salas alugadas, espaços de dança, associações comunitárias, chácaras. O que traria a dimensão do sagrado seria a “intenção” daquelas que estão ali reunidas, o foco, o motivo da reunião, ou seja, a agência individual.

Maluf (2003) também aponta que diversos estudos sobre religião indicam a dimensão da cura (ou a busca pela cura) como um fator de conversão religiosa, além de ser comum que em diferentes cosmologias e rituais seja apontando a causa de uma determinada

doença e a forma de tratá-la. Todos esses aspectos refletem a aproximação entre os campos da religião e da terapêutica.

O terceiro ponto de destaque para Maluf (2003), em se tratando da formação do campo religioso brasileiro e da boa adesão que as práticas new ages encontraram no país, é a informalidade das práticas terapêuticas. No país é comum o uso de remédios caseiros, à base de insumos naturais (ervas, folhas, cascas) como chás e lambedor, sendo também recorrente as práticas de automedicação e de saberes populares que circulam, de modo a incorporar saberes médicos. Guardada a distância geográfica entre Porto Alegre e Fortaleza, acreditamos que a proposta de Maluf (2003) nos ajuda a compreender a movimentação em torno de um feminino sagrado, encontrada em Fortaleza.

Entendemos que os círculos de mulheres compõem o circuito neo-esotérico de Fortaleza- Ceará, podendo servir como iniciação para o mundo das terapias holísticas, como o reike, thetahealing, leitura de chakras, numerologia, tarô, dentre outros, ou vir em um momento posterior da jornada da buscadora, quando esta já se encontra iniciada em alguma prática neo-esotérica. Essas técnicas e práticas por sua vez se encontram na esfera “do terapêutico”, voltadas para o autoconhecimento, o bem-estar e a cura física, emocional e espiritual.

Nos círculos de mulheres, observamos uma grande variedade de símbolos, objetos e cânticos que fazem referência a várias culturas religiosas. Na cena 1, notamos algumas expressões dessa pluralidade religiosa, como a música “Uma prece” que expressa bem a facilidade de articulação e colagem de várias referências religiosas ao colocar a imagem de um totem ao lado da oração do Pai Nosso. Outro ponto de destaque na cena descrita é a saudação final, quando várias imagens femininas de poder de diferentes culturas (Yemanjá, Nanã, Oxum, Afrodite, Atena, Isis e Saravastir) são referenciadas pelas participantes sem, contudo, haver uma identidade religiosa associada a nenhuma dessas figuras.

Em outros círculos também foi possível observar essa multiplicidade religiosa, como no Círculo da Primavera e no Círculo das Curandeiras, onde se encontrava no espaço da reunião imagens de 3 orixás (Oxum, Yemanjá e Nanã), caldeirão com água (referência à cultura celta), cocá indígena, quadro com símbolo celta (triquetra- três arcos interligados, representando a Deusa Tríplice), cristais, palo santo (madeira andina para defumação), além de elementos terapêuticos como chás e óleos essenciais (aromoterapia).

A própria orientação do círculo, ou seja, se o círculo será configurado de modo mais ritualístico ou mais como uma forma de estudo ou conversa com partilhas de experiências pessoais depende da decisão da facilitadora. Mesmo nos círculos em que há um objetivo definido, como o descrito na cena 1, em que os Flora da lua assumem a centralidade, sendo a

“medicina do floral” (dimensão terapêutica curativa) o que mobiliza as participantes, é a facilitadora que dá o tom da reunião.

Em alguns casos, a facilitadora opta por vivências rituais que também podem assumir diferentes formas. Na cena 1, o ritual girou em torno da intenção do banimento e da intenção de novas realizações, sendo o momento em si permeado por canções, gritos, abraços, velas, dentre outros elementos como já foi descrito.

Em outros círculos ou mesmo em um mesmo círculo, mas em diferentes sessões, podemos encontrar outras dinâmicas de funcionamento. Em uma outra reunião do mesmo círculo descrito na cena 1, a facilitadora apenas conversou com as participantes, explicando minuciosamente a partir de uma Mandala lunar como a menstruação se relaciona com a lua e como cada momento do ciclo menstrual é correspondente a uma fase lunar, especificando como aquelas mulheres que não tem útero ou que não lunam (termo edêmico para “menstruam”) podem se reconectar com sua ciclicidade (conceito a ser discutido posteriormente).

A busca pela cura de um “feminino ferido” foi uma expressão muito ouvida durante o trabalho de campo. Tem-se nos círculos a concepção de que a sociedade contemporânea (machista, patriarcal- termos ouvidos também nos círculos) promovem uma desconexão das mulheres com sua intuição e seu feminino (noção que também será discutida posteriormente) e que nos círculos é possível se reconectar com esse feminino perdido, como expressou a interlocutora com a qual abrimos este capítulo “o círculo é uma recordação”.

Essa busca por curar a si mesma e seu próprio feminino, além do restabelecimento da harmonia nas relações com outras mulheres (sobretudo, a relação com a mãe) é mediada por uma série de práticas terapêuticas, desde o próprio círculo- o estar entre mulheres se constitui como uma prática terapêutica e nutridora-, passando pelos florais da lua - presentes em 2 círculos que acompanhamos no ano de 2019, além de técnicas como vaporização do útero, chás, ungamentos, aromaterapia, e a aceitação pessoal da própria ciclicidade, que se expressa materialmente na menstruação.

Assim como no contexto de Porto Alegre, também identificamos em Fortaleza um crescimento em torno de práticas neo-esotéricas, em especial em relação a uma forma de experenciar uma espiritualidade que tem como foco a “o feminino” e que se expressa a partir de um ecletismo religioso e de uma aproximação de técnicas terapêuticas e religião.

Nesse contexto moderno/contemporâneo, cabe ao indivíduo a rearticulação e colagem dos elementos simbólicos sagrados disponíveis nas suas trajetórias, não havendo uma vinculação obrigatória à religião herdada pela origem familiar. Aqui, novamente, Herveiu-Leger (2015) pode nos auxiliar com sua reflexão acerca da figura do peregrino.

Se a figura do crente “praticante” foi o emblema do mundo tradicional, em que a influência da religião estava inscrita nas práticas sociais, na atualidade, passamos por um processo de transformação em que a religião precisa ser defendida contra a secularização, precisando por isso de uma conquista ou reconquista religiosa, “[...] a figura do praticante está, na verdade, associada à existência de um mundo de identidades religiosas fortemente constituídas, que definem grupos de crentes socialmente identificados como ‘comunidades’” (Hervieu-Léger, 2015, p. 84).

Porém, em um mundo em constante movimento, focado na autonomia dos indivíduos e na crença de que é possível criar por si mesmo os sentidos demandados pela subjetividade é na figura do “peregrino” que se encontra o emblema da modernidade religiosa, refletindo a religiosidade construída a partir de experiências pessoais.

Essa “religiosidade peregrina” se caracteriza pela individualidade e fluidez dos conteúdos da crença, como também pela incerta pertença comunitária, que pode se modificar ou que não exige compromisso duradouro.

O que distingue de maneira decisiva a figura do praticante e do peregrino diz respeito ao grau de controle institucional presente em uma e em outra. O praticante se conforma a disposições fixas, que têm, por isso, um caráter de obrigação para todos os fiéis. Mesmo quando a observância é solitária, ela conserva uma dimensão comunitária. A prática peregrina, ao contrário, é uma prática voluntária e pessoal (Hervieu-Léger, 2015, p. 98).

A autora cita o exemplo das Jornadas Mundiais da Juventude (católica) em que grupos de jovens aderem ao evento ainda que não praticantes da fé católica ou mesmo tendo um envolvimento muito precário com as normas e a comunidade católica.

A partir das entrevistas realizadas e as conversas estabelecidas ao longo do trabalho de campo, foi possível perceber que é comum nas trajetórias das participantes e facilitadoras essa peregrinação religiosa e a fraca pertença aos círculos, sendo como a identificação de “buscadora”. Esse termo reflete muito da espiritualidade contemporânea. Essas mulheres estão em movimento, buscando, peregrinando em busca da cura para o feminino. Mas não só isso. Essa busca se dá ao longo das trajetórias individuais podendo refletir várias pertenças religiosas ao longo da vida ou múltiplos pertencimentos em um mesmo momento. A busca também pode se constituir como uma forma de curiosidade quanto aos mistérios do mundo (vida-morte-vida) ou ainda a um sentimento de desamparo a ser preenchido.

4.3 Trajetórias espirituais das mulheres dos círculos

Nesse tópico, apresentamos alguns relatos de participantes e facilitadoras de círculos de mulheres que retratam momentos de reflexão sobre suas trajetórias espirituais, dialogando com a discussão feita nos tópicos anteriores. Notamos como essas mulheres vem de uma peregrinação religiosa, rompendo com instituições, em certos momentos, procurando um diálogo entre uma crença livre e expressões mais dogmáticas, em outros, questionando determinadas práticas, e por fim, criando um modo de vivenciar a crença de modo muito mais pessoal.

Uma das entrevistadas, num longo relato, fala de como ao longo da vida foi levada a renegar sua curiosidade sobre os mistérios (estudos sobre runas, deuses egípcios, bruxaria) para aderir à fé católica. Essa entrevistada conta de sua adesão pessoal à Renovação Carismática Católica, durante o início dos anos 2000, quando decidiu “perceber” sua própria fé em um Grupo de Jovens da Renovação Carismática Católica, chegando ao noviciado e aos votos de pobreza, castidade e obediência para depois deixar o catolicismo, passar por outras religiões, e hoje se relacionar de modo muito particular com o sagrado, negando toda forma de autoridade e hierarquia religiosa. Segue um trecho da entrevista:

Eu passei por muitas religiões. [...] Eu sempre fui muito observadora desde de criança, isso é um traço muito forte em mim [...] e teve um momento no início da pré-adolescência que eu tive uma curiosidade profunda de perceber como era essa questão da espiritualidade, embora eu nem utilizasse esse termo. Então, eu fui pesquisar sobre runas, orixás, bruxaria... sobre faraós [...] Eu pesquisava sobre o que os egípcios cultuavam como deuses, eu tinha uns 8 anos de idade [...]. Só que na medida que eu fui crescendo eu fui percebendo que havia um cerceamento que me conduzia para o catolicismo. [...] A família dele (do pai) tinha muito preconceito com umbandistas e com espíritas [...], embora, um lado da família da minha mãe passe muito por essa parte de espíritas e umbandistas, a família do meu pai era muito católica. E eu estava no fogo cruzado. E aí por puro condicionamento eu acabei abrindo mão da minha curiosidade de lidar com runas, de lidar com cristais, de pegar as plantinhas e fazer alquimias [...] e suplantei tudo isso sob “o Catolicismo é a única religião que funciona” [risos]. Logicamente eu estou rindo porque é engraçado lembrar disso. Então, eu passei milhares de anos luz me impulsionando por meio do catolicismo, digamos assim, e aos 18 anos fui para o primeiro grupo de jovens. Foi no boom da renovação carismática, quando o padre Marcelo Rossi lotava estádios cantando aquela música dos “animalzinhos” e aquele negócio todo. Pois bem, eu vivi aquilo ali com vigor! E aí foi muito curioso porque quando eu escolhi ir para um grupo de jovens foi uma decisão minha, não houve imposição de terceiros. Eu tinha curiosidade de perceber a minha fé por meio de um grupo de jovens e aí eu quebrei a minha cara, porque grupo de jovens, pela primeira experiência que eu tive e as sucessivas também, nada mais era do que uma réplica hierárquica-social de como algumas pessoas se sobreponha mais às outras e às manipulam e às envenenam com jogos mentais, em suma. Só que nesse meio tempo, entre os 18 e os 23 anos, o mergulho foi profundo nessa questão do catolicismo, quase cheguei a ser freira, cheguei até o primeiro ano de noviciado, fiz voto de pobreza, castidade e obediência. Eu me consagrei umas duas ou três vezes. Eu vivia para a Igreja e hoje olhando bem a distância, eu percebo que é muito fácil você mergulhar nesse meio quando você é vulnerável por não conhecer você mesmo.

É muito fácil porque as pessoas fisgam as outras, as que elas pescam para esse meio. [...] Mas o que eu percebi depois que eu saí dessa questão toda com relação à renovação e de ter atravessado brevemente outras religiões é que a condução é muito similar, só muda a embalagem. Então é muito fácil para as pessoas fisgarem gente frágil, gente que está emocionalmente comprometida com alguma questão, mal resolvida [...]. E principalmente se é alguma questão mal resolvida em relação à mamãe, papai ou cônjuge ou ex-cônjuge você tende a projetar isso em um guru, em um padre, em um pastor e por aí vai. É muito fácil. E você fica eternamente naquela coisa de ser obediente a alguém. Só que essa questão de ser obediente a alguém sempre me tirou do sério (Lilith, 40 anos, entrevista realizada em 17 de julho de 2021).

Essa fala não foi única durante as entrevistas com participantes e facilitadoras. Outras mulheres, ao refletirem sobre como se relacionavam com o sagrado, também trouxeram elementos que apresentavam uma peregrinação religiosa, uma “busca”, seguida por rompimento com certas instituições e o encontro com uma “espiritualidade” mais livre, em que se pode expressar sua conexão com o divino de modo individual, permitindo colagens de crenças e sem o envolvimento institucional, como segue nos próximos dois trechos:

[...] eu venho de uma educação extremamente conservadora, católica. [Eu] fui criada por avó durante toda a minha vida e a minha avó era uma beata, era uma rezadeira daquelas de usar aquele veuzinho. [...] Ela criou a gente de uma forma muito conservadora. Eu fui da Renovação Carismática durante anos da minha vida, mas chegou um tempo [...] que eu comecei a questionar muita coisa dessa igreja. Ela [a igreja] não me nutria mais, não trazia para mim um entendimento que eu precisava ter com relação a esse algo mais que a espiritualidade pedia de mim e aí [...] isso começou a me inquietar profundamente. Eu parei de ser aquela católica praticante que ia à missa todos os domingos, que trazia tudo isso, todo esse valor para os filhos. Eu passei a ter o entendimento de que podia não ser bem assim, as coisas começaram a mudar dentro de mim e eu passei a deixar de ir, de praticar esse rito todo domingo, essa coisa toda. Porque antes era todo dia. Chegou um período que eu ia todo dia à missa, que eu fazia leituras bíblicas todos os dias, isso na época que eu era da Renovação Carismática. E aí, [...] vendo tudo que a religião católica fez, dentro da história, com o ser humano, com a mulher [...]. Isso começou a chegar muito forte em mim e eu comecei a ver o que eu [antes] não via. As coisas começaram a chegar, as informações começaram a vir de dentro de mim. E aí começou a causar uma indignação, muita coisa eu passei a ver com muito mais clareza e esse conservadorismo que é repressor e que de certa forma impede muito o crescimento da expressividade e da verdadeira espiritualidade. 2.E aí quando chegou mais ou menos em 1999 para 2000 [...] eu fui para uma formação que era de dinâmica de grupo e era uma especialização que trazia muita teoria e aquilo também estava me pagando muito. Eu queria algo que mexesse com meu corpo e aí nesse período eu descobri que estava tendo uma formação, em paralelo com essa especialização, e também era de dinâmicas e que era muito vivencial e eu resolvi fazer em paralelo. (Sofia, entrevista realizada em 02 de novembro de 2022).

Mas eu não cultuo nada hoje, eu não tenho assim [uma prática de] vou acender a vela para um santo, vou rezar para um Deus ou para [...]. Não tenho isso. É assim, vai acontecendo, eu vou sendo arrebatada. [...] De berço, sou católica, minha família toda é católica. Eu fui batizada, fiz primeira comunhão, crisma, eu só não casei na igreja, foi o ritual que eu não fiz, os outros eu fiz. Aí depois eu tive um contato forte com o espiritismo porque era essa busca de respostas. Então, o espiritismo tem ali um livro com perguntas e respostas que explica tudo a partir desse discurso [...] (risos). Depois, eu acho que eu frequentei um tempo a umbanda, religiões de matriz africana. Eu

achava muito bonito os ritos africanos, a cultura, a dança, a forma de incluir o corpo, que as outras não incluem tanto, [as outras religiões são] mais essa coisa do transcendente e tal, do plano espiritual. O corpo às vezes é colocado no lugar do pecado, de vamos subjugar o corpo para elevar o espírito. Nas religiões de matrizes africanas o corpo também é sagrado e profana tudo [...]. E era um prazer, era uma religião que me dava prazer em frequentar, porque eu sentia prazer de estar ali no batuque, daquela dança [...]. E as religiões ayahuasqueiras, com as plantas de poder, o Santo Daime que eu frequentei umas três, quatro casas diferentes de religiões que tomam o chá da ayahuasca. E eu acho que foram as que eu mais imergi, assim, como uma identificação mesmo, porque para um psicólogo, eu acho, falando por mim, para mim, enquanto psicóloga, era muito interessante o contato com o inconsciente que a experiência psicodélica, com a planta, me possibilitava. Então era quase um estudo. Tinha, claro, a experiência espiritual, tinha uns fenômenos, coisas que aconteciam inexplicáveis, mas tinha esse “nossa, olha como o meu inconsciente me mostrou tal coisa!”, “olha, o que esses inconscientes estão produzindo a partir dessa planta”. Essa coisa também dessa ligação com ancestralidade indígena porque eu tenho uma bisavó indígena [...] (Pachamama, entrevista realizada em 23 de maio de 2022).

No primeiro trecho, a entrevistada relata não apenas seu afastamento da igreja Católica, como o processo de reflexão e questionamento que a levou a romper com a instituição, uma vez que a mesma representaria uma repressão da “verdadeira espiritualidade”. Os dogmas e obrigações católicos limitariam a expressão de uma espiritualidade “verdadeira”, pessoal, que para vir à tona precisaria de um espaço mais livre. Além disso, nota-se que a descoberta e abertura para essa espiritualidade mais frousa perpassa estudos e formações (teóricas e práticas). Esse elemento é importante uma vez que entendemos que uma das características principais das mulheres participantes é um alto grau de envolvimento intelectual seja com leituras ou formações. Algo também muito comum é o processo de profissionalização, a participante começa frequentando alguns pontos do circuito neo-esotérico, começa a fazer formações e em seguida começa a se posicionar como terapeuta, ou seja, a experiência nesses espaços pode representar uma possibilidade de carreira.

Já no segundo trecho, fica perceptível a peregrinação da entrevistada entre várias religiões, desde a religião herdada da família, passando por outras experiências (Espiritismo, Umbanda, Santo Daime) que nos apresentam um pouco da diversidade do campo religioso brasileiro. As reflexões de Pachamama nos demonstra uma experiência religiosa que é também reflexiva, como quando ela aponta suas reflexões com a ayahuasca, sendo essa uma mediadora para o inconsciente. A experiência com o chá possibilitaria ao mesmo tempo o acesso à transcendência, sem, contudo, esvaziar uma perspectiva racional e reflexiva.

Essa racionalidade aparece em outro trecho da entrevista de Pachamama:

Desde menina eu tinha muita curiosidade pelo oculto, por esse lado do Mistério, do que são esses fenômenos. Eu sempre fui uma pessoa assim bem intuitiva. [...] tem essa questão intuitiva de ter uma sensibilidade para captar ali alguma coisa que não está no material somente. Eu tinha muita curiosidade de entender, e olhe que eu sou bem

racional. Então, eu tinha muita curiosidade de entender e transitei também, fiz essa série por tudo que foi religião para tentar encontrar a resposta. Hoje em dia, no ponto que eu estou, eu me sinto confortável em não ter respostas, em vivenciar mesmo isso enquanto um mistério. Eu acho que teve um momento que eu estava cansada de saber tanta coisa e ao mesmo tempo que, às vezes, eu me percebi como [...]. Eu sou muito racional, quando eu estava no ritual, quando eu estava vivenciando alguma coisa eu ficava no lugar de me entregar aquilo que estava acontecendo, à experiência Mística, eu ficava [pensando], isso aqui é isso aqui, isso aqui que está acontecendo é aquilo lá, tentando colocar em caixinhas [...] (Pachamama, entrevista realizada em 23 de maio de 2022).

A busca por respostas e um entendimento racional do mundo e a intuição (sensibilidade para com o não material) aparecem lado a lado, não de modo excludente. Entendemos que essa dinâmica em que há espaço para construções que sintetizam pontos contrários (razão x intuição) marca o circuito neo-esotérico. Mais uma vez, observamos o grau de reflexividade que é posto em prática pelo sujeito que busca experiências não institucionalizadas. A busca por respostas leva o buscador a se movimentar de modo ativo tentando se aproximar de uma resposta que dê conta tanto da dimensão transcendental como da racional-reflexiva. Essas duas dimensões podem se encontrar no momento ritualístico, através de uma reflexão sobre o próprio momento.

A dimensão de uma espiritualidade não vinculada à igreja/instituição perpassou outras entrevistas, como a de Oyá:

O sagrado nunca passou por igreja, nunca, não passou e não passará, tenho fé (risos). Eu sou uma pessoa, desde que eu me conheço, sou muito espiritualizada, tenho uma relação muito forte com o espiritual, com o mundo do invisível, com o mundo do não dito, então, assim, uns processos muito solitários, mas também muito atento a práticas de outras pessoas. Eu já fui para várias igrejas, mas vou por lazer, por curiosidade, para ver, para testar, eu vou para conhecer, mas não, não passa. Meu sagrado não passa pelas igrejas, passa por uma conexão com energias. Então, eu gosto muito de rituais. Gosto de ritualizar, mas não gosto da ideia de estar vinculada a qualquer instituição religiosa que são marcadamente orientadas por homens, no geral, que são os líderes e tal, mesmo quando tem mulheres não interessam. E então assim, minha mãe não tem religião, meu pai não tem religião. Minha avó materna era da Seicho-no-ie, mas eu acho que era só para disfarçar porque ela era macumbeira sem nem saber, mas, enfim, conversava com os antepassados, fazia oração em japonês e tudo, mas era umas coisas muito de falar com os antepassados dela e tinha uma vibração, uma relação com o rito de cura muito forte, minha avó curava com mantras que ninguém entendia, falando umas palavrinhas com os antepassados dela, então assim tinha umas coisas muito fortes e já da família do meu pai, eu não sei muito, mas minha avó tinha Nossa Senhora Aparecida, que eu inclusive tenho na minha casa por causa da minha avó, mas eu nunca fui nem para igreja com ela. Assim, não sei qual era a relação dela com a igreja. Minhas avós são de São Paulo e eu cresci aqui. Mas a minha vó da Seicho no é ela tinha muito uma apegada que eu digo hoje que é quântica, bruxa, que eu tenho, então, eu sou muito vinculada. Eu faço meus ritos para os orixás hoje, depois que eu passei a conversar, eu tenho Oxum aqui, converso com Oxum, converso com Oxalá, que eu fui descobrindo entidades que estão na minha linhagem proteção, mas não, não passa. Já tentei me aproximar do Candomblé, achei ótimo, esse pai de Santo, achei um pai de Santo preto aqui e aí fui lá e disse, ah, acho que vou ficar com ele. Aí eu chego lá e ele diz assim, fez o jogo e falou: -você não fica em igreja nenhuma, não

tem quem faça você ficar numa igreja, seja ela qual for. Ai eu digo, “ai que ótimo!” (Oya, entrevista realizada em 11 de julho de 2022).

Aqui, temos uma trajetória familiar já desvinculada de uma religião institucionalizada. A entrevistada reconhece outros motivos para conhecer igrejas (curiosidade, teste) que não a obrigação familiar por uma religião herdada. A mesma traz referências diversas seja da história familiar ou da sua própria experimentação, a avó que era da Seicho-no-ie, imagens de Nossa Senhora e também de Oxum. A relação com o sagrado é construída a partir de experimentações, movimentações, lembranças de antepassados que passam a fazer sentido na história pessoal. A liberdade religiosa como um valor é sentenciada pelo oráculo do pai de santo: “você não fica em igreja nenhuma”, ao que ela exclama: “ai, que ótimo!”.

No relato da interlocutora, a “espiritualidade” aparece também como desvinculada do institucional. Essa premissa, de que espiritualidade não é religião é outro elemento essencial na compreensão dos círculos. Aqui, Oyá se considera uma pessoa muito espiritualizada ao mesmo tempo que afirma que “o sagrado nunca passou por igreja”. Além disso, essa espiritualidade está associada à dimensão energética, quântica, nos remetendo as colagens possíveis feitas não só entre símbolos e práticas de diferentes religiões, mas também a partir do campo das ciências (física quântica, por exemplo), outro elemento de uma vivência proporcionada pela modernidade.

Temos, ainda, uma vivência com o sagrado que reinventa a pertença religiosa. Uzume, uma de nossas entrevistadas se apresenta como umbandista, ainda que não faça mais parte de um terreiro específico. A vinculação dela à umbanda é transformada em uma experiência pessoal a partir dos aprendizados que a mesma teve durante os anos que frequentou de modo sistemático os templos umbandistas. Observa-se que são múltiplas as possibilidades de pertencimento e vinculação religiosa. Em terras brasileiras, o sagrado é vivenciado de forma plural, tendo o indivíduo bastante autonomia e criatividade para criar sua própria crença e seu modo de vivenciá-la:

[...] mas, mesmo assim eu acho que a Umbanda, ela pega em mim porque eu me sinto livre. Eu não me sinto presa. Então, hoje eu não faço parte de nenhuma casa. Eu vivencio a Umbanda por mim, a partir de mim, das coisas que eu aprendi, que eu sei, do meu espaço, dos meus altares. Então, é uma coisa minha. Eu me considero umbandista porque como eu entendo hoje, com tudo isso, é que não é você estar dentro de um templo, mas é o que você entende, o que você sente. Esse entendimento é muito do sagrado feminino, essa coisa de que não é você estar dentro de um lugar (Uzume, entrevista realizada em 17 de novembro de 2022).

Outro elemento importante para compreender os círculos sob a moldura da modernidade é a pouca exigência (quase nenhuma) quanto à fidelidade ao grupo. Não há nos círculos nenhuma obrigação de dom e contra-dom. As participantes podem ir e vir de modo livre, sem maiores explicações, a depender de seu desejo, intuição ou “do chamado” que sentem. Participar de um círculo é uma decisão individual e momentânea. A mulher pode deixar de participar quando quiser sem dever explicações, e mesmo aquelas que sempre estão presentes nas rodas não constituem uma cadeia de obrigações para com as demais.

Essa fruixidão permitida é expressa na fala de uma entrevistada, que compartilha sua prática de ir de círculo em círculo, deixando claro a liberdade desses espaços, sendo o trajeto religioso pautado pela vontade e intuição da própria participante, como segue no trecho a seguir:

Desde de 2018, eu estava buscando um amparo em relação ao feminino, porque eu era muito perdida. Eu tinha muita raiva desses conceitos do feminino ser frágil, de ser incapaz, de ser sem libido. Isso tudo eu absorvi pra mim e aí eu “não, eu não quero isso” e então eu pedi ajuda a uma amiga que eu achava muito incrível. E ela me indicou uma leitura que foi o livro Mulheres que correm com os lobos e depois disso eu fui vendo que tinha círculos de mulheres e daí eu fui indo de um para outro e para outro e outro, de modo muito aleatório. Tanto é que esse do espaço Rayzel eu fui por acaso, porque eu vi e disse “ah, eu vou lá. Vou chegar lá”. E fui. Eu sempre fui muito de “ir na doida”. E eu nunca fiquei em um fixo. E aí eu conheci uma amiga minha, a Alessandra, bruxona, eu acho que foi ela que me apresentou, eu não lembro... Mas por acaso, eu também vi que havia encontros lá com os florais da lua. Aí eu “olha que legal, eu vou lá conhecer, ir uma vez e sumir” e fazer isso como eu faço com os outros. Só que eu vi que ele era fixo. E aí ela falou que gostava de grupo fixo, que não gostava de pular de um grupo para outro, e eu “sério?”. Eu adoro ficar pulando de um grupo para outro e ir conhecendo várias mulheres e várias histórias. Mas eu experimentei ficar nesse fixo e se aparecesse outro eu iria também. E aí eu fui a primeira vez e vi que tinha continuidade e continuei indo. E foi muito bom (Vila, 22 anos, entrevista realizada em 01 de abril de 2021).

Nessa trajetória religiosa a adesão é feita pela vontade do sujeito que pode aparecer justificada pelo chamado de se aproximar de certos espaços ou de deixá-los, é a intuição, a voz pessoal que dá sentido à adesão. Na fala da interlocutora, temos dois modos de se relacionar com os círculos, a forma “aleatória”, nas palavras da entrevistada, que gosta de experenciar essa diversidade de lugares, pessoas e histórias e da amiga que a apresenta ao livro Mulheres que correm com os lobos, que gosta de frequentar um círculo fixo. Em ambas, notamos que o modo de se relacionar com o círculo é algo individual e livre.

Uma outra mulher- essa facilitadora- me disse, ao comentar sobre uma roda que iria conduzir em meados de julho de 2021, que estava se sentindo desnutrida, precisando estar entre mulheres, outro argumento para estar no círculo, estar entre mulheres é curativo e nutridor.

Os relatos que trouxemos também retratam outros elementos da trajetória dessas mulheres. A forma como o sagrado é experenciado é mediado pelos acessos que cada uma teve ao longo de suas histórias pessoais a livros e outros bens culturais que possibilitaram que elas avançassem no mundo do neo-esoterismo e do conhecimento sobre si mesma. Lilith trouxe a curiosidade pré-adolescente quanto ao mundo místico dos egípcios, runas e orixás, a segunda foi iniciada por uma amiga a partir do livro *Mulheres que correm com os lobos*, ambos elementos culturais do circuito neo-esotérico.

Daí pensarmos qual o lugar social dessas mulheres. Lilith e Vila, por exemplo, são mulheres brancas, com acesso ao nível superior (uma delas com mestrado) que tiveram possibilidades de acesso a bens culturais que não circulam - ou que têm mais dificuldade de circular- nas classes mais pobres. As interlocutoras residem em bairros de classe populares, elemento que desestabiliza uma identidade “classe média”, mostrando também que no jogo do social não há um determinismo, mas uma complexa dança de acessos e exclusões, uma coreografia em que o aprendizado é mediado por muitas disposições.

No trecho da entrevista de Vila, a entrevistada fala de seu incômodo sobre a imagem dócil, frágil e sem libido das mulheres. Essa noção de um feminino moldado na docura também indica o lugar social de quem fala. A imagem de docilidade está associada ao imaginário das mulheres brancas, enquanto as mulheres negras foram construídas socialmente a partir de imagens de controles (Bueno, 2020) como a da “matriarca”, associada à raiva e violência e a da “jezebel”, exemplo de uma sexualidade excessiva e insaciável.

Para Hervieu-Léger o que caracterizaria nossa sociedade é que a crença escapa ao controle das instituições religiosas. Observa-se na modernidade religiosa uma ruptura entre a crença e a prática religiosa, o que demonstraria o enfraquecimento das instituições que guardariam as regras da fé. Essa ruptura é observada no fenômeno dos crentes não praticantes, aqueles que professam uma fé, contudo não a praticam no cotidiano.

O elemento mais marcante na perda do controle sobre a crença é a liberdade que os indivíduos têm de construir seus próprios sistemas de fé, mesmo que esse sistema pessoal seja desvinculado de qualquer corpo de crenças institucionalizadas. Essa bricolagem se diferencia de acordo com as classes, ambientes sociais, o sexo, as gerações, salienta a autora: “[...] Em matéria religiosa, como o tudo mais na vida social, o desenvolvimento do processo de pulverização individualista produz paradoxalmente a multiplicação de pequenas comunidades fundadas nas afinidades sociais, culturais e espirituais de seus membros” (Hervieu-Léger, 2015, p. 51).

4.4 Reflexões sobre o universo Nova Era e as dificuldades de classificar um fenômeno diverso

Seriam os círculos de mulheres e o Sagrado Feminino mais um braço da Nova Era? O que aproximaria ou distanciaria os círculos do fenômeno Nova Era? Quais os cortes que são feitos e as extensões alcançadas? Antes de responder a essas perguntas é necessário discutirmos como se deu o surgimento desse movimento no Brasil, suas características, possibilidades e limites. Tentaremos, portanto, reconstruir de forma breve o percurso desse movimento em terras brasileiras.

Maluf (2011)¹⁷ resgata os estudos sobre essas novas culturas espirituais, apresentando as várias classificações que giram em torno dessa maneira fluida de vivenciar o sagrado. Nomes como novas espiritualidades, novas religiosidades, terapias paralelas, nebulosa mística, mística-esotérica, dentre tantos outros ficaram comuns no meio acadêmica na tentativa de classificar essa movimentação. No Brasil, o termo Nova Era se tornou o mais comum, dentre os estudos de Sociologia da Religião, ainda que nas práticas dos sujeitos, no geral, eles repudiem esse termo.

A diversidade de termos já nos apresenta a dificuldade conceitual de delimitar um fenômeno tão diverso e plural. Há inúmeras vertentes que tentam conceitualizar essa movimentação.

Magnani (2016) aponta que desde a década de 1960, acompanhando a contracultura estadunidense, aqui também houve uma movimentação cultural e política contra a ordem estabelecida. A partir das artes, sobretudo do cinema (cinema novo), da música (música popular brasileira - MPB) e do teatro (de vanguarda), a agitação contra o establishment movimentou os trópicos. A partir da década de 1970, inicia-se o processo de “mistificação” desse movimento que passa a incorporar, para além da dimensão cultural e política, elementos, ritos e práticas associadas a uma perspectiva “espiritual”.

Magnani (2016) aponta que orientalismos, práticas de alimentação natural (macrobiótica e vegetarianismo), cuidado com o corpo (yoga, acupuntura), práticas oraculares (runas, tarot, astrologia), somadas a outras ordens e associações, que já estavam presentes no país desde o início do século XX, como a Loja Teosófica (datada de 1902), Sociedade

¹⁷ A autora em questão prefere utilizar o termo “culturais espirituais e terapêuticas alternativas” em vez de Nova Era.

Antroposófica (de 1916), budismo (1932) e Seicho-No-iê (1952) começaram a dar a tônica do que hoje conhecemos como New Age.

O aprofundamento do New Age deu-se na década de 1970, com a disseminação das “comunidades alternativas rurais”, espécie de radicalização do que pretendia a contracultura ao criticar a ordem urbana-capitalista-industrial. Nessas comunidades eram experienciados valores e práticas como a vida comunitária, espiritualidade em contato com a natureza e uma produção agrícola livre de agrotóxicos. Essas comunidades se espalharam pelo Brasil, se concentrando, sobretudo nos seguintes locais: sul de Minas Gerais, Chapada dos Veadeiros (Goiás), Chapada Diamantina (Bahia), Chapada dos Guimarães (Mato Grosso), Serra da Bocaína (São Paulo), Planalto Central (cidades de Goiânia e Brasília). As razões pela escolha desses locais, explica Magnani (2016), é devido às “energias” que cada um teria, “su status de chakras del planeta y otras justificaciones más, sacadas del eclético programa de la Nueva Era” (Magnani, 2016, p. 50).

É na década de 1980 e 1990 que o movimento Nova Era se consolida e se diversifica, tornando-se cosmopolita e adquirindo nuances de mercado. Magnani (2016) aponta que em São Paulo, no início de 1990, já havia quase mil estabelecimentos dedicados a atividades desse segmento. A tendência que se seguiu foi a busca por uma melhor qualidade de vida integradas ao contexto urbano, se configurando como um “estilo de vida”.

A Nova Era foi então tomando certos contornos e despertando a atenção. Por parte de alguns grupos, como da mídia de massa, as práticas eram vistas como mera superstição, ligada a charlatões e falsos gurus que agiam de má fé. Por parte dos estudos de religião, esse conjunto de rituais e elementos eram vistos como uma “religião à la carte” em que cada um se servia como queria, estando muito mais ligada a um mero fenômeno de mercado. Como os serviços ofertados para os buscadores se espalharam pela cidade foi a antropologia urbana que acabou olhando para esse tema.

Apesar da diversidade de práticas e ofertas, começou-se a mapear a dinâmica de funcionamento desses grupos, os percursos realizados pelos buscadores e notou-se que havia certos princípios norteadores, ainda que no meio de tanta pluralidade, “fue posible identificar la presencia de un estilo de vida más amplio que incluye, como uno de los factores de desarrollo de las potencialidades personales y el autoconocimiento, la búsqueda de nuevas formas de espiritualidad y también de religiosidad” (Magnani, 2016, p. 52).

É a partir dessas observações e estudos durante a década de 1990 que Magnani (1999, 2016) elabora a noção de circuitos neo-esotéricos, sendo compreendidos como:

[...] red contigua en el espacio urbano que, por medio de la articulación de locales para los cursos, terapias, entrenamientos, rituales, venta de productos y puntos de encuentro, permite la circulación por los más variados sistemas, conformando una totalidad plenamente reconocible en el paisaje de la ciudad; accesible, abierta y sin mecanismos exclusivistas o sectarios de adhesión (Magnani, 2016, p. 52).

Para Magnani (1999, 2016), as matrizes desse sistema são estabelecidas a partir de cinco pilares: a) as religiões e filosofias orientais, tais como o budismo e hinduísmo, b) as sociedades iniciáticas, c) cosmologias indígenas, d) ritos pré-cristãos europeus, como a tradição celta e e) as investigações de alguns ramos da ciência como a física quântica e a neurolinguística. Há, ainda, as características dos participantes, que também demonstram múltiplas nuances de adesão e pertencimento. Magnani (2026) aponta três tipos: os eruditos, que estudam e se aprofundam no tema, os frequentadores habituais e esporádicos.

Apesar de tamanha pluralidade de matrizes e adeptos, Magnani (2016, p. 53) sinaliza alguns pontos comuns que dão a tônica dessa movimentação:

Se trata, por lo tanto, de una forma peculiar de expresar la relación con lo sagrado que establece contacto con otras instituciones productoras de sentido: la preocupación por la ecología, la calidad de vida, el respeto al planeta, la alimentación saludable, el cuidado del cuerpo, la búsqueda de estados espirituales más contemplativos.

De la Torre (2016), Frigerio (2016) e Carozzi (2019) defendem que a Nova Era pode ser compreendida como uma matriz interpretativa, espécie de “gramática interna” que dá sentido a um conjunto de elementos, práticas, ritos e comportamentos, de modo a permitir uma compreensão dessa dinâmica tão diversa e plural, mas não caótica e ilimitada. Há certos princípios que norteiam o new age. Frigerio (2016) apresenta três núcleos de ideias centrais que caracterizam o new age:

- a) noção de um self sagrado: a ideia de uma centelha divina que habita cada um e que pode ser desenvolvida em um processo de autoconhecimento e melhoramento interno, entendendo que há uma reação em cadeia e que o melhoramento de um afeta o todo (cosmo, natureza, planeta);
- b) Circulação permanente: uma autonomia do sujeito que permite que ele circule entre os diversos pontos do circuito neo-esotérico, trazendo a ênfase do sentido não em dogmas a serem seguidos, mas no próprio indivíduo que tem livre arbítrio de decidir participar do que mais irá contribuir para o seu melhoramento individual, ou seja, o foco está tanto nas especificidades individuais como na multiplicidade de caminhos e trajetos a serem construídos por essa escolha individual;

c) Valorização positiva das alteridades: há uma preferência por determinadas práticas religiosas e terapêuticas dentro do universo new age que perpassa por uma “exotização das alteridades”. A depender da posição que determinadas culturais tradicionais ocupam nas narrativas nacionais, elege-se grupos, culturas, práticas como positivos e tenta-se “resgatar” os elementos dessa ancestralidade, tal como ocorre no México com a neomexicanidad, que conjunta tradições indígenas, danças tradicionais e redes new age ou no neoxamanismo brasileiro, com sua rede urbana de xamãs e práticas indígenas (não urbanas).

Guerriero (2016) ressalta que, no Brasil, o New Age foi desde o início composto por pessoas de camadas mais prósperas e com acesso à educação superior, estando interessados por religiões ou expressões do sagrado ligadas a um certo exotismo, como os orientalismos, o paganismo e as religiões pré-cristãs. Ficavam de fora desse combo expressões populares da religião, como a umbanda. Essa matriz afro foi percebida de modo diferente para os new agers europeus, por exemplo, que recebiam essa religião genuinamente brasileira como algo exótico, por sua vez.

A expressão espiritual Nova Era sofreu, e ainda sofre, críticas. Guerriero (2016) aponta que houve uma percepção ligada ao consumo e a superficialidade de práticas, além de uma “deformação das religiões”, uma simplificação de rituais, o que traria um esvaziamento de sentido, sendo mera distração de classes abastadas.

Guerriero (2016) também aponta que desde a *década de 1980, com as comunidades alternativas rurais*, houve uma aproximação com etnias indígenas¹⁸ que passaram a oferecer formações e oficinas numa perspectiva de elevação espiritual e autoconhecimento. O mais interessante, observa o autor, é perceber que as religiões brasileiras tradicionais, como o catolicismo e os pentecostalismos, também se modificaram, incorporando aspectos do new age.

Guerriero (2016) comprehende o New Age como “fruto da sua época”, uma espécie de espírito do tempo que reflete transformações sociais mais amplas, indicando um estilo diferente de lidar com a espiritualidade, o corpo e o desenvolvimento pessoal. O âmago das práticas religiosas em recriação estaria na subjetividade, indicando um movimento de individualização por que passa a sociedade. Esse processo coloca em marcha uma realidade notadamente criativa capaz de fazer uma multiplicidade de composições religiosas, sendo marcado por uma “secularización de las creencias, racionalización de las actitudes y la individualización [...]” (Guerriero, 2016, p. 166).

¹⁸ O trabalho de Oliveira (2016) chama atenção para o diálogo entre Nova Era e Umbanda, no Brasil, a partir da chamada Umbanda Esotérica, investigando as incorporações feita pela Umbanda popular dos elementos Nova Era.

É por isso que o autor afirma que “Lo divino pasó a ser visto como una prerrogativa del individuo” (Guerriero, 2016, p. 167). É por meio do autoconhecimento, de um olhar para si mesmo que essa dimensão sagrada/divina pode ser encontrada. As religiões tradicionais podem representar um caminho para o sagrado, mas não um único caminho e mesmo essa pertença a uma denominação específica pode ser “colada” com outras experiências e experimentos, não indicando uma relação de exclusividade.

Tavares, Ribeiro e Silveira (2023) apontam para as experimentações da Nova Era que criam hibridismos articulando política, espiritualidade, ciência, esoterismo, filosofia, o que já vem sendo discutido por Latour (2019)¹⁹. Esses híbridos também são atravessados por questões de poder e desigualdade, sejam elas de raça ou classe. A autora segue discutindo a rede condensada Nova Era, sustentada de início pelos chamados espaços holíticos ou alternativos, mas depois vazando para um estilo de vida e consumo específicos. Essa rede condensada, de oferta de serviços e prática terapêuticas, se estendeu ao longo do tempo para outros espaços, angariando novos adeptos ao mesmo tempo que também sofreram cortes e interrupções.

A experiência do Vale do Amanhecer em Campina Grande evidencia o processo de ressignificação dos hibridismos, uma vez que temos a Nova Era se apropriando de práticas populares como a Umbanda, Espiritismo e Catolicismo, passando a agrupar não apenas pessoas das classes médias como também das classes populares (Oliveira, 2009 *apud* Tavares; Ribeiro; Silveira, 2023).

Há, ainda, um processo de confluência entre Nova Era e religiões tradicionais, além da aproximação com etnias indígenas (indigenização) e transnacionalização. Essas ressignificações seguem em duas direções, de um lado os estudiosos das religiosidades Nova Era se deparando com sincretismos das religiões populares e, do outro, estudiosos das culturas tradicionais se deparando com transformação oriundas da Nova Era nos contextos originários.

Ainda com Tavares, Ribeiro e Silveira (2023, p. 11), temos que “[...]vivências dos Círculos de Mulheres podem lançar luzes sobre novos atravessamentos que articulam ecofeminismo e interseccionalidade de raça e gênero [...]. As autoras definem os círculos de mulheres como:

[...] grupos organizados por mulheres e para mulheres - na grande maioria cisgênero e da classe média, alguns abertos para mulheres trans e, outros, com perspectiva

¹⁹ Aqui nos remetemos à noção de híbridos, proposta por Latour, que defende que no mundo de hoje há uma proliferação de seres híbridos, uma mistura de assuntos que perpassam da química à política, do sexo à doença, atravessando várias dimensões. Estaríamos cada vez mais envoltos em misturas “não modernas”.

racializada, que se encontram em espaços alternativos às religiões institucionais, articulando-se a partir de referências que emergiram na contracultura, bem como com as tradições locais, vinculadas à região onde os Círculos acontecem. Esses círculos podem ser vinculados a diversos movimentos como nova era, ecofeminismo e espiritualidades femininas (Tavares; Ribeiro; Silveira, 2023, p. 11-12).

Para essas pesquisadoras, os círculos apresentam afinidades com os contornos da Nova Era, uma vez que representariam uma espiritualidade sem lar, mas, também indicariam cortes, uma vez que podem ser estruturados de diversos modos, dentro de religiões mais institucionalizadas, como os círculos de mulheres na Wicca, ou em comunidade alternativas, como os encontrados em Terra Mirim, região baiana, além de incorporarem temas nem sempre tratados pela movimentação Nova Era, como os recortes de raça e identidade de gênero.

Entendemos, com Tavares, Ribeiro e Siqueira (2023), os círculos como híbridos (Latour, 2019), com descontinuidades, cortes e intermitências dessa matriz de sentido, ao mesmo tempo que reconhecemos a produção de novos híbridos, ou seja, que a própria matriz Nova Era vem sendo reconstruída, incorporando novas perspectivas e elementos, a exemplo da aproximação com povos indígenas e religiões de matriz africana, como também, a exemplo dos círculos de Terra Mirim, que já incorporaram a perspectiva de raça e gênero.

Compreendemos os círculos como mais uma inovação dentro do que se convencionou chamar de Nova Era. Defendemos que os círculos funcionam a partir da mesma matriz de sentido, priorizando determinadas práticas, narrativas e cosmologias e incorporando novas discussões, se aproximando das religiões afro-brasileiras e da cultura indígena, dos povos originários brasileiros.

Os três núcleos da Nova Era, apontados por Frigério (2016), dão conta de explicar a lógica dos círculos, que priorizam a noção de *self* sagrado a ser melhorado pelo autoconhecimento (e mais especificamente a ser melhorado através de um processo de cura do feminino), a circulação permanente, acentuando a noção da inexistência de dogmas a serem seguidos, e por fim, a valorização de alteridades, elegendo-se alguns grupos para serem exaltados (no caso dos círculos, percebemos uma exaltação da matriz indígena e africana brasileira, além, dos ciganos).

Há uma característica própria dos círculos de mulheres que foram estudados, em Fortaleza-Ceará, que é justamente o não pertencimento a uma instituição religiosa. Essas características de desvinculação religiosa aparecem em outros grupos (Morales, 2016; Valdes, 2017; Sarmiento, 2020). A esses grupos, não religiosos e autodenominados círculos de mulheres, é notório um conjunto de práticas que coloca o sujeito como central na experiência transcendental, além de uma confluência de práticas terapêuticas que conjugam neo-

esotérismos e saberes tradicionais, um imaginário que reitera que a cura de uma mulher impacta a cura do mundo, a colagem de símbolos, ritos de várias religiões bem como uma fundamentação da psicologia (sobretudo, junguiana), além da física quântica, indicando uma nuance relacionada a essa rede condensada Nova Era.

Sabemos que existem círculos (e reuniões que não batizadas por esse nome) de mulheres em outras expressões religiosas, como a Mística Andina²⁰, por exemplo, além daqueles que se reúnem a partir da Wicca (Cordovil, 2015), mas acreditamos que um círculo de mulheres que é realizado tendo como sustentação um dogma já se diferencia do nosso objeto de estudo, podendo ser estudado a partir de outras categorias analíticas.

Por fim, entendemos ser importante ressaltar que o termo Nova Era não é usado nos círculos em que estivemos presente. Não há uma negação do termo, ele simplesmente não aparece nos discursos, o que nos faz refletir se o termo não estaria sofrendo um apagamento, ou ainda uma fragmentação, se dissolvendo em outras possibilidades com características específicas, como o termo espiritualidade feminina e sagrado feminino, ou mesmo, círculos de mulheres. Esses sim presentes no circuito que participamos. Dessa forma, adotamos o termo Nova Era numa perspectiva analítica, não como categoria nativa.

4.5 Não é religião, é espiritualidade

Essa possibilidade de vivenciar o sagrado desatrelado de uma instituição religiosa, com a liberdade de fabricar uma crença híbrida que pode colocar lado a lado santos, orixás, práticas de cuidado, física quântica, seres mágicos, natureza, corpo, menstruação dentre tantos outros campos nos coloca frente a uma outra questão: o que se vive nos círculos não é religião, é espiritualidade. Foi isso que escutei em diversos momentos do campo. Mas como então compreender a noção de espiritualidade, seria mais uma ideia escorregadia tal qual a Nova Era?

Discutiremos, a partir de Toniol (2017), a noção de espiritualidade e como ela pretende se diferenciar de outros pontos conceituais, como religião.

Toniol (2017) parte da necessidade de compreendemos a categoria “espiritualidade” a partir de seus usos, ou seja, da situação em que está sendo utilizada e a partir daqueles que a elaboram. Na pesquisa de doutorado que o mesmo realizou no Rio Grande do

²⁰ Isso foi observado no próprio campo da pesquisa, em 2019, quando encontramos em contato com um círculo de mulheres que era organizado por integrantes da Mística Andina, em Fortaleza. No círculo em questão se observou questões como o ciclo menstrual em analogia à natureza, mas o foco principal era a utilização dos quatro elementos para a prática de magia.

Sul, essa categoria estava sendo manejada a partir da interface da Práticas Integrativas Complementares ofertadas pelo Sistema Único de Saúde em um hospital.

No contexto estudado pelo pesquisador havia uma negação do reconhecimento de uma prática (o reike) como algo religioso, sendo situada no campo da espiritualidade.

Esse argumento marcaria a postura institucional hospitalar que estaria ofertando uma prática integrativa, ou seja, que contempla o ser humano na sua integralidade, levando em consideração também a parte espiritual. A perspectiva do ser humano integral reconhece as seguintes dimensões: biológica, mental, emocional, social e espiritual. Essa perspectiva integral associada à saúde está presente desde 1983, através da Organização Mundial da Saúde, que reconhece a dimensão espiritual como parte fundamental do indivíduo. Contudo, por parte de alguns pacientes que se recusavam a receber o reike, a percepção era que o mesmo estava relacionado à esfera da religião, concorrendo com a fé professada por alguns.

O embate se dava, então, por duas narrativas opostas, o hospital assumindo uma narrativa do reike como algo espiritual, logo, fazendo parte do sujeito (perspectiva integral do sujeito) e os pacientes que percebiam o reike como algo relacionado a alguma religião (no caso, uma religião que eles não professavam).

Dessa forma, percebemos como determinadas práticas podem ser mobilizadas a partir de diferentes percepções, sentidos, discursos. No caso de Toniol (2017) há toda uma elaboração discursiva normativa que situa o reike como uma prática não religiosa, ao passo que para determinadas pessoas, pacientes do hospital que poderiam receber o reike, a partir das suas bases de crença, religião e fé, percebiam a prática como algo do campo da religião.

Indo agora para nosso campo de pesquisa, nos círculos que frequentamos, a noção de “religião” era negada, e as facilitadoras defendiam o argumento de que o que se praticava naquele momento nada tinha nada a ver com algo religioso, uma vez que não havia nenhuma vinculação institucional a nenhuma igreja ou templo, mas sim uma busca de reconexão consigo mesma, algo muito mais pessoal e fluido. Apesar de negarem a religião (instituição), a palavra espiritualidade era bastante utilizada.

As mulheres participantes dos círculos não utilizavam o termo “religião” para se referirem às práticas desenvolvidas nesses espaços. Não havia, nesses encontros, um senso de obrigatoriedade ou de exclusividade em relação a participação de um círculo específico, sendo muito comum encontrar as mulheres que participam de uma roda em outra ou em outros espaços desse circuito. Esse senso de desobrigação colaborava para uma prática que prioriza a experiência pessoal de cada mulher, sendo essa livre para traçar o ou os percursos mais interessantes para ela.

A compreensão de espaço sagrado também é ampliada já que os círculos podem acontecer em diferentes lugares, salas de apartamentos, chácaras, quintais. Todos esses elementos distanciam essa movimentação da religião, como instituição, alargando as possibilidades de vivenciar esse sagrado transcendental de modo muito pessoal.

Observou-se, em vez de religião, o termo “espiritualidade”. Muitas vezes se recorreu a esse termo como uma espécie de ente exterior ao mundo e com agência, podendo ser o substituto para a figura de “Deus” ou se misturando às figuras dos mentores espirituais que frequentemente são acessados, sobretudo, pelas facilitadoras²¹.

Aqui então a categoria espiritualidade é mobilizada das seguintes formas:

- a) como maneira de se opor a ideia de religião (instituição, dogmas), indicando um modo de vivenciar o sagrado a partir de um lugar individual e livre de obrigações;
- b) como algo exterior ao indivíduo, algo amplo, como um conjunto de crenças e práticas que fazem referência ao mundo espiritual (não material), mas que não está associado a uma instituição religiosa;
- c) como sinônimo de entidades espirituais que servem como guias e que podem ser acessados em momentos de meditação, sendo possível a canalização²² (recebimento de mensagens dos seres espirituais);
- d) como forma de reconexão consigo mesma e com o todo (universo, deus, natureza), indicando uma forma de se relacionar com o sagrado a partir da imanência.

Nos trechos a seguir, percebemos o uso do termo, a partir da fala de algumas participantes:

[...] o conhecimento se tornou muito necessário. O homem deixou de ter aquele *status*, que vem do poder [...] e foi para essa parte do conhecimento, sendo que o conhecimento levou para o ceticismo e afastou mais ainda da espiritualidade, que é onde a gente está vivendo aqui e agora: a busca pela espiritualidade, essa conexão, esse retorno, esse reencontro consigo através da natureza e de Deus. Então, as religiões, nesse aspecto, se distanciam porque se tornaram dogmas, se tornaram uma coisa muito fechada. E aí distanciou inclusive Deus do homem, distanciou os santos dos homens, os orixás dos homens, digamos. [...] E tirou de certa forma o empoderamento. Eu, enquanto ser espiritual, porque nós somos um espírito vivendo uma experiência humana, eu fico dependente de uma religião. Coloca Deus como um julgador que aí se você fizer algo errado ele vai te julgar [...] (Cerridwen, entrevista realizada em 28 de setembro de 2021).

[...] não sei se você acredita numa espiritualidade, mas assim, quando a gente entra nesse fluir do universo, de se conectar com a gente, seguir o que a nossa alma está emanando naquele momento, essa energia vai, ela impulsiona, ela bota para frente,

²¹ Há algumas facilitadoras que canalizam mensagem de seus mentores, ou seja, recebem mensagem desses seres não materiais que servem como guias espirituais.

²² Algumas dessas famílias de mentores espirituais são os pleidianos, arcturianos, sirianos, seres estelares.

ela faz a gente ter força mesmo (Coatlicue, entrevista realizada em 7 de março de 2022).

Eu não consigo mais seguir religião. Então, eu sigo o meu coração, aí eu vou para os trabalhos de xamanismo, que tem as cerimônias com as medicinas da floresta, para mim aquilo ali é a minha religião. Quando eu estou participando das rodas, das fogueiras, ali eu acho que é onde eu me encontrei. Então, assim, eu não sei qual religião eu sigo, eu sigo o meu coração, eu vou para o lugar em que eu me sinto bem, que tem a espiritualidade e aí pronto é ali que eu fico. Aí é a minha religião. A minha religião é o meu coração (Morgana, entrevista realizada em 19 de maio de 2022).

Do diário de campo, resgato alguns outros trechos:

[A facilitadora] também falou sobre a relação dela com a menstruação. Ela disse que recebeu o diagnóstico de ovário micro-policístico aos 13 anos e desde então passou a tomar anticoncepcional. Só depois, ao se reconectar com a espiritualidade, entendeu que a menstruação poderia ser vivida de uma outra forma. A menstruação pode nos dar um diagnóstico de como estamos, a partir da cor do sangue, do cheiro etc. (Diário de campo - 04 de outubro de 2019).

[...] Mas também conversamos sobre a amplitude da espiritualidade, da escola dos mistérios, da fraternidade branca com seus mestres ascensionados- jesus, buda, maria e tantos outros. A [facilitadora] também falou sobre o xamanismo, sobre a natureza, sobre os elementais (Diário de campo - 15 de outubro de 2019).

Ainda que não esteja expresso nas falas anteriores, é importante mencionar que por vezes, durante os círculos, ficava claro a possibilidade de se negociar com essa espiritualidade por meio de uma comunicação com os mentores espirituais, espécies de guias orientadores de questões que se passavam com as participantes ou facilitadoras.

Alguns desses mentores estão associados a criaturas estelares e acredita-se que nós, seres humanos, também possuímos um código genético estelar. Em um dos círculos que acompanhei, no formato on-line, explicou-se melhor o assunto, como segue no recorte do diário de campo:

Para [a facilitadora], é preciso ativar o DNA que nós recebemos das estrelas. Para ela parte de nós é extraterrestre, estelar. [A facilitadora] citou um livro sobre 7 mulheres pleidianas que vieram para Terra. A partir disso foi formado a humanidade. Nesse sentido, todos os humanos vieram de 7 mulheres, ou seja, há apenas registros de 7 tipos de DNA. [A facilitadora] disse que essa narrativa está de acordo com uma nova descoberta sobre genética que afirma que há no mundo apenas 6 famílias de mitocôndrias mapeadas, ou seja, número muito próximo aos das 7 mulheres pleidianas. O nome do livro é *The women of Lemuria: ancient wisdom for modern times*. Seria preciso, portanto, “ativar a consciência mitocondrial que recebemos das estrelas”. A ideia de que “curar o feminino é curar o planeta” ou “o feminino (ligado à intuição) é a cura do planeta” se repete, sobretudo, a partir das falas da facilitadora que é ligada a questões espirituais (Diário de campo de 23 de fevereiro de 2022).

Em outros momentos do campo de pesquisa, encontrei mulheres que tinham uma “proximidade” com esses seres estelares. Para elas, há uma possibilidade de comunicação com esses seres por meio de meditações, sonhos, sincronias entre acontecimentos, construindo sentidos e ligações entre diferentes eventos.

É a partir da matriz de sentido Nova Era, onde o sagrado é mobilizado de modo livre e individual, que a noção de espiritualidade vem sendo criada em oposição à religião, dando forma a um campo religioso desvinculado de instituições e trazendo o sagrado para uma experiência de proximidade (imanência). Quando a entrevistada Morgana fala que “eu vou para o lugar em que eu me sinto bem, que tem a espiritualidade e aí pronto é ali que eu fico”, tem-se uma decisão individual de onde decidir ficar, bem como a noção de uma espiritualidade como algo exterior (a espiritualidade).

5 NOVAS PEDAGOGIAS DA MENSTRUAÇÃO: SACRALIDADE E CICLICIDADE

Nesse capítulo, será discutido como, nos círculos, a menstruação é atualizada, passando de algo negativo e doloroso para algo positivo e valorizado na experiência das mulheres participantes.

Nesses espaços, a menstruação aparece com destaque, contudo há algo mais profundo que embasa a centralidade desse tema: a noção de ciclicidade. A menstruação se faz importante por materializar a noção de um tempo/modo de existência da natureza que se corporifica e se materializa no ciclo menstrual. Como representação da capacidade de gerar vida a menstruação ganha *status* de algo sagrado que deve ser honrado, chegando mesmo a ser tratada como meio de se comunicar com a terra (Deusa/ Mãe-Natureza), na prática do plantar a lua²³.

5.1 Corpo e menstruação nos círculos de mulheres

Nesse tópico, segue dois relatos de campo em que sobressaíram questões ligadas ao corpo e à menstruação.

Cena

Em 28 de agosto de 2019, fui a mais um encontro de uma roda de mulheres. A facilitadora dessa roda também conduz outro círculo do qual também participei ao longo dos anos de pesquisa. Eu já conhecia a facilitadora há alguns anos de um grupo de biodanza²⁴ que se reunia em meados de 2013, na própria Universidade Federal do Ceará. Na época, a mesma não atuava como facilitadora de círculos de mulheres e era apenas mais uma participante do grupo. Os anos passaram e eu perdi o contato com a mesma, a reencontrando agora no contexto de pesquisa.

²³ Prática incentivada nos círculos de depositar o sangue menstrual na terra. O sangue é tomado como algo sagrado, expressão da capacidade geradora e nutridora de vida. Nesse sentido, o sangue é atualizado, passando do status de “sujo”, “sem valor”, “descarte do óvulo não fecundado” para um sangue “nutridor”, que serve de fertilizante para as plantas. Entende-se esse momento de plantar a lua como um momento de reconexão consigo e com a natureza. Ao entregar o sangue para a terra, deve-se pedir que o sangue sirva de canal de purificação, “levando tudo que não sirva mais e abrindo espaço para o novo”.

²⁴ A biodanza (ou biodança) é uma prática terapêutica criada pelo chileno Rolando Toro que trabalha a relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o todo. O criador da técnica viveu um tempo em Fortaleza e a prática ganhou força na cidade. A biodanza apareceu como fio condutor que liga várias facilitadoras de círculos de mulheres, sendo comum que as mesmas tenham realizado uma formação nessa prática, sendo bem comum incorporarem exercícios de biodanza nos círculos.

Hoje, teve mais um encontro da roda de mulheres Flores do Mandacaru, projeto encabeçado por duas facilitadoras que propõem um círculo[de mulheres] em um espaço de um shopping da cidade, com entrada gratuita. Da primeira vez que eu fui a esse círculo, havia acontecido algo peculiar, uma professora de um curso técnico de enfermagem havia levado as alunas para se fazerem presentes, o que representou umas quarenta mulheres na roda. Hoje, contudo, a roda foi bem mais intimista. Havia 13 mulheres ao todo, contando com as duas facilitadoras e mais uma convidada, além de mim. A convidada também é facilitadora de círculos, dos quais eu também acompanhei as atividades ao longo da pesquisa. Aqui já fica claro que é comum que as mesmas pessoas proponham e movimentem essas reuniões de mulheres no cenário e Fortaleza.

O espaço que ocupamos no shopping não nos dava muita privacidade, já que era um espaço aberto, quase um corredor, chamado de espaço Arte. O local não era delimitado por paredes, sendo um lugar de passagem, ainda que mais afastado do movimento do shopping. Lá, as facilitadoras organizaram um altar em formato de mandala circular no chão. Sobre o tecido, havia uma ametista, conchas, os 13 florais da lua e alguns livros (*Mulheres que correm com os lobos*, *Ginecologia Natural* e *O diabo e a terra de Santa Cruz*), além do *Oráculo das Deusas* e de outros elementos, como incenso, palo santo, um maço de sálvia branca seca. Logo quando cheguei, senti o cheiro da sálvia. Aquilo já me remeteu ao que vem sendo chamado de Sagrado Feminino.

O dia foi corrido, preocupações em relação a suspensão da bolsa e demandas familiares, mas apesar dessas outras exigências, resolvi ir ao encontro para manter o ritmo da pesquisa. A roda estava marcada para as 19 horas e consegui chegar na hora sem mais problemas, pois moro próximo ao local, sendo fácil o acesso por ônibus. Procurei o lugar indicado, já no shopping, e tomei assento no círculo que já se formava com uma das facilitadoras e a convidada. Ambas já minhas conhecidas de anos atrás.

Pouco tempo depois, o encontro se iniciou. A convidada se apresentou como alguém que faz “várias coisas”, tem formação em psicologia, mas também como doula, tanto no parto humanizado como na tradição. Uma das participantes perguntou a diferença entre uma coisa e outra. Ela explicou que “na tradição” diz respeito aos conhecimentos tradicionais das parteiras que historicamente auxiliavam o parto e que “no parto humanizado” se refere às práticas de cuidado mais medicalizadas que são utilizadas no acompanhamento do parto natural (sem ser cesariana), se bem entendi. Mas ela disse não se deter tanto às diferenças e que idealmente deveria haver uma integração em ambas as categoriais.

Depois da apresentação da convidada a mesma iniciou sua fala. A conversa foi para a questão da “doulagem”, do parto e do nascimento. Depois, a convidada propôs uma forma de apresentação: em dupla nós falaríamos quem somos e como nos sentimos enquanto mulheres na cidade. A moça que ficou em dupla comigo disse que trabalhava com cosméticos naturais e alimentação consciente e disse que se sentia muito insegura na cidade, que não se sentia segura com os médicos, no sentido de encontrar ginecologistas que a escutassem. Ela havia feito uma cirurgia devido a uma complicaçāo com a endometriose e estava desgostosa com todo o processo de atendimento em relação a essa questão ginecológica.

Depois, a convidada tomou a palavra dando sequência ao encontro. Ela entregou um material impresso com uma foto de uma vulva e o sistema reprodutor da mulher e uma mandala lunar. A convidada comentou sobre os aspectos fisiológicos do desenho, explicando a diferença entre vulva e vagina, a primeira sendo o conjunto desses vários elementos expostos no desenho (pequeno e grandes lábios, clitóris, uretra e vagina) e a outra como um dos elementos da vulva, esclarecendo que o que vemos é a abertura do canal vaginal. Já a mandala lunar seria uma “ferramenta” de acompanhamento do ciclo menstrual. Não apenas como uma “tabelinha” para saber quando o “sangue desceu”, mas um método de mapear alterações de humor, emoções, mudanças no corpo (como inchaço, dor de cabeça) promovendo uma visão ampla de si mesmo ao longo dos 28 dias do ciclo menstrual.

A convidada utilizou um apetrecho, que também apareceu em outros círculos de outras facilitadoras, com as representações dos arquétipos femininos relacionados à menstruação, a saber: menina, mãe e anciā. Esse utensílio em formato circular apresenta as representações dessas três imagens arquetípicas seguidas do momento de “vida-morte-vida”, esse último associado à própria menstruação. Acoplado a esse círculo há um outro com a representação da lua e de suas quatro fases (nova, minguante, crescente e cheia).

O móible é feito de modo que seja possível girar ambas as rodas, encontrando as correspondências da sua própria menstruação. Por exemplo, se a mulher tem seu primeiro dia de sangue menstrual em uma lua nova ela deve girar a mandala de modo que a parte da “vida-morte-vida” fique em cima da lua nova. E a partir disso, deve acompanhar seu ciclo, que será associado da seguinte maneira: lua crescente- arquétipo da menina, lua cheia-arquétipo da mãe e lua minguante- arquétipo da anciā. Já se ela menstrua na lua crescente, então, a parte do momento de “vida-morte-vida” deve ficar em cima da lua crescente (arquétipo da menina), seguido da lua cheia (arquétipo da mãe), lua minguante (arquétipo da anciā). A intenção é mapear o ciclo menstrual a partir dessas imagens representativas da vida da mulher (menina, mãe, anciā) como também associando às fases lunares. Esse combo de sentidos serve às

mulheres como forma de se conhecerem e entenderem seus corpos e emoções a partir de associações com a natureza e com “imagens arquetípicas” do feminino.

Além dessa explicação sobre menstruação e suas associações (com os arquétipos do feminino e com as fases lunares), a facilitadora convidada falou também sobre a importância do clitóris, um órgão destinado unicamente ao prazer, crescendo para dentro do corpo feminino que tem cerca de 10-13 centímetros (não ereto) e que pouco conhecemos, como a mesma colocou. Esse desconhecimento dos nossos próprios corpos refletiria o quanto nos é negado a possibilidade de nos conhecermos e como precisamos avançar em direção a nos apropriar de nós mesmas, priorizando nosso próprio prazer. Nesse aspecto, as facilitadoras indicaram a masturbação como forma de nos conhecermos, devendo ser experienciada não a partir do marcador da culpa, vergonha ou pecado, mas como forma de se apropriar do próprio corpo e da capacidade de gerar prazer que ele nos proporciona.

Outro ponto comentado foi sobre o nome “vagina”. A convidada explicou que vagina significaria “bainha que carrega a espada”, ou seja, um termo intimamente ligado ao ato sexual peniano-vaginal. Para ela, esse termo guardaria então um sentido voltado ao outro e não a si mesma. Uma alternativa a essa palavra seria yonni, que do sânscrito significaria “portal da vida”. A mesma disse que prefere esse sentido ligado a capacidade de criar vida, desvinculando o corpo (vagina) do ato sexual heterossexual.

A conversa foi se encaminhando para a dimensão do parto e de questões ligadas ao corpo das mulheres. Uma das participantes contou que quando foi “ligar” as trompas o médico disse que o marido dela teria que autorizar e que a sugestão dela era que ela fizesse uma cesariana para em seguida “ligar”, contudo, a mesma já sabia que o procedimento poderia ser feito pelo umbigo, o que não teria relação com o parto cesária.

A convidada falou do quanto os corpos das mulheres são “apropriados, colonizados pelo patriarcado, por saberes da medicina, saberes feitos por homens” e o quanto é necessário descolonizar esses corpos com novas práticas, retomando as práticas naturais. Ela falou também que “a natureza faz tremer a civilização e a mulher, como mais próxima à natureza, também faz a civilização tremer”. Para a convidada, as mulheres estariam mais próximas à natureza por estarem mais conectadas a um processo cíclico de funcionamento, a exemplo do ciclo menstrual que com sua variação hormonal possibilita a criação de vida (ovulação) de modo cíclico assim como o movimento lunar.

A condutora também falou que o corpo da mulher não segue o calendário gregoriano, mas segue o calendário lunar (círculo) e não algo linear, sempre produtivo, mas um ciclo, com momentos de extroversão e introspecção, como o ciclo de vida-morte-vida no

próprio corpo que pode gerar vida (ovulação) e que descarta essa possibilidade na menstruação (morte).

Outro ponto discutido foi o útero, que representaria o incrível poder criativo da mulher, “um órgão que consegue se expandir, com uma força tão grande que consegue abrir os ossos da pélvis no momento do nascimento”. Um órgão que abriga a vida, afinal, “todos nasceram de um útero até agora”. Eis o poder místico desse órgão. É ancorado nesse tipo de discurso que as mulheres do Sagrado Feminino parecem reclamar quase um direito divino, o de criar vida.

A convidada também falou que para algumas culturas ameríndias o útero é considerado “o coração que não mente”. Sendo assim, seu adoecimento indicaria que algo está errado, seria uma mensagem de algum desequilíbrio. Diferente da perspectiva tradicional, a medicina alopata estaria engajada em acabar com o sintoma, mas não entender a causa do adoecimento.

Uma das mulheres comentou da relação do nascimento com a saúde do bebê, aqueles bebês que nascem de parto normal, logo, que passam pelo canal vaginal da mulher, entram em contato com a flora vaginal da mãe e isso tem um impacto positivo com a formação da flora intestinal da criança.

A facilitadora também comentou sobre o processo de concepção, dizendo que é o óvulo que “escolhe” o espermatozoide que vai fecundá-lo. Dessa forma, seguiu a facilitadora, o óvulo usa o material genético do espermatozoide “e só”, todo o restante é com o próprio útero. Esse útero seria também um lugar de memórias, um lugar “a ser cuidado”, mas que não aprendemos isso, não aprendemos a cuidar desse órgão, sendo a maioria dos cuidados médicos invasivos. Ela então nos apresentou a Ginecologia Natural que tem o objetivo resgatar essa autonomia de cuidar de si mesma por meio de várias técnicas naturais a partir de ervas, como os banhos de assento, vaporizações uterinas, chás etc.

A Ginecologia Natural, segundo ela, traria a responsabilidade para a própria mulher, devolvendo às mulheres seu poder pessoal. Nas palavras da facilitadora isso representaria “poder de entender o próprio corpo”, daí se dizer que a Ginecologia Natural é uma forma de “descolonizar o corpo, de trazer de volta às mulheres a potência de gerar vida”.

Nesse contexto, o anticoncepcional seria entendido como “a fogueira da inquisição da modernidade”, como disse a própria facilitadora, pois tornaria a mulher linear, sempre produtiva, disponível e adequada à produção capitalista.

A menstruação também foi discutida. Comentou-se como, historicamente e socialmente, aprendemos que a menstruação é algo ruim, algo que tem a ver com doença, algo

limitante e negativo, ligado a dores e sofrimento. Contudo, para as facilitadoras, a menstruação é um dos momentos do nosso ciclo, o momento “de morte”, de limpeza do corpo, um momento de recolhimento. Esse recolhimento é percebido por elas como algo positivo. Um momento que é acolhido e integrado à experiência de vida de cada uma que menstrua. As facilitadoras explicaram que a chamada tensão pré-menstrual (TPM) tão comum em nossa sociedade pode ser vivida a partir de outros significados. Para elas, a TPM significa “tempo para mim”, ou ainda, “tempo para meditar”, indicando que o anúncio da menstruação, pelo corpo e pelas emoções, demanda um engajamento sobre si mesma.

A roda, pouco ritualística, foi seguindo para o seu encerramento. Não houve a tiragem dos florais da lua e por fim, uma das participantes comentou que “nós – mulheres-parecemos com a natureza, nós somos a natureza e a natureza somos nós, nós não somos separados da natureza”. Encerro com essa fala.

Fim da cena.

Cena

Em 31 de agosto de 2019 fui a mais um encontro do Círculo da Primavera. Tenho acompanhado esse círculo já faz uns meses e em cada reunião se ritualiza um arquétipo do feminino. As facilitadoras se alinham à ginecologia natural, utilizando os arquétipos da menina, mãe e anciã, atribuindo à menstruação o momento de “vida-morte-vida”. Na internet, o que mais tenho visto são exemplos arquetípicos baseados no livro de Miranda Gray, que trabalha a partir de uma outra organização.

Essas facilitadoras não divulgam seus trabalhos sob a marca do “Sagrado Feminino”, mas apenas como um círculo de mulheres, uma tenda de mulheres. Há uma disputa de sentido aí, como se “Sagrado Feminino” fosse mais comercial, indicando uma tentativa de distinção. Mas os temas tratados, os rituais se assemelham a outras rodas marcadas pelo termo chave de Sagrado Feminino. Espero ter mais respostas posteriormente.

O dinheiro começou a apertar, na verdade, já faz tempo que o dinheiro está curto. Essa roda, assim como outras que tenho acompanhado, é paga, o que acaba pesando no orçamento já que eu estou acompanhando várias rodas. Além disso, acabo gastando com o deslocamento já que o local de encontro é bem distante da minha residência. Dessa vez, para economizar, fui de ônibus até o bairro de Fátima e de lá pedi um táxi no aplicativo.

Cheguei na casa da facilitadora às 9 horas, como estava combinado. Lá já estavam uma outra mulher, professora universitária, e a sobrinha da mesma. Conversamos um pouco sobre a pesquisa e meus objetivos. Comentei que a minha ideia é, dentre outras, discutir sobre

a menstruação e da ressignificação desse fenômeno. Também falei da questão que aprendemos que a menstruação dói, e que não necessariamente precisa ser assim.

A facilitadora ouviu a conversa e se aproximou. Ela começou a explicar que a menstruação quando dói “é que algo está ferido na mulher”. A partir dessa dor que se sente seria pertinente se perguntar “o que dói naquele período que precisa ser expulso do corpo?”. Daí a compreensão da menstruação como morte e também como limpeza, um momento de expulsar o que já não tem serventia para o corpo. Ela falou muito sobre consciência corporal, que quando você tem consciência corporal todas as sensações se intensificam, as dores e os prazeres. O aprendizado sobre o próprio corpo perpassa esse “ônus e bônus”.

A professora universitária tomou novamente a palavra me dizendo que tinha participado de duas defesas de tese na área da Educação sobre temas holístico: reike e yoga. A conversa se seguiu para o tema da constelação familiar. Eu disse que havia participado de uma constelação há umas semanas e que tinha “interpretado” uma pessoa morta. A facilitadora disse que havia feito uma formação em constelação, mas apenas o módulo básico, pelo que eu entendi. Para ela, a constelação traz a dimensão sistêmica familiar de ocupar um determinado lugar dentro de um sistema familiar, enquanto a biodança traria uma noção maior, no sentido de ocuparmos nosso lugar na vida, afinal, “é a vida que está no centro”.

Aos poucos as outras mulheres foram chegando e formamos um grupo de cerca de oito pessoas.

A reunião das mulheres acontece sempre em uma espécie de salão, um espaço coberto que fica localizado nos fundos da casa da facilitadora, mas, nesse dia, começamos o encontro fora do salão, em um espaço acimentado, ao sol. A facilitadora comentou que iríamos “receber os raios do avô sol” para nos aquecermos. Saudamos nossa ancestralidade, em pé, segurando o cajado de uma das facilitadoras. Cada uma segurava o cajado, chamava por seus antepassados, os reconhecendo e lembrando seus nomes, pedindo apoio e força, e logo em seguida passava o cajado para a outra.

Em seguida, iniciamos um benzimento com alguns ramos de ervas (malva, alfazema, arruda e outras mais). As duas facilitadoras (esse grupo é conduzido por uma dupla) começaram os trabalhos, elas passaram os ramos de ervas para a mulher seguinte para que benzesse a uma terceira. Dessa forma, o benzimento foi acontecendo.

Depois, seguimos para o salão e sentamos no chão em círculo. Uma das facilitadoras pegou um vidrinho de óleo essencial de palo santo. Cada uma das participantes passou duas gotinhas nas mãos para aspirar o aroma.

Iniciamos contando um pouco sobre como estávamos. Uma das mulheres falou que estava muito sobrecarregada com as defesas de teses, dentre outras demandas acadêmicas. Outra contou dos desafios do trabalho que estava exigindo viagens, além de processos de adoecimento. Outra comentou sobre questões com o esposo, a recente defesa da dissertação e os trabalhos precarizados os quais estava tendo que se submeter. A seguinte se emocionou ao falar do encontro anterior e do banho de argila que tomamos. Ela também ressaltou o quanto a vida acadêmica dela tinha melhorado depois dela ter “alinhado” o seu ciclo ao cronograma de pesquisa e escrita. Essa mesma mulher disse que fez uma postagem, há algumas semanas, sobre plantar a lua e que algumas amigas vieram perguntar sobre e que ela ficou feliz em relação a isso porque ela sente vontade de compartilhar essas descobertas, “esse se reconectar com o feminino”.

Na sequência, uma das facilitadoras falou um pouco sobre os quatro momentos do ciclo menstrual conectados às fases da lua. O momento de morte e renascimento ligado à lua nova, o arquétipo da menina ligada à fase crescente da lua, o arquétipo da mãe ligada à lua cheia e o arquétipo da anciã, ligada à fase minguante. A mesma informou que “antigamente” a menstruação das mulheres vinha, no geral, na lua nova, momento de maior recolhimento da natureza quando os bichos também se escondem. Nesse momento de escuridão da natureza, quando a lua esconde sua face, as mulheres também participariam desse momento ao sangrarem, demandando introspecção.

A proposta do encontro era trabalhar, justamente, o arquétipo da Anciã, considerado como um momento pré-menstruação ou pré-lunação, como elas chamam, já que a menstruação em si é considerada como “a lua”. Essa questão da lua e dos arquétipos é ponto comum nesses espaços, seja nos círculos ou em evento relacionados. O que está sempre em questão é como nós, mulheres, somos cíclicas (funcionamento hormonal), logo nos aproximamos à natureza, que também tem um funcionamento cíclico.

Depois dessa roda de partilha, demos um tempo para tomar um chá e voltamos. Na volta, havia alguns grãos de milho, um milho dos Andes, como uma das facilitadoras falou. A proposta era que ficássemos de cócoras- a posição da anciã- e “colhêssemos” o milho, juntando essas sementes e colocando-as em um potinho, ao centro do salão. Ao fazermos essa colheita catamos algumas canções. Uma das participantes começou a cantar Cio da terra, cuja a letra reproduzo a seguir:

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão

E se fartar de pão

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão

A facilitadora falou que esse milho (essa semente de milho) representava a potência de vida, de criação e que para os povos andinos em cada semente daquelas havia um milharal. Essa metáfora de vida seria a metáfora de criação de nós mulheres, do poder gerador de vida.

Depois disso, nos deitamos no chão e uma das facilitadoras leu um trecho do livro Mulheres que correm com os lobos, mais especificamente, o conto da velha – a catadora de ossos - que com um encanto cria carne e vida desses ossos (Capítulo 3 - Farejando os fatos: O resgate da intuição como iniciação).

Já nos encaminhando para a finalização, fizemos uma roda e cada uma ia para dentro do círculo enquanto as outras sopravam a pessoa, além de fazermos um barulho com a cordas vocais. A facilitadora disse para que abençoássemos a pessoa com o sopro e também com esse cântico gutural, “que sai das entranhas”. Achei uma experiência nova, como que expressando o sopro da vida. Alguém soprou bem no meu coração.

Por fim, tivemos a tiragem dos florais da lua. Tirei o floral Artemísia que se relaciona à fase do ciclo morte-renascimento, ou seja, à própria menstruação.

Figura 13 - Carta do floral da lua de Artemísia²⁵



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Fim da cena

5.2 Algumas considerações sobre a menstruação

Nos estudos de sociologia e antropologia, o corpo é visto como um fenômeno social e cultural, dotado de uma dimensão simbólica, impregnado de sentido, sendo um efeito da cultura uma vez que é modulado por ela (Le Breton, 2012; Le Breton, 2013). Partimos então de uma compreensão que o corpo não se limita a sua função fisiológica, sendo perpassado por inúmeros atributos culturais e por isso experimentado de modo particular a partir das gramáticas culturais próprias disponíveis aos sujeitos.

Dessa forma, compreendemos que a experiência da menstruação pode ser continuamente reescrita e ressignificada, uma vez que só pode ser compreendida a partir da teia de relações, símbolos e significados que se constroem sobre ela.

Nos círculos que acompanhamos a menstruação encontra um lugar para fluir. No momento do encontro as mulheres têm um espaço para falar sobre a própria experiência com a

²⁵ Fotografia compartilhada com as integrantes do círculo por WhatsApp.

menstruação, incluindo suas dores, temores e vergonhas. Esse espaço de fala-escuta parece acomodar histórias silenciadas de corpos que sangravam até então escondidos.

Além disso, nas rodas, encontramos reinvenções dessa narrativa menstrual. Para as participantes o sangramento menstrual, como veremos, acaba por alcançar um novo *status* social, não mais ligado a um estado de impureza, mas de poder. O sangue menstrual é compreendido como uma ferramenta de limpeza material e simbólica, sendo reconhecido como algo nutritivo, místico e sagrado, capaz de promover uma reconexão das mulheres com a própria deusa-natureza, numa espécie de comunhão com o todo.

Em trabalhos anteriores (Mesquita; Paiva, 2020; Mesquita; Paiva, 2021a; Mesquita; Paiva, 2021b; Ribeiro; Maso; Mesquita, 2023), já esboçamos uma discussão sobre essas questões, apontando alguns elementos presentes nos círculos de mulheres, como a associação do ciclo menstrual com alguns arquétipos do feminino.

Sandberg (1994) aponta que na literatura sócio-antropológica sobre a menstruação é bastante comum encontrar a noção de que o sangue menstrual (bem como o derramado no parto) faz parte de um estatuto diferente do que o sangue que corre nas veias, despertando aversão e nojo, sendo considerado um agente poluidor, com características mágicas, capaz de gerar malefício. Na Grécia e Roma antiga, seja com Aristóteles ou Plínio, encontramos relatos dos prejuízos causados pelo contato com uma mulher menstruada. O vinho que azeda, as colheitas que se perdem, as sementes que murcham. Essas crenças justificavam as restrições (*tabus*) impostas às mulheres nesse período como forma de garantir a pureza (não contaminação). Era preciso isolar as mulheres menstruadas pois elas representavam perigo para a ordem do mundo.

Contudo, os tabus e penalidades impostas em torno da menstruação também variam, a depender das culturas. Sandberg (1994) resgata vários estudos em que contrastam diversas formas de lidar com o fenômeno. No povo africano Ashanti, o tabu da menstruação é um dos preceitos básicos que constituem aquela sociedade, tanto que o homem que mantém relações com uma mulher menstruada é punido com pena de morte. Já os trombiandeses (Melanésia), embora observem certas proibições (como a interdição sexual), não consideram o sangue menstrual como algo repulsivo, coabitando na mesma morada durante o período das regras das esposas.

No contexto brasileiro, algumas pesquisas nos apresentam como a menstruação vem sendo experenciada, compreendida e narrada.

O trabalho de Amaral (2003)²⁶, por exemplo, aponta que a percepção da menstruação está associada a questões como saúde, feminilidade, fertilidade/juventude, além de também se relacionar às sensações de incômodo e limitação.

A menstruação, nesse recorte, era experenciada de modo ambíguo. Por um lado, o sangramento mensal era aceito como algo positivo, sendo sinônimo de boa saúde e garantia de fertilidade, “[a] forte associação entre menstruação e fertilidade dava uma conotação quase sagrada ao menstruar [...]” (Amaral, 2003, p. 81), mas ao mesmo tempo, negado, devido aos vários incômodos e limitações ligados intimamente à experiência menstrual, como os sintomas físicos (inchaço, dor de cabeça) e as alterações emocionais (irritação e mal humor).

Esse trabalho deixa em evidência como a experiência menstrual pode ser complexa, sendo perpassada por vários atributos e valores. Ao sangue que flui pode ser atribuído significados contraditórios como um sinal de boa saúde ao mesmo tempo que também pode trazer sensações dolorosas que limitam os afazeres diários. As interlocutoras de Amaral estariam então se equilibrando entre as “dores e delícias” de sangrar, negociando com as sensações de dor e alívio, irritação e certeza de boa saúde. Um lugar limítrofe e incômodo.

Em Fáveri e Venson (2007), a partir dos recursos da História Cultural e agora no contexto de Santa Catarina, com mulheres²⁷ em sua maioria da zona rural e com pouca educação formal, temos uma investigação que desbrava as representações sobre o feminino a partir da experiência da menarca.

No contexto investigado, os aprendizados sobre a menarca e a menstruação se davam de modo sutil, por meio de estratégias que envolviam mais o silêncio do que a fala. A gestão do sangue menstrual era repassada de mãe para filha de modo resguardado, em voz baixa, no espaço da casa, distante dos homens. Outras vezes, nem isso era feito, e o aprendizado se dava de modo solitário na própria experiência pessoal. Quanto ao sangue, esse deveria ser escondido, sendo necessário um extremo cuidado para não deixar “vazar”, “aparecer”.

Aqui, o que fica claro é que a prática “do segredo, do medo e da vergonha” marcou a vivência menstrual e a própria constituição dessas mulheres. As autoras refletem que:

[...] a experiência da menstruação produz subjetividades de gênero na medida em que marca diferenciações: à mulher cabe o silêncio, a vergonha, o segredo, o privado. E,

²⁶ Pesquisa realizada com 64 moradoras de Campinas-São Paulo, que tinham idade acima de 21 anos, menstruantes, férteis e que já tivessem tido relações sexuais, reunidas conforme idade e escolaridade. Foram feitos quatro grupos: mulheres entre 21 e 34 anos, com 8 anos de estudos ou menos, mulheres entre 21 e 34 anos, com 9 anos de estudos ou mais; mulheres com mais de 35 anos, com 8 anos de estudos ou menos e mulheres com mais de 35 anos, com mais de 9 anos de estudos.

²⁷ A pesquisa foi realizada a partir das memórias de 14 mulheres, com faixa etária entre 33 a 89 anos, moradoras das cidades das cidades no sul de Santa Catarina.

aqui, estabelece-se uma relação de poder, posto que as meninas/mulheres se diferenciam dos meninos/homens na medida em que elas aprendem que devem temer o olhar deles, esconder, recear (Fáveri; Venson, 2007, p. 79).

Podemos aqui já pensar sobre as potencialidades que os círculos de mulheres possibilitam ao se constituírem como espaços de fala, socialmente legítimos, em que as participantes desenvolvem uma nova gramática para falar sobre seus processos corporais. Abrir espaço para falar-escutar sobre as histórias e as experiências com a menstruação reconstrói a experiência menstrual, agora de modo coletivo, sendo possível estabelecer reconhecimentos e identificações. O movimento que é percebido é um processo de reavaliação das histórias pessoais dessas mulheres, que passam a recriar o modo de experenciar a menstruação a partir de outros valores e símbolos, estes elaborados a partir de novos marcadores que ligam a menstruação à lua, à sacralidade, à natureza e a um modo de vida que valoriza os processos corporais. Esses espaços de fala e escuta desestabilizam a prática cultural do silêncio sobre o corpo das mulheres (Perrot, 2003).

Já Manica (2009, 2011) elabora uma discussão a partir dos argumentos do médico brasileiro Elsimar Coutinho, sobre a menstruação como um fenômeno não natural. Para Coutinho, a situação natural do corpo da mulher seria a gravidez e não a menstruação. Nessa dinâmica, a menstruação representaria uma sangria inútil (título de seu livro). A partir disso, o médico defende a supressão da menstruação por meio de contraceptivos hormonais como uma volta ao estado de natureza benéfico às mulheres.

A menstruação seria, para o médico, o produto de uma determinada organização social. Se nas sociedades contemporâneas as fêmeas são afastadas dos machos, logo, não copulando regularmente deixando de exercer o chamado da natureza para a cópula e gestação, nos primatas o que se observa é justamente o contrário, ou seja, a alta frequência de gestações, fazendo da menstruação uma “janela”, uma “falha” do que a natureza preconiza.

A partir da análise do livro Menstruação: uma sangria inútil e da trajetória de Coutinho como médico defensor dos anticoncepcionais, Manica vai demonstrando como a defesa da inutilidade da menstruação encobre um projeto de associar a menstruação a práticas consideradas por Coutinho como não naturais e perigosas.

A discussão de Manica avança para o debate natureza e cultura, indicando que no pensamento de Coutinho, a esfera da natureza (não-menstruação) é construída como algo mais nobre e puro, sendo a civilização/cultura algo impuro:

[...] A menstruação, fenômeno decorrente da vida em sociedade e o oposto da maternidade, é categorizada pelo médico/ autor como algo indesejável, inútil, nocivo.

A ideia de inutilidade, a partir da analogia com a prática da sangria, remete a uma visão maquinica do corpo feminino, programado pela natureza para a produção ininterrupta de bebês (Manica, 2011, p. 223).

Em Santos (2018), temos um debate que dialoga com o de Manica no sentido que também discute questões que giram em torno do uso ou não uso de hormônios para a supressão da menstruação. O trabalho em questão é uma etnografia virtual²⁸ que acompanhou um grupo na rede social Facebook, intitulado “Adeus hormônios: contracepção não hormonal”.

A questão que mobiliza essas mulheres jovens e escolarizadas é o risco do uso de anticoncepcionais hormonais para a saúde e bem-estar de quem faz uso deles. Os principais motivos para deixar o uso dos anticoncepcionais estariam ligados a certas queixas, como: enxaqueca, inchaço e dormência corporal, casos de embolia e trombose em pessoas próximas, além de indisposição, retenção de líquidos, dentre outros.

O uso dos anticoncepcionais hormonais, no grupo, está relacionado não a uma maior possibilidade de conhecer e controlar o próprio corpo, mas a uma “prisão” que impede a mulher de acessar processos corporais próprios de um funcionamento sem bloqueio hormonal. Ao parar o anticoncepcional, muitas mulheres, estranham a si mesmas, pois não reconheciam mais o próprio corpo sem a interferência hormonal. Algumas relatam as benesses disso, como o aumento da lubrificação e libido, mas outras têm que lidar com questões estéticas que impactam na auto-estima, como o aumento de peso, queda de cabelo ou episódio de acne. Além disso, ainda pesam as alterações de humor e o medo da gravidez indesejada.

Os achados da pesquisa apontam para uma busca de um “corpo natural”, livre da intervenção farmacológica. Esse corpo natural, livre de hormônios, seria um corpo mais autêntico e real, só acessado depois do rompimento com a lógica que medicaliza o corpo das mulheres. Santos (2018) defende que há uma ambivalência nessa postura, uma vez que ao mesmo tempo em que há uma negação do controle dos corpos pelos medicamentos, há um alto investimento na observação, conhecimento e controle do corpo logo que essas mulheres se veem livres dos hormônios.

O que acontece é que com uma vida sem a contracepção hormonal, os cuidados com o ciclo menstrual passam a ser muito mais trabalhosos, demandando um alto engajamento por envolver práticas de observação diária de muco cervical, temperatura basal, além de

²⁸ A autora também realizou entrevistas com as moderadoras do grupo. As participantes do grupo eram, em sua maioria, mulheres cisgêneros, de 18 a 34 anos, residentes, em sua maioria, nas regiões sul e sudeste, com curso superior em curso ou graduação completa.

cuidados naturais para diminuição de sintomas pré-menstruais e formas de regular o ciclo menstrual. Essas práticas são embasadas discursivamente pela busca de autoconhecimento.

Na pesquisa de Santos (2018), já aparecem questões que também observamos nos círculos de mulheres, seja o tema central- o abandono do uso de anticoncepcionais hormonais- presente em alguns momentos no trabalho de campo, seja o discurso envolvendo o corpo como possibilidade de autoconhecimento, além do incentivo ao uso de coletores menstruais e absorventes de panos como práticas naturais de gestão do sangue menstrual e o plantar a lua:

[...] A prática do plantar a lua parece uma novidade para muitas, e incita interesse e discussão, engendrando diálogo e reflexões sobre as supostas conexões entre o feminino e a natureza. O sangue menstrual é re-interpretado como algo necessário e até mesmo ‘sagrado’ está em consonância com a visão de “corpo saudável porque natural”, que parece nortear muitas práticas (Santos, 2018, p. 93).

Os caminhos do sangue, como estamos vendo, podem seguir várias rotas, sendo atualizado a partir da cultura e das relações que os sujeitos estabelecem, ora reproduzindo ora desconstruindo práticas, usos, símbolos. A experiência menstrual envolve questões complexas, mediações culturais, constituição de subjetividades, estabelecimento de relações de poder entre os gêneros, questões de saúde, disputa com saberes médicos. Aqui, começaremos a afunilar nossa discussão chamando atenção para trabalhos que dialogam com a pesquisa sobre círculos de mulheres.

Lançamos então o olhar para a pesquisa de Benetti (2010), que assim como a de Santos (2018) também se situa no espaço on-line, mais especificamente da rede social Orkut, muito popular entre os brasileiros na primeira década dos anos 2000.

O trabalho de Benetti (2010) traz uma reflexão sobre os significados da menstruação a partir dos discursos produzidos na rede social Orkut, em comunidades específicas sobre o tema.

Dentre os achados, temos a transformação, ao longo das gerações, da gestão da menstruação. Se há décadas, havia uma pedagogia bastante restritiva quanto às atividades a serem desenvolvidas durante os dias de sangramento, com inúmeros tabus sobre tomar banho, molhar a cabeça, andar de pés descalços, fazer esforço físico (lavar roupa, arrastar móveis), atualmente, tais prescrições perdem sua força de regulação social, sendo compreendidas como superstições, mitos, lendas, ainda que provoquem certa curiosidade.

A tese de Benetti (2010) já traz indicativos sobre uma compreensão mística da menstruação, em que o sangramento mensal é compreendido como algo vantajoso ou valoroso. Ainda que não seja objetivo da autora discutir com profundidade esses significados, em vários

momentos do trabalho, aparecem termos, símbolos e indicativos de uma experiência menstrual perpassada pelas noções de conexão com a natureza, novas espiritualidades e alternativas sustentáveis quanto à gestão do sangue menstrual.

A autora encontrou nas comunidades da rede social Orkut inúmeros termos usados no cotidiano para designar a menstruação, como: tô de chuva, tô de Chico, tô de boi, impossibilitada, paquete, estou nos meus dias, estou naqueles dias, ter a sogra, a visita, *estar com a Lua, ter a lua, estar na lua nova, tempo da lua* (grifos meus). Os grifos trazem já a noção de menstruação como sinônimo de “lua”. Essa substituição é bastante comum nos círculos de mulheres, uma vez que há uma associação entre o ciclo menstrual e o ciclo lunar. Nas rodas que acompanhei, a menstruação é associada à fase nova da lua ou como consta no trabalho de Benetti, “está na lua nova”.

O trabalho de Benetti (2010), ao trazer um panorama amplo sobre a menstruação discute pontos críticos-também presentes nos círculos- como, por exemplo, a questão de uma volta ao essencialismo biológico, uma vez que se assume a aproximação da mulher à natureza:

Mas existem algumas que se referem à menstruação como algo que traz sentimentos agradáveis, com é o caso da comunidade ‘Eu adoro menstruar’. O primeiro tópico postando no fórum dessa comunidade tem, até janeiro de 2009, apenas uma resposta com o título “—somos fêmeas —pq somos lembradas q somos natureza tb. bicho como muitas outras fêmeas. algo entre a natureza e a cultura, os dois ao mesmo tempo. conhecemos plenamente a natureza e sua crueldade: do sangramento, do parto, dos orgasmos...lindo sangrar por entre as pernas...lindo”. Essa fala traz ícones de discussões e críticas que compuseram os feminismos e as teorias de gênero: a existência ou não de um feminino essencial que reuniria todas as mulheres na categoria das fêmeas; a aproximação do feminino com a natureza (que traz implícita a polarização com um masculino mais próximo da cultura); a exaltação de acontecimentos da biologia humana associados ao feminino (Benetti, 2010, p. 192-193).

Ao analisar o perfil das usuárias participantes da comunidade “Eu adoro menstruar”, Benetti (2010) identificou entre elas alguns interesses em comum, como o vegetarianismo, as danças circulares sagradas e a Wicca. Também aparecem nos *posts* da referida comunidade práticas comuns aos círculos de mulheres que acompanhei, como o uso de absorventes de pano (bioabsorventes) e coletores menstruais (menstrual cups), além da integração do sangue menstrual à natureza (plantar a lua).

Outro assunto recorrente nos tópicos dos fóruns, ressalta a autora, é a noção da menstruação como renovação. Nas postagens, as participantes constroem um discurso em que a menstruação é desassociada da dor. A cólica seria a indicação de algum adoecimento, não

sendo considerada inerente à menstruação. Benetti (2010, p. 198) também aponta de forma germinal a noção de um feminino cílico, ideia central nos círculos:

A associação entre menstruação e renovação parece estar ligada a ideia de um feminino cílico, cujo processo implica reter, acumular algo que pode se tornar excessivo ou ser impuro. Ela também é mencionada no tópico “*Para vós (sic), menstruar eh...*” que tem duas respostas intituladas *renovação* (grifos da autora). Uma delas, postada em maio de 2006, descreve a menstruação como ‘*Começo do novo ciclo e um banho de energia (sic) feminina!!!*’. A outra também se refere a ciclos, mas agora ao ciclo reprodutivo do qual a menstruação, não acompanhada de dores, seria indicativo de saúde e de normalidade do ciclo: ‘*[...] Cólica dói mas não é um sintoma normal, é um sinal do corpo dizendo que algo está errado no ciclo reprodutivo ou nos órgãos ligados a menstruação, ou ainda uma endometriose. Enfim é o corpo dando o alerta. Sangrar sem sentir dor é nossa maior benção! Por causa dela um dia nos é permitido embalar nossos filinhos (sic)*’ (grifos meus)” [...].

Nos círculos, parte-se da noção de que a menstruação informa sobre o estado da pessoa, sendo preciso realizar um acompanhamento do ciclo menstrual de modo a perceber padrões de comportamento e de reações físicas. No geral, utiliza-se a mandala lunar²⁹ para essa observação, quando a cada dia do ciclo, anota-se (ou pinta-se) as sensações, humores e estados físicos que são experienciados.

Além desse acompanhamento, indica-se também práticas de cuidado com esse período, que podem ser desde a utilização de compressa morna para cólica, chás, recomendação de repouso, elaboração de um planejamento pessoal com base no próprio ciclo menstrual (“produtividade cílica”), além dos próprios florais da lua que são tomados durante todo o ciclo. São várias as técnicas e recomendações que trazem uma noção de terapêutica relacionada aos cuidados com o período menstrual bem como com todo o ciclo, representando tanto uma cura física como emocional e espiritual

Chamamos atenção para o trabalho de Wons (2022) que apresenta uma virada na percepção e vivência da menstruação a partir do uso de coletores menstruais.

Wons (2022) discute sobre as novas ordens prático-simbólicas que envolvem a menstruação, seus significados e os modos de vivenciá-la a partir das experiências de mulheres de Salvador-Brasil, usuárias de coletores menstruais, ferramenta que permite um contato íntimo com o próprio corpo e com o sangue menstrual, possibilitando que as adeptas percebam seu sangue de modo próximo (sentindo o cheiro, a cor, o volume etc). Além disso, o trabalho da

²⁹ A Mandala Lunar é uma ferramenta utilizada nos círculos de mulheres como forma de mapear o ciclo menstrual. A mandala pode ser feita manualmente, desenhando um círculo e dividindo-o em espaços de acordo com o a quantidade de dias do ciclo menstrual da mulher ou pode ser adquirida seja fazendo downloads de arquivos disponibilizados na internet ou mesmo a partir de agendas e planners comercializados nos círculos ou de modo online.

autora se encaminha também para uma reflexão crítica feminista sobre como o conhecimento científico sobre o tema é construído e disseminado.

A partir da metodologia de grupo focal, a autora conclui que as usuárias do coletor menstrual compreendem o sangramento como um processo que faz parte da experiência corporal que elas vivenciam, sendo os incômodos associados ao período frutos de demandas externas (sociais) pautadas em uma lógica linear e produtivista, não condizente com a experiência que elas acessam por terem corpos menstruantes. Nesse ponto, nota-se que a experiência do coletor menstrual é vivida como crítica à sociedade moderna, considerada linear e produtivista, ou seja, aqui as mulheres fazem frente a um modo estabelecido de vivenciar a menstruação – lembremos do medo e vergonha ligados a essa experiência- e colocam suas próprias demandas pessoais como norteadores para vivenciar o sangramento mensal.

Nesse esquema interpretativo, a menstruação é marcada por uma demanda introspectiva sendo esta aceita e valorizada pelas usuárias. Essa atitude, pontua a autora, se mostra por vezes “subversiva” (Wons, 2022), tensionando a lógica dominante que exige uma performance 24/7.

O descarte do sangue menstrual, colhido no coletor, tem por vezes o mesmo destino do sangue das mulheres participantes dos círculos, qual seja: como nutrição para plantas, “[...] há também outras formas de descarte que compreendem um potencial nutritivo, artístico ou sagrado do fluxo menstrual” (Wons, 2022, p. 208). Ainda que o estudo colocado em prática por Wons não tenha como delimitação uma perspectiva espiritualista, nota-se que alguns significados e práticas se assemelha à pesquisa que conduzimos. No contexto de Wons, os coletores abrangem uma gama de mulheres não necessariamente vinculadas a novas espiritualidades, mas que ainda assim constroem significados místicos à menstruação. Ressalta-se que esse significado ritualístico/artístico, não é comum a todas as usuárias. Segundo os relatos trazidos no trabalho de Wons, muitas dessas mulheres descartam o sangue de forma banal, esvaziando o coletor na pia, no vaso sanitários ou mesmo durante o banho.

A autora também aponta que o uso do coletor, mesmo garantindo a total invisibilidade do sangue menstrual (uma vez que não deixa vestígios em roupas, tampouco cheiro ou qualquer outro sinal) ao invés de estimular um silenciamento sobre a menstruação, provoca uma incitação ao tema, já que garante uma nova percepção sobre a mesma. As usuárias dos coletores costumam falar sobre seu próprio ciclo menstrual não só com outras usuárias dos coletores, mas também com outros grupos de seu convívio (família, colegas de trabalho): “[...] a manutenção da vergonha não ressoa entre elas, mesmo que as propriedades do coletor

permitam o imperativo do ocultamento. Na ocasião ótima de viver um período menstrual em segredo, elas fazem questão de comunicá-lo”.

Para o uso confortável do coletor, mostrou-se necessário o desenvolvimento de um conhecimento sensorial do corpo através do próprio corpo, o que a autora chamou de percepção. Esse movimento vai de encontro as ordens prático-simbólicas que comumente envolvem a menstruação que alienam os corpos de seus próprios fluidos, cheiros, texturas. A percepção estaria ligada a autonomia, uma vez que apenas é exercida pelo sujeito que apreende. Indica que vem ocorrendo mudanças nas ordens prático-simbólicas da menstruação. No contexto das usuárias a menstruação é percebida, investigada, falada, não se escondendo ao campo doméstico do segredo.

[...] O sangue está longe de ser algo impuro, sujo ou contaminante, ao contrário, é inclusive visto como nutritivo ao ser devolvido à terra para benefício de plantas e utilizado como ferramenta de expressão e criação em experimentações artísticas. A menstruação é entendida como constituinte das sujetiases como possibilidade de renovação mensal (Wons, 2022, p. 237).

5.3 Menstruação como expressão da ciclicidade

Ainda que nem todos os círculos abordem o tema da menstruação é notório que a experiência menstrual se apresenta como um dos temas mais recorrentes nos encontros de mulheres. Sobre essa questão há uma intensa produção cultural endêmica, desde livros e oráculos até agendas, *planners* e calendários lunares.

Partindo da menstruação, percebemos que nos círculos há uma percepção mais ampla do ciclo menstrual, sendo levado em consideração todo o ciclo. A menstruação seria uma materialização desse funcionamento cíclico do corpo, contudo, não pode ser compreendida isoladamente.

Leva-se em conta a menstruação- o sangramento-, mas também a fase pré-ovulatória (logo depois da menstrual), a ovulatória e a pós- ovulatória. Há duas narrativas principais que estabelecem conexões entre o ciclo menstrual, as fases da lua e os arquétipos de feminino, uma associada à autora Miranda Gray, criadora da Benção Mundial do útero³⁰, e outra à Ginecologia Natural.

³⁰ A benção mundial do útero é uma meditação que é feita de modo síncrono com mulheres de todo o mundo. Para participar basta fazer uma inscrição no site (<https://wombblessing.com/pt-pt/>) e no horário previsto (respeitando as várias diferenças de fuso horário) se sincronizar com as outras mulheres e realizar a meditação. Há algumas orientações para o momento como portar um lenço ou xale e um taça com água.

Os grupos que partem de Miranda Gray guiam suas falas a partir do livro *Lua vermelha*: as energias criativas do ciclo menstrual como forma de empoderamento sexual, espiritual e emocional. Tomamos então Miranda Gray e o seu *Lua Vermelha* como *corpus* da pesquisa, em que encontramos a seguinte explicação sobre o ciclo menstrual:

[...] O ciclo físcico mensal consiste em quatro fases: pré-ovulatória, ovulatória, pré-menstrual e menstrual. Dentro de cada ovário existem grupos de células chamadas folículos, onde ficam os óvulos imaturos. Durante a fase pré-ovulatória, um folículo amadurece, produzindo o hormônio estrogênio, que estimula os seios e as paredes uterinas. Considerando um ciclo de 28 dias o folículo se romperá aproximadamente entre o 14º e 16º dia do ciclo, liberando o óvulo; essa é a fase ovulatória. Algumas mulheres percebem certos sintomas físicos durante a ovulação; eles podem incluir dor na região pélvica, sangramento ou corrimento em meio ao ciclo, aumento na sensibilidade dos seios ou desejos de comer algumas coisas. Após a ovulação, o folículo se torna um ‘corpo lúteo’ e produz progesterona e estrógeno. A progesterona prepara as paredes uterinas para a fertilização” (Gray, 2017, p. 126).

Gray (2017) defende que mesmo que as mudanças físicas durante o ciclo menstrual sejam mais conhecidas na nossa sociedade, há mudanças na sexualidade, na criatividade e na espiritualidade que impactam a vida das mulheres.

Aqui, nota-se que as mulheres adentram um debate biológico³¹, promovendo a disseminação de informações sobre todo o ciclo menstrual, localizando o sangramento como apenas um dos momentos do ciclo, o que exige um engajamento no sentido de compreender determinados movimentos corporais que muitas deles desconhecem até chegarem nas rodas.

Seguindo ainda com Gray (2017), há uma explicação detalhada sobre cada fase do ciclo menstrual associando cada momento a uma fase lunar e a um arquétipo³² do feminino. Sobre esses arquétipos do feminino, a autora trabalha a partir de 4 imagens arquetípicas: virgem ou donzela (fase crescente- pré-ovulatória), mãe (fase cheia- ovulatória), feiticeira (fase minguante- pré-menstrual) e bruxa-anciã (fase nova- menstruação):

As energias da Donzela são dinâmicas e radiantes. A fase da Donzela é o momento em que a mulher está livre do ciclo de procriação e pertence a si mesma. A mulher se torna autoconfiante, sociável e capaz de superar todas as dificuldades mundanas na vida. [...] A fase da Mãe ocorre por volta do período da ovulação e traz com ela um sentimento de autoconfiança e valor próprio que lhe permite apoiar, ajudar e encorajar as outras pessoas. [...] O retraimento da Lua, na fase gradativamente mais escura da Lua minguante reflete o retraimento de energia física na passagem da ovulação para a menstruação. Nessa fase, a sexualidade, a criatividade e a magia se intensificam na

³¹ Esse debate biológico é envolvido com outras noções simbólicas como a noção de arquétipos do feminino como se seguirá adiante no texto.

³² Nos círculos, bem como em outros espaços neo-esotéricos, é comum fazer referência a esse conceito, ainda que de modo superficial, por vezes se confundindo com a noção de símbolo, diferindo da noção estruturante que o arquétipo- em sua origem- tem.

mulher, assim como suas forças interiores destrutivas e sua percepção. [...] As energias da Feiticeira surgem quando um óvulo liberado não é fecundado. A mulher começa a vivenciar o lado interior da sua natureza e passa a ficar mais consciente dos mistérios subjacentes a ela. Sua sexualidade se torna poderosa e ela se conscientiza de sua própria magia e poder, e do efeito que eles podem ter sobre os homens. [...] A Lua escura e a sombria Bruxa Anciã representam a fase da menstruação. A Bruxa Anciã reflete o retraimento das energias físicas do mundo exterior e a introversão para o mundo interior do espírito” (Gray, 2017, p. 132-174).

Figura 14 - Facilitadora utilizando mandala lunar em um círculo de mulheres



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Figura 15 - Mandala lunar baseada nos estudos de Miranda Gray



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

A outra narrativa, ligada à Ginecologia Natural³³, diverge da percepção e organização da autora de Lua Vermelha. Nesses grupos, mais próximos da Ginecologia Natural/florais da Lua, há uma outra sequência associativa.

A menstruação não estaria ligada ao arquétipo da Anciã, mas sim a um momento sem associação a figuras arquetípicas, o chamado momento “vida-morte-vida”. A menstruação seria um momento de morte, recolhimento e conexão com a espiritualidade, podendo também estar associado a chamada “face escura da Deusa”. Essa morte seria representada pela morte da possibilidade de gerar vida iniciada na ovulação com a liberação do óvulo, mas que não sendo realizada se encerra com a dissolução do tecido endometrial e a menstruação em si. Essa morte também seria uma morte simbólica na vida da mulher, em que ela refletiria sobre os planos e desejos que não foram efetivados ao longo do ciclo que se encerra, sendo marcado pelo sangramento. A menstruação abriria espaço para vivenciar tudo aquilo que não se materializou,

³³ As cenas apresentadas no início do capítulo se referem a perspectiva veiculada nos círculos aderentes à Ginecologia Natural e aos florais da lua. Contudo, é preciso deixar claro que em um contexto geral, a perspectiva de Miranda Gray é bem mais difundida, por isso, trouxemos as duas nesse trabalho.

acolhendo as frustrações e impedimentos e reconhecendo esses processos como importantes de serem integrados para só então tomar impulso para um novo ciclo de novos desejos e possibilidades.

Figura 16 - Mandala lunar baseada nos princípios da Ginecologia Natural



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Em conversa por WhatsApp com uma das facilitadoras, a mesma explicou o porquê de não se alinhar à perspectiva de Miranda Gray (2017), adotando nos círculos que facilita os arquétipos do feminino a partir da Ginecologia Natural:

Eu não me afinizei com a nomenclatura da Miranda por várias questões. Ainda sendo a mais popular, ela situar a Bruxa-Anciã na fase menstrual não faz sentido para mim. Nem a nível sutil, nem comparando com o movimento hormonal orgânico. A Bruxa-Anciã é o preparo para a morte, não a morte-renascimento em si. O movimento hormonal é semelhante, porque é a fase do declínio da vitalidade, da introspecção, como uma velhinha se preparando para o fim da vida. E é também a etapa do movimento psíquico da curandeira/Bruxa porque é quando olhamos para nossas sombras e identificamos para decidir o que soltar junto com o sangue que ainda vai chegar. A fase menstrual não é um arquétipo feminino em si (como uma Bruxa, Anciã ou Curandeira). [A fase menstrual] é a grande transição. É a fase escura da lua, sem definição de perfil. E hormonalmente falando, enquanto o sangue leva embora os ovócitos não fecundados (morte), já existe ao mesmo tempo um movimento físico de escolha de qual ovócito será preparado na reserva ovariana para ser amadurecido depois da menstruação (um renascimento) (Bast, conversa por aplicativo, em 17 de maio de 2024).

Essa nomenclatura –vida/morte/vida x Anciã- seria a principal diferença entre a concepção de Gray (2017) e da Ginecologia Natural.

A partir da menstruação (fase de vida-morte-vida), para a Ginecologia Natural, teríamos, na sequência, as fases da menina, da mãe e da anciã. Ou seja, a anciã estaria relacionada à fase pré-menstrual, enquanto que para Miranda Gray a fase pré-menstrual estaria relacionada à feiticeira e a fase menstrual à anciã.

Na perspectiva da Ginecologia Natural, observamos três arquétipos do feminino (menina, mãe, anciã), enquanto nos estudos de Miranda Gray se utiliza quatro: menina/donzela/virgem (pré-ovulatória), mãe (ovulatória), feiticeira (pré-menstrual), bruxa/anciã (menstruação).

Além da associação do ciclo menstrual com os arquétipos de feminino, há também outras associações de sentido a partir dos elementos da natureza, dos pontos cardeais e das estações do ano.

Sobre os vocábulos utilizados, a fase com mais variação foi a fase da lua crescente associada a termos como “menina”, “donzela”, “virgem” ou “jovem” e o que mais se manteve estável foi o termo “mãe”.

Quadro 3 - Correspondências elaboradas a partir de anotações de campo

Lua	Ciclo menstrual	Ponto cardeal	Estação do ano	Elemento da natureza	Características
Nova	Menstruação	Oeste	Inverno	Água	Necessidade de repouso, momento de morte e renascimento simbólicos, interiorização, conexão com a espiritualidade.
Crescente	Pré-ovulação	Sul	Primavera	Fogo	Energia dinâmica, ação, liberdade, coragem, espontaneidade.
Cheia	Ovulação	Norte	Verão	Terra	Abundância, colheita, energia para fora, cuidar do outro, doação, maior

					compreensão do outro, aumento da libido.
Minguante	Pós-ovulação	Leste	Outono	Ar	O começo da interiorização, quietude, silêncio, irritação, momento de entrar em contato com “as sombras”.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

É também possível estabelecer conexões espelhadas entre as fases lunares, o ciclo menstrual e algumas deusas, como foi o caso de um grupo³⁴ de WhatsApp que acompanhei durante agosto de 2022.

Durante um ciclo de 28 dias se trabalhou a associação luas-deusas: Kali (lua minguante), Cerridwen (lua nova-menstruação), Eostre (lua crescente- pré-ovulação) e Ísis (lua cheia-ovulação). Durante esse período foi compartilhado no grupo algumas informações como a história da deusa, cartas de oráculos que retratavam especificamente a deusa (como o Oráculo Deusa Respira), bem como um oráculo que trabalhava a questão específica da menstruação e dos arquétipos elaborados por Miranda Gray (Oráculo Lua Vermelha). Nesse grupo, não havia tanta interação entre as participantes e quem mais mobilizava o grupo era a própria organizadora postando diariamente informações e questões problematizadoras sobre o ciclo menstrual.

Dessa compreensão mais ampla do ciclo menstrual, tem-se uma noção importante que norteia muitas das práticas dessas mulheres, a saber: a de que a menstruação se configura como a expressão da ciclicidade. Essa ciclicidade está ligada à noção de um movimento próprio da natureza, como as fases lunares e as estações do ano. É esse movimento cílico-natural que é experenciado pelas participantes em seus próprios corpos a partir da experiência menstrual.

Ainda que algumas mulheres não sangrem³⁵- nos círculos que participei havia algumas mulheres menopausadas - há um discurso de que mesmo assim as mulheres ainda estariam conectadas a esse movimento lunar e cílico, uma vez que a “natureza feminina é cíclica”. Há nesses espaços a concepção essencialista de que o feminino estaria ligado a um

³⁴ Esse grupo era organizado por uma terapeuta do sudeste do Brasil. Meu contato com ela se deu como fruto das perambulações virtuais e de uma sequência de contatos feitos no universo online.

³⁵ Aqui, poderíamos elencar tanto as mulheres na menopausa, como aquelas que realizaram histerectomia, ou ainda as que bloqueiam o fluxo menstrual ou ainda as mulheres transgêneros.

movimento circular, enquanto o masculino estaria ligado a um movimento linear (que explicaremos posteriormente).

É a partir dessa noção de ciclicidade que se reelabora o significado da menstruação, não mais entendida como algo doloroso e imposto pela natureza, mas como algo a ser acolhido e respeitado por representar um dos momentos sagrados do ritmo cíclico feminino natural.

O esquema interpretativo elaborado por Miranda Gray (2017) e reproduzido nos círculos e as diversas relações de espelhamento com a natureza (e com algumas divindades- também expressões de um divino sagrado e natural) compõe um quadro amplo que reelabora a experiência menstrual, dando espaço para características físicas e emocionais, antes silenciadas e estigmatizadas, virem à tona e serem experenciadas de um modo mais positivo e integrado à vida dessas mulheres.

É dessa forma que a menstruação associada à lua nova diz respeito ao arquétipo da anciã ou bruxa (ou à lua escura, momento de morte simbólica), momento de baixa energia física, aumento da intuição, conexão com a espiritualidade e introspecção, demandando silenciamento e quietude. Com o crescimento lunar caminha-se para o arquétipo da menina ou donzela, quando se expressa a energia criativa. Nesse momento, a mulher passa a ter mais disposição e foco para trabalhar rumo aos seus objetivos. A terceira fase do ciclo está associada ao arquétipo da mãe, que se manifesta na lua cheia, momento de ápice da capacidade de criar, corporificada na ovulação. Aqui, há uma intensificação na libido, as mulheres ficam mais receptivas e cuidadoras, o corpo expressa essa disposição para a vida, ficando mais saliente e arredondado. Por fim, com a lua minguando, temos o arquétipo da feiticeira, entendido como o início do recolhimento, a preparação para a morte (momento do sangramento). Essa fase é identificada, popularmente, como a tensão pré-menstrual, sendo como um estigma na vida das mulheres que menstruam. Contudo, nos círculos, esse é considerado apenas mais uma etapa, devendo ser aceita, respeitada e honrada. A feiticeira é aquela que questiona, que não se cala, e por isso é por vezes mal vista. Com a ciclicidade ela toma seu lugar legítimo, onde é permitido a irritação, a raiva, o choro. As emoções não trabalhadas durante as outras fases aqui encontram lugar.

Nessa perspectiva, o corpo é entendido como parte da própria natureza, seguindo o ritmo “vida-morte-vida” (ou morte-renascimento) do movimento lunar ou mesmo associado às estações do ano (inverno-arquétipo da anciã, primavera- arquétipo da menina, verão- arquétipo da mãe, outono- arquétipo da feiticeira). A menstruação é então acolhida e localizada dentro de um movimento maior de oscilações físicas e emocionais, em que as mulheres podem experienciar momentos introvertidos e extrovertidos, improdutivos e produtivos. Isso se reflete

em termos práticos a uma outra forma de entender a si mesma, estilo de vida e forma de produtividade.

A menstruação ganha um novo lugar e novos sentidos, passando a ser um fenômeno importante que informa sobre a vida interior dessas mulheres. Faz-se da menstruação um meio de autoconhecimento.

A investigação sobre si mesma demanda uma constante observação sobre o corpo e sobre as emoções que vão se modificando ao longo do ciclo menstrual. Indica-se, nas rodas, a utilização de vários recursos para esse acompanhamento, como a mandala lunar ou uso de aplicativos para o monitoramento do ciclo. Para vivenciar a menstruação dessa forma, pressupõe-se uma vida sem uso de hormônios sintéticos³⁶, em que o sangue possa fluir livremente, sem o controle farmacológico, podendo expressar sua sabedoria natural.

Nesse sentido, chamamos atenção para o trabalho desenvolvido por Arakistain (2018), que a partir de sua investigação no País Vasco, com mulheres jovens frequentadoras dos meios holísticos, conduz uma discussão acerca da convergência entre menstruação, espiritualidade e saúde. A pesquisadora aponta que no campo das novas espiritualidades há a construção de políticas da menstruação que rompem com a patologização da mesma, se construindo novos imaginários sobre o tema e promovendo uma “reapropriação” corporal, algumas vezes dando atenção à dimensão biológica como marca do feminino e outras, transgredindo essas continuidades e dando lugar a espaços e criações que desnaturalizam as ideias essencialistas sobre gênero. A pesquisadora apresenta a menstruação, a partir desses espaços, como um processo de limpeza, criatividade e parte de uma espiritualidade feminina, entendendo o ciclo menstrual a partir de figuras arquetípicas (bruxa, virgem, mãe e feiticeira ou ainda em relação a deusas- Afrodite, Demérter, Perséfone e Hécate). Essa reapropriação do ciclo menstrual se converte em um processo de empoderamento, como forma de buscar uma espiritualidade própria, suavizando, por vezes, esquemas excessivamente racionalistas e abrindo espaços para outros modos de ser, sentir e viver.

Mais do que uma forma de autoconhecimento, a menstruação ganha um *status* sagrado, já que o sangue menstrual passa a ser visto como algo poderoso, fonte de vida, expressão da capacidade geradora e criativa. Valdes (2017), analisando os círculos de mulheres no contexto mexicano, cunha o termo “espiritualidades menstruantes” para denominar essas

³⁶ Esse é um dos pontos que pode estar envolto em disputas discursivas, já que para algumas participantes e/facilitadoras só é possível vivenciar essa ciclicidade natural se livre de hormônios, o que gera certa pressão para o abandono do uso de hormônios sintéticos, enquanto para outras a ciclicidade é vivida ainda que se faça uso de hormônios.

expressões e experiências de uma espiritualidade não religiosa em que o sangue assume um caráter sagrado, para a pesquisadora “[...] la *sacralidad del cuerpo femenino* es una reivindicación cultural, que implica recuperar lo divino que habita dentro” (Valdes, 2017, p. 245).

Temos, portanto, uma compreensão do feminino marcado pela ciclicidade, experiência essa que liga as mulheres à natureza, sendo expressa no corpo como menstruação.

Esses círculos realizam uma travessia inversa ao do movimento feminista construtivista, que tanto se engajou para retirar o feminino da natureza. O Sagrado Feminino traça então um caminho de retorno à uma natureza, agora sagrada, fonte de poder para as mulheres modernas que até então haviam perdido a conexão com esse feminino ancestral, natural e sagrado. A capacidade de gerar vida é retomada como algo valoroso, positivo, milagroso e sagrado, além de outros marcadores biológicos/sociais associados ao feminino (menstruação, menopausa, gravidez, intuição, passividade) que passam a ser considerados como tão importantes quanto os marcadores masculinos ligados à atividade, razão etc.

A ciclicidade, o círculo ou ainda a espiral- o círculo que se volta para dentro- se configura como um modo de cognição que dá sentido à vida. No Festival Madre Terra, uma facilitadora de uma oficina falou que “precisamos entender que a vida é um círculo, algumas coisas precisam morrer para outras nascerem”. Compreender a história de uma vida- ou mais especificamente da própria vida (noção de autoconhecimento) - passa pelo reconhecimento de momentos alegres e tristes, de inícios e términos, ou seja, pela integração e aceitação de um movimento circular em que ora pode-se estar no ponto mais alto do círculo ora no ponto mais baixo, como numa roda da fortuna. O círculo é um modo de pensamento que organiza e dá sentido à experiência mensal da menstruação, mas seu significado é expandido de modo a promover uma forma de compreensão da própria existência. Nessa lógica circular, há espaço tanto para os momentos de celebração como os de luto, ambos compõem a existência, ambos precisam ser experienciados, acolhidos e honrados. Ou seja, a ciclicidade organiza a vida/experiências, abrindo espaço para vivenciar sentimentos e demandas subjetivas que, no geral, não encontram espaço social legítimo para serem experenciadas, como o luto, a morte a própria menstruação.

A natureza circular, que contempla uma aceitação de vários humores e paisagens se opõem à organização social e econômica das sociedades contemporâneas- masculinas, patriarcais, capitalistas e lineares. Esses dois modos de vida são postos em contraste nos círculos, revelando um potencial questionador, uma vez que tensiona um modo de vida que não dá espaço para a própria ciclicidade da existência e que apenas exige uma constância e

disposição do trabalho, impossíveis de serem cumpridas. A esse modo de vida produtivista é dito que é “linear, patriarcal e capitalista”.

O próprio ciclo menstrual- associado ao ciclo lunar- é apresentado a partir de uma perspectiva questionadora, como um modo de resistência a uma lógica que não contempla o feminino cíclico, ou seja, o ciclo menstrual como um modo de vida que tensiona a produtividade exigida em nossos tempos modernos que demanda corpos sempre disponíveis para o trabalho. Em um evento realizado em Maracanaú³⁷ (região metropolitana de Fortaleza), escutei de uma facilitadora de círculos que conduzia um momento dentro de um evento em comemoração ao Dia da Mulher (em março de 2020) que “o capitalismo não nos quer nas fases feiticeira e anciã, ele só nos quer produtivas, só nos quer nas fases da menina e da mãe, mas temos em nós as 4 fases da lua, as 4 fases da deusa”. Trago aqui um trecho do diário de campo com mais alguns elementos da fala dessa facilitadora que, a partir da perspectiva de Miranda Gray, traduz as potencialidades da noção de ciclicidade em questionar um modo de vida produtivista.

Cena

Em 08 de março de 2020, fui para um evento organizado por uma facilitadora de círculos que promovia atividades não apenas em Fortaleza, mas também na região metropolitana, como em Maracanaú. Nesse dia, estávamos reunidos em uma instalação de uma Associação de moradores e o evento foi totalmente gratuito, fugindo bastante da dinâmica dos círculos de mulheres que no geral trazem um forte recorte econômico, se reunindo em espaços holísticos em bairros nobres da capital. Apesar dessa localização que foge ao roteiro padrão, quem estava participando desse Dia da Mulher Holística eram as mesmas mulheres do circuito de Fortaleza, em sua maioria.

Nos encaminhamos para o final do evento, com a vivência de uma facilitadora convidada. Ela falou sobre ciclicidade. Nas palavras dela, nós mulheres somos cíclicas. A natureza também seria cíclica, ou seja, mulheres e natureza compartilhariam dessa mesma característica. “O natural da terra é passar pelas 4 estações, o natural da lua é passar pelas 4 fases, o natural do mar é ter as marés e nosso natural- como mulheres- é experenciar também a ciclicidade da vida com a menstruação”, seguiu a facilitadora.

³⁷ Esse evento foge um pouco do que no geral é vivenciado no contexto das espiritualidades femininas, uma vez que foi realizado em uma cidade da região metropolitana de Fortaleza, em uma escola. A organizadora trouxe uma dimensão social para o evento, abrindo espaço para mulheres exporem seus pequenos negócios. Era visível que além do público já característico – mulheres, brancas, classe média e escolarizadas- havia mulheres periféricas, pardas, de baixa escolaridade.

De início ela começou desejando um feliz dia da luta das mulheres e seguiu explicando sobre os quatro arquétipos do feminino (donzela, mãe-mulher, feiticeira e bruxa-anciã). Para ela, “o capitalismo e o patriarcado não nos querem cíclicas”, porque essa natureza (cíclica) não é produtiva durante todo o ciclo, logo, não serve aos propósitos desse sistema que exige que você produza sempre. A facilitadora disse ainda que para o patriarcado a fase da donzela (aquele de grande energia, em que estamos para resolver tudo, para correr atrás das coisas) e a fase da mãe-mulher (aquele do cuidado, da doação, de pensar e agir pelo outro) são aceitáveis para o sistema [capitalista], mas que a fase da feiticeira (quando a mulher está disposta a falar tudo o que quer sem se importar com a opinião alheia) e a da bruxa (quando entramos na caverna- assim como a lua que se recolhe na sua fase nova) não são bem vindas já que representam momentos de “descontrole”, tensão e introspeção, ou seja, não são momentos em que as mulheres se conformam aos papéis sociais aceitos quando se trata do feminino.

O tom da fala da mulher que conduzia a vivência foi tomando um viés questionador, tensionando algumas lógicas dadas da nossa sociedade e cultura. A facilitadora falou que às vezes estamos conectadas mais a um aspecto do que a outro do nosso ciclo e que acabamos desequilibradas, querendo ser estáveis, lineares, quando não somos. Aceitar nossa ciclicidade seria aceitar essas diversas fases e, logo, aceitando a nós mesmas. A facilitadora disse que começamos a falar dos arquétipos do mais jovem para o mais maduro, primeiro a donzela, na fase crescente, quando saímos da caverna da menstruação, quando temos mais energia para fazer as coisas, para resolver os problemas, quando não procrastinamos, depois a fase da mulher-mãe, quando nos sentimos belas, desejáveis, quando estamos dispostas a nos doarmos para o outro, quando estamos abertas para dar e receber, correspondente ao período fértil, em seguida a fase da feiticeira, quando vamos nos recolhendo, quando já não suportamos mais engolir os sapos, quando estamos mais irritadas por tudo que tivemos de aguentar, uma fase de falar tudo, sendo o começo do recolhimento, ai então a caverna da bruxa, a menstruarão, quando nossas energias baixam e precisamos do recolhimento. A todo tempo ela lançava perguntas como: será que nossas vidas nos permitiam de fato parar para recarregar as energias no período menstrual? Será que na fase da donzela nós resolvemos tudo para nós ou para os outros? Será que na fase mãe-mulher nossa doação é somente pelos outros, mas em se tratando da gente nós damos de ombro? Será que nos priorizamos? Será que nós ainda temos a energia da donzela? Será que a vida endureceu vocês? Será que vocês se tornaram sérias demais? Será que têm medo de se doar a outra pessoa, a receber, será que vocês ainda sabem receber?

Na sequência, a mulher nos convidou a nos conectar com a energia de cada arquétipo a partir de algumas músicas que ela havia selecionado, foi enquanto a música tocava

que ela ia falando essas frases e propondo essas reflexões a partir de cada um dos arquétipos apresentados. O evento acabou logo na sequência.

Fim da cena.

Esses mesmos questionamentos e tensões também foram observados no trabalho de Valdes (2017) entre as mulheres que participavam de círculos no contexto mexicano, indicando que são noções centrais na perspectiva do Sagrado Feminino, não apenas na experiência localizada que acompanhamos, como segue:

La reivindicación de la ciclicidad femenina permite también, una crítica al tiempo lineal impuesto por un sistema económico de producción; en donde tanto hombres como mujeres se les exige la capacidad de siempre ser y estar activos y productivos. Con estas prácticas y concepciones, se busca reconocer y recuperar el tiempo del propio cuerpo (Valdes,2017, p. 347).

5.4 Novos significados para a menstruação: a menstruação como oráculo e cura do feminino

Entre as atividades de campo, acompanhei um festival chamado Madre Terra, voltado especificamente para mulheres em busca de autoconhecimento e expansão da consciência. O evento ocorreu em outubro de 2019, em um final de semana, na cidade de Eusébio, que fica cerca de 24 quilômetros de Fortaleza, cidade localizada no estado do Ceará, nordeste do Brasil. A programação do evento estimou cerca de 300 mulheres participantes e dentre as atividades programadas ocorreram práticas de yoga, biodança, massagens, aplicação de *reike*, barra de *acess*, dentre outras terapias, vivências e palestras. Na programação, uma atividade em especial me chamou atenção pois relacionava a menstruação a um oráculo.

Essa atividade foi conduzida por duas facilitadoras, ambas de Fortaleza. O formato que se deu foi uma espécie de roda de conversa, em que as duas partilhavam seus conhecimentos e as demais mulheres comentavam, tiravam dúvidas e compartilhavam suas experiências acerca da menstruação. Éramos, nesse momento, em cinquenta mulheres, sentadas no chão sobre almofadas ou cangas, em um dos espaços onde o festival se realizava.

A narrativa principal apresentada era sobre como a menstruação pode ser vivenciada de modo a compreendermos melhor a nós mesmas, tanto em termos físicos como emocionais. Além desse tema, também vieram à tona assuntos como gravidez e métodos contraceptivos.

As facilitadoras iniciaram a fala com a afirmação de que “nós mulheres somos natureza”, uma vez que assim como a natureza também funcionamos de forma cíclica, tal qual a lua e suas fases e as estações do ano. “O que acontece fora acontece dentro”, indicando a relação de espelhamento entre o microcosmo e o macrocosmo.

A fala foi se desenvolvendo pelo resgate das histórias sobre as comunidades matrifocais, comuns aos estudos de Marija Gimbutas (2007) e Riane Eisler (2007), que ora são citadas nas falas das facilitadoras ora omitidas. Quando a omissão acontece, as falas tendem a se tornar vagas, com um tom romântico sobre esse passado mítico. Essas sociedades organizadas e orientadas por mulheres são evocadas como possíveis modos de existir e organizar o social de modo em que homens e mulheres convivam de modo mais harmônico em um sistema igualitário.

Essas sociedades foram apresentadas como pacíficas, sem a noção de propriedade privada, estando associadas a uma organização anterior ao patriarcado, quando a Deusa era celebrada. Nesses antigos arranjos sociais, “a sabedoria do ventre das mulheres” era respeitada, os ciclos femininos reconhecidos e a menstruação vivida em isolamento, respeitando as necessidades do período, e sendo compreendida como um momento de profunda reconexão com o sagrado e com a criatividade.

O feminino, nessa dinâmica social, estaria em evidência por seu poder de gerar vida. Essa valorização do gerar é retomada por essas mulheres que se reúnem em círculos de mulheres, recuperando o valor do “criar”, “gerar” e “nutrir”, localizando esses valores no útero, órgão responsável pela geração de uma nova vida.

“Todos os seres encarnados passaram pelo ventre”, expressou uma das facilitadoras. Essa observação sobre a vida localizada em um corpo que gera e nutre garantia às mulheres nas sociedades matriciais um lugar de prestígio, sendo também o que anima e inspira essas mulheres contemporâneas, de modo a possibilitar a construção de novas narrativas sobre a menstruação, não mais pautadas na vergonha de menstruar, mas no orgulho de sangrar e da capacidade de gerar.

Aqui, nota-se que nesses espaços há uma associação direta entre feminino-mulheres-menstruação, o que excluiria os corpos e identidades de gênero que não se encaixam no binarismo de gênero. A elaboração de gênero nesse contexto se dá por meio de um essencialismo, em que são atribuídas determinadas características a cada um dos gêneros (masculino e feminino). À energia feminina se atribui o gerar, o nutrir, o acolher à masculina a ação, a atividade, o desbravar. Esse par dicotômico de energias (energias masculinas e femininas) existe em todos os seres, sejam eles homens ou mulheres. Essa compreensão

possibilita algumas articulações entre os pares masculino-feminino e homem-mulher, ainda que persista a classificação essencialista.

A menstruação- sua cor, cheiro, volume de fluxo, presença coálogos ou não- seriam indicativos da saúde física da mulher, mas além desses elementos fisiológicos haveria uma noção mais subjetiva que também daria sinais de como anda a relação da mulher consigo mesma. A forma como cada uma experencia e trata a menstruação indicaria como está a relação da mulher com a sua dimensão feminina. A lógica contida nesse argumento é que a menstruação marcaria a experiência feminina ligada às noções de cuidado, introspecção e intuição, que nem sempre são reconhecidas como algo valoroso na sociedade e cultura modernas. A não aceitação desse aspecto traria a não aceitação do feminino em si mesma. Além disso, fala-se bastante sobre como a menstruação é sentida, se é um momento de incômodo, dor e desconforto isso também indicaria algum problema, uma vez que se tem a compreensão que a menstruação, ainda que demande por mais descanso e cuidado consigo, não traz em si uma experiência dolorosa, sendo desassociada de episódios de dor (seja cólicas, dor de cabeça, coluna ou pernas).

Para as facilitadoras é por meio do processo de conhecer o próprio corpo, “a menstruação e a fertilidade” que teríamos uma maior liberdade. Ou seja, o conhecimento de si funcionaria como um dispositivo para garantir uma maior autonomia de si. Esse par liberdade e autonomia também se constituem como uma busca pessoal, algo que mobiliza o desejo dessas mulheres, mas que não é alcançado no contexto da sociedade atual, uma vez que essa é associada a padrões masculinos, patriarcas, lineares (não cíclico), como as facilitadoras apresentaram.

As duas mulheres continuaram a fala indicando que em nossa sociedade, a menstruação é vivida de modo solitário, escondido, envergonhado, bem diferente dos exemplos apresentados nas sociedades matriciais. Uma delas provocou: “Não podemos sentir a nossa natureza nesse sistema. Não pode menstruar. Quem aqui nunca sentiu vergonha de ficar menstruada?”. Aqui mais uma vez, emerge dos discursos um potencial questionador do sistema patriarcal/capitalista identificado como linear, ou seja, incoerente com a lógica da ciclicidade que demanda tempo para a introspecção, reflexão e intuição.

As práticas de um Sagrado Feminino surgem como uma retomada dos antigos saberes sobre o poder das mulheres e em oposição a uma cultura omissa em relação à menstruação e ao feminino. As facilitadoras seguiram apresentando as ações de mulheres que

atualmente trabalham para o fortalecimento dessa consciência menstrual, como o trabalho de DeAnna L'am³⁸.

DeAnna L'am é reconhecida mundialmente por seu trabalho desde a década de 1980 facilitando processos ligados à menstruação e à menopausa, auxiliando mulheres na (re)descoberta da força espiritual desses momentos. Em 1994, fundou a Red Moon- School of empowerment for woman and girls dedicada a ritualizar o momento da menarca. No Brasil, há dois livros de DeAnna L'am lançados de forma independente por meio de financiamento coletivo: Caminhando Juntas: guiando meninas na jornada da feminilidade e Dançando com a lua: uma companhia para a chegada do ciclo menstrual.

Os trabalhos dessa facilitadora/autora anunciam a necessidade de um fortalecimento de mulheres para facilitar a entrada no mundo da feminilidade:

Eu comecei a focalizar círculos de Lua Vermelha para ajudar as mulheres a acolher as gerações mais jovens- suas filhas, parentes ou qualquer outra menina- na chegada à feminilidade. Desde que iniciei esse trabalho, estive em círculos de meninas e mulheres no mundo todo. Neles, as mulheres compartilharam com uniformidade as feridas que sofrerem na transição de donzela para mulher (L'am, 2019, p. 27).

É nesse contexto que se situam as “Tendas Vermelhas”, espaços sagrados que ritualizam essa mudança de posição de menina à mulher. O ritual de uma tenda vermelha envolve não apenas o momento da menarca, mas o período de um ano (ou mais) antes da descida do primeiro sangue. No livro Caminhando Juntas, a autora apresenta um caminho a ser seguido pela menina e sua mentora (mãe, tia, irmã ou alguém próximo e de confiança) que possa guiar a jovem nessa jornada rumo à feminilidade, aprendendo e construindo a experiência menstrual de uma forma mais positiva.

Na sequência, as facilitadoras nos convocaram “a voltar a ser o que nós somos”, ou seja, à nossa experiência menstrual cíclica. A menstruação foi situada como vindo 15 dias depois da ovulação, podendo o ciclo menstrual ter de 28 a 35 dias. Observar esses processos, ou seja, olhar para dentro de si, seria “a única saída” para compreendermos a nós mesmas. A menstruação foi apresentada como uma espécie de dança, em que nós-mulheres- giramos com ela, configurada em quatro “passos” ou fases: pré-menstrual, menstrual, pré-ovulação e ovulação. Aqui, mais uma vez, observamos a associação entre mulher-menstruação-natureza-ciclicidade, como em outros círculos e eventos que participamos.

³⁸ Uma outra facilitadora de círculo, nos relatou, em entrevista, ter feito formação com a própria De Anna L'am, tanto em relação à tenda vermelha, como no que toca às tendas roxas/violetas, voltadas às mulheres na menopausa.

A fase pré-menstrual³⁹ estaria associada à lua minguante e ao outono, um tempo marcado pelo começo do recolhimento da natureza. Nas mulheres, essa fase tem sido conhecida de modo negativo como TPM, Tensão pré-menstrual, termo que refletiria uma aversão pelas características do período (irritação, mal humor). Nesses espaços, a TPM se torna “Tempo para Mim”, já identificando uma ressignificação do período, agora marcado por uma compreensão mais acolhedora das próprias necessidades físicas e emocionais.

A fase do sangramento menstrual estaria relacionada tanto à lua nova como ao inverno, momento em que a natureza se recolhe, adormece. O corpo feminino seguiria esse mesmo padrão, demandando mais descanso e cuidado de si. Esse momento também seria marcado por uma maior capacidade intuitiva, demandando “um mergulho em si mesma”. As facilitadoras sugeriram que durante esse período de recolhimento fosse sinalizado para os que convivem com a mulher (companheiros, filhos) que ela estava de lua, ou seja, menstruada, a partir de peças vermelhas de vestuário ou mesmo de panos vermelhos pela casa e, idealmente, na construção de uma tenda vermelha particular, lugar de descanso e meditação.

Essa sinalização serviria também como uma forma de educar os que convivem com a mulher que menstrua, evitando assim incômodos ou comentários indelicados, de modo a construir outros discursos e práticas (mais positivas) sobre o período menstrual, entendido então como um momento de resgatar e curar memórias e emoções, promovendo uma reconexão com o sagrado individual.

Com o crescimento da lua se daria a fase da pré-ovulação, associada à primavera. Essa fase seria representada por um momento de curiosidade e disposição para uma nova vida (se a menstruação se estabelece como um momento de morte invernal, a pré-ovulação apontaria para um novo começo).

A fase seguinte- a ovulação- estaria associada à fase de maior brilho lunar, lua cheia, e ao verão, momento de grande luminosidade e calor. Esse período, por sua vez, traria consigo grande energia, bom humor e fertilidade, esta observada pelo aumento da libido e pelo muco cervical mais líquido. A metáfora da dança apresentada pelas facilitadoras é comumente representada pela metáfora do círculo. As mulheres se reúnem em círculo, já que elas próprias são cíclicas, circulam, giram, dançam como a lua, as estações e o próprio planeta (que também gira, como bem lembrou uma das facilitadoras). A ciclicidade, o círculo ou ainda a espiral- o círculo que se volta para dentro- se configura como um modo de cognição que dá sentido à vida. Uma das facilitadoras chamou atenção, durante a conversa, de que “precisamos entender

³⁹ Aqui, repetimos as associações entre ciclo menstrual e fase lunar seguindo o raciocínio apresentado pelas facilitadoras.

que a vida é um círculo, algumas coisas precisam morrer para outras nascerem". Compreender a história de uma vida- ou mais especificamente da própria vida (noção de autoconhecimento) – passaria então pelo reconhecimento de momentos alegres e tristes, de inícios e términos, ou seja, pela integração e aceitação de um movimento circular em que ora pode-se estar no ponto mais alto do círculo ora no ponto mais baixo, como numa roda da fortuna. O círculo é um modo de pensamento que organiza e dá sentido à experiência mensal da menstruação, mas seu significado é expandido de modo a promover uma forma de compreensão da própria existência. Nessa lógica circular, há espaço tanto para os momentos de celebração como os de luto, ambos compõem a existência, ambos precisam ser experienciados, acolhidos e honrados.

A natureza circular, que contempla uma aceitação de vários humores e paisagens se opõem à organização social e econômica das sociedades contemporâneas- masculinas, patriarcais, capitalistas e lineares. Esses dois modos de vida são postos em contraste nesses encontros de mulheres- revelando um potencial questionador, uma vez que tensiona um modo de vida que não dá espaço para a própria ciclicidade da existência e que apenas exige uma constância e disposição do trabalho, impossíveis de serem cumpridas, como bem provocou uma das facilitadoras.

Após a explicação mais geral sobre o ciclo menstrual, seguiram-se dúvidas sobre cada uma das fases e as formas de observar os sinais físicos do corpo (como muco cervical, temperatura basal) relacionados à fertilidade. Nesses espaços, são comuns a noção e a defesa de uma experiência menstrual livre de hormônios, uma vez que estes serviriam como uma espécie de anulação e alienação da própria dimensão cíclica feminina. Uma das facilitadoras fez falas mais firmes sobre os malefícios dos hormônios, uma vez que cada vez ficam mais conhecidos casos de trombose intravenosa por mulheres jovens, saudáveis e sem comorbidades que devido ao uso dos anticoncepcionais orais apresentam essas complicações. Nesse momento, houve uma tensão⁴⁰ no ambiente, a fala “firme” havia suscitado algumas discordâncias. Uma das mulheres incomodadas se manifestou se contrapondo a essa defesa ferrenha do não uso das famosas pílulas.

Santos (2018) ao investigar os discursos nas redes sociais sobre o abandono da utilização de hormônios sintéticos como meio contraceptivos já indicava duas vertentes críticas aos anticoncepcionais: uma mais mística, ligada à uma espiritualidade feminina e outra mais pragmática, embasada por um discurso de promoção de saúde. Aqui vemos essas duas vertentes

⁴⁰ Esse episódio demonstra que nesses espaços há tensões e discordâncias, não sendo unânimes as convicções.

combinadas, atrelando um caráter místico e espiritual a discursos pragmáticos sobre riscos à saúde.

A finalização do momento se deu com a apresentação de algumas ferramentas para o acompanhamento do ciclo menstrual e de manejo do sangue (mandala lunar, absorventes ecológicos e coletores menstruais).

A mandala lunar, um dos recursos bastante divulgados nos círculos de mulheres que acompanhei, é uma ferramenta simples de acompanhamento do próprio corpo e emoções durante o ciclo menstrual. A mandala pode ser desenhada ou mesmo “baixada” em alguns sites que disponibilizam o desenho já feito, consistindo de um círculo dividido em 28 partes, correspondendo assim ao ciclo menstrual de 28 dias. A mandala funcionaria então como uma espécie de diário para o acompanhamento das transformações do corpo e das emoções durante um ciclo menstrual:

A construção de uma mandala lunar propõe um engajamento diário da mulher que passa a pintar uma mandala, criando um diário no formato circular com observações sobre as mudanças que acontecem no corpo e nas emoções durante o ciclo menstrual. Essa auto-observação visa possibilitar um maior conhecimento de si a partir do que ocorre no período de um ciclo (cerca de 28 dias) (Mesquita; Paiva, 2020, p. 656).

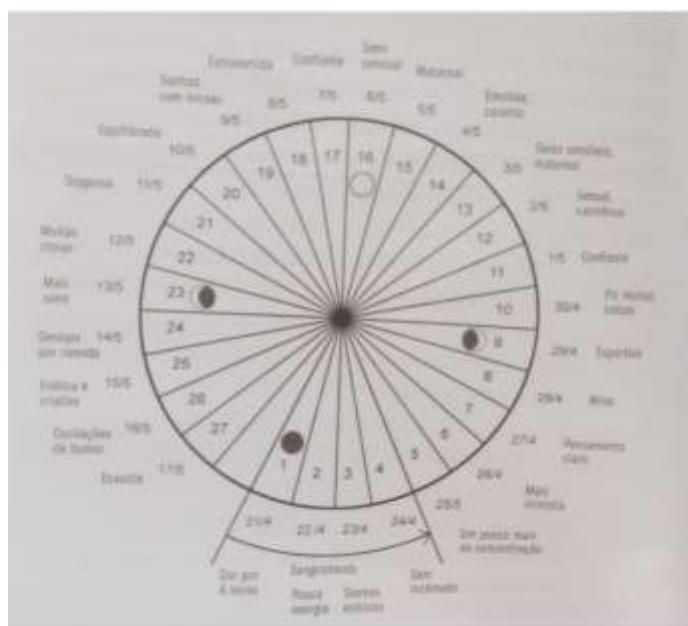
Cada espaço da mandala lunar é utilizado para anotar ou pintar algumas observações sobre si mesma, como nível de libido, relação sexual, irritação, tristeza, entusiasmo, energia física, inchaço abdominal, enxaqueca, dentre outros. Tanto os aspectos físicos como emocionais devem ser observados e anotados. As categorias a serem acompanhadas ficam a cargo de cada mulher, a depender do que cada uma acredita fazer sentido para sua vida. Assim, mulheres que sentem dor de cabeça no período menstrual podem adotar esse marcador para ser acompanhado enquanto outras podem adotar outros marcadores.

O acompanhamento do ciclo menstrual através da mandala lunar foi bastante divulgado através do livro de Miranda Gray, *Lua Vermelha*. A autora demonstra sua ideia adaptada desse recurso, que foi originalmente apresentado no livro *The Wise Wound*, de Penélope Shuttle e Peter Redgrove.

As indicações de Gray (2017) para o preenchimento da mandala são as seguintes. É necessário realizar um desenho de um círculo e fazer a divisão dessa circunferência na quantidade correspondente de dias do seu ciclo menstrual (no geral, 28 dias). Fora do círculo, numere com os dias do mês e dentro do círculo numere com os dias do seu próprio ciclo menstrual (começa-se a contar a partir do primeiro dia de sangramento menstrual). Também é

necessário fazer as marcações indicando as fases lunares (lua nova, crescente, cheia, minguante).

Figura 17 - Mandala lunar a partir das orientações de Miranda Gray



Fonte: Gray (2017).

A partir desse desenho com as devidas indicações de dias e luas feitas, a autora orienta que a medida que o ciclo for acontecendo que a mulher faça algumas anotações a partir de alguns critérios: nível de energia, emoções, saúde, sexualidade, sonhos e expressão exterior.

Existem outros modelos disponíveis gratuitamente na Internet, como o disponibilizado por Morena Cardozo⁴¹, mais conhecida como Danza Medicina. Desde que essa pesquisa foi iniciada surgiram muitos produtos desenvolvidos a partir dessa ideia de acompanhamento do ciclo menstrual a partir de uma mandala, a exemplo da agenda “Mandala Lunar” e do “Anuário da Deusa Dançarina”. As propostas de preenchimento, apesar de diferirem um pouco das de Miranda Gray, pois apresentam sugestões de preenchimento por meio de pintura e desenho de símbolos, seguem a mesma lógica, um engajamento e

⁴¹ No site pessoal de Morena Cardozo (<https://www.danzamedicina.net/>), a mesma se apresenta como “terapeuta corporal, mestre em psicologia clínica, feminista, antirracista e anticapitalista, mãe de seis (dois nascidos), escritora, ceramista, bordadeira e flautista”. O nome de Morena foi um dos primeiros a circularem amplamente como ligados ao Sagrado Feminino, no Brasil. A mesma esteve em Fortaleza entre os anos de 2016/2017 e algumas das mulheres participantes dos círculos estiveram em uma vivência com a mesma.

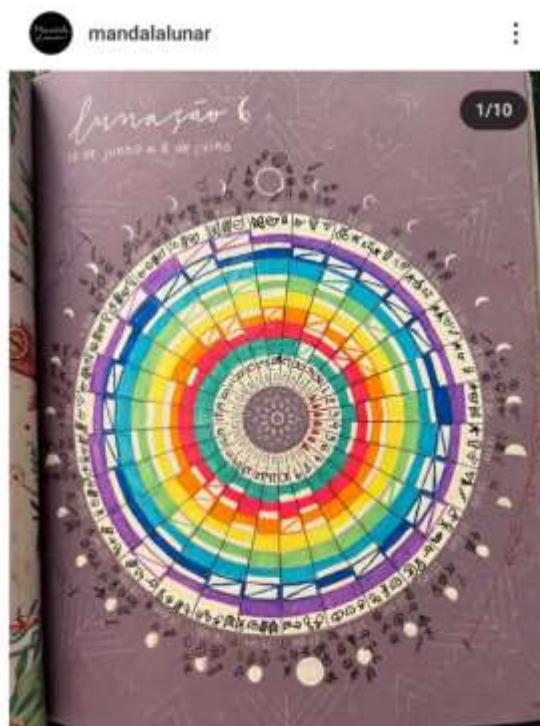
acompanhamento do ciclo menstrual para além da dimensão de sintomas físicos, incorporando emoções, criatividade, espiritualidade, dentre outros critérios de auto-observação.

Figura 18 - Modelo de mandala lunar disponibilizado no site Danza Medicina



Fonte: Site Danza Medicina (2019).

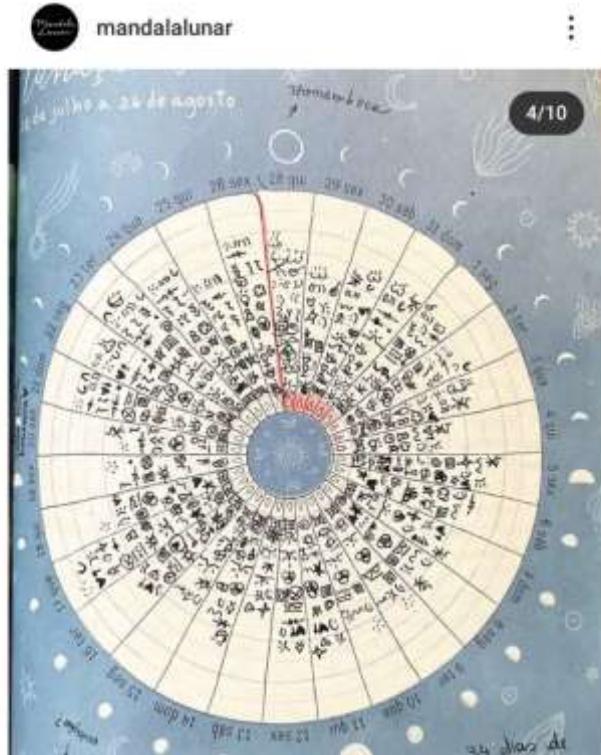
Figura 19 - Exemplo 1 de mandala lunar preenchida⁴²



Fonte: Perfil do Instagram (2019).

⁴² Disponível no Instagram @mandalalunar.

Figura 20 - Exemplo 2 de mandala lunar preenchida⁴³



Fonte: Perfil no Instagram (2019).

Esse alto engajamento sobre si mesma, no que toca a observação da menstruação, ressalta uma autonomia conquistada por meio de um contínuo processo de autoconhecimento e melhoramento. Santos (2018) já indicava em seu trabalho sobre contracepção não hormonal que o desejo por um corpo livre de hormônios era construído por meio de um alto controle desse corpo que passava a ser observado e mapeado pela própria mulher.

Esse compromisso consigo mesma em se autoconhecer, buscando um aprimoramento pessoal é característico das novas religiosidades. Siqueira (2002) aponta a noção de *autoconhecimento* como uma das principais características dos grupos místicos-esotéricos. Conhecer a si mesmo estaria ligado à busca de uma consciência pura e expandida, ou seja, uma consciência que remete a uma verdadeira natureza. Aqui, este autoconhecimento implica uma vivencia cíclica do corpo e da menstruação de modo a se reconectar com o que há de natural e sagrado em si mesma.

Siqueira (2002) também indica como importante para essas novas religiosidades a *divinização do indivíduo*, ou seja, a compreensão de que o processo de autoconhecimento levaria a uma possibilidade de auto cura a partir da consciência. Essa compreensão de promoção

⁴³ Disponível no Instagram @mandalalunar.

de saúde comumente questiona a medicina alopáticas e valoriza práticas terapêuticas não convencionais.

Ao que tange nossa investigação, a menstruação e seu conhecimento são percebidas como ferramentas de autoconhecimento capazes de promover uma cura da própria experiência menstrual, historicamente vivenciada de modo negativo, além de proporcionar curas a níveis físicos e emocionais.

Diz-se, comumente, nesses espaços sobre a necessidade de “curar o feminino” que seria uma cura da experiência feminina no mundo, aqui notadamente marcada pela menstruação, mas não apenas por ela. Valdes (2017) discute que a perspectiva de cura, nos círculos, parte de uma perspectiva holística, ou seja, envolve as camadas físicas, psíquicas e espirituais, integrando os elementos do social, cultural, familiar e cósmico, em um todo complexo: “[e]l modelo de salud holístico permite la conciencia/sensibilidad de interconexión entre pensamientos, creencias, salud y circunstancias de la vida, empodera al cuerpo/ser para vivir la capacidad de transformarse en bienestar y salud” (Valdes, 2017, p. 76).

A cura do feminino perpassa, então, uma cura física que pode estar associada a uma cura do útero⁴⁴ de problemas ginecológicos (ovários micropolicísticos, endometriose, infertilidade), como também a uma cura relacionada a sanar as relações com outras mulheres (mães, avós, amigas, colegas de trabalho) ou ainda uma cura em relação ao próprio feminino em si mesma (ou seja, das características socialmente atribuídas ao feminino- cuidado, nutrição, gestação).

Considera-se, por exemplo, que um caso de infertilidade pode estar associado a uma negação do feminino em si mesma. A cura perpassaria aceitar esse feminino em si mesma, integrando essas características femininas ao *self*. A partir disso é que seria possível uma cura física.

Para essas mulheres não há uma dissociação entre corpo-mente ou corpo-emoção, tudo está integrado em um todo complexo.

É comum, nesses espaços, também se falar de um corpo energético, o que amplia ainda mais a noção de corpo. Teríamos, além do corpo físico, um corpo baseado em energia. Aqui, o discurso se aproxima ao da física quântica, ainda que não se tenha justificativas teóricas sólidas. O próprio útero – físico- teria seu referente energético, sendo comum, por exemplo, a justificativa de que mesmos as mulheres que não tem útero físico terem em si um útero energético, um território de poder no ventre que reproduz o útero físico que não existiria.

⁴⁴ Um dos círculos que acompanhei se detinha justamente nesse tema: curar o útero. Outro aspecto relacionado a essa temática é a Benção do Útero, proposta por Miranda Gray já apresentada aqui anteriormente.

Esse complexo útero-físico-energético é um território ligado às emoções e memórias, além de também estar associado, simbolicamente, às aguas, a um meio aquoso onde se desenvolvem os fetos. Nesse lugar se guardaria as emoções e lembranças que, se ruins, poderiam desencadear um episódio de adoecimento. A saúde poderia ser reestabelecida a partir da cura desse órgão físico-energético que também diz respeito às emoções e lembranças ligadas a ele. A saúde aqui é compreendida de modo integral, representando uma saúde, física, energética e emocional.

Em trabalhos anteriores, já discutimos essa relação entre útero, emoções e saúde:

O útero é compreendido como o lugar das emoções e memórias afetivas, é lá onde se localizam os traumas e as memórias mais antigas (lembranças de quando estávamos no útero de nossa mãe). A cura do útero é entendida como a cura das emoções. É dessa conexão entre útero-emoção que se embasa as explicações sobre problemas relacionados ao sistema reprodutor (cólicas, ovário micro-policistico, endometriose) (Mesquita; Paiva, 2020, p. 658).

Por fim, foram também apresentadas as opções dos absorventes ecológicos e os coletores menstruais, ambas opções consideradas ecologicamente corretas para o manejo do sangue menstrual.

Tanto o absorvente ecológico (paninhos em formatos de absorvente convencional) como os coletores (estruturas em silicone a serem inseridas no canal vaginal durante a menstruação) proporcionam às usuárias um maior contato com o próprio sangue. Essa proximidade material com o sangue é também requerida como forma de aprendizado sobre o corpo e sobre si, oportunizando uma outra relação com o sangue de modo a ressignificar a relação com ele, como disseram as facilitadoras.

O uso dos absorventes ecológicos e dos coletores menstruais colocam essas mulheres em contato direto com o próprio sangue, podendo identificar melhor elementos como cor, textura, cheiro e volume do fluxo (no caso do uso dos coletores menstruais). Essa observação do próprio sangue possibilita a investigação de si mesma a partir desses elementos observáveis de modo concreto.

Em outro momento do trabalho de campo, uma facilitadora chamava atenção para a percepção do cheiro do sangue menstrual, no geral, relacionado a um odor podre ou a um mau cheiro, contudo, alertava a facilitadora, esse aspecto mau cheiroso seria devido às substâncias químicas presentes nos absorventes que misturados ao sangue dariam esse aspecto mau cheiroso. A partir da sua própria experiência com o uso de outras tecnologias de gestão do sangue menstrual a facilitadora relatava que tinha começado a perceber o real cheiro do seu

sangue que se aproximava a um cheiro de ferro, só percebido a partir do momento que ela aboliu o uso dos absorventes químicos.

A ressignificação do sangue menstrual também acontece em rituais como o “plantar a lua”, quando as mulheres depositam o sangue menstrual na terra (em jarros ou no jardim). Acredita-se, dentre outras coisas, na rica concentração de ferro do sangue menstrual o que seria positivo para o crescimento das plantas.

O “plantar a lua” pode ocorrer de forma individual, quando cada mulher, sozinha, realiza o depósito do sangue na terra em um momento pessoal, meditativo e reflexivo, ou de modo coletivo, quando várias mulheres se reúnem para o ato. Diz-se dessa prática que está “se devolvendo o sangue para a terra”, o que indica que há uma relação anterior.

Sobre o plantar a lua, uma das entrevistadas comenta o significado que o gesto tem para ela:

[...] para mim, esse devolver o sangue à terra vem muito desse gesto de agradecer pelo que eu recebo de nutrição e poder devolver a nutrição com meu sangue, que é um sangue de criação, de vida, que é o sangue do endométrio. O sangue inteirinho. Então, para mim, tem muito esse sentido de conexão, de me sentir também da terra. Então, cada vez que eu vou devolver meu sangue para terra, às vezes, até de uma forma bem rotineira, existe um momento, uma ritualização disso. Mesmo que seja na prática cotidiana eu consigo [...]. Aquele momento, aquele momento de conexão com a terra que eu estou meio que trocando essa energia, estou doando essa energia do meu corpo, que está saindo do meu ventre para terra, para nutrir a terra, em respeito, reverência e gratidão ao que eu recebo de nutrição, de segurança. Então, tem uma sensação de conexão com essa sensação de vida-morte-vida. Então, a sensação de que eu estou morrendo um pouquinho e me doando de alguma maneira para a terra (Hator, entrevista realizada em 06 de outubro de 2022).

O sangue depositado é o reconhecimento da própria fertilidade que é devolvida à terra, ou seja, um presente à Grande Mãe em retribuição ao dom de gerar vida dado por ela, ou como já discutimos anteriormente:

Verifica-se uma compreensão que se aproxima à teoria do sacrifício de Mauss, uma economia simbólica entre mulher e natureza (considerada como uma entidade divina). Se foi dado pela natureza às mulheres o dom de gerar vida é necessário que as mulheres retribuam esse dom. A entrega do sangue menstrual à terra funcionaria como um contra-dom, uma retribuição à dádiva recebida (Mesquita; Paiva, 2020, p. 657).

Para Mauss, um dos primeiros grupos com os quais se estabelece um contrato são os deuses e os espíritos dos mortos. São essas entidades as verdadeiras proprietárias das coisas e é com elas que é mais necessário estabelecer aliança por meio da troca:

[...] comprehende-se perfeitamente que elas (contratos e trocas entre homens e deuses) existam, sobretudo em sociedades nas quais esses rituais contratuais e econômicos se praticam entre homens, mas homens que são encarnações mascaradas, geralmente xamanísticas, possuídas do espírito do qual têm o nome: na verdade, eles agem apenas enquanto representantes dos espíritos. Sendo assim, essas trocas e esses contratos arrastam em seu turbilhão não apenas homens e coisas, mas os seres sagrados que estão mais ou menos associados a eles (Mauss, 2003, p. 205).

Esse processo de ressignificação é considerado um processo de cura tanto para as mulheres que realizam esse ritual como para suas ancestrais. Ao devolver à terra o próprio sangue, se reconhece a proximidade das mulheres com a natureza e se estabelece uma troca com a Deusa (Mãe-Terra), devolvendo parte de si mesma (materialmente e simbolicamente) à Grande Mãe.

O sangue menstrual é, então, ressignificado e passa a ser considerado algo sagrado, com alto poder nutritivo para plantas, fonte de autoconhecimento (a partir da observação de suas características), capaz de promover uma limpeza física e emocional, expressão material de um tempo cíclico próprio do feminino (em oposição à linearidade masculina), funcionando como um contra-dom para os deuses. Faur (2011, p. 220) sintetiza esses sentidos:

[...] considerado um fluido sagrado, rico em nutrientes e imbuído de poder mágico, o sangue era a oferenda das mulheres para a Grande Mãe desde os tempos mais remotos, substituído depois, nas sociedades patriarcas, pelo sangue dos sacrifícios animais ou humanos.

Uma das frases de impacto ditas pelas facilitadoras no evento em questão foi: “quando a gente cura esse sangue a gente está curando muitas ancestrais”. Numa menção à prática do plantar a lua, a conversa foi encerrada.

O trabalho de Arakistain (2014), no País Basco, chama de contraculturas menstruais esses discursos e práticas que questionam a hegemonia menstrual da biomedicina, ou seja, que propõem reflexões sobre os significados da menstruação e sua gestão, propondo novos modos, percepções e imaginários sobre a vivência menstrual.

As práticas disseminadas nos círculos podem ser entendidas a partir dessa perspectiva, como uma contracultura menstrual (Arakistain, 2014) que mescla elementos de uma espiritualidade menstruante (Valdes, 2017), considerando o sangue menstrual como sagrado, bem como incorporando aspectos ecológicos na sua gestão e manejo (absorventes ecológicos, coletores menstruais), além de aliar cuidados com o corpo baseados em práticas naturais/tradicionais resgatadas pela Ginecologia Natural.

O trabalho de Sarmiento (2020), a partir do contexto colombiano, elenca diversas práticas de “sanación” do feminino: indagações sobre os arquétipos do feminino, leitura do livro

Mulheres que correm com os lobos, escrever em diários lunares (mandalas lunares), uso de coletores menstruais e absorventes ecológicos, plantar a lua, práticas orientadas pela Ginecologia Natural, limpeza sexual, uso de plantas, fazer decretos, acender fogueira, olhar e sorrir umas para as outras, uivar para a lua, práticas de desapego trocando objetos, conversas/partilhas em grupo, altares, atividades a partir de fotografias pessoais, cantos-medicinas, além de outras práticas que a autora apresenta como “menos comuns”, como a biodanza e astrologia.

A partir da experiência colombiana, observamos algumas continuidades com o que ocorre no Brasil. Nos círculos de mulheres que acompanhamos, em Fortaleza, era comum a discussão sobre menstruação e arquétipos do feminino, a leitura do livro Mulheres que correm com os lobos, as práticas em torno da gestão do sangue menstrual com mandalas lunares, absorventes ecológicos, coletores menstruais, a prática de plantar a lua, além de estarem presentes, nos encontros, cantos, momentos de partilha baseados na fala e escuta, atividades em torno de altares ou fogueira. Também houve momentos de atividades com fotografias de quando meninas/jovens (para trabalhar o arquétipo menina) ou ainda em torno de ancestrais (para trabalhar os arquétipos da mãe e da anciã) seja por meio de fotos ou pela fala. Além de serem muito comuns as atividades com o corpo a partir da biodança.

Ainda que situados em contextos histórico-culturais diversos e mesmo considerando o Sagrado Feminino como uma forma fluida e desinstucionalizada de experenciar o sagrado, há uma movimentação comum em torno do feminino que vem mobilizando uma certa camada de mulheres (brancas, escolarizadas, urbanas) a construírem não só novas narrativas menstruais, como também novas narrativas sobre o feminino. Esse contexto envolve a noção de um feminino ferido que precisa ser curado. Essa busca por uma cura do feminino é, certamente, um dos pontos chaves que foram observados durante a pesquisa de campo.

A gramática desenvolvida nos círculos envolve os atos de buscar curar o feminino, curar a energia feminina, curar a ancestralidade feminina que significam, por sua vez, integrar aspectos psíquicos, cultivar relações saudáveis com outras mulheres, reconhecer os limites de cada mulher da sua árvore genealógica, aceitar o feminino (as características tidas como femininas) em si mesma, ressignificar a relação com a menstruação, reconhecer uma outra dinâmica de funcionamento a partir dos ciclos da natureza (ciclicidade), incluindo o ciclo menstrual.

A cura pode ser mediada por vários processos, como a dança, o canto, a escrita, o bordado, ou seja, a cura perpassa talentos a serem descobertos, resgatados e expressados. Aqui,

a cura toma então o caminho do autoconhecimento como forma de reencontro consigo mesma e com atividades que tragam saúde e bem-estar.

Outra via de cuidados éposta em prática a partir da utilização de recursos naturais, sobretudo as ervas, em chás, escaldas-pés, ungamentos, benzimentos, banhos e vaporizações uterinas. Além disso, é comum se recorrer a práticas neo-esotéricas, sendo muitas delas, hoje, ligadas às chamadas Práticas Integrativas Complementares, como o caso do reike, biodança, constelação familiar, ayurveda, florais (no caso de Fortaleza, mais especificamente os Florais da lua). Ademais, também observamos recursos como cristais, yonni eggs (ovos de cristais a serem introduzidos via canal vaginal), recursos oraculares- tarô e sistemas oraculares variados, ritualização e ingestão de cacau ou jurema⁴⁵.

Por fim, acredita-se que essa cura tem um efeito em cadeia e é comum se ouvir a frase “quando uma se cura, todas se curam” ou ainda “a cura de uma mulher é a cura do mundo”. Aqui está presente, implicitamente, o protagonismo das mulheres como agentes de transformação social, uma vez que essa cura vem acompanhada de uma transformação nas relações com as outras mulheres, com os companheiros ou companheiras, na dinâmica familiar, nas rodas de amizade e também na cultura corporativa.

⁴⁵ Ainda que a jurema não tenha aparecido nos círculos que acompanhamos em Fortaleza, conhecemos participantes que ritualizavam a jurema em círculos de mulheres na cidade de Juazeiro do Norte-Ceará.

6 CÍRCULO DE MULHERES: CONTEXTOS, DISCURSOS, PRÁTICAS E DISPUTAS

Nesse capítulo discutimos alguns aspectos sobre os círculos de mulheres. Primeiramente, quando e como se deram as primeiras reuniões de mulheres em círculos, em Fortaleza-Ceará, buscando traçar uma genealogia dos círculos. Em seguida, partirmos de uma abordagem da Sociologia da Cultura para refletir sobre a produção textual em torno dos círculos por meio de três publicações que circulavam nas rodas durante a pesquisa. Posteriormente, a partir das entrevistas realizadas, apresentaremos os discursos e as práticas elencadas pelas facilitadoras e participantes. Por fim, debateremos alguns pontos de disputa construídos em torno desse feminino sagrado, a partir de uma intersecção de gênero, classe e raça.

6.1 Os círculos de mulheres: o início da movimentação em Fortaleza-Ceará

No site Círculo de Mulheres⁴⁶, encontramos, atualmente (em 17 de junho de 2024) o registro de 450 círculos de mulheres de diversos estados do Brasil, sejam eles on-line ou presenciais, além de alguns círculos dos Estados Unidos da América (2), do Canadá (1) e da Argentina (1). No que toca o estado do Ceará, temos o registro de 10 círculos. Levando-se em consideração que o fenômeno dos círculos de mulheres é marcado pela efemeridade, não podemos afirmar que esses círculos continuem ativos, com reuniões periódicas, mas podemos considerar esse dado para iniciar nossas reflexões sobre como se deu o início da movimentação em torno do Sagrado Feminino, em Fortaleza.

Apesar de não termos acompanhado nenhum dos círculos listados no site, nos deparamos com algumas interlocutoras que fizeram referência a eles, indicando que há uma circulação de mulheres nesse circuito de círculos, umas participando de vários círculos, criando diversos pontos de contato com a temática.

De nossas 20 entrevistadas, 2 trouxeram relatos que se destinavam a narrar o como se deu o início da movimentação em torno dos círculos de mulheres e do que vem sido chamado de Sagrado Feminino na região de Fortaleza- Ceará. É a partir dessas duas narrativas que tentamos reconstruir a história dos círculos de mulheres nesse contexto específico.

A entrevista de Oyá, participante de um dos círculos que eu acompanhei, traz um relato de um círculo que se reunia em meados de 2015/2016, como segue:

⁴⁶ Disponível em: <http://circulodemulheres.com/vossos-circulos>.

Houve um momento, [...] que a gente abriu o círculo ali em 2016, que havia um movimento “rumo ao milionésimo círculo de mulheres”, era uma coisa assim. Tinha um movimento muito forte de formar esses grupos e aí quando a gente criou, eu chamei as amigas, porque eu sempre fiz terapia, mas minhas amigas nunca tinham dinheiro pra fazer terapia, mas eu tinha porque minha família bancava as terapias pra mim, principalmente a biodanza. E eu sempre queria ajudar minhas amigas, queria ajudar minhas amigas que nunca tinham condição. Aí nesse período, que eu estava ali no doutorado, na época do doutorado, sofrendo muito, com muitas questões, trabalhando [aminha relação com a] mãe E vendo as mulheres com temas muito próximos, particulares, assim, da vida e aí eu conversando com algumas amigas eu disse, “gente, vamos criar um grupo para gente discutir temas contemporâneos das mulheres”. E aí a ideia era essa, vamos discutir temas contemporâneos. [O grupo] se chamava Gatas Extraordinárias pós-modernas, o nome desse grupo, só que quando a gente começou a pesquisar a gente viu que existia um movimento mundial sobre círculos de mulheres, círculos sagrados de mulheres. Então a gente disse, vamos entrar nessa onda, rumo ao milionésimo círculo. E aí nós entramos na onda e foi muito bom esse primeiro ano, muito bom, foi um negócio assim surpreendente todo 2015 e 2016, todas nós crescemos muito com esse círculo. Então, era um encontro mensal, a gente selecionava um tema. A que ia fazer a cerimônia, ela levava, ela propunha um texto e a gente ficava estudando aquele tema e texto e a gente ficava, tipo, a mulher e o amor, a mulher e o sangramento e a gente passava um mês vivenciando aquele tema. E eu consegui uma casa maravilhosa de um amigo rico nas Dunas (bairro), era uma casa linda, em que a gente se encontrava, que ele emprestou. Aí a gente começou a se encontrar uma vez no mês. Começou com cinco e chegou a ter trinta e tantas mulheres. E nesse [grupo] tinha uma parte que eram mulheres negras, mas a maioria era branca. Mas tinha uma força muito grande dessas mulheres negras que eram quem estava desde o início e tal. E aí aconteceu de tudo, tensionamentos, tudo, o grupo cresceu muito e foi ganhando força mas também foi perdendo. Depois ele diminuiu, então ele começou com cinco e terminou com cinco. Foi muito interessante. Terminou com cinco e terminou quando deixou de fazer sentido para a gente, assim, foi deixando. Porque muitas mulheres foram se transformando e tal hora não fazia mais sentido ir pro círculo. Ganhou força para separar ou ganhou força para continuar com marido, ganhou força para ir para o mestrado, ganhou força paraEntão foi deixando de fazer, outras foram perdendo força, achavam tudo aquilo muito louco, não se encontraram ali naquele círculo. E aí tinham rituais, a gente foi estudar sobre vários temas. Assim, rituais com fogo que a gente queria fortalecer vínculos. Com a praia, a gente ir para praia numa lua cheia. Então, eram temas diversos. Sobre traições, tudo. Era cada mulher que ia propor, assim, partia muito da sua angústia E aí eu lembro que eu pesquisava muito e eu quis começar com o útero e o sangramento que foi para mim, eu que fiz a mediação desse encontro e ele foi muito forte e para todas nós porque era como se a gente não tivesse dimensão da importância do ciclo, Então, aí estudamos o livro da Faur, Círculo Sagrado de Mulheres, o Mulheres que Correm com os Lobos, então passou por tudo, assim leituras que cada uma ia indicando era nesse sentido (Oyá, entrevista realizada em 11 de julho de 2022).

Esse primeiro relato, já nos traz algumas informações importantes para a genealogia dos círculos. O início da movimentação em círculos de mulheres teria se dado entre 2015 e 2016, na “onda” pela “busca pelo milónesimo círculo” difundido a partir do livro Milionésimo Círculo, de Jean Shinoda que defende que com a chegada da reunião do milionésimo círculo se criaria um campo mórfico com força de impactar toda a sociedade (Bolen, 2011). Essa ideia é bastante difundida no circuito dos círculos de mulheres que frequentei, mostrando continuidade entre esse primeiro grupo e os que se reuniam já em 2019.

As gatas extraordinárias se reuniam a partir de reuniões que mesclavam rituais (a exemplo do ritual com fogo) e momentos de estudo e leitura de textos. A dimensão ritualística também estava presente durante a pesquisa de campo. Já o elemento do estudo/leitura, apesar de só ter se feito presente, de fato, em um único círculo online, em vários momentos dos círculos presenciais era comum fazer referência a algum livro – ou o livro estava presente no altar, ou se fazia referência a autora- a exemplo do Mulheres que correm com os lobos, de Clarice Pinkolas Estes e o Lua Vermelha, de Miranda Gray. Era comum, também, a existência de drives compartilhados, além de livros em estantes nos lugares em que os círculos se reuniam. Outra referência comum que também foi lembrada pela entrevistada foi Mirella Faur, autoras de livros como Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas e As faces escuras da grande mãe: como usar o poder da sombra na cura da mulher.

Dessa forma, já estavam presentes nesse primeiro círculo elementos apontados no capítulo 1 como elementares aos círculos de mulheres: ritual, leitura. Além disso, são mencionados temas que também eram privilegiados nos grupos que eu acompanhei, como o útero e o sangramento menstrual. Ademais, a iniciativa parece ter se dado a partir da noção de terapêutica, uma vez que a interlocutora fala que “sempre fez terapias”, como a biodança, e que queria ajudar as amigas que não tinham como pagar por essas práticas. Dentre as questões levantadas pela entrevistada aparece a dimensão da relação com a mãe, o que também aproxima esse início dos círculos com o elemento da busca pela cura do feminino, questões marcantes nos círculos de estudamos.

Por fim, já aparece na fala de Oyá essa percepção quanto à raça das participantes. Ela aponta que havia mulheres negras, mas que a maioria eram de mulheres brancas. Ela indica também ter havido tensões entre as mulheres, mas que de todo modo o grupo cresceu consideravelmente.

Pachamama traz em seu relato mais algumas referências no que toca o início dos círculos na cidade:

Isso sempre esteve no meu foco, mas não com o nome de Sagrado Feminino. Eu só fui chegar a esse conceito a essa nomenclatura em meados de 2014, já dentro da psicologia como estudante. E uma amiga que já estava imersa estudando o ciclo menstrual dela propôs uma roda entre as amigas para que a gente começasse a falar disso que ela estava descobrindo, esse estudo do ciclo menstrual. E a partir desse momento, nesse grupo, cada uma levava, a proposta era bem intuitiva e aberta, para que cada uma levasse suas impressões, descobertas [...]. Dentro da psicologia eu já me interessava sobre os estudos da mulher [...] eu já estava, teoricamente em contato com isso. E o grupo me possibilitou essa troca [...]. Grupos de Sagrado Feminino, na cidade, não tinha exatamente. O que tinha era umas senhoras que seguiam uma prática holística que chamava Moon Mother, umas benções, tinha toda uma questão de crença religiosa mais holística que envolvia esse feminino que tinha a ver com a menstruação,

dos adoecimentos uterinos, as questões mais uterinas da mulher. Eram umas terapeutas formadas dentro dessa linha, mas a gente não entendia exatamente como uma coisa do Sagrado Feminino, não era dito esse termo. Aí nesse formato que se instituiu depois dos círculos de mulheres, da roda, de vamos fazer uma roda com as ritualísticas trazendo essa cultura da deusa foi a partir dessas experiências com as amigas que foi a primeira roda que eu soube que teve assim no meu conhecimento até a época. E aí depois foi um movimento coletivo mesmo que foi eclodindo assim aqui e acolá você via mulheres também fazendo o mesmo movimento acho que coletivo, [...]. Eu me lembro assim que as primeiras rodas que a gente fez era o mesmo só esse grupo de amigas. E aí uma amiga ia falando para outra amiga que não era tão íntima ali do grupo, mas que dizia, “eu estou indo para a roda, vamos comigo”. E convidava. Até então não tinha regras, era tudo muito aberto, muito livre, muito intuitivo. Então, eu me lembro que os primeiros círculos tinham umas seis pessoas e chegou num ponto de em três meses que a gente estava fazendo a roda, que a gente teve um círculo que, de repente, tinha uma equipe de televisão filmando. Tinha assim umas 50 mulheres no círculo. As mulheres convidaram, a gente fazia essas rodas nas luas cheias no sítio dessa amiga que ficava no Aquiraz e era um terreno bem grande e arborizado. Agente fazia ao ar livre, era um espaço enorme. E aí foi só crescendo, crescendo que nesse dia a gente tinha mais de 50 pessoas. A gente não conseguia nem contabilizar, não sabia nem o que fazer exatamente, como acolher tanta gente. E de repente tinha uma emissora. Foi alguém que deu o toque que ia ter a roda e chegou essa mensagem “tão filmando a roda”. E a gente sem saber que ia acontecer porque era tudo sem roteiro [...]. Na hora, dissemos, vamos conversar, cada uma levava as descobertas que a gente estava fazendo, pesquisando na internet, os estudos do nosso próprio ciclo, as impressões que a gente tinha, os insights que a gente tinha, as relações que a gente fazia a partir das observações da mandala lunar. Mas foi assim, de repente estava bombando. Eu acho que também a partir dessa roda porque algumas das meninas elas já tinham um trabalho com o feminino muito bem visibilizado, porque uma delas era Camila Albano, a Camila Albano era uma fotógrafa muito conhecida por fotografar mulheres e a gente dava o nome desse círculo de mulheres da Lua. E a Camila começou a fazer um projeto fotográfico chamado mulheres da lua, inspirado no que a gente vivia no círculo. E aí era a foto das meninas na natureza, aquela questão da natureza, a mulher selvagem. Na cidade ficou muito conhecido, todo mundo ligava para gente [...]. A gente chegava e não sabia nada, o que é um grupo de mulheres, não sabia nem que existia isso [...] E aí eu acho que desse encontro que começou a ser mais divulgado no Facebook (Pachamama, entrevista realizada em 23 de maio de 2022).

[...] e estava fazendo uma formação em terapia de grupos um paralelo com a faculdade porque eu já estava angariando minhas ferramentas para quando a faculdade terminasse eu já saber como é que eu vou trabalhar. E aí comecei a ler também o Mulheres que correm com os lobos, nessa roda de amigas e eu fiquei encantada com texto. É uma autora que é da minha abordagem, que é terapeuta arquetípica e tinha muito a ver também com o que eu estudava já dentro da psicologia. E então comecei a pensar “eu vou fazer um grupo desse livro, vou começar a botar em prática” [...] E aí eu me encorajei e criei o grupo que era inspirado no Mulheres que correm com os lobos daquele jeito que você participou, fazendo as leituras. Eu levava também uma proposta de intervenção vivencial para integrar ali o conhecimento, dentro dessa pegada do Sagrado Feminino porque o livro ele não se diz necessariamente do Sagrado Feminino, ele é um estudo psicológico do feminino. Mas, como eu estava também com a vivência nos grupos, eu pensava “isso aqui muito se complementa”. Eu vou jogar nas duas frentes aqui, vou fazer as duas coisas, daí puxei também as coisas que eu já tinha aprendido no grupo, nesse manejo ali que a gente foi aprendendo meio na marra como conduzir, depois foram chegando outros autores e outras autoras, como a Mirela Faur, que é bem clássica nesse tipo de trabalho e que vão dando suporte para você estruturar a mesma roda. E foi um sucesso, eu me lembro que no primeiro ano, eu comecei em 2016 pelo final de 2015, em 2016 eu lancei e em um mês tinha gente querendo fazer parte do grupo, que não dava. O tanto que eu tinha planejado de gente para colocar no grupo era 10 pessoas e tinha o dobro. E aí eu fiz duas turmas, era uma no final de semana e outra na semana e assim se encaminhou por um tempo

[...] acho que eu fiquei uns 3 anos fazendo grupo com o livro (Pachamama, entrevista realizada em 23 de maio de 2022).

Aqui, a interlocutora fala que o primeiro círculo que ela frequentou foi em 2014 (data próxima aquela citada por Oyá) a partir dos estudos pessoas de uma amiga sobre o ciclo menstrual. A reunião de amigas foi crescendo informalmente, de modo a somar cinquenta mulheres em alguns encontros, atraindo a atenção de uma emissora de televisão. Os grupos, como relata Pachamama, se reunia nas “luas cheias”, já indicando uma forma específica de marcar o tempo, a partir do ciclo lunar (natureza) e não a partir do calendário gregoriano (cultura). A internet também já marcava esse fenômeno já que servia tanto como meio de comunicação e divulgação (através do Facebook) como fonte de pesquisa sobre os temas discutidos.

Nesse primeiro momento dos círculos, em ambas as falas, nota-se que o lugar da facilitação era algo que ia sendo construído a partir das próprias vivências nas rodas, por meio de uma curiosidade e estudos pessoais que eram partilhados em grupo. Temas como a menstruação começava a ser tematizada a partir da perspectiva do autoconhecimento, com a utilização da mandala lunar. Essa dinâmica inicial, não demandava uma profissionalização da facilitadora.

Já em 2015/2016, a interlocutora que estava também estudava psicologia e terapia de grupo, resolveu formar seu próprio círculo como forma de praticar as ferramentas estudadas. Foi quando a mesma começa a facilitar grupos de mulheres a partir da leitura do livro Mulheres que correm com os lobos. Nesse formato, a dimensão da leitura e estudo ganham um forte protagonismo, já indicando o substrato social que tem mais chance de se sentir convidado a participar de um momento como o que estava sendo proposto, a saber: um grupo de mulheres escolarizadas, com acesso a bens culturais, tais como um livro.

6.2 Lendo sobre um feminino sagrado: os livros que circulam nas rodas

Desde o início da pesquisa foi notória a presença de produtos culturais que circulavam nas reuniões de mulheres, bem como nos grupos de WhatsApp, por meio de drives compartilhados. Eram, sobretudo, livros, mas também agendas, oráculos, calendários lunares, dentre outros. Os livros serviam como base teórica para os temas que eram discutidos.

Aqui, apresentamos três livros que nos chegaram durante as vivências nos círculos de mulheres e eventos relacionados.

O primeiro deles, *Mulheres que correm com os lobos*, de autoria de uma psicóloga arquetípica, era o foco de um círculo de mulheres que participei antes mesmo de iniciar a pesquisa sobre o tema, em meados de 2017. Em campo, por diversas vezes, encontramos referências a esse livro seja na fala das facilitadoras, compondo um momento do encontro (quando se ler um trecho de um capítulo), inspirando vivências a partir de temas retratados no livro, sendo visto como uma “verdadeira bíblia” do Sagrado Feminino, como me disse uma das interlocutoras, ou seja, se constituindo como uma leitura imperdível para as mulheres, uma espécie de guia mestre na busca por reencontrar o poder feminino

Em fevereiro de 2019, já com o projeto de doutorado aprovado, fui a uma formação em ginecologia natural, na serra de Pacoti. Foi naquele momento que fiquei sabendo do livro *Seu sangue é ouro*, através de uma das participantes que comentou do livro como sendo uma ótima publicação sobre a temática da menstruação. A mesma disse que o livro estava esgotado e que era muito difícil de encontrá-lo, mas que ela tinha uma versão em PDF e poderia me enviar. Posteriormente, nas perambulações (Leitão; Gomes, 2017) pelo on-line, entrei em grupo de Whatsapp sobre Sagrado Feminino que tinha como objetivo a leitura coletiva do livro *Seu sangue ouro*. A administradora de grupo, que é de Sergipe, foi quem essa leitura e ser discutida.

Lua Vermelha, por sua vez, nos chegou de modo difuso. Entrei em contato, primeiramente, com os conteúdos do livro a partir da Mandala Lunar, marca de papelaria que tem como produto uma espécie de agenda com conteúdo sobre ciclicidade e acompanhamento do ciclo menstrual a partir da ferramenta da mandala lunar. Só depois, mapeamos a genealogia dessa ferramenta, divulgada por Miranda Gray no livro em questão, mas originalmente desenvolvida no livro *The Wise Wound*, de Penélope Shuttle e Peter Redgrove.

Em maio de 2019, em uma vivência realizada em Mulungu- Ceará, o livro foi citado por uma das facilitadoras que explicou o processo de ciclo menstrual a partir dos quatro arquétipos do feminino de Miranda Gray. O livro também estava compondo o altar de algumas das atividades realizadas. Além disso, a facilitadora tinha uma mandala em madeira com os arquétipos do feminino e suas associações lunares, de modo a promover uma melhor compreensão do ciclo menstrual e sua associação com a natureza.

Lua Vermelha é notadamente mais conhecido que o *Seu sangue é ouro*, talvez porque a própria Miranda Gray tenha outras ações relacionas ao Sagrado Feminino como a Benção Mundial do Útero e formação de *MoonMother*⁴⁷ (no Ceará, temos 9, segundo o site da

⁴⁷ Espécie de iniciação que habilitaria uma mulher a realizar a benção mundial do útero em outra, fora dos períodos estabelecidos pela própria Miranda Gray. É necessária uma revisão desse conceito, pois ainda não está de todo claro.

Miranda Gray⁴⁸). Outro ponto interessante, é que a ferramenta da mandala lunar⁴⁹, apresentada pela autora, vem sendo difundida por outras mulheres que conseguiram uma posição de destaque no Sagrado Feminino, como é o caso de Morena Cardoso, da página Danza Medicina, que divulga a mandala lunar em seu próprio site⁵⁰.

Na internet, mais precisamente no Instagram, é comum encontrarmos postagens sobre arquétipos do feminino e fases lunares a partir do que Miranda Gray orienta em Lua Vermelha.

Observamos que há uma produção cultural (textual) sobre os temas tratados no Sagrado Feminino que aparece como fruto desse “movimento” de mulheres, ou seja, ao mesmo tempo que esses livros podem ser entendidos como produtos dessa dinâmica de mulheres em círculos, eles também alimentam (sustentam) as discussões que ocorrem dentro dos próprios círculos.

É certo que essa organização em círculos e o apelo de se reconectar com o seu feminino sagrado não vem de hoje. Desde o final da década de 1970, há publicações que anunciam uma espiritualidade feminina⁵¹, como o livro *A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais à Grande Deusa*, de Starhawk, lançado pela primeira vez em 1979, que trouxe um manual de práticas mágicas e rituais relacionados à grande Deusa, às fases lunares e às mudanças de estações do ano. Três anos depois, em 1982, Marion Zimmer Bradley, que leu Starhawk durante sua pesquisa para escrever a versão da lenda arthuriana, lança *As brumas de Avalon*, um romance que apresenta a história do lendário rei Arthur a partir de uma perspectiva feminina, trazendo como protagonistas as mulheres da família materna de Arthur, Ingraine (mãe de Arthur), Viviane (tia de Arthur) e Morgana (meia irmã de Arthur). Nesse livro, considerado um *best seller* da década de 1980, a temática da deusa se sobressai à estória de cavalaria, tradicionalmente narrada.

Um pouco antes dessas publicações a arqueologia redescobria a pré-história, chamando atenção para novos artefatos que indicavam ter existido do paleolítico ao neolítico

⁴⁸ Disponível em: <http://www.wombblessing.com/moonmothers.html#brazil>.

⁴⁹ A mandala lunar é uma ferramenta de acompanhamento do ciclo, uma espécie de exercício de auto-conhecimento. Segundo Miranda Gray há uma forma simples de se fazer a mandala, “O conceito da Mandala Lunar foi adaptada de uma ideia originalmente proposta por Penelope Shuttle e Peter Redgrove no livro *The wise Wound*. Após seu primeiro ciclo, desenhe um grande círculo numa folha de papel. Divida a circunferência pelo número de dias do seu ciclo, desenhando linhas. Fora do círculo, marque as datas do calendário, e dentro dele, enumere os dias do seu ciclo. Também marque as diferentes fases da Lua, de acordo com o calendário” (Gray, p. 129, 2017).

⁵⁰ Disponível em: <http://www.danzamedicina.net/mandala-da-lua>.

⁵¹ Espiritualidade feminina entendida aqui como “um retorno do ser humano para a Deusa, o princípio criador feminino; é o crescimento reconhecimento da Terra e da mulher como partes Dela, imbuída da Sua sacralidade” (Faur, 2010, p. 24).

uma organização social em torno de uma figura feminina (a grande deusa) que funcionava como princípio criador, fonte de vida e poder (Gimbutas, 2007). Trabalhos como *The goddesses and gods of old Europe: myths and cult images*, lançado em 1974, pela arqueóloga Marija Gimbutas e *When god was a woman*, de Merlin Stone, lançado em 1976, são exemplos dessa revisão da história apresentando novas versões sobre a prominência do poder feminino na organização social e na religião. Apesar de permanecerem sem tradução para o português e não fazerem parte do contexto brasileiro sobre o Sagrado Feminino, não sendo citados em nenhuma das rodas que participamos até o momento, acreditamos ser importante traze-los para compor a rede de conexões na qual *Mulheres que correm com os lobos*, *Lua Vermelha e Seu Sangue é Ouro* foram produzidos. Em se tratado de produções estrangeiras que circulam internacionalmente, é preciso estar a tanto para os contextos das esferas de produção e circulação.

É preciso então que se comprehenda a produção de *Mulheres que correm com os lobos*, *Lua Vermelha e Seu Sangue é Ouro* em relação a essas outras produções, ou seja, uma tematização que ocorre em rede, na confluência de novos saberes sobre a história das mulheres. A tematização de um feminino sagrado ligado à natureza não é obra de uma única autora, mas se processa de modo relacional, em vários espaços- arqueologia, literatura, espiritualidade.

Em 1992, Clarissa Pinkola Estés lança o *Mulheres que correm com os lobos* que teve sucessivas reimpressões pela editora Rocco, sendo relançado pela última vez no ano passado. Nesse livro, a psicóloga arquetípica trabalha alguns elementos da natureza selvagem (instintiva) da mulher a partir de contos e histórias populares que ela colheu ao redor do mundo, como O barba Azul, A Mulher-esqueleto, O patinho feio, Os sapatinhos vermelhos, dentre outros. A autora não apenas reconta as histórias, ela as analisa a partir de uma perspectiva da psicologia analítica, fazendo uso de conceitos como ânus e ânima. Para a autora, a natureza instintiva feminina vem sendo podada e censurada ao longo dos anos por nossa cultura, contudo, é possível resgatar essa força interna e selvagem a partir de uma investigação psíquico- arqueológica. Esse livro tem servido de base para clubes de leitura, círculos de mulheres, podcasts (como o Talvez seja isso) e peças teatrais.

Um ano depois, em 1993, Lara Owen lança *Seu sangue é ouro*, com reimpressões em 1998 e 2008, pela Rosa dos Tempos, e atualmente se encontra na pré-venda de uma nova edição, pela Editora Lótus 22. Aqui, temos uma revisão da relação da mulher com o sangue menstrual, já vindo à tona a noção de um retorno do feminino e sua relação com a perspectiva ecológica de cura do planeta, além da necessidade de ritualizar o sangue menstrual.

Logo em seguida, em 1994, Miranda Gray estreia com *Lua Vermelha: as energias do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional*, lançado no

Brasil, em 2017, pela Editora Pensamento. Mais uma vez a menstruação toma a centralidade da discussão e aparece como forma de autoconhecimento, uma vez que as mulheres, seguindo a dinâmica das fases da lua, experienciam quatro arquétipos do feminino a cada ciclo lunar, sendo eles: a donzela, na lua crescente (do final do sangramento até a ovulação), a mãe, na lua cheia (do período após a ovulação), a feiticeira, na lua minguante (da passagem da ovulação para a menstruação) e a anciã, lua nova (a fase da menstruação).

Tomando esses três livros como exemplos significativos de uma produção e circulação sobre Sagrado Feminino, no Brasil, iremos discutir três aspectos: se há indicações de um processo de autonomização do Sagrado Feminino, como essa produção-circulação acontece e qual o papel das editoras nesse processo.

6.2.1 Sociologia dos campos

Em *As regras da Arte*, Pierre Bourdieu (1996) discute a partir de Gustav Flaubert, e a obra *Educação Sentimental*, a gênese do campo literário francês, no século XIX. É a partir dessa discussão central que o teórico mobiliza conceitos como campos, luta, autonomização, dentre outros.

Para uma compreensão da gênese do campo literário e sua autonomização faz-se necessário, primeiramente, romper com uma análise literária que leva em consideração apenas a biografia do autor ou o texto em si. A obra literária seria também mais do que um reflexo da realidade, como queriam os realistas. A compreensão do campo envolve a sua formação e a produção de suas próprias regras, as maneiras de diferenciação (distinção) e a formação das instituições de consagração (Bourdieu, 1996). É dessa forma que Bourdieu coloca em marcha sua sociogênese, uma sociologia da construção do campo.

Para explicar então a gênese do campo literário francês Bourdieu (1996) leva em conta a ascensão da burguesia, a subordinação estrutural dos artistas aos seus benfeiteiros, a ausência de instâncias consagradoras específicas, os intermediários entre o artista e o econômico (editores, diretores de galerias, diretores de teatro), o desenvolvimento da imprensa, a expansão do mercado de bens culturais, e finalmente, o estabelecimento da lei fundamental do campo: o reconhecimento de uma arte pura (a arte pela arte) se colocando contra a arte comercial (burguesa, sujeita às demandas e expectativas do público) e à arte social (realista, que cumpre com uma função social e política).

Estaria o Sagrado Feminino caminhando para uma autonomização? Iremos refletir sobre essa questão a partir da perspectiva bourdiesiana. Para tanto, estamos, assim como

Bourdieu, considerando um aspecto ampliado da produção, não apenas centrada em um autor, mas inserida em uma rede maior, anterior à década de 1990, quando os livros aqui apresentados foram escritos. Para compreender se há um processo em marcha de autonomização do Sagrado Feminino, iremos buscar elementos que indicariam a gênese desse campo. Tomaremos a catalogação dos livros como capaz de instituir um campo específico dentro da produção cultural. Dito isso, quais espaços e a partir de quais classificações tem-se produzido o Sagrado Feminino?

A produção de livros relacionados a um feminino ligado à natureza e aos seus ciclos, bem como a revisão da história das mulheres vem colaborando para traçar os contornos do que vem sendo chamado de Sagrado Feminino. Observamos então que a princípio a tematização sobre um feminino sagrado acontecia a partir de áreas diversas como a religiosidade new age, a arqueologia e a literatura (final da década de 1979 e na década de 1980).

O Sagrado Feminino existiria apenas virtualmente em relação às várias esferas de produção sobre mulheres, psique feminina e natureza. Isso fica mais claro quando olhamos para as fichas catalográficas dos livros. Apesar de serem os livros mais citados nas rodas de mulheres das quais participei, nenhum deles tem em sua descrição a conexão direta com uma deusa ou espiritualidade feminina. O que difere das publicações mais recentes, que já foram produzidas em relação ao “movimento” do Sagrado Feminino mas consolidado.

Mulheres que correm com os lobos é classificado apenas como: 1. Mulheres-Psicologia. Já *Seu sangue é ouro* é classificado como: 1. Menstruação. 2. Sangue (na religião, folclore, etc). 3. Feminilidade (Psicologia). Por último, *Lua Vermelha* é classificado como 1. Esoterismo, 2. Menstruação- aspectos sociais, 3. Menstruação- folclore. 4. Menstruação-mitologia. Não há aqui referências diretas a um sagrado feminino, espiritualidade feminina ou deusas.

Com o decorrer do tempo, essa classificação que agrupa os livros em temas diversos como Psicologia, Menstruação, Sangue (folclore) em parte se modifica, abrindo espaço para classificações próprias de uma espiritualidade da deusa ao mesmo tempo permanece como um regime de classificação atrelado a áreas já consolidadas.

Os livros de Mirella Faur podem servir de exemplo dessa abertura a classificações que afirmam um campo específico de saber sobre a deusa. *O Anuário da grande mãe: guia prático de rituais para celebrar a grande deusa*, lançado em 1999, e *Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas*, de 2010, já trazem de modo expresso as referências a uma religião da deusa. O primeiro aparece classificado como: 1. Deusas 2. Ocultismo 3. Religião da Deusa

4. Rituais. Na classificação do segundo, temos: 1. Deusas 2. Mulheres 3. Religião 4. Religião da Deusa 5. Vida espiritual. Em uma década, a especificidade de uma religião da deusa avança e se estabelece como critério de classificação.

Nesse sentido, esse sistema de classificação contribui para a institucionalização do campo, pois ao dar nome a uma produção específica reconhece esse campo de saber como legítimo.

Contudo, há ainda uma produção que mesmo carregando em seus títulos referências expressas ao Sagrado Feminino ou a temáticas relacionadas (como a menstruação) continuam sendo classificados de modo múltiplo. Segue alguns exemplos dessas produções: *O feminino e o sagrado: mulheres na jornada do herói* (2010), classificado como 1. Mulheres e religião 2. Espiritualidade 3. Conduta de vida 4. Livros eletrônicos; *Ontologia do Sagrado Feminino: a outra história precisa ser contada* (2018), 1. Ecofeminismo 2. Ecologia Humana 3. Ecologia Profunda 4. Sustentabilidade; *Dançando com a lua: uma companhia para a chegada do ciclo menstrual* (2018), classificado como: 1. Mulheres 2. Menstruação 3. Empoderamento feminino; *Círculos de mulheres: as novas irmandades* (2019), 1. Mulheres- Filosofia 2. Mulheres- Condições Sociais 3. Teoria Feminista.

Notamos então uma disputa por reconhecimento. Alguns livros permanecem em outros campos, apesar de trazerem conteúdos que se relacionam com o Sagrado Feminino, enquanto outros já afirmam um sistema de classificação de uma espiritualidade feminina.

O Sagrado Feminino, como expressão de uma religiosidade moderna, se apresenta como uma experiência difusa e pulverizada, extrapolando os limites dos espaços religiosos tradicionais e deslocando-se para outras áreas da sociedade. A religião, no contexto contemporâneo, representaria então um modo particular de crer, ou seja, um modo particular de funcionamento da crença:

[...] o significado atribuído a essas crenças e a essas práticas pelos interessados se afasta, geralmente, de sua definição doutrinal. Elas são criadas, remanejadas e geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de correntes de pensamento de caráter místico ou esotérico (Hervieu-Léger, 2015, p. 43).

Pensando a partir desse viés, podemos dizer que o Sagrado Feminino, apesar de carregar um nome que unificaria as práticas e assim reconheceria um projeto comum se reproduz de modo difuso, uma vez que não se apoia em instituições de reconhecimento que poderiam instituir um campo.

6.2.2 Editoras: quem quer falar sobre Sagrado Feminino e Espiritualidade Feminina?

Para Bourdieu (2002), a circulação internacional das ideias não ocorre de forma espontânea. Assim como em outros espaços, essa circulação é alvo de disputas, em que se vinculam estereótipos, preconceitos e equívocos. Os textos, na maioria das vezes, circulam desarticulados de seus contextos de produção o que possibilita um amplo espectro de interpretações.

Para o teórico francês, há alguns elementos que podem ser indicados como fatores de possíveis equívocos nessa circulação internacional, como o fato de que o autor não levar consigo, necessariamente, a distinção para um país estrangeiro, exceto aqueles considerados como autoridades de instituições, ou seja, aqueles já internacionalmente reconhecidos.

Outro elemento seria o processo de transposição de um campo a outro marcado por várias operações: seleção (o que traduzir, publicar, quem traduz o quê, quem pública o quê) e marcação (transferências de capital simbólico por meio de prefácios, textos complementares a obra, ilustrações da capa, projeto editorial). Ou seja, há uma lógica de escolha nas publicações e na composição das publicações (capa, qualidade do papel, textos complementares) que pode agregar mais valor ao livro ou não.

É a partir desse viés que iremos comentar o processo de publicação dos livros por três editoras brasileiras.

O livro *Mulheres que correm com os lobos* foi publicado pela Rocco pela primeira vez em 1994, dois anos depois da publicação original do livro. De autoria de uma PhD, acadêmica de renome internacional, como diz a apresentação da autora Clarissa Pinkola Estes, na capa da edição do livro de 2014, o livro se tornou uma espécie de “queridinho” nos círculos de mulheres e é citado com bastante frequência. Segundo o site da editora o livro aparece como: “clássico dos estudos sobre sagrado feminino e feminismo, o livro é o primeiro de uma série de longsellers da Rocco a ganhar edição com novo projeto gráfico e capa dura”.

As sucessivas reimpressões e a nova edição, capa dura, indica não somente a boa vendagem do livro mas o investimento da editora de continuar promovendo o livro como um dos casos de sucesso. A indicação do livro como um clássico nos estudos de sagrado feminino e feminismo indicam em quais espaços o livro ganhou aderência. Poderíamos pensar que inicialmente o livro circulasse apenas entre estudantes e interessados em psicologia, mas não, ele se consolida em outro espaço. Poderíamos nos perguntar se a recepção do livro nos EUA seguiu esse mesmo padrão ou se houve mudança com a transposição.

A editora Rocco foi criada em 1975 e tem como compromisso publicar as melhores obras de autores nacionais e estrangeiros. Trouxe, na década de 1980, pensadores como Michel Maffesoli e Jean Baudrillard. Concomitantemente, publicou *A fogueira das vaidades*, de Tom Wolfe, adquirido em um dos primeiros grandes leilões do mercado editorial, já mostrando seu capital econômico. Também publicou nomes bem sucedidos no mercado editorial, como Paulo Coelho, John Grisham e J.K. Rowling, o que indicaria o trabalho assertivo dos editores e a preocupação em termos de volume de vendas.

A Rocco continua publicando grandes nomes da literatura nacional, como Roberto DaMatta, Affonso Romano de Sant'Anna, Clarice Lispector e Patrícia Melo. A editora tem um catálogo com aproximadamente 2 mil títulos que perpassam temas que vão da gastronomia aos negócios, passado pelas crônicas de viagem, biografias, filosofia, história e ciência. A Rocco se destaca não somente pela qualidade dos títulos como também pela boa aceitação das obras pelo mercado.

Ser publicada em uma editora que se destaca tanto pelo seu prestígio em relação aos autores como pela capacidade de angariar uma boa recepção do mercado representa um grande potencial de circulação. Clarissa Pinkola Estés, por ser uma acadêmica, já ocuparia uma posição de destaque dentro do espaço da produção o que possibilitou certo prestígio ao livro. Desse modo, de início, o livro poderia ser compreendido não como uma produção de tema New Age (algo menor e desvalorizado no mercado de livros) mas como “algo sério”, vindo da academia. Para termos uma ideia mais clara sobre a circulação inicial do *Mulheres que correm com os lobos*, teríamos que investigar como foi o processo decisório de escolher publicar o livro apenas dois anos depois de seu lançamento.

O livro *Lua Vermelha*, lançado em português apenas em 2017 (23 anos depois de sua publicação original), pelo Grupo Editorial Pensamento, fundamenta boa parte dos círculos que tenho acompanhado. Nele, estão explicadas as homologias entre natureza e ciclo menstrual, tema tratado em todos os círculos citados.

O grupo editorial Pensamento possui quatro selos, dentre eles o selo Pensamento que reúne publicações de Espiritualidade e Esoterismo, tratando de temáticas como: esoterismo, espiritualidade, autoajuda, sabedoria oriental e saúde com terapias alternativas. O grupo fundado em 1907, tem sua marca associada desde o início a essas temáticas. Seu primeiro título lançado foi *Magnetismo Pessoal*, de Heitor Durville. Só posteriormente é que a ampliação de títulos ocorre. Em 1956, surge a Editora Cultrix, dentro da Editora Pensamento, que começa a publicar temas relacionados a filosofia, literatura, sociologia, linguística, administração e psicologia.

A editora Pensamento se funda nos temas da espiritualidade e só depois amplia seu leque de publicações. A tradução e lançamento de *Lua Vermelha* só acontece recentemente quando já havia certa demanda para publicações voltadas a uma espiritualidade feminina no Brasil. No site da editora, encontramos outros livros relacionados ao Sagrado Feminino, como *O despertar da deusa: espiritualidade prática para a mulher moderna* (2018), de Ema Maldon e *A dança do Sagrado Feminino: o despertar espiritual da mulher através da dança, dos movimentos e dos rituais* (2016), de Iris J. Stewart. Se a editora tem como foco livros de espiritualidade, por que a demora por publicar livros com a temática de uma espiritualidade feminina? Havia uma disputa por direitos autorais que impediriam lançamentos de livros mais antigos? Quais critérios de mercado foram adotados para publicação do *Lua Vermelha*, livro da década de 1990, e para esses novos títulos, produções já bem mais recentes? E mais, haveria a promessa de outros títulos da Miranda Gray? Mais uma vez, teríamos que verificar a interferência dos intermediários nesse processo de transposição da obra, como também o modo de circulação do livro no seu país de origem.

Por último, temos a Rosa dos Tempos, selo do Grupo Editorial Record reativado em 2018, depois de 12 anos. Criada em 1990 por Rose Marie Muraro e Ruth Escobar, o intuito era dar voz às mulheres com publicações feministas. Não conseguimos encontrar maiores informações sobre a editora da época de 1990, apenas informações sobre sua retomada no ano passado. Hoje, a editora se coloca como um espaço para as feministas modernas, pós revolução sexual, além de fazer um movimento de popularização das produções acadêmicas.

Consegui o livro *Seu sangue é ouro* em uma versão em PDF, por isso a impossibilidade de uma análise sobre as operações de marcação do livro na época. Posso dizer que a edição não traz muitos elementos adicionais como prefácios ou textos de apoio.

O que poderíamos acrescentar é que o Grupo Record possui desde 1991 um selo de livros de espiritualidade, o Nova Era, dedicado a temas como espiritualidade, religião, auto-ajuda, astrologia, dentre outros. Mesmo com um selo específico para a temática da espiritualidade o livro *Seu sangue é ouro* é editado por um selo que marca questões do feminino indicando que já na década de 1990 essa dimensão da menstruação ainda não estava de todo integrada no campo de uma espiritualidade feminina.

A editora recente Editora Lótus 22 teve como seu primeiro lançamento o livro *Seu sangue é ouro*. A editora é um empreendimento de Josiane Tibursky, graduada em Letras e especialista em Religiões, Religiosidade e Educação. Josiane é *moonmother* e também facilita círculos de mulheres. No site <https://www.lotus22.com.br/> há informações tanto sobre a editora como os outros trabalhos realizados pela empreendedora no âmbito da espiritualidade.

A circulação a partir de uma editora pequena, destituída de capital no jogo do mercado editorial, pode ficar comprometida. Contudo, me pergunto se na era das redes sociais e do fenômeno do “viral”, aquilo que se populariza na rede muito rapidamente a partir de sucessivas curtidas e compartilhamentos, não poderíamos esperar alguma ação de marketing que colocasse Seu sangue é ouro na rede e ganhasse uma grande visibilidade. Seria mais uma questão a ser investigada quando se trata de circulação internacional. Se do livro (Lara Owen) não transfere seu capital simbólico da esfera da produção para a esfera da circulação, então, cabe aos intermediários ações que possam fomentar a circulação desse item.

Mesmo não havendo um processo de autonomização quanto a classificação catalográfica, há certamente um movimento de popularização em relação ao termo Sagrado Feminino, como algo abrangente e plural, capaz de agregar várias formas e saberes de se relacionar com um feminino sagrado, como mostra a diversidade de classificações nas catalogações.

Há também outras hipóteses sobre o uso do termo, seria ele uma espécie de valor agregado ao produto, como forma de chamar atenção dos consumidores? Essa popularização do termo agrupa valor até que ponto? Em campo, já ouvi falas que demonstram um certo desgosto ou repúdio em relação a essa nomenclatura. Afinal, como esses produtos do Sagrado Feminino continuarão circulando?

6.3 Discursos e práticas

A partir das entrevistas realizadas, elencamos aqui por meio das falas das interlocutoras, discursos e práticas desenvolvidas no circuito dos círculos de mulheres do qual participamos.

6.3.1 “Fiz as pazes com meu ciclo, fiz as pazes com a menstruação”

Uma das perguntas realizadas nas entrevistas, a partir de um roteiro semiestruturado, era sobre a relação das interlocutoras com a menstruação. A partir desse questionamento, houve relatos sobre as transformações vivenciadas colocando em pauta modos mais positivos de lidar com o sangramento mensal.

Uma das entrevistadas fez um longo relato sobre como ressignificou sua relação com a menstruação a partir da sua participação nas rodas de mulheres:

Fiz as pazes com meu ciclo, fiz as pazes com a menstruação porque o motivo da minha infertilidade é a endometriose, então, a menstruação sempre foi um processo muito doloroso. Quando eu era adolescente eu fui duas vezes para o hospital [por conta das dores que sentia durante a menstruação]. [...] E minha avó teve 18 filhos, na verdade, ela teve 21 filhos [...] então, ela deve ter ficado menstruada umas quatro vezes na vida dela. [...] A minha mãe não teve isso, não teve essa pessoa que passasse para ela e minha mãe sentia cólica e eu sempre ouvi ela falando que ‘depois que eu tive você minhas cólicas pararam, então, quando você tiver um filho você não vai mais sentir cólica’. Então eu achava que aquela dor era normal, que eu passar sete dias sangrando com fluxo intenso era isso mesmo. E aí, nisso de ir para os médicos e relatar a dor, o desconforto e tal [...] a minha dor eles classificam como incapacitante. Então, no dia de maior cólica eu não conseguia ir para faculdade, depois eu não conseguia ir trabalhar. Na época do colégio eu voltava para casa porque eu não aguentava ficar sentada naquele banco duro. Mas ninguém nunca disse para mim, inclusive os médicos, ninguém nunca cogitou a possibilidade de ter algo errado. Então foram... era uma relação muito dolorosa com a menstruação. E aí depois desse processo de participar das [rodas] e de ler a respeito, então, eu fiz as pazes com isso. Inclusive eu tenho um livro de ginecologia natural [que nele fala que] a endometriose é, em nível espiritual e energético, desconexão com a ancestralidade [...] então, tem muito a ver com perdoar minha mãe, perdoar essa avó, inclusive a avó paterna [...] então, depois desses processos, hoje eu gosto muito de menstruar. Eu fico até pensando, eu tirei tantos óvulos nas fertilizações que eu vou entrar na menopausa mais cedo. Eu já estou preocupada com [...]. Hoje eu já estou assim, ‘quando a minha lua’ (risos) (Amaterazu, entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2021).

No relato de Amaterazu está presente não apenas um incômodo com a menstruação, mas um processo grave de adoecimento (endometriose) que vem atravessando corpos que sangram e que por vezes é tratado com descuido por parte da medicina que encara as dores relatadas como algo exagerado. Ao que toca nosso tema de pesquisa, Amaterazu diz que conseguiu fazer as pazes com a menstruação a partir dos processos vivenciados nos círculos, chegando a estabelecer um sentido para o adoecimento a partir da dimensão espiritual/energética. A endometriose estaria relacionada à desconexão com a ancestralidade, ou seja, com a necessidade de curar a relação com os que vieram antes dela (mãe, avós). Aqui, ela tece um fio entre a cura física e a cura energética, sanar a menstruação passaria por processos emocionais de perdão.

Outra interlocutora relata como, a partir das rodas, começou a observar seu ciclo menstrual e seu próprio sangue (fluxo), notando as mudanças de humor durante o ciclo, bem como associando essas oscilações às fases da lua. A escolha por meios mais naturais de gerenciar o sangue (coletor menstrual e absorventes ecológicos), além de opções menos industrializadas (como no caso dos desodorantes) também se fazem presentes no cotidiano da entrevistada:

[...] eu não tinha conhecimento, só tinha um conhecimento bem superficial ou quase não tinha [conhecimento] sobre essa questão do ciclo e da menstruação, do feminino. Mulher, lua, menstruação. A lua nova e a mulher-menina, a lua não sei o quê e a mulher tal [...] Às vezes, algumas coisas eram muito distantes de mim. E eu

passei a observar mais a minha menstruação. Na época, eu acho que eu ainda não usava, por exemplo, o coletor menstrual [inaudível]. Foi quando eu passei a utilizar o coletor menstrual, exatamente para eu observar mais como era o meu sangue, o meu fluxo. Se era muito, se era pouco. Eu passei a anotar mais. Eu sabia qual era o dia da minha menstruação, estava anotado. Ia no ginecologista e eu sabia [quando tinha sido a última menstruação], mas não passava disso. E aí eu comecei a observar mais o humor. Ah, está na lua cheia e eu estou assim, mas por que eu estou assim? Ei [facilitadora], o que está acontecendo aqui? E aí eu comecei a me compreender mais e a me observar mais. A minha lua externa com a lua interna e fazer um diálogo com isso. Mas, assim, de ganho mesmo foi começar a usar o mais natural possível. Então, eu já estava deixando, por exemplo, o desodorante eu já não usava mais desodorante industrial [inaudível] e desde então eu que faço, desde o início de 2019 sou eu que faço [o desodorante]. E aí eu passei a usar o coletor, passei a usar o absorvente de pano. Então, foi mais ou menos por aí. O mais natural, fazer um chá específico. Eu nunca tive problemas de cólica, essas coisas como outras tantas mulheres têm. Então, para mim, nesse aspecto, foi mais de observar. Aí, assim, se eu estou sentindo alguma coisa e vou me recolher, vou me dá esse respeito. Se eu vou menstruar, então, opa, não é frescura, eu vou me recolher. Quero ficar quietinha, de tirar um dia, eu quero ficar na cama só assistindo filme meloso comendo brigadeiro. Eu vou fazer e vou ficar em paz (Cerridwen, entrevista realizada em 28 de setembro de 2021).

Cerridwen ressalta que seu maior ganho foi o de compreender a demanda do próprio corpo que por vezes pede mais recolhimento durante o período do sangramento. A menstruação aqui é acolhida em sua demanda por descanso e não renegada. Aceitar essa demanda por quietude como algo legítimo (e não como frescura) realoca a menstruação, não mais como algo a ser combatido e escondido, mas como algo que faz parte do sujeito. A experiência da menstruação passa a ser uma forma de se autoconhecer, tanto física como emocionalmente.

Nem todas as participantes relatam um processo de ressignificação da menstruação, como é o caso de Sedna que na entrevista, ao rememorar sua menarca, diz que não gosta de estar menstruada:

[...] eu tinha 10 anos, eu dormi sem estar menstruada e acordei menstruada. Nesse tempo eu morava com a minha avó, não morava com a minha mãe. E eu senti muita dificuldade, até de colocar um absorvente, de ter alguém para me orientar. Eu achei que eu tinha me cortado, então, não foi uma experiência legal. Eu era muito criança, eu me vi como se eu tivesse mudando de fase. [...] A minha primeira menstruação foi uma coisa bem frustrante e a minha relação com a minha menstruação, eu não vou mentir, eu não gosto de estar menstruada. [...] Eu ainda não me arrisquei a tentar usar um coletor porque eu sou muito desastrada e eu tenho medo de usar. Eu não gosto muito de estar menstruada [...] (Sedna, entrevista realizada em 07 de março de 2022).

6.3.2 “Eu tinha essa observação só do ciclo em si [...], mas não tinha nenhuma conexão com a lua”

Um dos achados da pesquisa foi a associação entre menstruação, lua e arquétipos do feminino. Esse modo de explicar o ciclo menstrual é mais didático por apresentar imagens

tanto da lua (em suas várias fases) como de figuras arquetípicas que exemplificariam três/quatro momentos da vivência das mulheres (menina, mãe, anciã ou menina, mãe, feiticeira, anciã).

Essa narrativa mais lúdica e de fácil compreensão transforma o fenômeno da menstruação em algo mais fácil de se conviver, sendo possível compreender a si mesma a partir do próprio ciclo menstrual. A partir dos arquétipos do feminino e das fases lunares as mulheres que menstruam podem, mais facilmente, localizar em qual fase do ciclo estão, uma vez que podem se “guiar” pela lua externa (a que está no céu). A compreensão do ciclo a partir desses marcadores (lua e arquétipos do feminino) também levam em consideração as oscilações físicas e emocionais ligadas a cada fase do ciclo, como já discutido anteriormente.

O próximo trecho, nos apresenta a percepção de uma participante de círculos de mulheres que só iniciou sua participação nesses espaços depois de já ter vivenciado a menopausa:

A única formação que eu tinha em relação à lua era a influência da lua na cabeça do povo, que na lua cheia o povo endoidava (risos). A crença popular. ‘Ah, foi a força da lua’, essa força da lua é a lua cheia (risos). Eu tinha noção da influência da lua nessa questão mental da força da lua e também na questão das marés. Esse arcabouço teórico todinho foi novo. Essas conexões entre as fases da lua e as fases dos ciclos das mulheres, essa observação da menstruação. Apesar de que eu sempre tive muito cuidado com essa questão da menstruação porque desde estudante de Serviço Social, na graduação, eu me aproximei de uma ideia de uma vida mais natural, uma alimentação mais saudável, toda uma vida mais natural. Então, por exemplo, eu nunca tomei anticoncepcional. Minha mãe fazia uma tabela, não sei se você deve conhecer, e eu fazia também. A vida toda eu fiz tabela. Eu tive dois filhos. Cheguei a ter uma gravidez inesperada porque eu fiz as contas erradas (risos). Mas essa gravidez não vingou, seria meu terceiro filho e eu tive um aborto, foi um aborto espontâneo. Eu tinha essa observação só do ciclo em si, de observar todo o ciclo, a menstruação, a ovulação e a preparação (inaudível)... aquilo eu sabia porque eu aprendi com a minha mãe, de pensar o ciclo, mas não tinha nenhuma conexão com a lua. Era aquela coisa mesmo quase matemática, fazer as contas. Eu tinha um ciclo regular, geralmente era de 28 dias, mas eu nunca associei em que momento da lua se desenhava esse ciclo (Rhianno, entrevista realizada em 22 de junho de 2022).

Aqui, chamamos atenção para o potencial criativo de produção de novos significados, narrativas e vocábulos que vem sendo criado nesses espaços relacionados ao Sagrado Feminino.

Ainda sobre o processo de ressignificar a menstruação, Rihanno contrasta a abordagem descoberta tanto no livro Deusa Interior como nos círculos de mulheres com a sua própria experiência:

[...] eu lendo o livro da Deusa Interior, eu vendo o mito da Perséfone, a questão da menstruação como se fosse um castigo, como se fosse um sofrimento imposto às mulheres. E a forma como as mulheres olhavam para isso. E eu tinha essa visão, de

que era uma coisa chata, uma coisa ruim, uma coisa que incomodava e quando ... vish, lá vem! Graças a Deus, se foi. E eu achei muito bonito no livro esse convite que os autores do livro fazem para você ressignificar o sentido da menstruação. E lá no círculo de mulheres também trazia esse sentido da ressignificação da menstruação. Mas não foi a minha vivência, a minha experiência foi de muita dor, de muita rejeição, de muito incômodo. E aí quando acabou [...]. Mas assim, minha mãe foi muito feliz que quando acabou a menstruação dela foi assim, terminou e pronto, ela não sentiu nada, só sentiu a falta e deu graças a Deus (risos). Comigo não foi assim. Quando foi no final eu passei 40 dias menstruada e aí eu fiquei numa anemia que quase que eu ia para uma transfusão de sangue (Rhianno, entrevista realizada em 22 de junho de 2022).

Na experiência vivida da interlocutora, a menstruação estava ligada a incômodo e desconforto. A menopausa também esteve ligada a um processo pouco confortável uma vez que a mesma passou 40 dias sangrando. Aqui fica expresso como as experiências ligadas a processos hormonais podem figurar como algo negativo, apresentando poucas rotas de fugas discursivas para ousar experimentar outros modos de produzir sentidos.

6.3.3 “As mudanças que eu fiz depois que eu descobri esse universo”

As participantes do circuito do Sagrado Feminino podem se identificar e aderir a uma diversidade de práticas (como o preenchimento da mandala lunar, o ritual do plantar a lua, dentre outros já discutidos anteriormente), contudo, é necessário ter em mente que essas adesões acontecem de modo heterogêneo, umas se engajando mais nos processos de autoconhecimento e aprimoramento de si e outras nem tanto. As particularidades de cada corpo, a rotina e a motivação podem variar levando a momentos de mais engajamento e outros de distanciamento das práticas.

Aqui, apresentamos alguns relatos que contemplam essa diversidade de nuances no que toca a prática de algumas ferramentas compartilhadas nos círculos de mulheres:

As mudanças que eu fiz depois que eu descobri esse universo foi ... eu passei a usar absorventes ecológicos. Então, eu uso aqueles absorventes de pano. Agora no meio da pandemia eu decidi dar uma chance para o coletor menstrual, porque eu ouvia muitos relatos de que o coletor aumentava a cólica e aí eu não tenho condições de aumentar minha cólica. Eu tenho uma amiga que usa há muitos anos, aí eu comprei com orientação dela [da facilitadora dos círculos]. Eu faço tudo com orientação dela e assim, estou usando [o coletor], ele é mais fácil para plantar a lua [do que o absorvente de pano], porque o sangue já sai no copinho. Então, o absorvente [ecológico, de pano] eu tenho que deixar de molho. Então, eu uso o absorvente ecológico, uso esporadicamente o copinho. Eu não faço a mandala, porque eu não vou mentir para você, a [facilitadora] já passou uma para mim e eu não entendi, eu não entendi como preenche. Pensei em fazer, ao invés de uma forma circular, pensei em pegar uma agenda mesmo [...] assim linear, mas eu esqueço, eu esqueço de preencher. Até fiz um mês e esqueci. Eu estou me observando mais, eu estou nesse processo de auto-observação que eu não fazia. E eu adicionei a minha rotina do ciclo [menstrual] os escaldas pés, os olhos essenciais, as compressas com ervas, os chás. Então, nada

disso eu fazia e quando eu estava mal eu tomava remédio e me deitava, eu me entupia de remédio e me deitada. E agora não, e, realmente mudou muito [...] (Amaterazu, entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2021).

Nesse trecho, a entrevistada ressalta as novas formas de gerenciar o sangue menstrual, com o uso dos absorventes ecológicos e do coletor menstrual, indicando a dúvida de usar o coletor visto que já tinha ouvido que seu uso aumenta as cólicas, o que no caso dela impactaria ainda mais as dores durante o ciclo, que já são presentes devido a endometriose. A mesma diz que também incorporou na rotina práticas tradicionais de cuidado como os escaldapés, o uso das ervas em chás e compressas, além dos óleos essenciais, muito usados no circuito do Sagrado Feminino, tanto no início dos rituais como para fabricação de cosméticos e aromatizadores de ambientes. O relato chama atenção para a dificuldade no uso da mandala lunar.

Neste outro relato, temos menção a troca do absorvente descartável para o uso dos absorventes ecológicos (fraldinhas), além de um relato da prática do plantar a lua que consiste em depositar o sangue menstrual na terra, num gesto simbólico de troca com a natureza, dando à terra (às plantas) algo precioso de si mesmo (o sangue menstrual). O gesto comprehende que o sangue é algo de valor tanto simbólico como material, uma vez que se entende que o mesmo é rico em ferro.

Eu comecei com essa prática eu acho que 2018 ou 2019, não lembro, mas eu comecei primeiro tirando o absorvente descartável da minha vida e é essencial porque não tem como plantar a lua com um bocado de química do absorvente. Então eu troquei pelas fraldinhas e aí eu deixo elas de molho e aí vai dissolvendo sangue na água [para plantar a lua]. E aí para além dessa parte muito prática, tem esse processo de vida-morte-vida que quando eu vou plantar a lua eu gosto de escutar músicas que trabalhem com a energia do sagrado feminino, então, eu tenho uma *playlist* com vários cânticos sagrados e tal e [...] eu também gosto muito de pensar como foi o meu ciclo [menstrual]. Como foi esse ciclo passado e o que que eu aprendi, o que ele me ensinou. Se eu senti muitas dores. Porque se eu senti muitas dores, [isso] tem muita ligação com o emocional. E o que eu quero para o próximo ciclo, então, eu penso em deixar ir o que não faz sentido e o que se manifestou nesse ciclo passado, deixar ir o que não faz sentido e também pensar e meditar coisas que eu quero para o próximo ciclo, então é um momento que, além disso, eu dou vida para a plantinha, porque nosso sangue também é biofertilizante, então tem muitas propriedades assim maravilhosas para as plantas. A minha mãe também tem várias plantinhas aqui e eu dou a elas [o próprio sangue]. Elas são lindas e também, eu dou a elas o meu intuito, o que eu quero e é isso, esse processo prático de derramar o sangue na terra, de devolver [o sangue à terra] e também devolver para o universo as coisas boas e coisas que não fazem sentido (Vila, 01 de abril de 2021).

Para Vila, o ritual do plantar a lua se configura em um momento de autocuidado, de reflexão sobre seu momento pessoal associado ao seu ciclo menstrual. É quando ela pensa sobre o que aconteceu durante aquele período, quais foram as lições aprendidas e quais são as

intenções para o próximo ciclo. Esse ritual pessoal abre espaço simbólico para a mesma refletir sobre seus processos de autoconhecimento.

Na sequência, temos mais um trecho da entrevista de Vila, em que a interlocutora elenca algumas das práticas de cuidado que ela incorporou na sua rotina:

[Em] 2019 eu comecei a fazer [a mandala lunar], fiz três meses seguidos. Achei muito legal, aí em 2020, não fiz em nenhum mês e em 2021 eu comecei assim com muita energia e até hoje eu estou fazendo [a mandala]. Já estou no terceiro mês e é muito bom. Aí tem uma prática também de cuidado que eu faço muito que é anotar meus sonhos [para depois] interpretar eles. Nossa, isso é tão recorrente. Tem coisas que eu sonho praticamente quase todos os dias, não o mesmo sonho, mas a mesma situação e eu fico, gente que que está querendo dizer? Porque não é uma coisa aleatória, então eu escrevo meus sonhos e interpreto eles com base no que eu estou vivendo. [Eu] também gosto muito de escrever sobre as minhas emoções, sobre as coisas que eu estou conquistando porque eu escrevia muita coisa que eu estava sentindo de ruim. [...] Só quando eu ia ler eu ficava argh (expressão de repulsa, desgosto) ... aí eu estou querendo escrever mais coisas [boas], e é muito legal isso porque quando eu releio eu rememoro coisas boas que eu vivi. Então, é escrever, fazer a mandala, terapias holísticas como pedras quentes, auriculoterapia, ventosa, terapias com florais, quando eu consigo. Os florais que trabalham mais o emocional. E eu acho que a minha prática assim que eu estou tentando encaixar ela assim muito forte é o de auto toque, masturbação. Porque isso não é muito falado, não se fala sobre isso e quando é falado é falado como se fosse algo animalesco e não é isso, sabe?! Eu me preparam, assim como a gente se prepara para rezar. Acendo uma luzinha, eu tomo um banhozinho com erva. E isso é muito bonito porque eu não fico consumindo coisas que começam a distorcer a ideia da mulher e eu me conecto com o meu prazer, com os sentidos, o cheiro, a visão. Isso é lindo, é incrível! E também tem os banhos de assento, que também são incríveis e um chazinhos, né? Eu sou doida por chá. Eu sempre estou ali estudando, esse chá serve para quê... e aí dentro do que eu tô passando eu também me conecto com as plantas, elas me ajudam muito (Vila, 01 de abril de 2021).

Para essa interlocutora o preenchimento da mandala se configura como algo oscilante, ora fazendo o acompanhamento do ciclo pela ferramenta ora não. Além da mandala, há outras práticas no sentido de buscar autoconhecimento e aprimoramento pessoal, como a escrita, a escrita de sonhos para posterior interpretação, além de vários tipos de terapias holísticas, desde massagem e ventosaterapia (práticas corporais), como o uso dos florais (no quesito emocional). Práticas tradicionais a partir de ervas como os banhos de assento e o uso de chás também apareceu no relato dessa interlocutora. Além disso, Vila relata que aderiu à masturbação como um momento de conexão consigo mesma, entendendo que é necessária uma preparação para esse momento (assim como nos preparamos para rezar). Para ela, essa prática proporciona prazer e a distancia do consumo de conteúdo pornográfico que desvalorizaria a mulher, na sua compreensão.

6.3.4 “Eu estava precisando renascer e eu renasci depois desse parto”

Os círculos de mulheres podem se organizar em interface com a dimensão da gestação, sendo comum as chamadas rodas de gestantes. Esses encontros são organizados a partir de mulheres que exercem a função de doula, uma espécie de acompanhante que serve como apoio e orientação durante a gestação e o parto. Apesar de não termos nos dedicado a estudar esse fenômeno, encontramos uma interlocutora que chamou atenção para sua experiência com a gestação e a doulagem. No trecho a seguir a interlocutora fala sobre como conheceu os círculos de mulheres:

[...] eu descobri o círculo através das rodas de gestante. Na verdade, era porque eu ia para as rodas de gestante e as doulas eram do mesmo do mesmo ciclo de amizade da [facilitadora do círculo]. Então, elas começaram a compartilhar o trabalho dela comigo e eu me interessei. Então, foi através da roda de gestante que a [facilitadora] chegou até mim. Assim, teve essa interação (Sedna, entrevista realizada em 07 de março de 2022).

No trecho a seguir, Sedna coloca tanto a doulagem como o Sagrado Feminino como importantes no seu processo pessoal de redescobrir sua própria força.

A questão apresentada gira em torno da capacidade de parir de modo natural. Na experiência de Sedna os partos sempre aconteciam por cesárea, como se seu corpo por si só não conseguisse realizar esse movimento de dar à luz a uma vida, isso a incomodava pois representava uma incapacidade. Só quando a mesma começou a conhecer seu próprio corpo e a reconhecer em si essa força criadora de gerar e parir vida foi que ela conseguiu ter um parto natural, como segue no relato:

[...] eu estava muito desacreditada de mim. Então foi um processo que me ajudou muito, tanto a doulagem, como essa questão do Sagrado [Feminino]. A questão de eu ter consciência da capacidade que eu tenho, da força que eu tenho. Eu queria muito ter um parto natural e não conseguia ter. Eu tive a primeira filha pélvica, a segunda filha pélvica e na terceira filha foi que eu consegui ter um parto normal. E assim, isso foi um divisor de águas para mim. Foi como se eu tivesse ... de verdade, eu estava precisando renascer e eu renasci depois desse parto. Porque era como se das outras vezes, é como se não tivesse dado certo porque faltava realmente o conhecimento, o apoio ... porque as minhas duas meninas foram duas cesáreas porque elas estavam pélvicas, mas quem disse que um bebê pélvico não nasce? Não nasce porque a gente desaprendeu a fazer parto pélvico, mas antigamente os bebês nasciam. Dava um pouco mais de trabalho? Dava, mas nascia. Mas a gente desaprendeu e é mais barato fazer uma cesária. É mais cômodo. Então fizeram. Eu fiz duas cesáreas e na terceira, ficou pélvica até 37 semanas e virou. E aí foi tranquilo, o parto aconteceu naturalmente sem nenhuma intercorrência. A única intervenção que teve que ser feita foi segurar a diástase para poder a bebê conseguir descer na pelve que não estava conseguindo. Inclusive, foi um parto muito rápido. Então, me faltava conhecer o meu corpo, conhecer os meus limites, conhecer a minha capacidade de que eu era capaz de parir. Então se eu sou capaz de dar a vida a uma pessoa, eu sou capaz de realizar várias outras coisas. Então, essa consciência quem me trouxe muito foi a doulagem e a ancestralidade. A questão do Sagrado [Feminino], de você ter consciência de que a mulher tem uma força que as pessoas simplesmente ignoram. A gente tem uma força, a gente tem capacidade [...] (Sedna, entrevista realizada em 07 de março de 2022).

A capacidade de parir (um bebê) é ampliada para a capacidade de realizar “coisas”, como está expresso no relato. Essa retomada de uma força pessoal estaria associada, para Sedna, tanto a dimensão da doulação como da ancestralidade (trabalhada nas rodas de Sagrado Feminino). Reconhecer a capacidade de gerar e parir vida faz parte de um processo maior de reconhecer a força das mulheres que por vezes é invisibilizada socialmente.

Aqui, observamos que assim como a menstruação é vivenciada de um modo mais positivo, sendo acolhida em suas demandas, o parto natural passa a ser desejado, sendo compreendido não como algo doloroso, mas como um momento de expressão de força e capacidade geradora.

6.3.5 “Eu preciso trabalhar o feminino, a minha relação com o feminino”

Uma das falas comuns entre as mulheres participantes dos círculos é a necessidade de “trabalhar o feminino” ou de “curar o feminino”. Esse trabalho/cura diz respeito a encarar a forma como cada mulher se relaciona com outras mulheres, em contextos de amizade, profissional ou nas relações familiares no que toca a linhagem feminina. Logo, nesse sentido, o circuito do Sagrado Feminino propõe práticas e exercícios que possibilitem esse encontro com mulheres no intuito de sanar essas relações.

Aqui, apresentamos dois trechos de uma mesma entrevista em que a interlocutora aborda como se deu a percepção da necessidade de trabalhar o feminino e como, em um dos círculos de mulheres que ela participou, houve o começo desse movimento de reparação:

[...] eu voltei de um retiro com essa intenção de procurar um grupo de mulheres. Então, a faísca surgiu em um retiro de meditação, foi um retiro de dez dias em Alto Paraíso, no centro de退iros do Centro de Estudos budistas [inaudível]. E lá eu tive uma percepção muito profunda de que eu preciso trabalhar o feminino, a minha relação com o feminino. Muitas questões que apareceram nesses dez dias de silêncio e no final quando a gente já estava conversando mais, eu estava me abrindo para conversar um pouco e entrar em contato com as pessoas eu conheci uma mulher que me falou, e ela me ela me tocou muito profundamente, que ela tinha entrado no caminho espiritual pelo Sagrado Feminino e que depois tinha encontrado o mestre budista [inaudível] e que essa caminhada foi importante pra ela, de passar pelo Sagrado Feminino e depois encontrar o budismo. E aquilo, ela me tocou muito, eu já estava muito mexida, querendo encontrar o que era esse incômodo com o feminino que eu tinha. E aí quando eu voltei para Fortaleza eu comecei a falar isso para as pessoas, que eu me interessava por isso, e alguém viu no Instagram e mandou para mim o perfil da [facilitadora] (Afrodite, entrevista realizada em 19 de maio de 2022).

[...] em relação a mulheres de determinado perfil, eu me sentia ameaçada por elas, por algum motivo. Sabe o bullying, do valentão, da valentona da escola?! Por algum motivo, quando eu estava junto dessas mulheres eu me senti ameaçada, e às vezes eu tinha raiva, achava que ia ser atacada por elas. Isso foi uma coisa que eu me dei conta na no Retiro. Eu nunca tinha me dado conta disso antes, de que isso existia. Eu só sabia que determinado tipo de mulher eu antipatizei, o santo não bateu. Só que quando a gente fica em silêncio as coisas ficam mais claras. E aí eu vi que esse santo não bateu, era uma coisa muito mais forte e profunda. Eu me sentia ameaçada perto de um determinado perfil de mulheres. E aí eu quis entender isso por que eu me sinto ameaçada, por que que eu me sinto pequena, por que que eu não me sinto confortável? Eu preciso entrar em contato com mulheres e ver um mundo feminino e me sentir mulher, mais plena, não tão pequena, não tão menininha. Então foi um processo de crescimento, foi um processo de amadurecimento de me sentir mulher. No grupo da [facilitadora] eu me lembro de um dia que foi muito marcante porque era para gente fazer carinho uma na outra. A gente fazia o escaldá pé [...], fazia o escaldá pé e aí uma deitada no colo da outra e foi a coisa mais linda! Nossa Senhora! Aquele dia foi lindo e eu lembro que a minha parceira era justamente uma mulher dentro desse perfil do qual eu me sentia ameaçada. É um perfil assim, só para contextualizar um pouco psicologicamente, para você não achar que eu sou louca (risos). Eu morei muitos anos na Alemanha e sofri muito preconceito racial. Então, o perfil de mulher que me ameaçava era a branca, loira, aquela muito segura de si, muito falante. Então aquela ali, nela eu via um agressor e foi justamente uma mulher como essa que foi a minha parceira aquele dia. E aí a gente fez um monte de coisa e foi incrível, foi incrível aquilo ali! Eu não sei se foi exatamente um divisor de água, mas foi o primeiro passo real na direção de purificar isso. E aí eu lembro que eu coloquei ela no meu colo e ela tinha muita dificuldade em receber carinho. Ela não estava conseguindo relaxar no carinho. E aí eu me coloquei realmente como uma cuidadora, com um jeito mais maternal. Eu acho que esse aprendizado foi o mais profundo, ali eu me senti mais mulher, me senti mais plena e a lidar com outras mulheres de forma mais tranquila (Afrodite, entrevista realizada em 19 de maio de 2022).

No relato de Afrodite, temos uma cura do feminino a partir do encontro com uma outra mulher que representava uma ameaça. Acolher esse ideal ameaçador e embalá-lo no colo foi uma forma de começar a “purificar” essa relação, como coloca a interlocutora, mas há outras formas de “curar” esse feminino.

No próximo relato, a dimensão de trabalhar o feminino se dá a partir do perdão em relação à ancestralidade feminina (mãe, avós). A fala da interlocutora faz menção a um dos encontros dos círculos, quando foi realizado uma espécie de ritual do perdão, como segue:

[...] a questão da ancestralidade mesmo, de entender quem veio antes de mim. As questões que essas pessoas tinham. Porque a gente olha e a gente, às vezes, não entende o comportamento das mães, da minha mãe. Eu não entendia o comportamento da minha avó. Mas, o círculo da [facilitadora] me fez eu abrir a cabeça para isso. Como era a vida dessas mulheres? O que essas mulheres carregavam, qual era o fardo que elas carregavam? [...] A gente tem alguma abertura para brigar pelo que a gente quer, mas antes elas não tinham nada disso. E assim, eu tinha muitas questões com a minha mãe, a minha relação mãe e filha. Então, eu comecei a entender, a trabalhar em mim e a entender esse comportamento dela e comecei a me curar para que eu não passe as mesmas coisas que vieram delas para mim, para que eu não passe para as minhas filhas. Porque tudo é uma cadeia. A gente não carrega apenas nossas feridas, a gente carrega as feridas dos que vieram antes da gente. Isso daí foi muito importante para mim. [...] teve um ritual que a gente fez, justamente, do perdão. A gente perdoava quem veio antes da gente e também se perdoava. Então, foi um ritual muito forte. A

gente escolhia uma mulher que a gente admirava, uma mulher que a gente queria perdoar, uma mulher que a gente queria pedir perdão. Eu escolhi a minha avó que era uma mulher que eu admirava muito. À minha mãe eu pedi perdão, pelas expectativas que eu criava nela e que ela não podia atender e eu a culpava por isso. E à minha filha eu pedia perdão porque talvez tenha transmitido para ela, involuntariamente, eu transmitia para minha filha o que foi transmitido para mim. Foi muito marcante essa vivência (Sedna, entrevista realizada em 07 de março de 2022).

Aqui, a cura é da relação com a ancestralidade (mãe a avó), curar em si essas relações, fazendo as pazes com esses entes por meio do perdão seria também uma forma de garantir a construção de relações mais saudáveis com as gerações descendentes (filhas).

Há uma espécie de máxima que é bastante repetida nos círculos que diz “a cura das mulheres é a cura do planeta” sugerindo que ao se curar as mulheres também estariam promovendo e impactando uma cura do próprio planeta Terra. Uma das entrevistadas comenta sobre essa equivalência entre cura do feminino e cura do planeta:

[...] então quando a gente fala de curar o feminino é curar o mundo [isso significa que] quando a gente aprender a respeitar as mulheres [a gente vai também aprender] a respeitar o planeta, que nessa lógica também é uma energia feminina. É quando a gente vai estar em equilíbrio, por isso é tão importante a gente se curar. Porque se curar é trazer para a consciência, é a gente liberar muita dor que a gente carrega em honra do nosso sistema, em honra de outras mulheres ou porque a gente se cala [...] (Tara, entrevista realizada em 15 de junho de 2022).

Um ponto de destaque sobre essa questão de “curar o feminino” é que uma das entrevistadas comentou de modo crítico essa noção. Para ela, que facilita círculos de mulheres, a noção de “cura” pode trazer incompreensões sobre o que seria, de fato, esse resgate do feminino. A mesma aponta que uma mulher ao chegar em um círculo e escutar que precisa curar seu feminino pode entender que é necessário mudar seu jeito de ser, incorporando e perfomatisando elementos ligados ao feminino (doçura, delicadeza, etc), contudo, para ela, curar o feminino não diz respeito a uma performance de gênero (ser mais ou menos feminina), mas sim de respeitar seu próprio corpo e opiniões, assumindo quem se é, como segue:

[...] o feminino não está doente, o nosso feminino ele tá desviado, ele está desvinculado de si mesmo, mas o nosso potencial feminino está aqui. O feminino em si, dos homens das mulheres, a energia feminina está pisoteada, mas quando a gente fala a palavra curar, a gente está querendo dizer que existe uma forma de ser saudável. Se eu tenho que curar existe um padrão, é isso que é a energia feminina curada. Quando eu digo assim ‘eu preciso curar’. Então, eu entendo que se eu preciso curar é porque o feminino que eu tenho, do meu jeito, eu sou feminina, tá? Eu gosto de andar de calça jeans, eu não gosto de saia, entendeu? Eu gosto de beber cerveja, eu gosto de jogar futebol, mas eu sou mulher. Então, quando essa mulher chega no círculo de mulheres que ela escuta que tem que curar o feminino, o que é que ela vai entender? Que ela precisa parar de usar calça jeans, que ela precisa usar saia, não tem nada a ver ela jogar futebol, que ela precisa entrar em contato com a natureza, com as Deusas e não é exatamente isso. Eu entendia [...] é como se a gente tivesse tentando sair de um padrão

[...] e entrando em um outro padrão. Então, quando a gente retoma os estudos das deusas, da filosofia, das deusas antigas... as deusas eram múltiplas, existiam deusas que não casavam, deusas que viviam na floresta, que usavam roupas masculinas, mas que eram deusas, por exemplo, Ártemis matava os animais que ela comia. Ártemis não era feminina? Ártemis precisava curar o feminino dela? O que eu estou querendo dizer é que Ártemis é feminina do jeito dela. É entender que cada feminino é único, entender que o seu jeito de ser mulher é o seu jeito. Fazer as pazes com o seu feminino não é sobre você usar saia e adorar as deusas. Fazer as pazes com o seu feminino é gostar do seu corpo, cuidar do seu corpo, é sentir prazer, é entender o seu sangue, nem precisa plantar a lua, plantar a lua é um detalhe. É você entender o seu sangue, cuidar do seu útero, é você respeitar quem você é, é você respeitar suas opiniões, é você falar o que você quer falar. Isso é sagrado feminino, só que as coisas se desgastaram, foram para esse lugar, uma nova caixa, esse padrão novo normal [...] (Uzume, entrevista realizada em 17 de novembro de 2022).

6.3.6 “Então, foi nesse calo de dor, de dormência, de adoecimento que essa entidade disse pra mim, você precisa estar entre mulheres!”

O argumento de que estar entre mulheres é curador também é algo comum no circuito dos círculos de mulheres. Acredita-se que estar em um círculo/ roda de mulheres, compartilhando de momentos conjuntos, partilhando e escutando histórias se constitui como um momento de nutrição de si mesma, construindo um espaço/momento de autoconhecimento e autocuidado.

Estar entre mulheres também pode ser compreendido como a criação de um espaço social solidário às mulheres e suas questões. Considerando que o perfil das participantes retrata uma camada específica de mulheres, no geral, heterossexuais, com ou sem filhos, escolarizadas, com acesso à renda, as questões que são postas dizem respeito a vivências amorosas, dilemas de maternidade, trabalho, questões com familiares (ancestralidade feminina), demandas de saúde ginecológica (endometriose, ovários micro policísticos, infertilidade), dentre outros.

No relato a seguir, uma participante de círculos relata como se deu o seu encontro com esse universo do Sagrado Feminino. A mesma já era espírita e durante um retiro espiritual, em consulta com uma entidade, diante do desconforto de estar desconectada do feminino, foi orientada a estar entre mulheres, como segue:

[...] então, em 2018 eu fiz uma viagem, uma espécie de retiro espiritual, e nessa viagem uma entidade se apresentou pelo médium e eu fiz uma pergunta para essa entidade. Eu perguntava, assim, por que eu tenho mais facilidade de me conectar com o masculino do que com o feminino? Por que eu tenho mais facilidade em me conectar com a área masculina? Eu até brinquei, eu sei que eu não sou lésbica. Por que eu tinha tanta dificuldade de me conectar com o que é feminino? E aí naquele momento a entidade, como diz no popular, ela rasgou assim muitas verdades da minha alma, que foi fazendo sentido naquele momento. Foi fazendo muito sentido, muito sentido, em um canto muito profundo mesmo! De negação, de negação de quem se é, enfim, de rejeição, de falta de auto amor. Foi muito nesse campo de abandono, de agressões que eu tinha sofrido em um relacionamento anterior [...]. No primeiro casamento eu fui

agredida fisicamente, verbalmente, fui abusada de várias formas. Acho que foi nesse relacionamento que eu apartei de mim tudo aquilo [...] e foi numa época muito jovem. Eu casei com 18 anos. E aquela fase da minha vida de 16, 17, 18 até os 19 que foi quando eu, realmente, rompi aquele relacionamento abusivo, essa fase de transição da adolescência para vida adulta, foi uma espécie de arquivo morto da minha vida, das memórias, mas as dores ficaram. E dor, e abuso, e ódio e rejeição, e abandono [inaudível], tudo isso gerou uma negação de quem se é, uma raiva da mulher, uma raiva da mulher que é agredida e abandonada e ao mesmo tempo raiva de ser frágil e ao mesmo tempo querer se afirmar como força, de eu consigo romper isso. Então foi nesse calo de dor, de dormência, de adoecimento que essa entidade disse para mim, você precisa estar entre mulheres, você precisa estar entre mulheres! [...] e na época eu tinha muita dificuldade de me conectar com as mulheres [...]. As mulheres, todas para mim, eram ameaçadoras. Ah, elas vão me julgar, elas não gostam de mim. Tinha um esforço de comparação [...] ah, eu acho que ela está olhando a minha roupa [...]. Então, eu era muito distante das mulheres [...] (Coatlicue, entrevista realizada em 04 de março de 2022).

Aqui, também é importante chamar atenção para a noção de feminino e masculino que é praticada nos círculos. No geral, tem-se uma compreensão dicotômica, oposta e complementar do masculino e feminino, se atribuindo características como a gentileza e o cuidado ao feminino e a ação e impulsividade ao masculino. Nos círculos, entende-se que tanto homens e mulheres tem em si ambas energias (masculina e feminina).

Essa compreensão de um gênero-energia que corrobora uma dicotomia de gênero, por vezes, incentiva as mulheres a reassumirem essas características femininas, performatizando um feminino ligado à delicadeza e construindo uma estética ligada ao uso de saias e flores, por exemplo.

Na fala de Coatlicue sua desconexão do feminino é expressa por uma negação desse lugar da mulher (entendida aqui como feminino) como algo “frágil”, uma vez que a mesma, enquanto mulher-frágil (feminino) sofreu inúmeras violências. Nesse sentido, para ela, se mostrar frágil, vulnerável, feminina era algo difícil. A desconexão também era percebida por um distanciamento de outras mulheres e da desconfiança que pairava em relação a outras colegas, sendo difícil firmar amizades femininas.

Na sequência da entrevista, Coatlicue narra como foi sua participação no primeiro círculo de mulheres que foi. A mesma se emociona ao relembrar como foi marcante aquele primeiro encontro, por tocar em um aspecto que ela estava refletindo e que atravessava sua vida de modo contraditório, a maternidade compulsória:

[e]u lembro que quando eu cheguei no círculo, no primeiro que eu fui, eu só chorava, chorava desesperadamente, chorava. Eu não abri a boca, eu só falei meu nome [...]. A [facilitadora] não entendeu nada (risos). Eu lembro como se fosse hoje, eu me emociono. Quando eu cheguei, a sala linda, eu me senti em casa e ela (a facilitadora) disse, escolha um lugar. Você escolhia um lugar e nesse lugar tinha uma carta que falava sobre nosso campo, e, de fato, falava. Naquele ano eu estava tentando engravidar, por uma pressão social mesmo, eu estou no meu segundo casamento e em 2019 eu estava com quatro anos de casada e sem perspectiva nenhuma de gravidez.

Eu dizia que não queria engravidar, mas cedendo a uma pressão da família, do marido [...]. Meu marido sempre compreendeu esse meu lado, mas eu sei que no fundo [...] e eu querendo retribuir esse desejo da família, eu me coloquei no lugar de vou tentar, mas eu não tinha ciência que eu estava me violentando naquele momento. E aí com essa maternidade distorcida, eu sento no lugar que tem a carta da maternidade. Quando eu virei a carta aí pronto, aí eu chorei, chorei, chorei, chorei. Eu não conseguia falar nada, não conseguia nada, só chorava, chorava, chorava, chorava e sentindo dor. Eu sentia muita dor no útero, no ovário, muita dor (Coatlicue, entrevista realizada em 04 de março de 2022).

6.3.7 “Essa minha sensibilidade aos seres elementares sempre existiu com relação às plantas e aos cristais”

É comum que os rituais, nos círculos, envolvam, em algum momento, ervas e cristais. Em vários momentos da pesquisa esteve presente nas práticas, realizadas nos círculos, um chá, um banho de ervas, um emplastro com argila. Também era comum encontrar ervas (frescas ou secas) e cristais compondo o altar, esse, no geral, montado no chão sobre uma manta de formato circular.

O uso de plantas é também incentivado pela perspectiva da Ginecologia Natural que propõe uma retomada de cuidados mais naturais por meio de chás, garrafadas, escaldas pés e vaporização do útero. Vários círculos que acompanhamos giravam em torno dos florais da lua, sistema de florais canalizado pela terapeuta Ana Sazanoff, que também se utilizam de plantas, essas em conexão com questões relacionadas ao sistema ginecológico, como já foi apresentado.

Era também rotineiro, por parte de participantes e facilitadoras, relatos que demonstravam uma grande proximidade com as plantas e cristais. Proximidade essa marcada por uma troca entre elas e essa dimensão da natureza. As ervas, os cristais ou ainda os próprios florais pareciam ganhar uma capacidade de agencianamento que borrava os limites de uma demarcação entre natureza e cultura. Eles passavam a assumir uma semelhança com o humano, no sentido de que pareciam ser dotados de capacidade de comunicação. Ademais, era atribuído aos florais, por exemplo, a capacidade de influenciar o físico não apenas daquela pessoa que estava tomando as gotinhas diariamente, mas também de pessoas próximas. Era comum se dizer que mesmo que você esquecesse de tomar o floral, ainda assim, ele agiria, só de estar próximo.

Nesse primeiro relato, apresento a fala de uma facilitadora que durante os círculos priorizava o uso de ervas, no formato de chá, em benzimentos e banhos. Essa facilitadora sempre demonstrou uma grande familiaridade com as ervas. No relato da mesma fica claro como há, na experiência dela, uma troca e mistura entre o humano e a natureza:

[...] essa minha sensibilidade aos seres elementares sempre existiu, com relação às plantas e aos cristais. Antes disso era muito mais forte para mim falar só com os cristais, essa coisa de dialogar com cristal, como você falou, bater um papo com ele, eu realmente bato um papo com ele. A coisa é bem nesse campo do sutil, não é algo que ... não é esquizofrenia da gente escutar uma voz... Só que dentro desse campo, desse entendimento aqui de que o campo é diferente, é do entendimento sutil, é onde a nossa intuição nos conecta a isso. Em 2018, quando eu me separei foi que a Anna Sazanoff surgiu na minha vida, com a ginecologia natural. Eu tinha um contato com as plantas, mas não era tão ... quem cuidava, inclusive, das plantas aqui em casa era meu ex-marido. Não era eu, mas eu já tinha esse contato próximo. Com os cristais eu já tinha, de olhar para o cristal e perceber o que ele dizia e sentir o que ele realmente estava ali vibrando para mim, como é que eu tinha que guiar mais ou menos as questões da minha vida de forma que aquele cristal trazia. Muitas vezes eu me sentia escolhida por ele, quando eu saía para uma feira, para algum lugar e aquele cristal me chamava muita atenção e até a temperatura dele tinha mudado [...]. Até aí eu não tinha muito com as plantas, mas quando eu me separei e meu ex-marido saiu de casa e eu tinha muita planta aqui, aí eu sentia que elas me chamavam para eu cuidar delas. É como se elas estivessem sentindo a falta dele. E aí quando eu fiz a formação com a Anna Sazanoff que eu fui compreender isso, que a gente cria essa vinculação. As plantas abrem o campo para nós, quando a gente se conecta a elas, elas começam a ter essa vinculação com a gente, inclusive, em termos de biotipo porque eu fui observando isso à medida que eu ia cuidando dessas plantas, eu ia sentindo que elas ficavam meio que parecidas comigo, entende?! Até no formato delas e isso é muito interessante de observar. Hoje, depois dessa familiaridade, tem ervas aqui que foram mudas para o meu filho ou o meu filho me deu muda dele e é completamente diferente o biotipo delas aqui na minha casa e na casa dele. Ele tem 31 anos, ele é um homão, assim, bem encorpado. As plantas dele, normalmente, são grandes, são graúdas. As mesmas ervas que eu tenho aqui, mas as minhas são diferentes, são mais delicadas, são menores em termos de tamanho, de desenvolvimento e a gente cuida mais ou menos que da mesma forma. [A gente] coloca mais ou menos o mesmo adubo, tudo, substâncias as mesmas, e elas crescem completamente diferentes e aí eu fui entendendo isso, que esses seres elementares das plantas, dos cristais estão no movimento a nosso favor, em uma comunicação conosco o tempo todo. Só que essa comunicação é do campo sutil, não é desse campo mais material, não é desse entendimento mais racional, é do entendimento que está para além disso, então a gente precisa realmente abrir um espaço para essa sensibilidade. Talvez até se voltar para dentro mesmo, para nesse silêncio nosso, nessa serenidade a gente compreender determinadas vinculações e comunicações diferenciadas. Então eu passei a ter essa vinculação, por conta de uma necessidade que eu senti dessas plantas, elas estavam sentindo falta de quem cuidava delas, então elas estavam sentindo saudade daquele cuidador [...] (Sofia, entrevista realizada em 02 de novembro de 2022).

Outra interlocutora fala também das suas experimentações com o mundo das ervas e de como os círculos foram importantes para esse processo de aproximação com a esfera da natureza:

[...] eu estou fazendo essa experiência de me conectar com as plantas. Então, às vezes eu estou com um desconforto digestivo e eu fico pensando, qual seria a planta que eu vou usar para isso? Então eu faço quase que diariamente isso. E aí tem dias que eu uso a corama, tem dias que eu uso o boldo, o manjericão. Então eu agradeço ao círculo de mulheres por essa conexão que eu passei a desenvolver. Essa conexão com as plantas veio, então, dos círculos de mulheres e desse curso de fitoenergética. Então, eu estou aí misturando um monte de coisa (Rhiano, entrevista realizada em 22 de junho de 2022).

Considerando esse contexto, discutiremos sobre como as participantes compreendem e refletem acerca dos marcadores de gênero, raça e classe que atravessam esses espaços, práticas e narrativas.

6.4 Mulheres sagradas: entre raça, classe e gênero

Um fenômeno que atravessa as pessoas brancas, é a não racialização, como se pessoas brancas não precisassem pensar sua própria identificação racial, cabendo isso, apenas aos não brancos. Nos círculos, se repete essa lógica, em que não há um pensar sobre o próprio pertencimento racial.

A questão racial não é visibilizada como um marcador importante para experiência feminina em sua diversidade. Buscando-se, antes, algo que marque uma semelhança entre as mulheres. Nesse sentido, o conceito de ciclicidade é acionado enquanto marca do feminino. A ciclicidade não só caracteriza o feminino, estabelecendo uma diferença em relação ao masculino (esse ligado à linearidade), mas também constrói uma espécie de irmandade entre as mulheres, convergindo discursos, possibilitando trocas e identificação.

Quando olhamos para as respostas dadas pelas entrevistadas no que toca a identificação racial, percebemos que das 17 respondentes, 10 se auto-identificaram como pardas, 5 como pretas e apenas 2 como brancas. Ainda que não seja estatisticamente significativo, esse retrato nos serve para pensar a problemática da auto-identificação racial.

Esse retrato das entrevistadas poderia levar a pensar que os círculos são um fenômeno, marcadamente, negro, afinal, das 17 respondentes, 15 pertenceriam ao grupo racial negro (junção de pretos e pardos). Contudo, os dados nem sempre nos dão uma leitura precisa da realidade, mas se bem discutidos podem trazer à tona as complexidades do social. Por isso, chamamos atenção para dois aspectos importantes.

O primeiro, já apresentado nas linhas iniciais, é a falta de consciência racial do grupo branco que, no geral, não se pensa a partir desse marcador racial/étnico. O segundo, parte da noção de pardo, que no senso comum é usado de maneiras diversas, ora por pessoas pretas que não querem se identificar como tal, ora por pessoas miscigenadas, mas que não se pensam enquanto brancas por não apresentarem um fenótipo loiro, de olhos claros. O termo pardo é mobilizado por uma gama ampla de pessoas miscigenadas que encarnam não apenas um tom moreno (mais claro ou escuro), mas que misturam traços mais ou menos identificados à matriz preta (nariz, cabelo).

Uma das entrevistadas apresenta a problemática da auto-identificação parda e dos seus incômodos em relação ao afro-oportunismo:

É, esse é um grande problema do nosso Ceará. Porque vai ser pardo, mas se a gente for para uma banca de heteroidentificação, provavelmente, elas são vistas como brancas. Porque há muito também isso. Pronto, outro ponto que me incomodou, ter que lidar com o que a gente chama de afro-oportunismo, que são mulheres que “ah eu sou negra” e eu olhava e dizia “não meu bem, você não é”. Então, assim, trazendo, incorporando, tudo bem você é da religião, você é da Umbanda, você é do Candomblé, você está próxima, nada contra, você faz trança, nada contra, mas gata não vem dizer que você é negra com os fenótipos que você tem que não vai cair bem, então isso também acontece muito. Assim, está no círculo e o povo dizendo que é negra e.. Esse, por exemplo, da trilha teve isso. A menina “ai que cabelo lindo, seu cabelo”, que é outra coisa que eu não gostava. Eu sempre era linda, exótica para essas mulheres. E aí e ela, “ai, minha família é negra também, não sei o quê” e eu “aiinn” risos. Então, também tem isso. O lugar de eu me tornar exótica nesses lugares em que eu era a única negra, então, eu fico sendo a deusa do Ébano, a Deusa não sei o que e é uma coisa chata, sabia, chata, insuportável. E tem isso, no Ceará tem muito disso, que são as pessoas brancas dizendo que são pardas e é um grande problema para nós e eu até trabalho com isso, com banca de hetero identificação, a gente tem muitos problemas de denúncia de concurso daqui por causa disso. As pessoas estão dizendo que são pardas porque tem problema de reconhecer que, claro que se sair pra fora do Brasil vão dizer que você não é branca, é latina [...] mas, traz as características de uma identidade racial branca, branqueou, entendeu? [...] (Oyá, entrevista realizada em 11 de julho de 2022).

Outra entrevistada também reflete sobre o processo de se reconhecer uma mulher preta em meio a um sagrado feminino branco:

Porque sim, eu sou bem diferente do que todo mundo acha bonito, mas a tendência não é a gente se questionar para entender, de fato, a nossa história. A tendência é a gente se magoar, poxa, eu não sou nada do que as pessoas acham bonito! Então, a tendência da gente não é procurar o autoconhecimento, mas se enquadrar no que é dito normal. Por isso que é tão doloroso, de fato, o racismo estrutural que existe dentro da nossa sociedade. Porque não existe nenhum convite para nos conhecer. É muito difícil, muito difícil, nem minha mãe sabe, hoje, ainda, o que é ser uma pessoa preta, entende? Então, a gente se descobre enquanto uma pessoa preta a partir das nossas próprias indagações, mas essas indagações vêm, essa vontade vem, se vier, só depois de todo um histórico de auto-estima baixa, de inferioridade, de abuso, de várias coisas. Então, eu fui ter noção que as mulheres que eu consumia dentro desse sagrado cheio de flores eram somente mulheres brancas e ricas, quando eu comecei a entender o que é ser um corpo preto dentro de uma sociedade. E ser uma mulher, uma mulher cis, entende? (Yemanjá, entrevista realizada em 22 de outubro de 2021).

No contexto dos círculos, outro marcador que nos salta aos olhos é a dimensão da perspectiva de gênero, uma vez que as mulheres participantes são mulheres cisgêneros, ou seja, mulheres que se percebem em conformidade entre identificação de gênero e sexo biológico.

Das inúmeras atividades presenciais que acompanhei, em apenas um círculo houve a presença de uma pessoa em travessia de gênero. Digo isso porque não conseguiríamos definir a identidade de gênero dessa pessoa. Tratava-se de um amigo da facilitadora, que até então era

tratado por um pronome masculino. Ele sempre estava no espaço onde aconteciam os círculos, participando de outros momentos e formações que não aquelas destinados apenas para mulheres. Porém, em uma das reuniões ele se fez presente, mas travestido de mulher. Não houve oportunidade de observar de modo mais próximo se ele continuou em travessia ou não, ou se adotou uma perspectiva de rompimento com o binarismo de gênero. Na minha percepção ele poderia ser um homem gay, com uma performance um pouco mais feminina, então, me surpreendeu um pouco a presença dele com trajes femininos, ainda que eu não tenha notado comentários ou burburinhos sobre essa presença.

Logo após essa roda, deu-se o início da pandemia do corona vírus, e posteriormente, os círculos conduzidos por essa facilitadora aconteceram de maneira isolada. Ainda foi possível acompanhar uma reunião guiada por essa facilitadora, mas não notei mais a presença dessa pessoa. Marco essas questões porque não sei se houve uma transição de gênero por parte dele/a ou se há uma identificação com a perspectiva não binária. De todo modo, infelizmente, não foi possível aprofundar essa discussão a partir do próprio círculo.

Retomando a fala de Yemanjá, temos uma marca de gênero nos círculos, como ela mesma coloca, “e ser uma mulher, uma mulher cis, entende?”. Assim sendo, poderíamos nos perguntar, e uma mulher transgênero, não poderia então participar de um círculo? Investigamos a percepção de algumas entrevistadas sobre esse elemento (cisgênero e transgênero).

Uma das participantes relatou que a participação em rodas de mulheres a ajudou a aceitar a transição de gênero da filha, como segue:

Eu participava da tenda vermelha com a [nome da facilitadora]. Poxa, aquele dia com ela! Porque, assim, também foi logo no início da transição [de gênero da filha]. Muita coisa na cabeça e tudo. E eu falava para as pessoas e algumas não entendiam. Até para a terapeuta mesmo eu falava e ela [disse] que não, que com três sessões ele já ia ficar bom. Ele já vai ficar bom, não vai ter isso na cabeça e tal. E aí eu fui para o trabalho da tenda vermelha e aí ela fez uma constelação comigo, constelando minha filha. E eu constelei ela e lá eu via ela toda todinha como se fosse ele, todo aquele corpo preto e só o útero na frente. E aí ela falou para mim que a minha filha tinha vindo mulher porque o peso de ser mulher era muito grande para mim. Ela tinha vindo para me ajudar (lágrimas de emoção e voz embargada). E essas palavras ecoam em mim até hoje. Aquele círculo eu nunca vou esquecer na minha vida. E então foi desde aí que eu realmente percebi que realmente ela era mulher mesmo e não questionei, sabe? Porque quando você tem um filho e ele disse para você que é trans, às vezes, vem muita informação na sua mente, questionamentos [...]. E foi nesse círculo que aceitei de vez a transição dela. Para mim esse círculo foi muito importante (Morgana, entrevista realizada em 19 de maio de 2022).

Se gênero é ficção, aqui o gênero da filha – em transição – é elaborado, compreendido e afirmado a partir de uma prática terapêutica da constelação familiar, quando a entrevistada consegue visualizar a filha com um útero. A facilitadora dá um sentido para aquela

visualização, o peso de ser mulher é grande demais para a entrevistada, sendo necessário um auxílio, daí então, essa filha surge, investida de sentido, como suporte para ela aguentar os percalços e peso do feminino na nossa cultura.

Ao ser questionada, se em algum momento a mesma sentiu que houve algum preconceito contra a filha, a mesma respondeu:

[...] eu pretendia levar [a filha trans] para um evento e para trans é muito difícil (risos). Aí primeiro teve uma reunião lá no coletivo das mulheres para saber se ela podia ir ou não. E até ela desistiu até de ir. Mas, eu mesma, eu fui, mas, eu fiquei meio assim [...]. Eu acho que uma mulher trans, não importa se ela tem útero ou não, ela é uma mulher (Morgana, entrevista realizada em 19 de maio de 2022).

Aqui, a transgeneridade não é aceita de pronto, sendo necessário uma reunião para validar a presença da moça. A fala seguiu de modo evasivo, indicando que a própria filha desistiu dada a dificuldade inicial. Ao final, a mãe⁵² ressalta que independente de ter útero ou não, ela é mulher.

Ao que parece, a depender do grupo (de quem organiza o evento, a roda, etc) é possível encontrar posturas mais abertas ou não para a presença de pessoas transgêneros.

Tendo em mente que os círculos de mulheres ou que vem se entendendo por Sagrado Feminino é uma movimentação de mulheres que se auto-organizam de forma orgânica, marcando a desinstitucionalização e a perspectiva não dogmática, pode-se encontrar grupos que possuem diferentes perspectivas sobre determinados pontos, a exemplo da questão trans, como foi possível observar.

Ainda sobre essa questão, outras entrevistadas comentaram sobre suas perspectivas. Uma delas, Yemanjá, reflete sobre a questão indicando seus incômodos e dúvidas:

Mas, se eu confessar para ti, Raquel, que eu nem tenho um pensamento muito formado em relação a isso [mulheres trans], sobre a presença das mulheres trans dentro das rodas de Sagrado Feminino, de como isso deve ser abordado. Porque eu concordo, plenamente, que não devemos excluir, mas ao mesmo tempo tem algumas questões que só pessoas que tem útero vão entender o que está sendo falado. Aí, eu vou deixar de falar isso só porque uma pessoa que não tem útero está ali? Não, não, até porque antes dessa pessoa se identificar como mulher, ela era uma outra coisa. Então, socialmente, estruturalmente, ela foi criada até o momento quando ela se entendeu como mulher, eu posso estar sendo um pouco transfóbica agora [...]. E aí eu vejo muito dessa forma, que isso aí não é culpa minha e nem culpa das mulheres cis não. Elas não devem parar de falar sobre isso. Às vezes o que eu vejo dentro do discurso dessas pessoas que são trans é como se fosse um outro tipo de apagamento da gente. Eu acho

⁵² Nem sempre as falas e construções das interlocutoras são coerentes. Aqui, percebemos que a visualização da mãe traz a filha com útero, marcando o feminino, mas na fala da mesma ela indica que não é o útero que informa o gênero da filha, ela é mulher, ainda que não tenha órgão.

isso muito errado, eu acho isso muito errado. Por isso que eu digo que eu ainda não tenho pensamento crítico, porque eu não concordo com a exclusão, mas eu não vou incluir você excluindo a minha história. A história de todas as mulheres que vieram antes. Não é assim. Existem coisas que somente mulheres que estão na sociedade como mulheres, nascidas como mulheres, que elas vão entender, que elas vão passar (Yemanjá, entrevista realizada em 22 de outubro de 2021).

Outra entrevistada expõe uma opinião semelhante, em relação a questão da experiência de socialização de uma mulher transgênero ser diferente da socialização da mulher cisgênero:

[...] eu tenho uma opinião meio polêmica, mas eu acho que as mulheres trans precisam construir círculos em que elas estejam à frente, que tenha uma mulher trans à frente, facilitando, sabe?! E que tenham mulheres trans junto e pode ser até que tenha outras mulheres cis junto desse círculo, mas que a facilitadora seja uma mulher trans. Eu acho que uma mulher cis, não é tão aberto para ela facilitar um grupo para mulheres trans. Existem questões que uma mulher trans não passou que uma mulher que tem útero passou. Essa mulher [trans] nasceu sendo vista socialmente como um homem, então, muitas questões, como assédio, como dores, como abusos, como pequenos abusos que a gente vai vivendo durante a nossa vida, essas mulheres não viveram. Porque dentro de um círculo, as mulheres que tem útero, as mulhere cis, que viveram tudo isso desde que nasceram, que muitas vezes nasceram com o pai querendo que tivesse sido um menino. Então, essas mulheres têm uma percepção, uma visão, é diferente. Então, se eu coloco uma mulher trans em um círculo que tem dez mulheres cis, o que vai acontecer? Essa mulher trans vai se sentir excluída porque tem coisas que ela não sentiu. É delicado demais... Agora, se eu sou uma mulher trans e eu faciltito um grupo para mulheres trans e mulheres cis chegam, é diferente, porque as mulheres cis podem se adaptar mais, eu acho, que as mulheres cis podem se adaptar mais a esse processo. Pode ser até que tenha esse movimento das mulheres cis, no grupo, de se sentir, de não se sentir bem de falar sobre determinadas coisas com essas mulheres trans, mas eu acho que é mais adaptável. Eu acho que a tendência das mulheres trans de se sentirem excluídas dentro de um círculo é muito mais forte, entendeu? Porque elas não viveram isso, elas não vivem algumas coisas, elas não sentem cólica, elas não sentem essa coisa de que mesmo que a gente seja feminista, a mais feminista do mundo, mesmo assim em determinado momento você vai pensar: ‘eu tenho que transar porque senão ele vai me abandonar, eu tenho que transar porque é a minha obrigação no casamento’. Eu já vi mulheres mega feministas que disseram que isso passou pela cabeça delas. E por que passou? Porque isso é uma crença coletiva das mulheres. Uma trans não vai querer, não vai ter [essa vivência]. Então, assim é delicado, sabe?! Essa questão, eu sempre deixei muito claro no Instagram que eu trabalho com mulheres com útero, com pessoas com útero. E assim, não tive uma reatividade em relação a isso, sabe? E que ótimo! (Uzume, entrevista realizada em 17 de novembro de 2022).

Aqui, a diferença entre mulheres transgêneros e cisgêneros parece falar mais alto, impedindo uma comunicação e troca dessas diferentes experiências de ser mulher. Se nas rodas, se procura a semelhança entre mulheres (ciclicidade), qualquer diferença passa a ser suspensa (raça, gênero) pois dificultaria a identificação, partilha e senso de integridade do grupo. Nesse sentido, a experiência dos círculos passaria a ser restrita, pois só angariaria ou mulheres semelhantes, criando barreiras para a troca entre a diversidade de experiências femininas, ou o apagamento dessas diferenças, camuflando matizes dessas diferentes vivências.

Outro ponto que se estabelece como importante é a dimensão do incluir uma história, excluindo outra história (diferente). As narrativas sobre o feminino parecem estar sendo construídas pela lógica de uma narrativa única, não seria possível construir várias narrativas, cada uma com sua própria história, trocando com perspectivas diversas?

Yemanjá coloca que “porque eu não concordo com a exclusão, mas eu não vou incluir você excluindo a minha história”. A equaçãoposta dessa forma parece só dar espaço para uma narrativa, em que haverá, indiscutivelmente, o protagonismo de uma em prejuízo da outra. Essa lógica não daria conta da diversidade de experiências femininas já tão debatidas por diversas correntes dos feminismos. Aqui, parece haver uma disputa entre as mulheres, quem pode narrar o feminino? Esse tema, aliás, será abordado posteriormente em um artigo específico em parceria com pesquisadoras quem vem discutido feminismo gordo, feminismo radical e o movimento de mulheres conservadoras.

Nesse sentido, aqui encontramos uma certa narrativa sobre o feminino, um feminino, no geral, branco, escolarizado, das camadas médias urbanas e disposto a vivenciar uma espiritualidade fluida e desinstitucionalizada.

Outras marcas identitárias poderiam ser incorporadas. Oyá aponta a dimensão da sexualidade como um dos pontos que a afastaram dos círculos de mulheres, visto que ela se identifica como uma mulher bissexual e essa dimensão de sua experiência não era trabalhada junto às rodas:

Não é só uma questão de raça. Primeiro perpassa por raça e classe e orientação sexual também, assim é uma pegada muito heteronormativa, mulheres que se relacionam com homens. E eu sou bi, sou bissexual. Eu me relaciono com homens e mulheres e cada vez mais com mulheres do que com homens, então tem essa pegada também de um mundo muito, muito binário sabe, focado para a sexualidade com homem, o encontro com homem, com esse homem. E isso me incomoda, incomoda um pouco isso. Passa também por classe porque assim, no geral, na maioria, são mulheres, nesses espaços, que são da classe média, classe média alta, pequeno burguesia. E passa por raça, cor e raça, que é a branquitude, são mulheres de identidade racial branca. Então os próprios temas e as formas de abordar o tema passou a não me contemplar. E eu tipo assim, não estou afim de estar no lugar para ficar pautando raça, quando a galerinha não está ali discutindo entre nós [...] (Oyá, entrevista realizada em 11 de julho de 2022).

A paisagem que se desenha é de um grupo de mulheres “padrão”, mulheres cisgêneros, brancas, heterossexuais, com graduação (e muitas vezes pós-graduação), com questões envolvendo sistema ginecológico, crises conjugais, aspirações e anseios em relação à maternidade e carreira. Trajetórias privilegiadas se pensarmos em contraste com outras histórias de vida, marcadas por múltiplas exclusões, como racismo, transfobia, lesbofobia, dentre tantas

outras opressões, mas que também refletem sobre a vivência, práticas, narrativas de um determinado grupo social.

Ainda que haja essa generalização no que toca o perfil das participantes, é possível encontrar dissidentes, mulheres que fogem a esse roteiro identitário e que frequentam as rodas de mulheres, como o caso de Oyá e Yemanjá, mulheres pretas que, apesar do viés crítico e até da não identificação com as rodas (no caso de Oyá), em dado momento tiveram uma participação e engajamento nessa movimentação sobre o feminino.

Uma das entrevistadas, participante e facilitadora de círculos, nos chamou atenção porque fugia, em partes, desse roteiro. Bast morava na região metropolitana de Fortaleza, e apesar de ser uma mulher branca e heterossexual, ela não apresentava os marcadores de classe e escolaridade que as demais.

Bast se identifica e traz em seu relato uma experiência de uma mulher periférica, pobre de pai e mãe, como ela mesma diz, da escola pública e sem ensino superior, que despertou para o autoconhecimento em um contexto de dificuldade financeira. Apesar da baixa escolaridade, a mesma acessa bens culturais que, no geral, só são acessados por pessoas de uma outra classe. Em seu relato essa reflete sobre essas contradições:

[...] o que eu aprendi nos círculos de mulheres [...] o que eu aprendi, inclusive, até lendo uma obra densa, uma obra que realmente exige, querendo ou não, um grau de leitura ou de escolaridade maior, que é o Mulheres que correm com os lobos, não podemos tapar o sol com a peneira. O acesso a esse tipo de obra, o acesso que eu digo não é apenas de comprar, mas de conseguir compreender, porque a leitura é densa. De fato, eu sempre fui pobre, sempre fui periférica, mas eu estudei muito, toda vida em escola pública. Estudei muito a minha vida toda. E li muito, então isso me deu um acesso a essa leitura, mesmo sem eu ter graduação (Bast, entrevista realizada em 19 de setembro de 2022).

[...] Eu não sou negra. Tem coisas que eu jamais vou entender sobre o que é ser uma mulher negra, mas em termos de mulher pobre e periférica eu entendo. Porque eu sou pobre de pai e mãe, de avô e bisavô. Minha mãe é semianalfabeta, meu pai fez só até a quarta série. Então, eu tive que ralar muito para sair disso (Bast, entrevista realizada em 19 de setembro de 2022).

Porque, no geral, a visão terapêutica, a visão de autoconhecimento, de auto transformação, ela é bem mais difícil de ser acessada por alguém que está passando necessidade financeira. Isso aconteceu comigo, mesmo passando uma extrema pindaíba, sem emprego, sem marido, sem casa, sem nada. Por incrível que pareça eu consegui despertar para o autoconhecimento. Mas, eu não vou ser leviana de dizer que todo mundo, todo assalariado que está pegando um ônibus às seis horas da manhã e voltando às nove horas da noite para casa vai conseguir atentar de que a vida é mais do que sobreviver. Comigo foi assim, mas eu entendi que eu tinha sido uma em mil ou até mais do que mil, vou colocar a população de Maracanaú, eu fui uma em duzentos mil. Só que eu entendi que eu tinha que voltar e tornar acessível aqueles círculos para as mulheres que não podiam, que não podiam só pagar [...] (Bast, entrevista realizada em 19 de setembro de 2022).

Bast se coloca em perspectiva e reflete que uma pessoa como ela não é, no geral, a que vai despertar para o autoconhecimento. E é nesse sentido que chamamos atenção para a dimensão do acesso a espaços terapêuticos como os círculos de mulheres. A sensibilidade de um “despertar da consciência”, ou nos círculos, de uma “ciclicidade feminina” a ser resgatada e honrada, não vai, no geral, estar disponível para mulheres periféricas que a ordem do dia é o cuidado mais elementar, da sobrevivência. Ainda assim, é possível encontrar trajetórias dissidentes como a de Bast.

Enquanto uma mulher vinda das classes populares, Bast diz que “tinha que voltar e tornar acessível aqueles círculos” e foi nessa perspectiva que ela começou a facilitar círculos na região metropolitana de Fortaleza. Na sequência, um breve relato de Bast sobre a experiência desses círculos:

Eu entendi que isso não era fácil para todas as mulheres, até em nível para elas entenderem, por isso eu levei os círculos para Maracanaú. Então, desde o princípio foi muito misto. Eu tinha mulheres de sessenta e poucos anos de idade que não entendiam nada. Eu não levei o livro *Mulheres que correm com os lobos*. Eu peguei o livro como referência para fazer as práticas vivenciais e deixei muito mais um grupo de fala e de vivências, dentro da nossa realidade. Então, tinha menina que ia a pé, tinha menina que ia de bicicleta. E eu pude perceber que mesmo aquelas que não entendiam o que era o círculo, porque tinha mulheres de sessenta e poucos anos, de cinquenta e poucos anos, embora em menor quantidade. A grande maioria na casa dos trinta. Eu tinha adolescentes também, de catorze, quinze, dezesseis anos. Muitas mulheres em crise de relacionamento, em crise relacionada a auto-estima. Tinha mulheres que tinham uma escolaridade melhor, como graduação, por exemplo, mas ainda não usufruíam desse padrão dessa graduação, do que essa graduação prometia. Eram mulheres que tinham essa graduação, mas que trabalhavam de caixa no supermercado, por exemplo. Ou que eram casadas e dependiam do dinheiro do marido (Bast, entrevista realizada em 19 de setembro de 2022).

Tornar os círculos acessíveis perpassa, portanto, não apenas fazer círculos gratuitos, mas levar os círculos para regiões (bairros e cidades) descentralizados e acessíveis em termo de deslocamento (algumas iam a pé, de bicicleta, e estavam localizadas numa cidade que vive um movimento pendular em relação à Fortaleza). Ademais, requer um esforço de tradução, como o que Bast fez, não levando o livro (*Mulheres que correm com os lobos*) em si, mas tomando-o como inspiração, adaptando as vivências às realidades das mulheres, atualizando, portanto, a própria noção de círculo de mulheres.

Bast também comenta sobre a experiência de estar em círculo ou mesmo de atender (ela também trabalha como terapeuta holística) mulheres de uma classe social mais alta:

Em Fortaleza, eu participei de alguns grupos que eu via mulheres com um padrão de vida melhor. Eu atendi mulheres com um padrão de vida muito bom. Mas, em suma, elas têm, em termos de ansiosos, enquanto mulheres, às vezes chega a ser até pior.

Porque, às vezes, para não mostrarem que estão vulneráveis para o padrão de vida que elas têm, elas escondem muita coisa. Elas escondem agressão no casamento, elas escondem traição do marido. Aguenta tudo ali calada. Ela vive sufocada naquela gaiola de ouro (Bast, entrevista realizada em 19 de setembro de 2022).

Mais uma vez o tom é o da busca por uma equivalência, algo que une a experiência dessas mulheres. A entrevistada fala que mesmo as mulheres com um padrão de vida melhor têm queixas semelhantes (violência, traição), chegando a “ser pior” por serem ocultadas para não manchar a fachada social construída.

Bast ainda comenta sobre a questão dos preços dos círculos de mulheres. Como há uma profissionalização da facilitação de círculos, é comum que os círculos sejam pagos, compreendendo a facilitação como uma atuação profissional. Bast comenta, então, sobre uma postagem que havia sido compartilhada por uma das mulheres que era participante de um dos círculos que ela facilitava. Essa postagem criticava os círculos de mulheres, indicando que se tratava de algo elitizado e extremamente inacessível, financeiramente falando:

Eu achei, extremamente, exagerado. [O texto] colocava algumas coisas de que a mulher só podia participar ..., que a mulher era sagrada no grupo, mas se não fosse do grupo ela não era sagrada, que a mulher tinha que reverenciar a mãe, a ancestralidade senão ela não podia fazer parte daquilo. E isso nunca aconteceu nem nos círculos que eu participava, nem nos círculos que eu conduzi. Embora, por exemplo, o primeiro círculo que eu participei foi em um shopping, numa sala de um shopping, em Fortaleza, um shopping numa área bastante elitizada, mas eu pagava um valor simbólico. A pessoa que conduziu era sensível a isso. A sala de primeiríssima qualidade. Era 50 reais por encontro. Eu acho que não pagava nem energia do lugar para fazer esse encontro e ela colocava mesmo como um grupo de aprendizado para ela, porque ela tinha acabado de se formar, então, ela tinha os atendimentos de psicoterapia com o valor normal e tinha esse grupo que você fazendo as contas você vê que ali não fechava, sete mulheres, pagando 50 reais, numa sala, em um shopping, em um lugar super caro [...]. E nos grupos que eu conduzia, os círculos abertos eram gratuitos e os círculos fechados eram a 7 reais [...] (Bast, entrevista realizada em 19 de setembro de 2022).

Na experiência de Fortaleza (e região metropolitana), em relação aos círculos, bem como a outros eventos, observamos uma oferta com uma variação ampla de preços. De círculos gratuitos ou com contribuição para quem fosse utilizar os florais da lua de 35,00 reais até eventos que custaram 700 reais (imersão de final de semana, com hospedagem e alimentação na região serrana próxima a Fortaleza). Além do valor do círculo ou evento em si, é necessário levar em consideração outras formas que dificultam ou facilitam o acesso.

Por exemplo, o local onde o círculo ou evento é realizado. No geral, essas movimentações ocorrem, como também consta no relato da entrevistada, em lugares elitizados,

bairros considerados como bairros nobres ou de classe média⁵³ (como Benfica, Fátima, Dionísio Torres, Cidade dos Funcionários) ou quando realizados em municípios próximos, no geral, são em chácaras, pousadas, hotéis que apesar da boa infraestrutura não estão em uma zona urbana de acesso fácil.

Há, portanto, gastos, não apenas com o evento em si, mas com deslocamento. Por vezes, o acesso ao local por transporte público é inviável, o que limita a participação de quem não possui transporte próprio.

A questão aqui é considerar que mesmo quando os círculos são acessíveis financeiramente, é necessário pensar nesses outros atravessamentos, como a questão do deslocamento, que pode representar uma dificuldade e acrescentando uma camada a mais de distanciamento dos círculos em relação a uma população maior de mulheres.

Eu mesma, enquanto pesquisadora financiada por uma bolsa de pesquisa, na época no valor de 2.200 reais, senti dificuldade financeira de acompanhar o circuito de círculos e eventos, visto que mesmo quando encontrava círculos com valores acessíveis, me deparava com muitos gastos com deslocamento pela cidade.

Ainda levantando uma crítica a esses espaços, temos mais uma fala de Yemanjá que expressa sua percepção em relação a como o Sagrado Feminino se mantém restrito a apenas uma camada de mulheres:

O sagrado feminino é até hoje um movimento muito elitista, infelizmente. Porque as pessoas que fazem, as pessoas que começam esse movimento são pessoas que têm uma classe social totalmente diferente da minha, e totalmente diferente dos meus. E essas pessoas não se importam em olhar para elas e verem que ‘meu Deus, esse sagrado feminino só é para mim e para os meus?’. Ele não é para todas as pessoas. Então, até hoje, ainda, é muito nesse sentido, ainda é muito nesse sentido. Então, eu, enquanto uma pessoa que me familiarizo com esse assunto, eu tomo isso para mim como uma responsabilidade de levar esse conhecimento, de levar essa ferramenta de autocuidado, porque essa é uma ferramenta de autocuidado, para as pessoas que são parecidas comigo. Eu me encarrego dessa responsabilidade de levar isso adiante no meu dia a dia, no meu trabalho, entende? Então, hoje em dia, eu ainda vejo o Sagrado Feminino como algo muito elitista, muito excludente, muito para as pessoas que têm útero. É muito difícil eu ver temas relacionados com sexualidade dentro do sagrado feminino. A gente está começando a ver agora em 2020, em 2020. Sinceramente, foi em 2020 que eu tive acesso a isso, a essas mulheres fazendo esses questionamentos (Yemanjá, entrevista realizada em 22 de outubro de 2021).

⁵³ Consultando o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, por bairros, de Fortaleza, observamos os seguintes dados: Benfica- IDH 0,6285; Fátima- IDH 0,6948; Dionísio Torres- IDH 0,8597; Cidade dos Funcionários- IDH 0,5719. No ranking disponibilizado pela prefeitura de Fortaleza, os bairros aparecem na seguinte ordem de melhor IDH (IDH mais alto): Dionísio Torres- 3º lugar, Fátima- 9º lugar, Benfica- 13º lugar e Cidade dos Funcionários- 20º lugar. Ou seja, os bairros estão em excelentes posições (Fortaleza, [20--]).

6.4.1 Discutindo as intersecções

No que toca a dimensão racial, achamos importante destacar alguns elementos teóricos. Bento (2002) aborda a noção de branquitude como traços da identidade racial branca que tem como aspectos importantes, por exemplo, o medo do outro (negro) e a constituição do branco como padrão universal de humanidade. A branquitude também estaria marcada pelo fortalecimento da autoestima e do autoconceito do grupo branco sobre os demais.

Nas discussões sobre raça, segue a autora, a dimensão da racialização do branco parece não se fazer necessária, havendo um silêncio sobre a identidade racial branca, enquanto o racismo se constituiria e se localizaria como um problema dos negros. Essa dinâmica que ocorre, inclusive nos campos progressistas, contribuiria para a perpetuação dos esquemas racistas.

Em campo, como já foi posto, parece existir uma suspensão de marcadores identitários (raça, classe) de modo a se buscar uma identidade fixa e unívoca para as mulheres participantes, em que a ciclicidade aparece como chave para essa demanda.

Nas entrevistas, o marcador raça apareceu, de pronto, nas falas de algumas mulheres marcadamente pretas. Apenas uma mulher marca sua identidade racial, expressamente, como branca. Outras, ainda que tenham tocado na questão racial, se identificando como pardas, não seguiram na problematização.

Nas falas das entrevistadas pretas foi notório a percepção de que nas rodas a maioria das mulheres eram brancas. Essa percepção provocou não só incômodos e reflexões, como também um distanciamento, como no caso de Oyá, e um compromisso de levar os saberes que ali eram compartilhados para outros grupos, no caso de Yemanjá.

Apenas Bast se coloca como uma mulher branca, incapaz de entender a experiência da negritude. Essa mulher, como já foi discutido, possui um perfil marcado por outros traços identitários que não contemplam o que, no geral, observamos nos círculos, uma vez que a mesma não possui graduação e vem das classes populares, sem instrução. Esse deslocamento de classe parece fazer com que a mesma também consiga colocar em perspectiva o marcador da raça.

Se para construir uma identidade racial branca não racista deve-se, primeiramente, aceitar sua própria branquitude e as implicações desse lugar social de privilégio, se racializando (Bento, 2002), parece faltar às mulheres dos círculos essa postura. Nesse sentido, é preciso ter em mente que apesar da alta escolaridade (graduação ou pós-graduação), não há esse letramento racial, contribuindo, portanto, para a manutenção do privilégio branco.

Além disso, notamos, ainda, outra tendência na questão racial, uma fluidez na linha de cor, como discute Piza e Rosemberg (2002).

A atribuição de cor, no Brasil, se dá por um conjunto de fatores: cor da pele, traços corporais e origem regional (Piza; Rosemberg, 2002). Esse sistema de vetores é mobilizado de diferentes formas e é traduzido, institucionalmente, na classificação dos censos em: pretos, pardos, brancos, amarelos e indígenas.

No decorrer da história dos censos, a dimensão da cor/raça/etnia foi ou não coletada, a depender do momento político e dos interesses dos dirigentes da nação. No censo de 1940 há, pela primeira vez, uma definição mais precisa sobre os critérios de coleta de cor. É nesse ano que os descendentes de indígenas (até então caboclos) são incorporados ao grupo de pardos. Além desses, os não declarantes de cor também foram incorporados ao grupo de pardos, sendo inferido essa marca pelos coletores (Piza; Rosemberg, 2002). A categoria “pardo” se mostraria complexa desde daí.

Além disso, Piza e Rosemberg (2002) comentam diversos estudos que discutem os processos de mudanças na autoclassificação de cor, tanto no que toca os processos de embranquecimento como de escurecimento da população, a partir das relações em que são forjadas, entendendo que a identidade racial é cambiante.

Nas rodas, a partir de nossas entrevistadas, parece haver um processo de escurecimento a partir da autoclassificação como parda (logo, como fazendo parte do grupo negro). Essas mulheres, que consideramos como do campo progressista, no geral, graduadas, com acesso à trabalho e renda, têm se identificado a partir de um marcador que identifica e representa um grupo minoritário política e economicamente. A mistura de elementos da miscigenação (cabelo, cor da pele, lábios), bem como o território em que estão inseridas (Ceará) e a amplitude do termo pardo parece permitir essa auto identificação.

Contudo, levantamos aqui ainda mais alguns pontos. Essas mulheres, algumas, de fato, mais escuras, ao se autodeclararem pardas estariam, automaticamente, se identificando como negras? Não seria possível outras possibilidades de representação que daria conta da dimensão do mestiço ou ainda da presença indígena no Ceará? Estudos como o de Avelino (2023) tem levantado essa discussão e propondo outras dimensões identitárias para os pardos a partir da noção de parditude.

No que toca, portanto, as linhas de cor, parece ocorrer dois movimentos nos círculos, mulheres brancas que se autodeclararam pardas, não reconhecendo as marcas da branquitude na sua identidade e mulheres mestiças, autoidentificadas como pardas (mestiças),

mas que fugiram às marcas da negritude (traços, corpo), podendo expressar outras ascendências.

Viemos discutindo, também, questões que atravessam a dimensão do gênero. Nos círculos, é comum escutar expressões como energia feminina e masculina, cada qual ligado a uma gama de características, e diferenciado, sobretudo, pela noção de ciclicidade (feminino) e linearidade (masculino).

Apesar de binário e complementar essas dualidades fariam parte de cada um dos seres humanos (homens e mulheres), mas não só, a própria natureza se organizaria a partir desses dois polos (feminino/masculino). Dessa forma, mais uma vez, notamos um espelhamento, seres humanos (microcosmo) espelhariam o modo de funcionamento do mundo (macrocosmo). Uma das entrevistadas explica de modo mais acurado essa lógica:

Eu entendo que temos as duas polaridades energéticas, psíquicas. Quando eu falo energético, a minha visão não é de algo distante, é de um movimento sutil dos órgãos, do cérebro. Algo que está por trás, que a medicina tradicional chinesa chama de funcionamento sutil dos órgãos. Por isso que a medicina tradicional chinesa tem outros parâmetros de análise e de anamnese para fazer um tratamento. Ela analisa o órgão, mas ela analisa também o funcionamento sutil dos órgãos. [...] Eu entendo que a menstruação é a manifestação física desse processo que é anterior ao próprio funcionamento hormonal. No paradigma materialista, são os hormônios que definem o psiquismo, digamos assim. Os hormônios definem o humor. A pessoa teve um ataque de ansiedade, foi um hormônio que disparou ali, aí a pessoa sentiu isso [...] Tudo é muito centrado na questão do cérebro, o sistema nervoso central enquanto maquinário orgânico. É como se ali fosse a causa. Esse é o paradigma científico. Já uma visão sutil, é o contrário. Os movimentos hormonais, esses movimentos de disparo das glândulas endócrinas que segregam os hormônios que fazem tudo no nosso organismo, inclusive, os hormônios sexuais, eles são a resposta, a resposta, eles são o efeito fisiológico a uma causa sutil anterior, que é essa causa psico energética. Assim, então o Jung chamou isso de *ânimus* e *âнима*, o taoísmo chama isso *yin* e *yang*. Polaridade que não se restringe a gênero, mas que são características que podem ser observadas em gênero masculino e feminino. Isso também se explica numa visão física, materialista, uma mulher segregava hormônios masculinos também, em menor quantidade. E um homem segregava hormônios femininos em menor quantidade. Ou seja, ambos têm as duas polaridades, mas quando há um alinhamento biológico, fisiológico e o psiquismo, a mulher que segregava a maior parte de hormônios femininos e tem um aparelho ginecológico e tem um movimento menstrual, tem uma ciclicidade e depois o processo de climatério e menopausa, ela está, digamos, manifestando na íntegra, se é que posso usar esse termo, esse movimento sutil do psiquismo que se autorregula majoritariamente por uma polaridade feminina, mas que tem polaridade masculina também, em menor relevância ou força. Por isso ela segregava menos hormônio masculino. No homem, o inverso (Bast, entrevista realizada em 19 de setembro de 2022).

As mulheres frequentadoras dos círculos, mulheres cisgêneros, seriam aquelas que manifestam uma consonância entre funcionamento sutil-psíquico-energético, funcionamento hormonal e aparelho ginecológico (biológico-materialidade), bem como a dimensão de

expressão de gênero (essa constituída socialmente). Essa convergência de sentidos criaria, então, o sujeito dos círculos.

A partir da explicação de Bast o que informaria o gênero seria não a dimensão corporal (biológica- hormonal), mas algo ligado a um campo sutil-energético. Poderíamos então pensar uma espécie de essencialismo sutil-energético informando corpo e disposições para expressões de gênero?

Para Lauretis (2019, p. 125), gênero é uma representação de uma relação de pertencer a um determinado grupo ou categoria, “[...] o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades [...]”. Nesse sentido, o gênero não é entendido como uma condição natural mas informa uma relação social, é tanto uma “construção sociocultural quanto aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.)” (Lauretis, 2019, p. 126). Para a autora, o gênero continua a ser construído, seja na mídia, na família, nas escolas, como também em espaços menos óbvios, como na universidade, na teoria, nas vanguardas.

Nos círculos também há produções de significados sobre os gêneros, seja na explicação a partir das dimensões sutis-energéticas em que polos masculinos e femininos estão presentes em todo ser humano, mas que a marca da diferença se dá sobre uma espécie de saliência energética de um desses polos, sejam nos rituais e narrativas presentes nas reuniões que reiteram um feminino, no geral, urbano, branco, escolarizado, heterossexual e, sobretudo, cíclico, marca maior que constituiria essa identidade feminina que diferencia os mundos feminino e masculino, na sociedade.

Essa perspectiva da ciclicidade abre espaço para que essas mulheres critiquem o universo patriarcal, linear, produtivista, estruturado de modo a excluir um tempo feminino, logo cíclico. Contudo, essa mesma marca de gênero (ciclicidade) usada como modo de garantir um pertencimento de gênero encobre outras marcas identitárias importantes para as diversas experiências femininas (classe, raça).

Dessa forma, os círculos produzem significados de gênero que colocam os marcadores mulheres-feminino-cíclico e homens-masculino-linear como num mesmo campo semântico e ainda numa relação de oposição e complementaridade. Também produzem uma marca da diferença a partir de “tempos” diferentes, um tampo cíclico (noção de ciclicidade) em referência ao feminino e um “tempo” linear, ligado ao masculino.

Os círculos funcionariam como uma tecnologia de gênero, produzindo sentidos e efeitos que marcam a relação entre os gêneros, reafirmando valores, modos de existir, formas de ser e sentir, ainda que se baseiem numa narrativa mítica do feminino, que nega uma divisão

(de poder) entre os gêneros, um matriarcado místico em que haveria harmonia entre homens e mulheres e onde os atributos da deusa (do princípio feminino- receptividade, criatividade, gestação, cuidado) eram valorizados, estando ambos (feminino e masculino) em equilíbrio, ou seja, não divididos pelo gênero.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi fruto de 4 anos de pesquisa de campo- 2019 a 2022. Ao longo desses anos, a partir de uma metodologia qualitativa, tanto em experiências de campo presencial como online, acompanhamos diversos círculos de mulheres, eventos relacionados, perfis no *Instagram*, *lives*, grupos de *WhatsApp*. Nos detivemos, sobretudo, nos registros de campo realizados em Fortaleza e região metropolitana, e nos contatos feitos nessas atividades, de modo a realizar 20 entrevistas em profundidade com facilitadoras e participantes desse circuito.

Os Círculos de Mulheres podem ser entendidos, dentro de uma perspectiva maior, como expressões de uma Espiritualidade Feminina. Se a Espiritualidade Feminina abre espaço para uma vivência e conexão com o sagrado a partir de elementos e referências femininas, valorizando, por exemplo, a Terra (o planeta, a terra onde se planta) como manifestação do divino, os Círculos seriam espaços seguros para mulheres buscarem essa reconexão com o todo e com o divino que habita elas próprias. Esse reconhecimento do que é sagrado em si também caminha na direção de reconhecer determinados atributos femininos como sagrados, como a capacidade de criação, o acolhimento e a empatia.

O estudo sobre círculos de mulheres tem se configurado a partir de pesquisadoras como Morales (2014, 2016, 2018) e Valdes (2015, 2017), no contexto mexicano, Sarmiento (2020), na Colômbia, Felitti (2016, 2021), na Argentina e no contexto brasileiro com Ribeiro (2020), Silva (2020), Sousa (2022), Bastos (2023), Silva at all (2023), Maso (2024) e Vasconcellos (2024).

Mesmo na diversidade de expressões, alguns elementos parecem se repetir no contexto latino-americano, como o círculo como um lugar de partilha de experiência e identificação, busca e técnicas para cura/sanación, protagonismo e valorização das mulheres e das características ditas como femininas, ressignificação da experiência menstrual e a aproximação entre espaços místicos e feministas.

No contexto brasileiro, as contribuições das pesquisadoras têm girado em torno da discussão sobre cuidados com o corpo a partir da Ginecologia Natural e Autônoma (Ribeiro, 2020), relações interespecíficas entre mulheres e plantas (Silva, 2020), micropolítica posta em prática a partir das dimensões do cuidado, do conhecimento e de técnicas de si que são elaboradas dentro dos círculos (Maso, 2024), crítica ao processo de gentrificação do cuidado, apropriação cultural e embranquecimento de rituais de povos ancestrais (Vasconcellos, 2023, 2024), círculo on-line, Sagrado Feminino e Nova Era (Sousa, 2022), círculos de mulheres e

reconfiguração do feminismo (Bastos, 2023) e a perspectiva dos círculos em interface com a saúde integral (Silva *et al.*, 2023).

A partir do trabalho de campo realizado, observamos algumas concepções e características recorrentes que, na nossa perspectiva, marcam os círculos de mulheres no nosso contexto: a) a noção de que feminino está ferido e precisa ser curado, b) a ressignificação da menstruação e novas formas de gestão do sangue menstrual, c) a premissa de que as mulheres estão mais próximas da natureza, d) a noção de ciclicidade feminina como atributo central do feminino, d) as plantas e minerais produzindo agenciamentos, e) a diversidade de dinâmicas (um círculo pode se reunir a partir da proposta da leitura de um livro, a partir da tiragem de florais, dentre outras propostas) f) o auto-cuidado a partir de práticas tradicionais e neo-esotéricas, g) o engajamento em busca de um maior autoconhecimento, h) os círculos se configuram como um fenômeno urbano, i) as participantes compartilham de um perfil característico (no geral, são brancas, cisgêneros, escolarizadas e exercem atividade profissional remunerada), j) a espiritualidade é vivenciada de forma nômade e não religiosa, k) as facilitadoras e as participantes têm um engajamento em termos de leitura e estudo no que toca os assuntos referentes aos círculos.

A Espiritualidade Feminina só pode ser vivenciada, como nos círculos, devido a um horizonte mais amplo da modernidade. Nesse trabalho, entendemos que na modernidade não houve um desaparecimento do sagrado, mas sim, novos contornos dessa esfera. Assumimos, com Willaime (2012), que na modernidade houve uma perda da importância das religiões institucionalizadas, mas que ao mesmo tempo também houve um reinvestimento e recomposição da identidade religiosa, transformando-se em algo espiritualizado e místico.

De la Torre (2012) chama atenção para a necessidade de pensarmos a modernidade a partir do contexto latino-americano, bem diferente de uma modernidade europeia. Aqui a secularização não se deu de modo homogêneo, impondo a racionalidade instrumental sobre outras, mas conviveu e convive com outras formas de entender, explicar e viver no mundo. Seguimos os rastros de Guerriero (2006) que pensa os Novos Movimentos Religiosos como uma forma racionalizada de adaptação à secularização. Seria justamente o mundo secularizado que permitiria a explosão de inúmeras expressões religiosas, que se combinam e se recombina a depender das necessidades particulares dos sujeitos.

É esse aspecto societal que permitiria a emergência de fenômenos complexos, fluidos e difusos como os círculos de mulheres que se autodeclararam como não-religiosos, mas sim ligados a uma “espiritualidade”. A conexão com o sagrado se estabelece sem a

intermediação de uma instituição religiosa, repleta de dogmas e obrigações, mas de modo individualizado, permitindo colagens de crenças e uma mobilização muito pessoal da fé.

Toda essa discussão vai ao encontro dos estudos de Hervieu-Léger (2015), que pontua como, atualmente, a crença escapa ao controle das instituições religiosas. O elemento mais marcante na perda do controle sobre a crença seria a liberdade que os indivíduos têm de construírem seus próprios sistemas e roteiros de fé, mesmo que esse sistema pessoal seja desvinculado de qualquer corpo de crenças institucionalizadas, como acontece nos círculos.

Essa fluidez e abertura do sagrado que vai sendo composto a partir da vontade de um sujeito autônomo não é de todo desarticulada de uma perspectiva coletiva/social. Os estudos de Magnani (1999, 2016) já pontuavam que havia uma dinâmica específica dos participantes (buscadores) do circuito neo-esotérico da cidade de São Paulo da década de 1960.

Em meio à liberdade de escolha dos indivíduos e da oferta do mercado espiritual, Magnani (2016) identificou alguns princípios norteadores dessas escolhas, como um alto engajamento no processo de autoconhecimento e uma busca por novas formas de espiritualidade.

Magnani (1999, 2016) também aponta que há matrizes de pensamento que servem como base para esse circuito, sendo elas: as religiões e filosofias orientais, as sociedades iniciáticas, as cosmologias indígenas, os ritos pré-cristãos europeus e os estudos sobre física quântica.

Os círculos de mulheres e a perspectiva ampla da Espiritualidade Feminina e do Sagrado Feminino se situam no quadro neo-esotérico elaborado por Magnani (1999, 2016). A Espiritualidade Feminina e suas expressões, mesmo possibilitando um alto grau de autonomia para suas participantes, funcionam sob o plano de fundo ordenado, que privilegia e mistura elementos de um perspectiva pagã pré-cristã, saberes ancestrais de povos nativos e filosofias orientais, sobretudo, no que tange o aspecto da saúde, saúde ginecológica e bem-estar, como o uso e preparo de ervas, orientações alimentares da Ayurveda e o sistema de meridianos da Medicina Tradicional Chinesa.

Os círculos de Mulheres também poderiam ser discutidos a partir do termo Nova Era/New Age, que ficou muito popularizado na década de 1960 para se referir a práticas holísticas ou alternativa de saúde/estilo de vida e a vivência de uma espiritualidade distanciada das grandes religiões. Autores como Carozzi (2019), Frigerio (2016), e De la Torre (2016) defendem que a Nova Era funciona como uma matriz interpretativa que dá sentido a um conjunto de elementos, práticas, ritos e comportamentos, de modo a permitir uma compreensão

dessa dinâmica tão diversa e plural, mas não ilimitada e desordenada, como muitos poderiam pensar.

A noção de um self sagrado, uma centelha divina que habita cada um, a circulação permanente, que possibilita uma autonomia do sujeito que pode construir seu próprio trajeto de crença e a preferência e valorização de determinadas práticas religiosas e terapêuticas, no geral, promovendo um processo de exotização das alteridades, ou seja, elegendo determinadas culturas como positivas e interessantes, carregadas de um sentido e valor capazes de ressignificar as vivências atuais de modo a resgatar elementos dessa ancestralidade (Frigério, 2016) seriam os principais pontos que marcariam a matriz Nova Era.

Podemos situar os círculos de mulheres nessa matriz de significados (Nova Era), que funciona a partir de determinados princípios, já apresentados. Assim, mais uma vez, reconhecemos que ainda que a vivência nos círculos priorize escolhas individuais, há um ordenamento coletivo que possibilita essas escolhas. Os círculos de mulheres, a Espiritualidade Feminina e o Sagrado Feminino são orientados por determinados vetores de sentido.

Nos círculos há também novas experimentações, cortes e continuidades com essa matriz de sentido, mostrando sua complexidade. Tavares, Ribeiro e Silvera (2023) apontam que nos círculos, podemos identificar hibridismos que articulam política, espiritualidade, ciência, esoterismo, filosofia, como já defendia Latour (2019) em relação à modernidade. Esses híbridos também são atravessados por questões de poder e desigualdade, sejam elas de raça ou classe.

Nos círculos seriam postos em prática um processo de confluência entre Nova Era, ecofeminismo, raça e gênero, segundo Tavares, Ribeiro e Silvera (2023). Para essas pesquisadoras, os círculos apresentam afinidades com os contornos da Nova Era, uma vez que representariam uma espiritualidade sem lar, mas, também indicariam cortes, uma vez que podem ser estruturados de diversos modos, dentro de religiões mais institucionalizadas, como os círculos de mulheres na Wicca, ou em comunidade alternativas, além de incorporarem temas nem sempre tratados pela movimentação Nova Era, como os recortes de raça e identidade de gênero.

Entendemos, com Tavares, Ribeiro, Silveira (2023), os círculos como híbridos (Latour, 2019), com descontinuidades, cortes e intermitências dessa matriz de sentido Nova Era, ao mesmo tempo que reconhecemos a produção de novos híbridos, ou seja, que a própria matriz Nova Era vem sendo reconstruída, incorporando novas perspectivas e elementos, a exemplo da aproximação com povos indígenas e religiões de matriz africana.

Compreendemos os círculos como mais uma inovação dentro do que se convencionou chamar de Nova Era. Defendemos que os círculos funcionam a partir da mesma

matriz de sentido, priorizando determinadas práticas, narrativas e cosmologias e incorporando novas discussões, se aproximando das religiões afro-brasileiras e da cultura indígena, dos povos originários brasileiros.

Os três núcleos da Nova Era, apontados por Frigério (2016), dão conta de explicar a lógica dos círculos, que priorizam a noção de *self* sagrado a ser melhorado pelo autoconhecimento (e mais especificamente a ser melhorado através de um processo de cura do feminino), a circulação permanente, acentuando a noção da inexistência de dogmas a serem seguidos, e por fim, a valorização de alteridades, elegendo-se alguns grupos para serem exaltados (no caso dos círculos, percebemos uma exaltação da matriz indígena e africana brasileira, além, dos ciganos).

Nos círculos há o uso constante da noção de espiritualidade em contraste a de religião. A categoria nativa “espiritualidade” é mobilizada das seguintes formas: como uma maneira de se opor a ideia de religião (instituição, dogmas), indicando um modo de vivenciar o sagrado a partir de um lugar individual e livre de obrigações, como algo exterior ao indivíduo, algo amplo, como um conjunto de crenças e práticas que fazem referência ao mundo espiritual (não material), mas que não está associado a uma instituição religiosa, como sinônimo de entidades espirituais que servem como guias e que podem ser acessados em momentos de meditação, sendo possível a canalização, e como forma de reconexão consigo mesma e com o todo (universo, deus, natureza), indicando uma forma de se relacionar com o sagrado a partir da imanência.

Nos círculos, havia um grande engajamento sobre o corpo e seus processos, em especial a menstruação. Notávamos, nesses espaços, novas narrativas sobre a experiência menstrual, novos modos de gerenciar o sangue, novas maneiras de se relacionar com um fenômeno hormonal, construindo uma nova matriz de sentido a partir da dimensão da valorização da natureza, sua forma de organização (cíclica) e da aproximação entre mulheres e natureza.

Entendemos que o corpo excede os limites da biologia, sendo atravessado e construído também por discursos culturais (Le Breton, 2012). A partir disso, discutimos, nesse trabalho, como os círculos são espaços criativos de produção de novos sentidos e práticas sobre o corpo e seus processos.

Se nas sociedades urbanas contemporâneas, a demanda por produtividade e a alta medicalização dos corpos parece esquecer e invisibilizar a menstruação, nos círculos, há uma valorização dessa experiência, promovendo a importância das participantes de conhecerem seu ciclo menstrual, seus órgãos e o funcionamento dos mesmos. O problemático, nesses espaços,

é o pouco questionamento ou crítica no que toca outras identificações de gênero que rompem com a sequência de um binômio sexo (fêmea)- gênero (feminino). Nesses espaços sexo (fêmea) e gênero (feminino) funcionam como sinônimos, uma vez que as mulheres que participam se identificam como mulheres cisgênero. Os círculos dão conta de questionamentos e demandas de um grupo de mulheres (cisgênero) que continuam desconhecendo processos biológicos, sofrendo com questões ginecológicas, problemas de infertilidade, menstruações dolorosas e, por vezes, se submetendo a práticas da medicina alopática que apenas mascaram sintomas.

O sangue menstrual, no contexto dos círculos, é compreendido como uma ferramenta de limpeza material e simbólica, sendo reconhecido como algo nutritivo, místico e sagrado, capaz de promover uma reconexão das mulheres com a própria deusa-natureza, numa espécie de comunhão com o todo.

As invenções em torno da menstruação vão desde novos termos para se referir ao estar menstruada, como o “estar de lua” ou “lunando”, passando por estratégias de gestão do sangue menstrual, como os coletores menstruais e absorventes ecológicos de pano, e ainda, ferramentas para o acompanhamento do ciclo menstrual, como a mandala lunar. As práticas relacionadas ao sangue menstrual envolvem o ritual do plantar a lua que, seja de modo individual ou coletivo, promove uma troca com a terra (considerada uma divindade, Mãe-Terra) ao devolver o sangue menstrual ao solo. Aqui, mais uma vez, notamos a aproximação das mulheres com a natureza.

Diversos trabalhos brasileiros já vinham tematizando as dimensões e transformações da menstruação e o nosso também se situa nessa esteira de produção (Sandenberg, 1994; Amaral, 2003; Fáveri; Venson, 2007; Manica, 2009, 2011; Benetti, 2010; Santos, 2018; Wons, 2019, 2022).

Ainda sobre as criações dos grupos sobre a menstruação, um dos elementos mais interessantes e criativos é a noção de ciclicidade, associada ao *modus operandi* da natureza que se replica no processo hormonal das mulheres (aqui, adotaremos, assim como as participantes, a coincidência de significado entre mulheres e feminino). A menstruação seria uma materialização desse funcionamento cíclico do corpo, contudo, não pode ser compreendida isoladamente.

Para compreender o modo cíclico de funcionamento do corpo, leva-se em conta a menstruação- o sangramento-, mas também a fase pré-ovulatória (logo depois da menstrual), a ovulatória e a pós- ovulatória.

Há duas narrativas principais que estabelecem conexões entre o ciclo menstrual, as fases da lua e os arquétipos de feminino. Uma associada à autora Miranda Gray, e a outra associada à Ginecologia Natural.

Os grupos que partem de Miranda Gray guiam suas falas a partir do livro *Lua vermelha*: as energias criativas do ciclo menstrual como forma de empoderamento sexual, espiritual e emocional. Segundo com Gray (2017), há quatro imagens arquetípicas do feminino: virgem ou donzela (fase crescente da lua- fase pré-ovulatória do ciclo), mãe (fase cheia da lua- fase ovulatória do ciclo), feiticeira (fase minguante da lua – fase pré-menstrual do ciclo) e bruxa-anciã (fase nova da lua - menstruação).

A narrativa ligada à Ginecologia Natural diverge da percepção e organização da autora de *Lua Vermelha*. Nos grupos mais próximos da Ginecologia Natural/ florais da Lua, há uma outra sequência associativa.

A menstruação estaria ligada a um momento de vida-morte-vida, sem um arquétipo do feminino específico, esse momento diria respeito à fase escura da lua (lua nova). Com o aumento da luz (lua crescente) e o aumento de energia, apareceria o arquétipo da menina (fase pré-ovulatória), em seguida chegaria o ápice de luz (lua cheia) e com ele o arquétipo da mãe (fase ovulatória). Em seguida, um declínio de luz (fase minguante) e o arquétipo da anciã, fase pré-menstruação.

A menstruação não estaria ligada ao arquétipo da Anciã, mas sim a um momento sem associação a figuras arquetípicas, o chamado momento “vida-morte-vida”. A menstruação seria um momento de morte (lua nova), recolhimento e conexão com a espiritualidade, podendo também estar associado a chamada “face escura da Deusa”. Essa morte seria representada pela morte da possibilidade de gerar vida iniciada na ovulação com a liberação do óvulo, mas que não sendo realizada se encerra com a dissolução do tecido endometrial e a menstruação em si. Essa morte também seria uma morte simbólica na vida da mulher, em que ela refletiria sobre os planos e desejos que não foram efetivados ao longo do ciclo que se encerra, sendo marcado pelo sangramento. A menstruação abriria espaço para vivenciar tudo aquilo que não se materializou, acolhendo as frustrações e impedimentos e reconhecendo esses processos como importantes de serem integrados para só então tomar impulso para um novo ciclo de novos desejos e possibilidades.

Essa nomenclatura – vida/morte/vida x Anciã - seria a principal diferença entre a concepção de Gray (2017) e da Ginecologia Natural.

A partir da menstruação (fase de vida-morte-vida), para a Ginecologia Natural, teríamos, na sequência, as fases da menina, da mãe e da anciã. Ou seja, a anciã estaria

relacionada à fase pré-menstrual (lua minguante), enquanto que para Miranda Gray a fase pré-menstrual estaria relacionada à feiticeira (lua minguante) e a fase menstrual à anciã (lua nova).

Na perspectiva da Ginecologia Natural, observamos três arquétipos do feminino (menina, mãe, anciã), enquanto nos estudos de Miranda Gray se utiliza quatro: menina/donzela/virgem (pré-ovulatória), mãe (ovulatória), feiticeira (pré-menstrual), bruxa/anciã (menstruação).

Essa perspectiva apresenta a noção de feminino relacionada à ciclicidade, experiência essa que liga as mulheres à natureza, sendo expressa no corpo como menstruação.

Os círculos realizam uma travessia inversa ao do movimento feminista construtivista, que tanto se engajou para retirar o feminino da natureza. Os círculos traçam então um caminho de retorno à uma natureza, agora sagrada, fonte de poder para as mulheres modernas que até então haviam perdido a conexão com esse feminino ancestral, natural e sagrado. A capacidade de gerar vida é retomada como algo valoroso, positivo, milagroso e sagrado, além de outros marcadores biológicos/sociais associados ao feminino (menstruação, menopausa, gravidez, intuição, passividade) que passam a ser considerados como tão importantes quanto os marcadores masculinos ligados à atividade, razão etc.

Há uma gramática desenvolvida nos círculos que envolve a busca por curar o feminino, curar a energia feminina, curar a ancestralidade feminina. Essa busca por cura significa, por sua vez, integrar aspectos psíquicos, cultivar relações saudáveis com outras mulheres, reconhecer os limites de cada mulher da sua árvore genealógica, aceitar o feminino (as características tidas como femininas) em si mesma, ressignificar a relação com a menstruação, reconhecer uma outra dinâmica de funcionamento a partir dos ciclos da natureza (ciclicidade), incluindo o ciclo menstrual.

Essa cura pode ser mediada por várias estratégias, exercícios, ferramentas, processos, como a dança, o canto, a escrita, o bordado, ou seja, a cura perpassa talentos a serem descobertos, resgatados e expressados. Aqui, a cura toma então o caminho do autoconhecimento como forma de reencontro consigo mesma e com atividades que tragam saúde e bem-estar.

Outra via de cuidados é posta em prática a partir da utilização de recursos naturais, sobretudo as ervas, em chás, escaldas-pés, ungüentos, benzimentos, banhos e vaporizações uterinas. Além disso, é comum se recorrer a práticas neo-esotéricas, sendo muitas delas, hoje, ligadas às chamadas Práticas Integrativas Complementares, como o caso do reike, biodança, constelação familiar, ayurveda, florais (no caso de Fortaleza, mais especificamente os Florais da lua). Ademais, também observamos recursos como cristais, yonni eggs (ovos de cristais a

serem introduzidos via canal vaginal), recursos oraculares- tarô e sistemas oraculares variados, ritualização e ingestão de cacau ou jurema.

Por fim, acredita-se que essa cura tem um efeito em cadeia e é comum se ouvir a frase “quando uma se cura, todas se curam” ou ainda “a cura de uma mulher é a cura do mundo”. Aqui está presente, implicitamente, o protagonismo das mulheres como agentes de transformação social, uma vez que essa cura vem acompanhada de uma transformação nas relações com as outras mulheres, com os companheiros ou companheiras, na dinâmica familiar, nas rodas de amizade e também no mundo corporativo (esfera do trabalho).

Há, no circuito dos círculos, bem como em outros eventos relacionados, estejam identificados ou não com a marca do Sagrado Feminino, um alto engajamento intelectual no que toca a leitura e processo formativo. Nos círculos que acompanhamos, desde o início, era notório a presença física de livros relacionados ao tema. Mesmo quando os livros não circulavam fisicamente eles estavam nas bocas das mulheres, em trocas de impressões e comentários.

O mais presente desses livros foi o *Mulheres que correm com os lobos*, de autoria de uma psicóloga arquetípica, Clarissa Pinkolas Estes. Em campo, por diversas vezes, encontramos referências a esse livro seja na fala das facilitadoras, compondo um momento do encontro (quando se ler um trecho de um capítulo), inspirando vivências a partir de temas retratados no livro, sendo visto como uma “verdadeira bíblia” do Sagrado Feminino, como me disse uma das interlocutoras.

Outro livro que chamou atenção por tratar de um tema muito discutido nos círculos foi *Seu sangue é ouro: resgatando o poder da menstruação*, de Lara Owen, publicado em português pela primeira vez ainda na década de 1990. Em 2019, com edição esgotada, ele circulava por meio de um arquivo em PDF compartilhado, via WhatsApp. Posteriormente, durante a pesquisa, fizemos parte de um grupo de WhatsApp que se dedicava à leitura do mesmo. E em 2022 o livro foi reeditado pela Editora Lótus 22.

Lua Vermelha: as energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional, por sua vez, se fez presente em vários círculos, desde o início da pesquisa, em maio de 2019. Sua popularização no meio on-line em diversos perfis sobre Sagrado Feminino, além da divulgação por meio da agenda Mandala Lunar o configurou como um dos livros principais no cenário dos círculos.

As observações que se seguem, partem da análise das entrevistas realizadas com vinte interlocutoras, entre facilitadoras e participantes. Apontamos aqui, os principais achados.

Um dos achados da pesquisa foram as criações e novos significados criados para experenciar a menstruação de um modo mais positivo, encontrando valor na capacidade de menstruar, não apenas como prova de que o corpo está saudável e funcional para a concepção, mas perceber a própria menstruação como um momento de introspecção e reflexão profunda sobre si mesma, sendo por si só um momento a ser acolhido e cultivado como prática de cuidado e autoconhecimento.

A associação entre menstruação, lua e arquétipos do feminino foi uma das novidades que os círculos trouxeram. Esse modo de explicar o ciclo menstrual é mais didático por apresentar imagens tanto da lua (em suas várias fases) como de figuras arquetípicas que exemplificariam três/quatro momentos da vivência das mulheres (menina, mãe, anciã ou menina, mãe, feiticeira, anciã). Essa narrativa mais lúdica e de fácil compreensão transforma o fenômeno da menstruação em algo mais fácil de se conviver, sendo possível compreender a si mesma a partir do próprio ciclo menstrual. A partir dos arquétipos do feminino e das fases lunares as mulheres que menstruam podem, mais facilmente, localizar em qual fase do ciclo estão, uma vez que podem se “guiar” pela lua externa (a que está no céu).

As participantes do circuito dos Círculos de Mulheres podem se identificar e aderir de diversos modos e níveis em relação às práticas difundidas nos círculos. É necessário ter em mente que essas adesões acontecem de modo heterogêneo, umas se engajando mais nos processos de autoconhecimento e aprimoramento de si e outras nem tanto. As particularidades de cada corpo, a rotina e a motivação podem variar levando a momentos de mais engajamento e outros de distanciamento das práticas.

Outro ponto observado, a partir das entrevistas com as interlocutoras, foi a proximidade dos círculos de mulheres com as chamadas rodas de gestantes, organizadas por mulheres que exercem a função de doula, uma acompanhante especializada para auxiliar e orientar a mulher durante a gestação e o parto. Apesar de não termos nos dedicado a estudar esse fenômeno, encontramos uma interlocutora que chamou atenção para sua experiência com a gestação e a doulagem. Foi por meio dessa experiência que ela chegou aos círculos de mulheres e suas temáticas.

Uma das falas comuns entre as mulheres participantes dos círculos é a necessidade de “trabalhar o feminino” ou de “curar o feminino”. Esse trabalho/cura diz respeito a encarar a forma como cada mulher se relaciona com outras mulheres, em contextos de amizade, profissional ou nas relações familiares no que toca a linhagem feminina. Logo, nesse sentido, o circuito dos Círculos de Mulheres propõe práticas e exercícios que possibilitem esse encontro com mulheres no intuito de sanar essas relações.

O argumento de que estar entre mulheres é curador também é algo comum no circuito dos círculos de mulheres, estando na esteira da noção de que o feminino está ferido e precisa ser curado. Diante da necessidade de curar o feminino, estar entre mulheres, em círculo, se configura como uma ferramenta sanadora. Acredita-se que estar em um círculo/ roda de mulheres, compartilhando de momentos conjuntos, partilhando e escutando histórias se constitui como um momento de nutrição de si mesma, construindo um espaço/momento de autoconhecimento e autocuidado.

A conexão com cristais e plantas foi bastante comum nos círculos. Seja no uso de ervas para chás, banhos ou ungüentos, seja a partir do uso dos óleos essenciais, com a presença de cristais no altar ou em momentos de meditação, a relação humano-natureza, em inúmeras vezes se fez presente. Aponto esse elemento como central na matriz de sentido dos círculos, ou como expressa a frase de uma das interlocutoras: “Essa minha sensibilidade aos seres elementares sempre existiu com relação às plantas e aos cristais”.

No que toca a interseccionalidade de raça, classe e gênero, o que ficou notório nos círculos é a não racialização das mulheres, havendo uma invisibilização do marcador racial. Nesses espaços, não se fala sobre a diversidade da experiência feminina a partir do viés de raça, mas antes, busca-se um marcador identitário comum que seria a ciclicidade. Observando a disposição pela cidade dos lugares em que os círculos aconteciam, temos bairros como Benfica, Fátima, Dionísio Torres e Cidade dos Funcionários. Todos eles ocupam posições de 3° a 20° no ranking de melhor Índice de Desenvolvimento Humano-IDH, por bairro, da cidade. A partir disso, podemos identificar que os círculos aconteciam em bairros considerados “de classe média”, não estando na periferia da cidade, privilegiando quem mora próximo a esses bairros ou que tem fácil acesso a eles, seja por ter transporte próprio ou condições de se locomover com facilidade e segurança pela cidade. Por fim, como já foi falado, o público dos círculos se caracteriza por mulheres cisgênero, tanto que toda a narrativa gira em torno de uma consonância entre o sexo e o gênero, se detendo, muitas vezes, em questões ligadas à dimensão ginecológica.

Os círculos, como aponta Morales (2018), tem muitas vezes um caráter efêmero. Essa mesma observação se repetiu no contexto de pesquisa. Com o passar dos anos e com o impacto da pandemia, os círculos foram perdendo sua força. As facilitadoras, durante um período, adaptaram as reuniões presenciais para o contexto online e com o passar do tempo diversificaram seus trabalhos a partir de outros formatos, seja com atendimentos e aconselhamento individuais, grupos de biodanza ou cursos sobre temas específicos (ervas, ginecologia natural). Eventualmente, ainda recebo alguns convites para reuniões de Círculo de Mulheres, mas não de modo tão frequente e estruturado como era em 2019. Atribuo essa

diluição desses espaços a dois elementos: a saturação da produção e consumo sobre o tema nos anos da pandemia e as frequentes críticas que esses espaços recebiam, sobretudo, em relação à raça e transgeneridade. Isso não significa que o a retomada de uma Espiritualidade Feminina tenha acabado, diz respeito, apenas, ao contexto específico de Fortaleza-Ceará.

Os Círculos de Mulheres, o Sagrado Feminino e a Espiritualidade Feminina, guardando seus limites e aberturas, são movimentações coletivas complexas com um imenso potencial criativo que mobilizam um público muito específico de mulheres. No geral, mulheres urbanas, de classe média, escolarizadas, brancas, que tem construído uma sensibilidade ligada à uma vivência espiritual que valoriza figuras femininas e que começam a encarar processos socialmente ligados às mulheres (a menstruação, menopausa, gestão) de modo mais positivo, desconstruindo tabus e criando espaços sociais para compartilhar vivências e construir formas de autoconhecimento, autocuidado e valorização da noção de feminino que historicamente é desvalorizada e submetida a uma lógica masculina.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Clara Estanislau de. **Percepção e significado da menstruação para as mulheres.** 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ARAKISTAIN, Miren Guilló. Habitar lo impoderable: espiritualidades contemporâneas y lecturas alternativas de la menstruación. *In:* GALARZA, Mari Luz Esteban; GARCÍA, Jone Miren Hernández (coord.). **Etnografías feministas:** una mirada al siglo XXI desde la antropología vasca. Manresa: Edicions Bellaterra, 2018. p. 183-208.

ARAKISTAIN, Miren Guilló. Mujeres jóvenes y menstruación: contracultura y resignificación del ciclo menstrual em el País Vasco. *In:* ROMANÍ, Oriol; MARÍN, Lina Casadó (org.). **Jóvenes, desigualdades y salud:** vulnerabilidad y políticas públicas. Tarragona: Publicacions URV, 2014. p. 143-165.

BASTOS, Danielle Goberto. **Círculo de mulheres no Recife (2000-2021): uma nova configuração política do feminino.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2023.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo:** produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BENETTI, Georgia Maria Ferro. **Discursos sobre menstruação em comunidades do orkut:** gênero, corpos e materialidades no ciberespaço. 2010. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In:* CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo:** estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. p. 147-162.

BOLEN, Jean Shinoda. **O milionésimo círculo:** como transformar a nós mesmas e ao mundo: um guia para círculos de mulheres. São Paulo: TRIOM, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das ideias. **Revista Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. IV– 117, 2002.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle:** um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CAROZZI, María Julia. Nova era: a autonomia como religião. *In:* CAROZZI, María Julia. (org.). **A Nova Era no Mercosul.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 149-187.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 431–448, 2015.

DE LA TORRE, Renée. Religiosidades indo y afroamericanas y circuitos de espiritualidad new age. In: DE LA TORRE, Renée; ZÚÑIGA, Cristina Gutiérrez; HUET, Nahayeilli Juárez (coord.). **Variaciones y apropiaciones latinoamericanas del New Age**. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social, 2016. p. 17-29.

DE LA TORRE, Renée. **Religiosidades nómadas**: creencias y prácticas heterodoxas em Guadalajara. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiore em Antropología Social, 2012.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada**: nosso passado, nosso futuro. São Paulo: Palas Athena, 2007.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FAUR, Mirella. **Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas**: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

FÁVERI, Marlene de; VENSON, Anamaria. Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 25, p.65-97, jul. 2007.

FAVRET-SAAD, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

FELITTI, Karina. Brujas feministas: construcciones de un símbolo cultural en la Argentina de la marea verde. In: DE LA TORRE, Renée; SEMÁN, Pablo (ed.). **Religiones y espacios públicos en América Latina**. Buenos Aires: Centro de Estudios Lationamericanos, 2021. p. 543-568.

FELITTI, Karina. El ciclo menstrual en el siglo XXI. entre mercado, la ecología y el poder femenino. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 175-206, abr. 2016.

FRIGERIO, A. Lógicas y límites de la apropiación new age: donde se detiene el sincretismo. In: DE LA TORRE, Renée; ZÚÑIGA, Cristina Gutiérrez; HUET, Nahayeilli Juárez (coord.). **Variaciones y apropiaciones latinoamericanas del New Age**. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social, 2016. 30-47.

FORTALEZA. **Desenvolvimento Humano, por Bairro de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza, [20--]. Disponível em:
https://dados.fortaleza.ce.gov.br/dataset/desenvolvimento_humano_bairro/resource/f7cf7081-b0e3-4c9c-b89e-0ee1b3755437. Acesso em: 23 out. 2025.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIMBUTAS, Marija. **The goddesses and gods of old Europe**: myths and cult images. Califórnia: University Of Califórnia Press, 2007.

GRAY, Miranda. **Lua vermelha**: as energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional. São Paulo: Editora Pensamento, 2017.

GUERRIERO, Silas. El proceso de resignificación de las religiones tradicionales y las nuevas corrientes espirituales en la sociedad brasileña. In: DE LA TORRE, Renée; ZÚÑIGA, Cristina Gutiérrez; HUET, Nahayeilli. Juárez (coord.). **Variaciones y apropiaciones latinoamericanas del New Age**. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social, 2016. p. 164-177.

GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Maceió, Alagoas, 2013.

L'AM, DeAnna. **Dançando com a lua**: uma companhia para a chegada do ciclo menstrual. São Paulo: Danielle Felippe e Tatiana Guedes Editoras Independente, 2018.

L'AM, DeAnna. **Caminhando Juntas**: guiando meninas na jornada da feminilidade. São Paulo: ST Patrick Traduções, 2019.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2019.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar dos tempos, 2019. p. 121-155.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MAGALHÃES, Sabrina Peixoto. **O retorno da Deusa na contemporaneidade**: os Círculos de Sagrado Feminino a partir da Psicologia Analítica. 2017. Monografia (Graduação em Psicologia) – Graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. El movimiento new age y el chamanismo urbano en Brasil. In: DE LA TORRE, Renée; ZÚÑIGA, Cristina Gutiérrez; HUET, Nahayeilli. Juárez

(coord.). **Variaciones y apropiaciones latinoamericanas del New Age.** México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social, 2016. p. 48-65.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica Urbe:** um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALUF, Sônia Weidner. Os filhos de aquário no país dos terreiros: novas vivências espirituais no sul do Brasil. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p. 153-171, 2003.

MALUF, Sônia Weidner. Além do templo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, v. 124, p. 5 – 14, 2011.

MANICA, Daniela Tonelli. **Contracepción, naturaleza e cultura:** embates e sentidos na etnografia de uma trajetória. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MANICA, Daniela Tonelli. A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 197-226, jan./jun. 2011.

MARCUS, George E. Etnografia em/do sistema-mundo: o surgimento da etnografia multilocal. **Alteridades**, Iztapalapa, v. 11, n. 22, p. 111–127, 2001.

MASO, Tchella Fernandes. **El caldero de los deseos:** cuerpo y cambio en Círculos de Mujeres en Brasil. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Feministas e de Gênero) – Departamento de Filosofía de los Valores y Antropología Social, Facultad de Educación, Filosofía y Antropología, Gipuzkoa, 2024.

MAUSS, Marcel. **Sociología e Antropología.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MESQUITA, Raquel Guimarães; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Novas formas de sentir menstruação: reflexões iniciais de pesquisa. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 6., 2020, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2020.

MESQUITA, Raquel Guimarães; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Construindo uma nova natureza: mulheres e espiritualidade feminina. In: SEMANA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CS, 19., 2021, Araraquara. **Anais** [...]. Araraquara: FCL-UNESP, 2021a.

MESQUITA, Raquel Guimarães; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Natureza reencantada: círculos de mulheres, natureza e cultura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12., 2021, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2021b.

MESQUITA, Raquel Guimarães; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Os círculos de mulheres e as novas configurações do religioso. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 15, n. 3, p. 1-15, 2022.

MESQUITA, Raquel Guimarães; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Um lugar possível para o sangue: círculos de mulheres, menstruação e ciclicidade. **Textos e Debates**, Boa Vista, v. 29, n. 1, jan./jul. 2023.

MORALES, María del Rosario Ramírez. Del tabú a la sacralidad: la menstruación en la era del sagrado femenino. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 18, n. 24, p. 134-152 jan./jul. 2016.

MORALES, María del Rosario Ramírez. Expresiones femeninas de la Nueva Era. Los círculos de mujeres en México. In: STEIL, Carlos Alberto; DE LA TORRE, Reneé; TONIOL, Rodrigo. (org). **Entre trópicos: diálogos de estudios Nueva Era entre México y Brasil**. Ciudad de México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, 2018. p. 221-249.

MORALES, María del Rosario Ramírez. La espiritualidade femennina desde los círculos de mujeres. In: HAGI, Afef; CAMPANI, Giovanna. **Conflitti Sociali e Religione nel Mediterraneo**. Firenze: Edizione Polistampa, 2014.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 23, n. 2, p. 261-279, 2008.

OLIVEIRA, Amurabi. “É tudo energia”: a Nova Era e a Umbanda em diálogo. **Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 92–107, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

OWEN, Lara. **Seu sangue é ouro**: resgatando o poder da menstruação. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1994.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PEREIRA, José Carlos. **Interfaces do Sagrado**: catolicismo popular- o imaginário religioso nas devações marginais. Aparecida: Editora Santuário, 2011.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

PIZA, Edith; ROSEMBERG, Fúlvia. Cor nos censos brasileiros. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. p. 147-162.

RIBEIRO, Tainá. A cura do feminino: autognose do corpo da mulher como campo de experiências para processos terapêuticos. In: BOLLETIN, Paride; EL-HANI, Charbel N. (org.). **Teorias da natureza**: etnografias da Bahia. Santa Catarina: CLEUP, 2020. p. 177-192.

RIBEIRO, Thainá Soares; MASO, Tchella Fernandes; MESQUITA, Raquel Guimarães. Reinvenções do sangue menstrual em Círculos de Mulheres no Brasil. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 14., 2023, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFF, 2023.

SANDENBERG, Cecilia. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação em uma perspectiva transcultural. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 314-344, 1994.

SARMIENTO, Mariana Mira. **Sanación e individualización**: un acercamiento a los usos y sentidos del concepto “sanación” en tres círculos de mujeres de Medellín. 2020. Monografía (Graduação em Sociologia) – Departamento de Sociología, Facultad de Ciencias Sociales y Humanas, Universidad de Antioquia, Medellín, 2020.

SILVA, Camila Gabriela Conceição da. Replantando saberes através das relações interespecífica entre plantas e mulheres: um estudo de caso em um círculo de mulheres em Salvador, Bahia, Brasil. In: BOLLETIN, Paride; EL-HANI, Charbel N. (org.). **Teorias da natureza**: etnografias da Bahia. Santa Catarina: CLEUP, 2020. p. 31-48.

SILVA, Thais Emanuelle da; ROCHA, Ana Luísa Costa; SILVA, Evellyn Katiúská de Medeiros e; CRUZ, Lyllian Ramos da Silva; ARAÚJO, Daísy Vieira de. O sagrado em mim: as dimensões supramental e mental trabalhadas na extensão universitária. **Revista Extensão & Sociedade**, Natal, v. 15, n. 1, p. 108-122, 2023.

SOUZA, Emília Maria de Meneses. **O Sagrado Feminino e a Nova Era no Círculo de Mulheres Flor de Lótus em Teresina-Piauí**. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2022.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

TAVARES, Fátima Regina Gomes, RIBEIRO, Thainá Soares; SILVERA, Iacy Pissolato. Religiosidades nova era e Círculos de Mulheres no Brasil: hibridismo, redes e cortes. **Textos e Debates**, Boa Vista, v. 29, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 2023.

TONIOL, Rodrigo. O que é espiritualidade. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 144-175, 2017.

VALDES, Gisela Padilla. Mujeres en círculos: Reconectando y sanando el cuerpo/ser femenino. In: GALARZA, Adrián Villaseñor. **El Gran Giro**: despertando al florecer de la tierra. Editor: Adrian Villaseñor Galarza, 2015.

VALDES, Gisela Padilla. **Mujeres en círculos ecofeministas en guadalajara**: cuerpo, experiencia y sanación. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social- Programa de Doctorado en Ciencias Sociales, Guadalajara, Jalisco, 2017.

VASCONCELLOS, Hannah Lima Alcantara de. Vagina, corpo e mente entre a branquitude e o sagrado feminino no Brasil do século XXI. **Textos e Debates**, Boa Vista, v. 29, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2023.

VASCONCELLOS, Hannah Lima Alcantara de. **Mercado da cura**: as dinâmicas raciais do cuidado ou o encontro entre mulheres negras e o sagrado feminino. 2024. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

WONS, Letícia. **“Introduzindo o primeiro produto menstrual que não absorve nada”**: coletores menstruais e transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

WONS, Letícia. **Coletando menstruação:** uma análise epistemológica feminista. Campinas: Terrestres Edições, 2022.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM PARTICIPANTES E FACILITADORAS DE CÍRCULOS DE MULHERES

Sobre os círculos

- 1 - Quando começou a participar dos círculos de mulheres?
- 2 - Como se deu a descoberta dos círculos?
- 3 - Quais foram as motivações para participar? (lembra de algum momento que marcou essa “entrada” nos círculos?)
- 4 - Já participou de outros círculos?
- 5 - Quais aprendizados (pessoais, espirituais, emocionais) os círculos te trouxeram que você leva para o seu dia a dia?
- 6 - Teve algum encontro dos círculos florais da lua que foi marcante para ti, pra tua vida? Você pode contar um pouco o porquê?
- 7 - O que são os círculos de mulheres, para ti?
- 8 - Quais livros sobre Sagrado Feminino, Círculos de Mulheres você conheceu a partir dos círculos?
- 9 - Esse termo “Sagrado Feminino”, em algumas rodas eu notei uma certa repulsa por essa palavra. Eu gostaria de saber se você também percebe isso?

Sobre espiritualidade

- 10 - Como é a sua relação com a religião?
- 11 - Já participou de grupos mais institucionalizados?
- 12 - E se hoje você se considera praticante de alguma religião?
- 13 - Na sua compreensão os círculos de mulheres têm a ver com a espiritualidade?
- 14 - Como você percebe essa questão/ essa relação Círculos de Mulheres e Espiritualidade?

Sobre cuidados terapêuticos

- 15 - Como foi a sua experiência com o uso dos florais da lua? (quando começou a tomar, quais foram os mais fortes, como você se sentia tomando-os?)
- 16 - Quais outras técnicas de cuidados você usa agora?

Sobre menstruação

17- Caso não tiver falado. Como é a sua relação com a menstruação?

Você percebeu diferenças entre a forma como você lidava com a menstruação antes e depois dos círculos?

18 - Você faz uso da mandala lunar, absorvente de pano, coletor menstrual? Como tem sido a experiência de vivenciar a menstruação a partir desses recursos?

19 - Quais aprendizados sobre a menstruação os círculos de trouxeram?

20 - Qual a tua percepção em relação ao uso dos anticoncepcionais hormonais? Tomar ou não tomar?

Sobre trabalho

20 - O que te levou a trabalhar com questões de autoconhecimento?

21 - Como foi adequar esse trabalho ao mundo online, no contexto da pandemia?